

Um novo Tempo da História

Parte 1 **História A** 10.º ano



10

Célia Pinto do Couto

*Maria Antónia
Monterroso Rosas*

Revisão científica
Elvira Cunha de Azevedo Mea

Professora catedrática
da Faculdade de Letras da
Universidade do Porto (ap.º)

Membro da Academia
Portuguesa de História

Membro do Conselho
Científico de várias revistas
científicas

Este livro respeita a nova ortografia, considerando a calendarização definida pela Direção-Geral da Inovação e do Desenvolvimento Curricular (DGIDC) para a aplicação do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, tendo-se mantido a ortografia anterior quando os critérios pedagógicos assim o exigiram.



A cópia ilegal viola os direitos dos autores.
Os prejudicados somos todos nós.

 **Porto
Editora**



Tendo em vista a reutilização deste manual, sugere-se que as atividades e exercícios sejam realizados no caderno diário.

APRESENTAÇÃO

Renovado e enriquecido, *Um Novo Tempo da História* pretende, mais uma vez, marcar a diferença no ensino da nossa disciplina. Conscientes dos desafios que se colocam a professores e alunos, procedemos a uma revisão meticulosa do manual, que orientamos segundo dois vetores principais:

- preservar o espírito e características que sempre marcaram *O Tempo da História* e lhe granjearam a preferência dos professores;
- adaptar o seu conteúdo às exigências do ensino obrigatório e do exame final que, agora, incidirá sobre os três anos do ciclo.

Com estes fins em vista, redesenhámos o grafismo, investimos, uma vez mais, na riqueza e adequação do dossiê documental, simplificámos o texto informativo. Introduzimos, também, rubricas novas que esperamos constituam uma mais-valia, tanto no espaço-aula, como é o caso dos Dossiês temáticos, como na consolidação dos conhecimentos dos alunos, que disporão, agora, de uma síntese ordenadora das Ideias Fundamentais de cada unidade.

Agradecendo, desde já, as sugestões que entendam endereçar-nos, fazemos votos de que este novo manual corresponda à ambição, por todos partilhada, de fazer da História uma disciplina de sucesso.

As Autoras

Estrutura organizativa de “Um Novo Tempo da História”

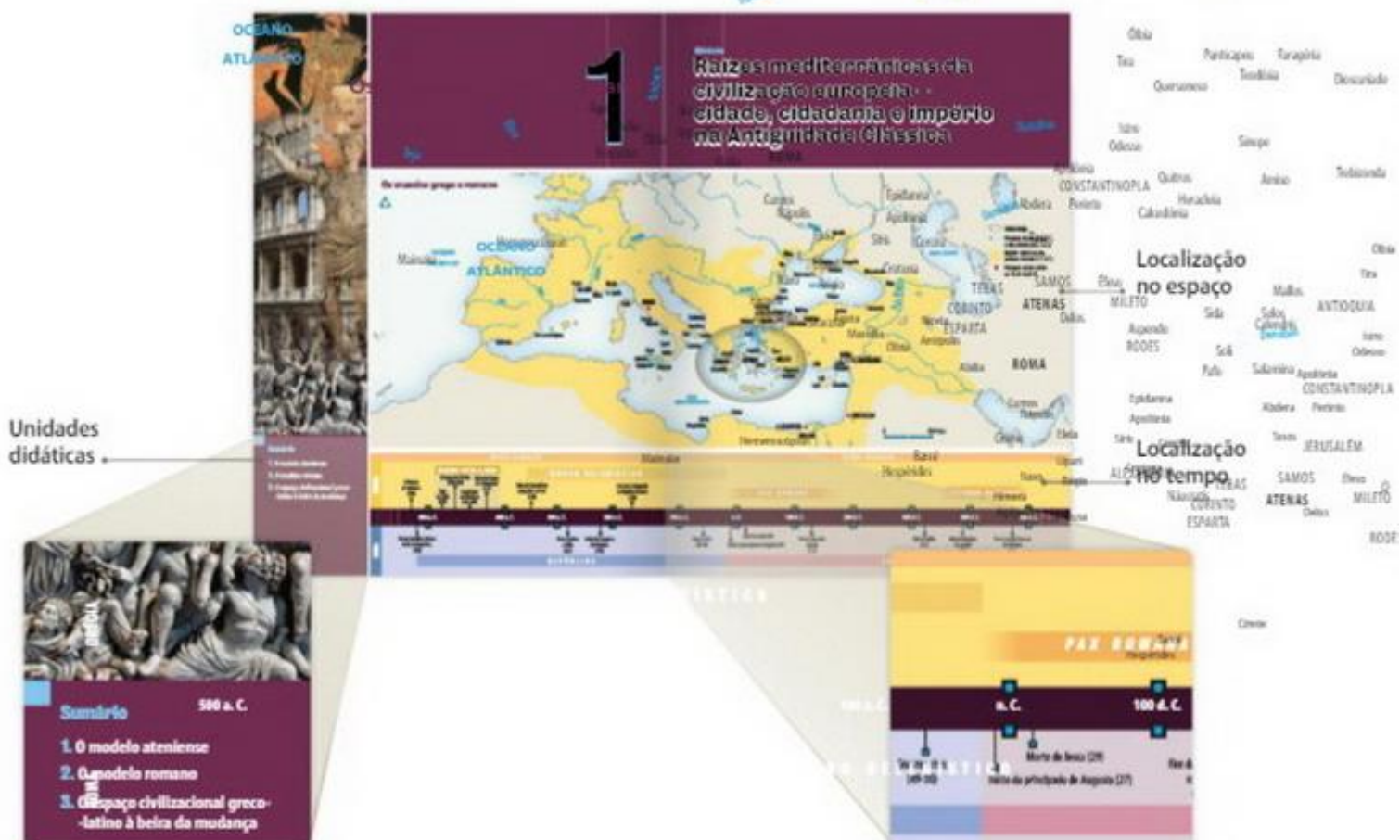
Módulo 0

O manual (1.ª parte) contém ainda o Módulo 0 com organização inovadora.



Os mundos grego e romano

Abertura do Módulo



Abertura da Unidade Didática

O Modelo Romano

2

Subunidades

Aprendizagens

Conteúdos

2.1 Roma, cidade ordenadora de um império urbano*

2.2 A afirmação imperial de uma cultura urbana pragmática*

2.3 A integração de uma região periférica no universo imperial: a romanização da Península Ibérica*



Friso cronológico

Documentos e texto informativo

Questões

Conceitos

Remissão para as questões dos documentos

Análise de documentos

Síntese

Síntese esquemática

Síntese por tópicos

Dossiê

Questões

Conceitos

Remissão para as questões dos documentos

Análise de documentos

Síntese

Síntese esquemática

Síntese por tópicos

Ideias Fundamentais

Questões

Conceitos

Remissão para as questões dos documentos

Análise de documentos

Síntese

Síntese esquemática

Síntese por tópicos

ÍNDICE

1

Módulo

Raízes mediterrânicas da civilização europeia – cidade, cidadania e império na Antiguidade Clássica 30

Módulo 0

Estudar/Aprender História

8

1. O modelo ateniense	32
1.1 A democracia antiga	34
1.1.1 Um mundo de cidades-estado	34
1.1.2 A democracia ateniense	38
Dossiê	44
1.1.3 Os limites da democracia antiga	46
1.2 Uma cultura aberta à cidade	51
1.2.1 As grandes manifestações cívico-religiosas	51
1.2.2 A educação para o exercício público do poder	58
1.2.3 A arquitetura e a escultura, expressão do culto público e da procura da harmonia	60
Dossiê	68
Ideias Fundamentais	70



2. O modelo romano

2.1 Roma, cidade ordenadora de um império urbano

2.1.1 A cidade que se fez império

Dossiê

2.1.2 A unidade do mundo imperial

Dossiê

2.2 A afirmação imperial de uma cultura urbana pragmática

2.2.1 A cultura romana: pragmatismo e influência helénica

2.2.2 A padronização do urbanismo

Dossiê

2.2.3 A fixação de modelos artísticos

2.2.4 A apologia do império na épica e na historiografia

2.2.5 A formação de uma rede escolar urbana uniformizada

2.3 A integração de uma região periférica no universo imperial: a romanização da Península Ibérica

2.3.1 A conquista

2.3.2 Os veículos da romanização

Dossiê

Ideias Fundamentais

72

74

74

78

80

86

88

88

90

96

99

104

106

108

109

110

118

121

3. O espaço civilizacional greco-latino à beira da mudança

124

3.1 O império universal romano-cristão

126

3.1.1 O cristianismo

126

3.1.2 O Império romano-cristão

128

3.1.3 A Igreja e a transmissão do legado político-cultural clássico

130

3.2 Prenúncios de uma nova geografia política

132

3.2.1 O Império em crise

132

3.2.2 Os bárbaros no império

134

3.2.3 O fim do Mundo Antigo

136

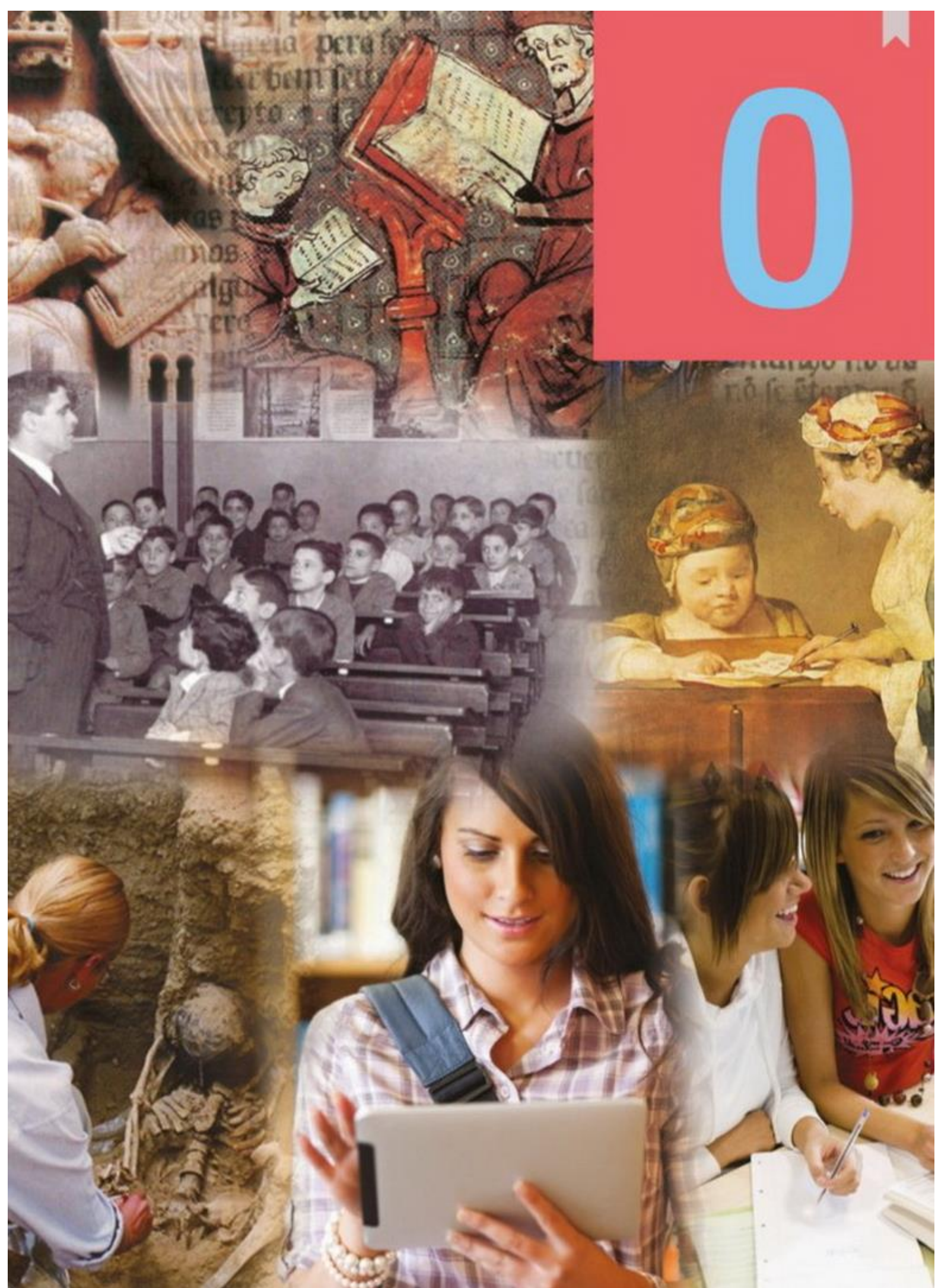
Dossiê

138

Ideias Fundamentais

140

0



Estudar/Aprender História

Aprendizagens	Conteúdos	Situações de Aprendizagem	Conceitos
■ Compreender a noção de período histórico como resultado de uma reflexão sobre permanências e mutações nos modos de vida das sociedades, num dado espaço ■ Organizar quadros cronológicos e espaciais da História de Portugal e da História Geral estabelecendo inter-relações ■ Reconhecer a diversidade de documentos e a necessidade de uma leitura crítica ■ Exercitar a prática de recolha de informação e a sua transformação em conhecimento ■ Desenvolver a noção de relativismo cultural ■ Compreender a dinâmica histórica como um processo de continuidades, mudanças e ritmos de desenvolvimento condicionados por uma multiplicidade de fatores	■ Quadros espaciotemporais; períodos históricos e momentos de rutura ■ Processos evolutivos; a multiplicidade de fatores ■ Permutas culturais e simultaneidade de culturas ■ História Nacional e História Universal – interações e especificidade do percurso português	■ Avaliação diagnóstica ■ A História à velocidade de cruzeiro • Introdução • Visita a Delfos • Visita a Éfeso • Visita a Arles • Visita a Florença • Visita a Mértola	Fonte histórica Tempo histórico Cronologia Periodização Património Condicionalismo Efeito Ciências Sociais

Avaliação Diagnóstica

Cronologia/Periodização

1. Indique os nomes das épocas históricas.

- A** – Longo período da história humana anterior à invenção da escrita
- B** – Período da História que decorre entre o século V a. C. e o século V d. C.
- C** – Período de cerca de mil anos compreendido entre a queda do Império Romano do Ocidente (476 d. C.) e a queda do Império Romano do Oriente, em 1453
- D** – Período da História situado entre 1453 e o início da Revolução Francesa, em 1789
- E** – Época histórica que se prolonga da Revolução Francesa aos nossos dias

2. Construa um friso cronológico cujo ano de início da contagem seja a sua data de nascimento. Em seguida, assinale todos os anos até ao presente. Por último, localize nesse friso três acontecimentos (nacionais ou internacionais) que considere marcantes para a sua memória pessoal.

3. Verta para numeração árabe a seguinte inscrição romana:



4. Selecione duas imagens corretas para cada período assinalado na barra cronológica.



Fig. 1 Esfinge de Gizé



Fig. 3 Pártenon



Fig. 5 Estátua de Lenine



Fig. 7 Pintura rupestre



Fig. 9 Catedral de Reims



Fig. 2 Casa da Música



Fig. 4 Mosteiro dos Jerónimos



Fig. 6 Coliseu de Roma



Fig. 8 Movimento das Cruzadas



Fig. 10 Luís XIV

Copie a barra cronológica para a folha de resposta.

DATAS	V a. C.	n. C.	V d. C.	XV	XVIII	
EPOCAS	Época Clássica		Época Medieval		Época Moderna	Época Contemporânea



Localização no espaço

1. Decalque o mapa e assinale as alíneas a) a l).



- a) Oceano Atlântico
- b) Mar Báltico
- c) Mar Mediterrâneo
- d) Mar Negro
- e) Mar Egeu
- f) Mar Jónio
- g) Península Balcânica
- h) Península Itálica
- i) Península Ibérica
- j) Grã-Bretanha
- k) França
- l) Alemanha

Interpretação de documentos

1. Leia e interprete o documento "O lugar do historiador".

O lugar do historiador

O historiador sente-se, em comparação com a boa testemunha de um facto presente, numa situação um pouco humilhante. Está como na retaguarda de uma coluna, ao longo da qual as ordens se vão transmitindo, desde a frente, de fila em fila. Não pode dizer-se que seja bom lugar para ficar devidamente inteirado.

Vi eu, recentemente, durante uma rendição noturna, correr ao longo da fila o seguinte brado: «Atenção! Buracos de granada à esquerda.» O último homem ouviu-o já desta forma: «Voltar à esquerda», deu um passo nesta direcção e caiu desamparado.

Marc Bloch, historiador (1886-1944) – *Introdução à História*, Lisboa, Europa-América

1.1 No documento estabelece-se uma comparação. Qual?

1.2 Partindo dessa comparação, qual é, segundo Marc Bloch, o problema do historiador?

1.3 Na sua opinião, o que pode fazer o historiador para "ouvir" corretamente o passado?

A História à velocidade de cruzeiro

Propostas de trabalho

Ao longo do 10.º ano, os alunos empreenderão uma viagem, no tempo e no espaço, pelas civilizações fundadoras da História europeia. Propomos, neste Módulo Zero, cinco VISITAS a alguns dos principais locais dessa memória.

Cada uma dessas visitas efetuar-se-á segundo um GUIÃO cujas tarefas poderão ser resolvidas individualmente ou em grupo.

A boa execução das tarefas permitirá ganhar milhas de viagem VALE 200 MILHAS. O objetivo é acumular o maior número de milhas possível.

No decurso das visitas, os alunos terão de enfrentar os desafios da Esfinge , figura mítica da História que desassossega os viajantes com questões imprevistas. Preparados? Bom trabalho e boa viagem!

Percurso da viagem

Chegada, de avião, à Grécia. Ligação ao navio “Zéfiro”. Receção pelo comandante e acolhimento pela tripulação. Oferta de chá de menta e tâmaras nos camarotes. Sessão de esclarecimento sobre normas e procedimentos de segurança a bordo.

- 1.ª escala** Visita a Delfos.
- 2.ª escala** Visita a Éfeso.
- 3.ª escala** Visita a Arles.
- 4.ª escala** Visita a Florença.
- 5.ª escala** Visita a Mértola.



O cruzeiro da História.



1.ª escala Visita a Delfos

Começamos a nossa viagem pelo espaço da Hélade, a Antiga Grécia, berço da nossa civilização. A pequena cidade de Delfos foi, na Grécia Clássica, um importante centro cultural e religioso. O culto ao deus Apolo e a fama do seu oráculo tornaram o Santuário de Delfos o mais prestigiado de todo o Mundo Antigo.

Guião

VALE
20 MILHAS

Tarefa 1

Legendar um mapa histórico

(copie a base do mapa para a folha de resposta)

- Distinga, com diferentes cores: a Grécia continental; a Grécia asiática; a maior ilha da Grécia insular.
- Escreva os nomes dos mares Egeu e Jónico.
- Identifique com um símbolo específico à sua escolha as cidades de Atenas, Esparta, Troia, Éfeso, Mileto e Cnossos.
- Identifique com um símbolo específico à sua escolha os santuários de Olímpia, Delfos, Nemeia e Corinto.
- Faça a legenda do mapa.

Nota: Se necessário consulte o mapa da pág. 34.

Recursos



A Grécia Antiga.

VALE
40 MILHAS

Tarefa 2

Recriar uma situação histórica

- Imagine que, à semelhança do rei Creso, pretende consultar o oráculo de Apolo. Relate essa experiência num pequeno texto. Não deixe de referir:
 - a oferenda que fez ao deus Apolo;
 - a questão que colocou;
 - a resposta que obteve;
 - a interpretação que fez dessa mesma resposta.

NOTES: 311 © Pearson Education

Profecia de Creso

Quando os lídios chegaram ao seu destino, realizaram as oferendas e perguntaram ao oráculo: "Creso, o rei dos lídios e de outros povos, considera que este oráculo é o único verdadeiro. Realizou-te oferendas como prova da sua generosidade e pergunta-te se deverá atacar os Persas ou deve chegar a um acordo com qualquer exército adversário". Esta foi a sua pergunta e esta a resposta que obteve dos oráculos: se Creso atacasse os Persas, disseram-lhe, destruiria um grande império. Aconselharam-no, também, que descobrisse, entre os Gregos, quem eram os mais poderosos e que os tornasse seus aliados. Tal como descobriria mais tarde o próprio Creso, o grande império cuja destruição vaticinaram os oráculos não era o dos persas, mas o seu próprio.

Heródoto, historiador grego (c. 485-420 a. C.) - *História*, I, 53, 91



Imagem da Pitonisa. Reis, magistrados, homens de negócios, comuns cidadãos, acorriam ao oráculo de Apolo antes de tomarem decisões importantes. As suas questões respondia a pitonisa, uma sacerdotisa que, em transe, proferia frases de difícil interpretação. Hoje, pensa-se que o transe fosse provocado pelos gases provenientes de uma fenda subterrânea existente no local.

Guião

VALE
30 MILHAS

■ Tarefa 3

Inferir informação a partir de dois documentos complementares

- Identifique, na planta do santuário, três construções que são visíveis na fotografia aérea.
- Indique a finalidade das construções que identificou.
- Explique a presença, no santuário, de edifícios de cariz desportivo e teatral.

Recursos



Planta do Santuário de Delfos

- | | |
|--------------------------|---------------------------|
| 1 – Muralha do santuário | 6 – Tesouro de Sifnos |
| 2 – Porta principal | 7 – Tesouro de Tebas |
| 3 – Via sagrada | 8 – Tesouro dos Atenenses |
| 4 – Monumentos de Argos | 9 – Bouleuterion |
| 5 – Tesouro de Sicão | 10 – Esfinge |



Vista aérea do mesmo santuário.

- | | |
|-------------------------|--------------------------|
| 11 – Rocha da Pitonisa | 16 – Monumento do Auriga |
| 12 – Stoa dos Atenenses | 17 – Teatro |
| 13 – Altar | 18 – Estádio |
| 14 – Estátua de Apolo | |
| 15 – Templo de Apolo | |

■ Tarefa 4

VALE
40 MILHAS

Analisar fontes históricas

- Refira as qualidades evidenciadas pelo auriga a quem Píndaro dedicou uma ode.
- Diga, justificando, se o rosto e o corpo da estátua reproduzida evidenciam essas mesmas qualidades.
- Indique a recompensa devida, segundo Píndaro, aos vencedores de jogos.
- Apresente dois elos de ligação entre os jogos antigos e os jogos (olímpicos) da atualidade.

Em data muito próxima da execução da estátua que se reproduz, o poeta Píndaro dedicou uma ode a um auriga vencedor dos Jogos Píticos:

Se um homem se esforça com toda a sua alma por alcançar a verdadeira excelência sem ligar ao cansaço e aos benefícios materiais, é justo que reconheçamos este valor e lhe ofereçamos, como tributo, cânticos, elogiando-o, eliminando da nossa mente toda a inveja. [...] São muitas as recompensas que pode oferecer o esforço e cada um tem a sua: o pastor, o camponês, o caçador, todos satisfazem a sua fome. Mas aquele que consegue a glória nos jogos ou na guerra merece um prémio mais valioso: a fama, o elogio, tanto dos seus concidadãos como dos estrangeiros.

Píndaro (522-443 a. C.), *Ode Istmica*



O Auriga de Delfos, estátua em bronze, c. 475 a. C. Em Delfos realizava-se uma das mais importantes competições desportivas – os Jogos Píticos (de Pítia ou Pitonisa) em honra do deus Apolo. Uma das provas mais apreciadas era a corrida de carros puxados por cavalos. O Auriga de Delfos foi oferecido ao santuário para assinalar a vitória de Polyzalos de Gela numa dessas provas.

Guião

VALE
30 MILHAS

■ Tarefa 5

Utilizar diversas referências cronológicas

- Utilizando a era de Cristo, indique o século a que corresponde a data de início de cada uma das eras indicadas no quadro.
- Imagine um habitante da Grécia Antiga a quem era permitido percorrer o futuro. Em que datas, segundo a contagem grega, assinalaria este viajante do tempo o início das outras eras? Responda, registando na barra cronológica que lhe é apresentada os anos em que se iniciariam as eras:
 - Da fundação de Roma
 - De César
 - De Cristo
 - De Maomé

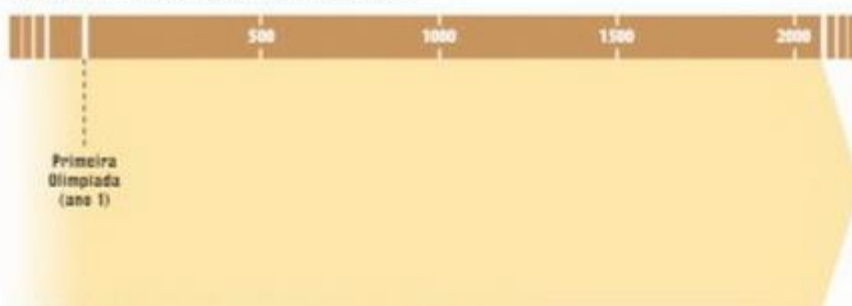
Recursos

A elevada importância que os Gregos atribuíam aos jogos levou-os a contar o tempo a partir da primeira olimpíada. Assim nasceu a chamada Era das Olimpíadas.

Era	Facto de referência para o início da contagem	Ano do início da contagem (por referência à era de Cristo)
Das Olimpíadas	Início dos Jogos Olímpicos (vitória do atleta Corébeas)	776 a. C.
Da fundação de Roma	Fundação lendária de Roma	753 a. C.
De César ou Hispânica	Conquista definitiva da Península Ibérica pelos Romanos	38 a. C.
Da criação do Mundo	Criação do Mundo (segundo o Velho Testamento)	3761 a. C.
De Cristo	Nascimento de Cristo	1 d. C.
De Maomé	Hégira (viagem de Maomé de Meca para Medina)	622 d. C.

Principais referências de contagem do tempo, no mundo mediterrânico.

Copie a barra cronológica para a folha de resposta.



Barra cronológica. Contagem de referência: primeira olimpíada.



DESAFIO

VALE
40 MILHAS

- Sabendo que o termo cronologia deriva de Cronos, figura da mitologia grega, averigue quem foi Cronos.

Terminamos, agora, a visita a Delfos. Contabilizem as tarefas realizadas e, sobretudo, não desfaçam as malas. A nossa viagem vai continuar.

PONTUAÇÃO
MILHAS

Registo da pontuação na folha de resposta

Tarefa 1 → ____ milhas

Tarefa 2 → ____ milhas

Tarefa 3 → ____ milhas

Tarefa 4 → ____ milhas

Tarefa 5 → ____ milhas

Desafio → ____ milhas

TOTAL
____ milhas

2.ª escala Visita a Éfeso

Partimos de Atenas e, atravessando o mar Egeu, aportámos em Kusadasi, rumo a Éfeso, na atual Turquia. Fundada pelos Gregos, conquistada pelos Romanos, Éfeso foi uma cidade próspera, famosa pelo seu Templo de Artemísia, uma das Sete Maravilhas do Mundo Antigo. Na atualidade, o sítio arqueológico de Éfeso é considerado um dos maiores museus ao ar livre do mundo.

Guião

VALE
50 MILHAS

Tarefa 1

Localizar os acontecimentos no tempo

- Ordene cronologicamente (de 1 a 9) os acontecimentos da História de Éfeso.
- Selecione os que se inserem na Época Antiga, tendo como referência a periodização tradicional da História.
- Identifique o facto que marca a transição da Idade Média para a Idade Moderna.

Recursos

Acontecimentos da História de Éfeso	Periodização tradicional da História (desde a invenção da escrita)		
	Período	Referências cronológicas	Acontecimentos da História de Éfeso
716: Primeiras ocupações árabes. Início da decadência de Éfeso	Idade/ Época Antiga	De cerca de 3000 a. C. (invenção da escrita) a 476 d. C. (queda do Império Romano do Ocidente)	
53: São Paulo chega a Éfeso onde permanece cerca de 3 anos			
133 a. C.: Éfeso passa a fazer parte do Império Romano	Idade Média/ Época Medieval	De 476 a 1453 (queda do Império Romano do Oriente ou Império Bizantino)	
263: Os Godos invadem e destroem a cidade			
1453: Queda do Império Romano do Oriente. Éfeso passa a fazer parte do Império Otomano	Idade/ Época Moderna	De 1453 a 1789 (início da Revolução Francesa)	
1922- 1923: Fim do Império Otomano; proclamação da República da Turquia			
560 a. C.: O rei Creso da Lídia ocupa a cidade de Éfeso	Idade/ Época Contemporânea	De 1789 aos nossos dias	
c. de 1200 a. C.: Início da colonização grega			
431: Realização em Éfeso do III Concílio Ecuménico, convocado pelo Imperador Teodósio II			

NOTÍCIAS PT e Novo Ensino

Guião

VALE
50 MILHAS

Tarefa 2

Interpretar uma planta

- Identifique na planta do sítio arqueológico de Éfeso:
 - 1 construção com funções políticas;
 - 1 construção com funções religiosas;
 - 1 construção com funções culturais;
 - 1 construção de utilidade pública;
 - 1 construção destinada ao desporto.
- Indique quatro profissões relacionadas com os espaços e edifícios assinalados na imagem.

Recursos



Sítio arqueológico de Éfeso

No tempo do Imperador Octávio Augusto (século I), Éfeso tornou-se um dos mais importantes centros de comércio da Ásia Menor. Construíram-se novas ruas e edifícios, traçou-se um sistema de abastecimento de água à cidade e instalou-se um processo de iluminação noturna das ruas. A população cresceu, rondava os 250 000 habitantes e, pela reconstituição do espaço urbano, podemos imaginar o bulício das suas ruas. O célebre Santuário de Artemísia ficava a cerca de 2 km do centro da cidade.



Guião

VALE
60 MILHAS

Tarefa 3

Classificar fontes históricas e inferir informações

- Classifique cada uma das fontes apresentadas, segundo a tipologia do quadro que se segue.

FONTES HISTÓRICAS	
Tipos de fontes	Exemplos
ESCRITAS (sobre suportes variados)	Leis, crónicas, cartas, jornais, romances, inscrições
MATERIAIS/ ARQUEOLÓGICAS/ FIGURADAS	Ossadas, edifícios, pinturas, moedas, fotografias
ORAIS	Tradições, depoimentos, entrevistas, lendas, registos musicais

- Retire uma informação que considere fiável de cada uma das fontes que acabou de classificar.

Recursos

O templo de Artemísia

Cerca de 140 a. C., o poeta de língua grega Antipater de Sídon, depois de descrever as maravilhas do Mundo Antigo, exprime-se deste modo: [...]. Mas quando vi o templo de Artemísia que toca nas nuvens Todas as outras maravilhas empalideceram E exclamei: Oh, nem o próprio Sol viu jamais algo comparável [...].

Antipater de Sídon - Antologia Grega, IX, 58

Os sete adormecidos

Conta a lenda que, no tempo em que o imperador Décio moveu uma feroz perseguição aos cristãos [c. 250 d. C.], sete jovens de Éfeso, recusando renegar a sua fé, retiraram-se para uma gruta nas montanhas. Em represália, as autoridades mandaram tapar a entrada da gruta, encarcerando os jovens. Mas, pela mão de Deus, todos caíram num sono profundo e assim permaneceram até que foram casualmente encontrados, 200 anos depois. Nessa altura, o Império Romano já se havia tornado cristão e o milagre passou de boca em boca. Os sete jovens tornaram-se santos do cristianismo e a gruta onde, supostamente, estiveram adormecidos é, ainda hoje, local de peregrinação.



Detalhe da inscrição da monumental Porta de Maseus e Mitridates, onde se lê: Ao Imperador César Augusto, Divino, Pontífice Máximo, douz vezes cônsul, tribuno vinte vezes, e à sua esposa Lúvia (...) Maseus e Mitridates (dedicam) ao seu senhor e ao povo.



DESAFIO

VALE
40 MILHAS

- Relate uma lenda ou tradição ligada ao nosso país e, de preferência, à sua região.



Moeda de Éfeso. A abelha era o símbolo da deusa Artemísia.



Pegada e desenho de mulher gravados no pavimento da Rua do Porto, indicando a direção do bordel.



Biblioteca de Celso. Construída em 135 d. C., foi uma das maiores bibliotecas do Mundo Antigo, podendo albergar mais de 12 mil pergaminhos.

Terminamos, agora, a visita a Éfeso. Contabilizem as tarefas realizadas e, sobretudo, não desfaçam as malas. A nossa viagem vai continuar.

PONTUAÇÃO
MILHAS

Registo da pontuação na folha de resposta

Tarefa 1 → ____ milhas

Tarefa 2 → ____ milhas

Tarefa 3 → ____ milhas

Desafio → ____ milhas

TOTAL
____ milhas

3.ª escala Visita a Arles

Cruzando o Mediterrâneo, chegamos a Arles, cidade do Sul de França localizada nas margens do Ródano, na bela região da Provença. Com mais de 2500 anos de história, a antiga "pequena Roma da Gália" mantém a magnificência das construções romanas que harmoniosamente se integram na cidade medieval.

Guião

VALE
40 MILHAS

■ Tarefa 1

Analisar uma fonte escrita

- Apresente um sinónimo da palavra "sarracenos".
- Indique os séculos em que ocorreram os ataques dos sarracenos na bacia do Mediterrâneo.
- Retire do texto duas expressões que mostram o poder político e económico do arcebispo de Arles.
- Indique, com base no documento, duas razões que levaram os sarracenos a atacarem Arles.
- Descreva sumariamente o acontecimento relatado no documento.

Recursos

Um ataque dos sarracenos no Sul de França

A Abadia de S. Cesário, na ilha Camargue [no delta do Ródano], era muito rica e de grandes rendimentos. Nesta ilha, os sarracenos quiseram ter um porto.

O arcebispo de Arles construiu um castelo naquele local, sobre uma colina de terra; e, quando ouviu dizer que os sarracenos se aproximavam, precipitou-se para o interior. Estes chegaram, mataram mais de 300 homens, aprisionaram o bispo e pediram o resgate de 150 libras de prata, 150 mantos, 150 prisioneiros e 150 espadas.

Acontece que o bispo morreu antes do pagamento do resgate. Quando este foi pago, eles sentaram o seu corpo, revestido dos ornamentos episcopais, numa cadeira e transportaram-no no barco para terra, com toda a dignidade. Só então os que pagaram o resgate se aperceberam da morte do arcebispo.

Narrativa medieval citada por Luce Pietri – *Le Monde et son Histoire*, Tomo 3, Paris, Bordas & Laffont

VALE
30 MILHAS

■ Tarefa 2

Cruzar informações de fontes diversas

- Indique a utilidade dada ao anfiteatro romano de Arles:
 - na Antiguidade;
 - na Idade Média;
 - na atualidade.
- Apresente uma hipótese explicativa para a situação visível na segunda figura, tendo em conta o documento escrito da tarefa 1.



Vista do anfiteatro de Arles na atualidade.



O anfiteatro na Idade Média, gravura de 1830.

As Arenas de Arles são um anfiteatro romano cuja edificação remonta aproximadamente aos anos 80-90 d. C.. Com 136 metros de comprimento, 107 de largura e uma fachada de 21 metros de altura com dois níveis de 60 arcadas, podia albergar nas suas bancadas cerca de 21 000 espectadores. Classificado como Património Mundial pela UNESCO em 1981, o anfiteatro é utilizado para espetáculos na atualidade.



Guião

VALE
40 MILHAS

Tarefa 3

Analisar uma fonte material

- Identifique, no portal e claustros da Catedral de S. Trophime, dois elementos arquitetónicos inspirados na Antiguidade greco-romana.
- Indique dois motivos decorativos do tímpano e da fachada da catedral.



Portal e claustros.



Tímpano e motivos decorativos da fachada.

Consagrada a S. Trophime, evangelizador da cidade de Arles e seu primeiro bispo (220-240), a Catedral de S. Trophime foi construída entre os séculos XI e XV e classificada pela UNESCO de Património Mundial em 1981. É um dos mais emblemáticos monumentos medievais da cidade.

Tarefa 4

Estabelecer relações de causa e efeito

- Distinga a comunidade judaica da comunidade cristã no aspeto religioso.
- Refira o estatuto económico-social dos judeus da Provença tendo em conta as informações das figuras.
- Apresente uma hipótese explicativa para o facto de os judeus da Provença necessitarem da proteção do Papa.

VALE
50 MILHAS



Judeus da Provença na época medieval.



Durante a Idade Média, a Provença acolheu uma importante comunidade judaica, conhecida como "Judeus do Papa", pois estavam sob a sua proteção.



DESAFIO

VALE
40 MILHAS

- A Provença, nomeadamente Arles, serviu de inspiração a muitos pintores da segunda metade do século XIX, entre eles Van Gogh.
 - Pesquise na Internet duas pinturas cujas temáticas se situam na Provença.
 - Porque foi a Provença tão apreciada pelos pintores?

Terminamos, agora, a visita a Arles. Contabilizem as tarefas realizadas e, sobretudo, não desfaçam as malas. A nossa viagem vai continuar.

PONTUAÇÃO
MILHAS

Registo da pontuação na folha de resposta

Tarefa 1 → ____ milhas

Tarefa 2 → ____ milhas

Tarefa 3 → ____ milhas

Desafio → ____ milhas

TOTAL
____ milhas

4.ª escala Visita a Florença

Sulcando as águas calmas do mar Tirreno, fundeamos na província italiana da Toscana, rumo a Florença. Dominada pela majestosa Catedral de Santa Maria das Flores, o seu centro histórico remete-nos para o século XV, o Quattrocento italiano, que foi a idade de ouro da cidade. Laboratório do pensamento humanista e dos movimentos artísticos do primeiro Renascimento, Florença conserva o testemunho da presença de Brunelleschi, Donatello, Botticelli, Leonardo da Vinci, Miguel Ângelo, entre outros, o que lhe valeu, em 1994, a consagração pela UNESCO como Património Mundial.

Guião

VALE
40 MILHAS

■ Tarefa 1

Estabelecer relações de condicionalismo-efeito

- Apresente, partindo do documento, alguns dos condicionalismos que permitiram a Florença ser o berço do Renascimento no século XV:
 - um condicionalismo económico;
 - um condicionalismo político;
 - um condicionalismo sociocultural.
- Indique, com base no texto, duas formas de exibição da riqueza por parte das famílias poderosas.

VALE
40 MILHAS

■ Tarefa 2

Cruzar informações de fontes diversas

- Indique os edifícios que mais claramente se distinguem no espaço da cidade.
- Exponha uma razão que poderá ter levado o artista (em baixo à direita) a representar-se a si próprio.
- Apresente três pormenores da imagem que mostram a vitalidade da cidade.

Recursos

Florença, berço do Renascimento

Porque teve o Renascimento início em Florença e porque é que tantos florentinos se contam entre os mais eminentes humanistas? Vários fatores se conjugaram para tal.

Economicamente, Florença era próspera, mais que qualquer outra cidade da Itália. Politicamente, era governada por aqueles a quem devia a opulência: mercadores, donos de oficinas manufatureiras e banqueiros. Esta classe dirigente apresentava-se orgulhosa, empreendedora, intelectualmente curiosa e de uma cultura refinada. Quatro dos chanceleres¹ de Florença [Salutati, Bruni, Marsuppini e Poggio] foram grandes humanistas.

Em meados do século XV, esta cidade amuralhada das margens do Arno controlava a maior parte da Toscana. Nela sobressaíam a catedral, com a gigantesca cúpula de Brunelleschi [① da gravura de Florença], outros edifícios públicos [②, ③ e ④ da gravura de Florença] e os palácios das famílias ricas [⑤ da gravura de Florença]. Estas rivalizavam entre si, protegendo as letras e as artes.

Doc. 1

Margaret Aston (dir.) - *Panorama de la Renaissance*, 2003

1 Cargo equivalente ao de chefe do Governo.



Vista panorâmica de Florença em finais do século XV, cópia de uma gravura de 1490.

① Duomo (Catedral de Santa Maria das Flores); ② Batistério; ③ Palácio Vecchio (sede do governo municipal); ④ Ponte Vecchio; ⑤ Palácio Pitti; ⑥ Igreja de Santa Maria Novella; ⑦ Igreja de Santa Cruz.



Guião

VALE
30 MILHAS

■ Tarefa 3

Analisar um monumento arquitetónico

- Identifique, nos edifícios apresentados, quatro elementos arquitetónicos de inspiração clássica.
- Apresente duas inovações arquitetónicas do Renascimento utilizadas por Brunelleschi na construção da cúpula da Catedral de Santa Maria das Flores.



Catedral de Santa Maria das Flores (1296-1436).

Vista exterior da catedral e esquema da estrutura da cúpula. A catedral atinge 114,5 m de altura máxima, pesando a sua cúpula quase 30 mil toneladas. Superando a técnica usada pelos romanos (as cúpulas eram construídas com um único casco, o que dificultava a construção em altura), Brunelleschi utilizou, neste projeto, um sistema de dois cascos separados (um dentro do outro), ligados de forma a reforçarem-se mutuamente. Dispensou, igualmente, a pesada e habitual armação de madeira e as rampas para o transporte de materiais e operários, substituindo-as por maquinismos de elevação (roldanas, guindastes).



Fachada da Igreja de Santa Maria Novella, concluída em 1470 por León B. Alberti.

León Batista Alberti (1404-1472), natural de Florença, encarnou o ideal do homem completo do Renascimento. Além de arquiteto, distinguiu-se como poeta, filósofo, músico, matemático, arqueólogo, teórico da arte e humanista. Tal como Brunelleschi, Alberti foi um apaixonado pela Antiguidade Clássica.

■ Tarefa 4

Analisar um documento iconográfico

- Apresente o quadro. Refira:
 - o autor e o tema;
 - a data;
 - as personagens principais e secundárias;
 - a forma de representação das figuras (posicionamento no quadro, expressão dos rostos e dos corpos, vestes);
 - o cenário envolvente;
 - a técnica utilizada.
- Identifique o elemento de influência clássica presente no quadro de Botticelli.

Sandro Botticelli, *Vénus e Marte*, tempera e óleo sobre madeira, c. 1483.

Vénus, a deusa do Amor, em ricos trajes e com uma postura vigilante, conquista Marte, o deus da Guerra, que renuncia ao belicismo e dorme profundamente; nem os irrequietos faunos (divindades campestres) o conseguem despertar. *Vénus e Marte* reflete o triunfo do Amor, enquanto força espiritual, sobre a brutalidade da guerra.



DESAFIO

VALE
40 MILHAS

- A exemplo do quadro de Botticelli, apresente uma obra de um pintor do Renascimento. Tenha em atenção os tópicos de análise apresentados no ponto 1 da tarefa 4.

Terminamos, agora, a visita a Florença. Contabilizem as tarefas realizadas e, sobretudo, não desfaçam as malas. A nossa viagem vai continuar.

PONTUAÇÃO
MILHAS

Registo da pontuação na folha de resposta

Tarefa 1 → ____ milhas

Tarefa 2 → ____ milhas

Tarefa 3 → ____ milhas

Desafio → ____ milhas

TOTAL
____ milhas

5.ª escala Visita a Mértola

Navegando para ocidente, eis-nos em águas atlânticas. Da cidade de Vila Real de Santo António, subindo o Guadiana, rasgamos as planícies andaluza e alentejana com destino a Mértola. Vila do Baixo Alentejo, assente numa colina rochosa junto ao rio Guadiana, Mértola constituiu um estratégico porto fluvial do tráfego mediterrânico para os comerciantes fenícios, gregos e cartagineses. Apelidada de Myrtilis Iulia pelos romanos e de Martulah pelos muçulmanos, Mértola alberga, atualmente, o maior Museu Islâmico da Europa.

Guião

VALE
40 MILHAS

Tarefa 1

Relacionar acontecimentos da História universal, nacional e local

- Apresente dois acontecimentos da História local que sejam resultado da História universal.
- Identifique um outro acontecimento da História local diretamente ligado à História universal e nacional.
- Refira, em relação à História local:
 - um facto político;
 - um facto económico;
 - um facto cultural.
- Refira o papel desempenhado por Portugal na História universal do século XV.

Recursos

CRONOLOGIA COMPARADA DE MÉRTOLA			
Séculos	História Local	História Universal	História Nacional
III a. C.	• Instalação de um aquartelamento romano em Mértola • Início da exportação, a partir do porto de Mértola, de ouro, prata e cobre de minas da região	• República Romana – Roma expande-se pela bacia do Mediterrâneo	
V d. C.	• Integração de Mértola no reino visigodo da Península Ibérica • Basilica paleocristã	• Invasões bárbaras / Queda do Império Romano do Ocidente	
VII-VIII		• Expansão muçulmana • Conquista da Península Ibérica pelos muçulmanos (711)	• Início da Reconquista Cristã (718)
XI-XII	• Capital de um reino taifa (1044) • Capital de um reino taifa (1144) • Construção da mesquita	• Dissolução do califado de Córdova (1031) • Início do movimento das Cruzadas (1095-1272)	• Independência de Portugal (1143)
XIII	• Conquista de Mértola por D. Sancho II (1238) • Doação da cidade à ordem militar de Santiago • Carta de Foral de Mértola por D. Afonso III (1254)	• Derrota, em Navas de Tolosa, dos muçulmanos pelos reinos cristãos peninsulares (1212) • Renovação económica e urbana da Europa • Expansão do Gótico e das universidades na Europa	• Conquista definitiva do Algarve (1249) • Tratado de Alcanizes (1297)
XV	• Exportação, a partir do porto de Mértola, de carregamentos de cereais para as praças portuguesas do Norte de África	• Início da Expansão Marítima Europeia • Cristóvão Colombo nas Antilhas, América (1492)	• Conquista de Ceuta (1415) • Vasco da Gama na Índia (1498) • Pedro Álvares Cabral no Brasil (1500)
XVI	• Reforma da Carta de Foral por D. Manuel I (1512)	• Fernão de Magalhães e Sebastião Elcano: viagem de circum-navegação (1519-22)	• Início da construção do Mosteiro dos Jerónimos (1502)

ATUALIZADO E REVISTO

Guião

VALE
40 MILHAS

Tarefa 2

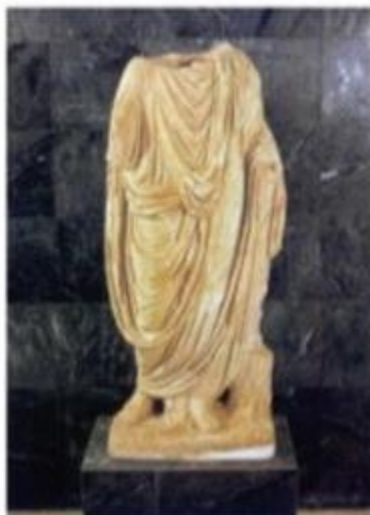
Interpretar testemunhos do património local

- Apresente três razões que justificaram a criação do Museu de Mértola.
- Identifique a ciência auxiliar da História que muito tem contribuído para a descoberta do património histórico de Mértola.
- Apresente testemunhos:
 - de três povos que ocuparam o território de Mértola entre os séculos I a. C. a VIII;
 - dos contactos de Mértola com um povo do Mediterrâneo oriental;
 - das influências religiosas exercidas no território de Mértola.

NOTA: A 10.ª e 11.ª Escalas

Recursos

O Museu de Mértola, criado pela Câmara Municipal em 2004, abriga peças maioritariamente encontradas no Centro Histórico de Mértola. A função do museu tem consistido em estudar, inventariar, tratar, conservar e divulgar todo o espólio que, ao longo dos últimos trinta anos, se descobriu nas inúmeras escavações arqueológicas.



Estátua masculina romana em mármore, à moda imperial do século I d. C.



Medalha em ouro dos séculos IV-V, encontrada na necrópole romana. É composta por um crismon, monograma de iniciais do cristianismo, que corresponde às iniciais gregas das palavras Jesus Cristo: no braço horizontal da cruz estão representados o alfa e o ômega, significando que Cristo é o começo e o fim da evolução criadora.



Painel de mosaicos visigodo, encontrado na **Basilica Paleocristã do século V**. Revela influências bizantinas e representa um caçador a cavalo, com o seu falcão.



Mausoléu do século VI (escavação).

De acordo com as informações inscritas nas lápides, serviu para sepultar pessoas importantes de origem grega, certamente ricos comerciantes.



Tijela islâmica, do século XI, com revestimento exterior vidrado. No interior encontra-se representada uma cena de caça na qual um gaio e um falcão atacam em simultâneo uma gazela. Pertence a um estilo decorativo, espalhado por vários pontos do Mediterrâneo Ocidental.



Fragmento de lápide funerária islâmica, dos séculos XI-XII: "Em nome de Deus, [o Clemente, o Misericordioso.] Este é o sepulcro de [...] Ibn Khālis [...] Muhammad Ibn al-[...]".

Guião**Tarefa 3****Interpretar um exemplo do património arquitetónico**

- Refira, por ordem cronológica, os diferentes povos que ocuparam o local da atual Igreja Matriz de Mértola.
- Identifique na atual Igreja Matriz de Mértola:
 - um elemento decorativo do templo paleocristão;
 - um elemento construtivo de influência gótica;
 - dois elementos arquitetónicos ou decorativos de influência muçulmana;
 - um elemento decorativo renascentista (com influências clássicas);
 - uma técnica construtiva de influência regional.

Recursos

Igreja Matriz de Mértola – “Igreja que foy misquita”. Porta e merlões do século XV.

No lugar onde terá existido um templo romano, depois paleocristão (século VI) e, nos finais do século XII, uma mesquita, ergue-se desde o século XIII a Igreja Matriz de Mértola.



Porta interior.



Vista do interior.



Formenior dos capitéis do templo paleocristão na porta da fachada principal.



Máhrub – restos de altar muçulmano.

Guião

VALE
30 MILHAS

Tarefa 4

Analisar elementos do património cultural

- Apresente três exemplos de como a História contribui para a preservação do património cultural.
- Indique duas outras ciências sociais que também contribuem para a preservação do património cultural.
- Identifique dois exemplos do património cultural popular.

Recursos

A História é feita de muitos enredos e memórias. De muitos discursos, de grandiosas muralhas e também de pequenos gestos. Além do pergaminho que recorda os feitos dos poderosos, aos oprimidos, sem escrita, resta o efêmero de um gesto ou acorde musical, resta o artefato humilde de todos os dias, a panela escura ou o candil [candeia] onde o azeite secou.

Cláudio Torres e Santiago Macías em <http://museus.cm-mertola.pt/historia.php>



Oficina de tecelagem – Museu Municipal de Mértola.



DESAFIO

VALE
40 MILHAS

- Apresente uma construção significativa do património cultural da sua região:

- identifique-a;
- situe-a no espaço e no tempo;
- indique as finalidades da sua utilização;
- indique o seu interesse histórico e estado de preservação.



Imagens do Festival Islâmico, realizado em Mértola.

O Festival Islâmico efetua-se de dois em dois anos desde 2001. Preserva a memória e a identidade locais e ajuda ao desenvolvimento do respetivo território.

Terminamos, agora, a visita a Mértola. Contabilizem as tarefas realizadas e somem as milhas obtidas nas cinco escalas realizadas. A nossa viagem chegou ao fim!

PONTUAÇÃO
MILHAS

Registo da pontuação na folha de resposta

Tarefa 1 → ____ milhas

Tarefa 2 → ____ milhas

Tarefa 3 → ____ milhas

Tarefa 4 → ____ milhas



Desafio → ____ milhas

TOTAL
____ milhas

TOTAL (5 ESCALAS)

____ milhas

Ideias/Conceitos fundamentais

O TEMPO E O ESPAÇO

- A História é a ciência que estuda os factos ou fenómenos da vida da Humanidade, tendo sempre em atenção o tempo e o espaço em que ocorreram.
- No que se refere ao **tempo histórico**, a análise do historiador tanto incide sobre os factos que coexistem num dado momento, procurando compreendê-los na sua totalidade – **visão sincrónica** –, como se debruça sobre a evolução das sociedades ao longo do tempo – **visão diacrónica**. Nesta visão *diacrónica* ou *evolutiva*, analisam-se não só as mudanças ocorridas com o passar do tempo, mas também as permanências, isto é, os aspetos que pouco ou nada se alteraram.
- A necessidade de ordenar os acontecimentos fez nascer a **Cronologia**. A esta ciência compete datar os factos históricos, possibilitando a reconstituição e explicação do passado. É neste contexto que surge a **periodização** da História, como forma de enquadrar os factos no tempo e, deste modo, facilitar a investigação e o ensino da própria História.
- Entende-se por **período histórico** um hiato de tempo, mais ou menos longo, que apresenta características comuns que o individualizam.
A **periodização** "clássica" da História, que nos foi legada pela historiografia do século XIX, fazia coincidir o início e o fim de cada período com acontecimentos políticos determinantes, como pode observar-se no quadro que se segue.

PERÍODOS / IDADES OU ÉPOCAS	DURAÇÃO E MARCOS HISTÓRICOS
Pré-História	Desde o aparecimento do Homem (há aproximadamente 2 milhões de anos) até à produção dos primeiros documentos escritos (c. 3500 a. C.).
Época Antiga	Desde o advento da escrita até à queda do Império Romano do Ocidente, nos finais do século V (476). Consideram-se dois grandes períodos: – civilizações pré-clássicas ou Antiguidade Oriental (primeiras civilizações) – do 4.º milénio a. C. ao século V a. C. – civilizações clássicas ou Antiguidade Clássica (civilizações grega e romana) – do século V a. C. a 476 d. C.
Época Medieval	Desde 476 até à conquista do Império Bizantino (Império Romano do Oriente) pelos Turcos Otomanos (1453).
Época Moderna	Desde 1453 até ao início da Revolução Francesa (1789).
Época Contemporânea	Desde finais do século XVIII (1789) até aos nossos dias.

- Apesar da comodidade que encerra uma periodização histórica, esta não pode isolar os acontecimentos em compartimentos temporais, pois a História, em si, não faz cortes. Pelo contrário, ela é um fluxo contínuo em que cada acontecimento está intimamente relacionado com o anterior e com o seguinte.

- Em História, o **tempo** em que os fenómenos ocorrem não pode desligar-se do **espaço** em que estes sucedem. Tempo e espaço são os dois eixos sobre os quais se alicerça o estudo do passado.
- As sociedades humanas inscrevem-se num espaço geográfico próprio que, em parte, determina as suas características. Cada sociedade cria o seu **espaço histórico**, definindo fronteiras políticas ou culturais próprias.
- No mesmo espaço geográfico sucedem-se, com o correr do tempo, realidades históricas diferentes. A *Myrtilis* romana, a *Martulah* muçulmana e a *Mértola* cristã, por exemplo, ocupam sensivelmente o mesmo território, mas constituem **quadros espaciotemporais** diversos, cujo estudo é o objeto da História.

FONTES E PATRIMÓNIO

- O conhecimento do passado “não pode atingir-se diretamente mas através dos traços que ele deixou atrás de si [...] na medida em que esses traços subsistam, em que nós os encontramos e em que sejamos capazes de os interpretar”. [Henri Marrou] Esses “traços” são as **fontes da História**.
- Por **fonte histórica** entende-se tudo aquilo que permaneceu do passado até ao presente e que (ainda nas palavras de Henri Marrou) pode revelar “qualquer coisa sobre a presença, a atividade, os sentimentos, a mentalidade do Homem de outrora”.
- Esta conceção de fonte histórica, que engloba todo o tipo de vestígios da presença do Homem ao longo do tempo, ampliou a quantidade e variedade de fontes históricas. Uma classificação usual leva-nos a agrupá-las nos seguintes tipos:

Fontes escritas (manuscritas ou impressas)	Todas as que o Homem transmitiu sobre um determinado suporte – pedra, papiro, pergaminho, papel. Podem dividir-se em: – <i>Arquivísticas ou diplomáticas</i> : tratados, livros de leis, livros de atas, testamentos, escrituras, registos paroquiais, cadernos eleitorais, cartas de doação, acordos, registos de preços e salários... – <i>Narrativas ou literárias</i> : crónicas, anais, cancioneros, biografias, romances, diários, cartas, jornais... – <i>Epigráficas</i> : inscrições na superfície de materiais duros (pedra, metal, cerâmica).
Fontes materiais/ arqueológicas/figuradas	Todos os vestígios que nos chegaram de várias maneiras e que não podem classificar-se como fontes escritas: ossadas, mobiliário, utensílios, joias, esculturas, moedas, armas, brasões, selos, mapas, monumentos arquitetónicos, pinturas, gravuras, filmes, fotografias...
Fontes orais (passadas a escrito ou registadas em gravação)	Entrevistas, inquéritos, depoimentos, tradições, registos musicais, lendas...

- O trabalho do historiador revela-se, assim, bastante complexo. Se, para algumas épocas ou assuntos, as fontes são abundantes, para outros aspetos ou períodos mostram-se raras ou quase inexistentes.

- Por outro lado, as fontes não são “inocentes” e, por vezes, podem oferecer uma visão deformada da realidade. Assim, devem ser analisadas com cuidado, mediante uma metodologia própria (**crítica histórica**).
- Na sua tarefa de investigação e interpretação das fontes, o historiador socorre-se de um conjunto de saberes técnicos proporcionados pelas **ciências auxiliares da História**. Entre elas encontram-se a *Arqueologia* (analisa vestígios materiais), a *Epigrafia* (analisa inscrições em materiais duros), a *Paleografia* (analisa escritos antigos em papiro, pergaminho, papel), a *Numismática* (analisa moedas), a *Heráldica* (analisa brasões) e a *Cronologia*.
- As fontes históricas permitem-nos aceder ao passado, preservando a **memória e a identidade dos povos**. No mundo contemporâneo, onde o avanço tecnológico e a globalização contribuem para uniformizar as sociedades, a preservação da memória coletiva torna-se cada vez mais importante.
- Suporte da memória coletiva é, também, o **património cultural**, isto é, o conjunto dos bens considerados testemunho da cultura erudita ou popular de um povo e que podem ser legados às gerações futuras. Do património cultural tanto fazem parte uma obra de pintura ou escultura, uma alfaia agrícola, um tear ou um instrumento musical (*bens culturais móveis*), como uma catedral, um castelo, um centro histórico, um sítio arqueológico (*bens culturais imóveis*), ou uma lenda e um cantar – o fado, por exemplo –, considerados *bens culturais imateriais*.
- O conceito de **património** tem, portanto, um âmbito muito alargado, a ele ainda pertencendo determinadas paisagens enquanto obras ímpares da Natureza, sem intervenção do ser humano, mas que por este devem ser preservadas. É o chamado **património natural**.
- Consciente da importância destes bens que definem a identidade dos povos e territórios, a UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura) adotou, em 1972, a *Convenção do Património Mundial, Cultural e Natural*, com a finalidade de promover a identificação, a proteção e a preservação do património cultural e natural considerado especialmente valioso para a Humanidade. De igual modo, associações, organismos e instituições de iniciativa privada ou pública têm unido esforços no sentido de zelar pela salvaguarda de bens culturais e naturais.

EM HISTÓRIA TUDO SE INTERLIGA

- O devir histórico é deveras complexo. Além do fator tempo, a ação dos indivíduos e a vontade humana são condicionadas por **múltiplos fatores**: geográficos, económicos, demográficos, políticos, sociais, culturais, religiosos.
- Em História, como na vida, não existem compartimentos estanques, pelo que todas as transformações derivam de **condicionalismos** de vária ordem que, num dado momento, produzem determinado **efeito**. Só conhecendo os aspetos políticos, sociais e económicos, as crenças e as manifestações da mentalidade, se torna possível a compreensão das ações humanas. Os fenómenos históricos são sempre fruto de um **contexto** onde interagem os múltiplos fatores que condicionam a marcha da Humanidade.

- A complexidade dos fenómenos humanos obrigou a História a um diálogo interdisciplinar com outras ciências sociais ou humanas.
- As **ciências sociais ou humanas** correspondem ao conjunto de ciências ou áreas do conhecimento que **estudam o Homem nas suas relações com a sociedade** e com a cultura onde está inserido. Disciplinas como a *Antropologia*, a *Sociologia*, a *Ciência Política*, a *Etnologia*, a *Linguística*, a *Psicologia*, a *Geografia Humana*, a *Demografia*, a *Economia* debruçam-se, tal como a História, sobre distintos ramos do mesmo estudo – o Homem como ser social. À História fornecem informações que permitem compreender as ações humanas nas suas mais diversas facetas.

PERMUTAS CULTURAIS, HISTÓRIA UNIVERSAL E HISTÓRIA NACIONAL

- No mesmo tempo histórico, coexistem culturas muito diversificadas, quer pelas suas características, quer pelo seu nível civilizacional. Quando se estabelecem contatos entre duas ou mais culturas diferentes, ocorrem **permutas culturais** que se traduzem por modificações, mais ou menos amplas, na vida dos povos.
- Embora as diversas culturas se influenciem mutuamente, é vulgar que uma delas se torne dominante, sobrepondo-se às outras. O domínio político e a superioridade civilizacional favorecem o domínio cultural, como aconteceu no caso da civilização romana.
- Todos os povos contribuem para o património e a História. No entanto, é possível distinguir os acontecimentos que mais influenciaram a marcha da Humanidade e que, pela sua relevância, são objeto daquilo a que chamamos **História universal**. Num âmbito mais reduzido, centrada num país e no seu povo, desenvolve-se a **História nacional**.
- Torna-se difícil delimitar com exatidão o âmbito da História universal e da História nacional, pois, como vimos, os fenómenos históricos interligam-se de tal forma que não podem ser separados nem compreendidos fora do contexto mais amplo em que se inserem.

1

Os mundos grego e romano



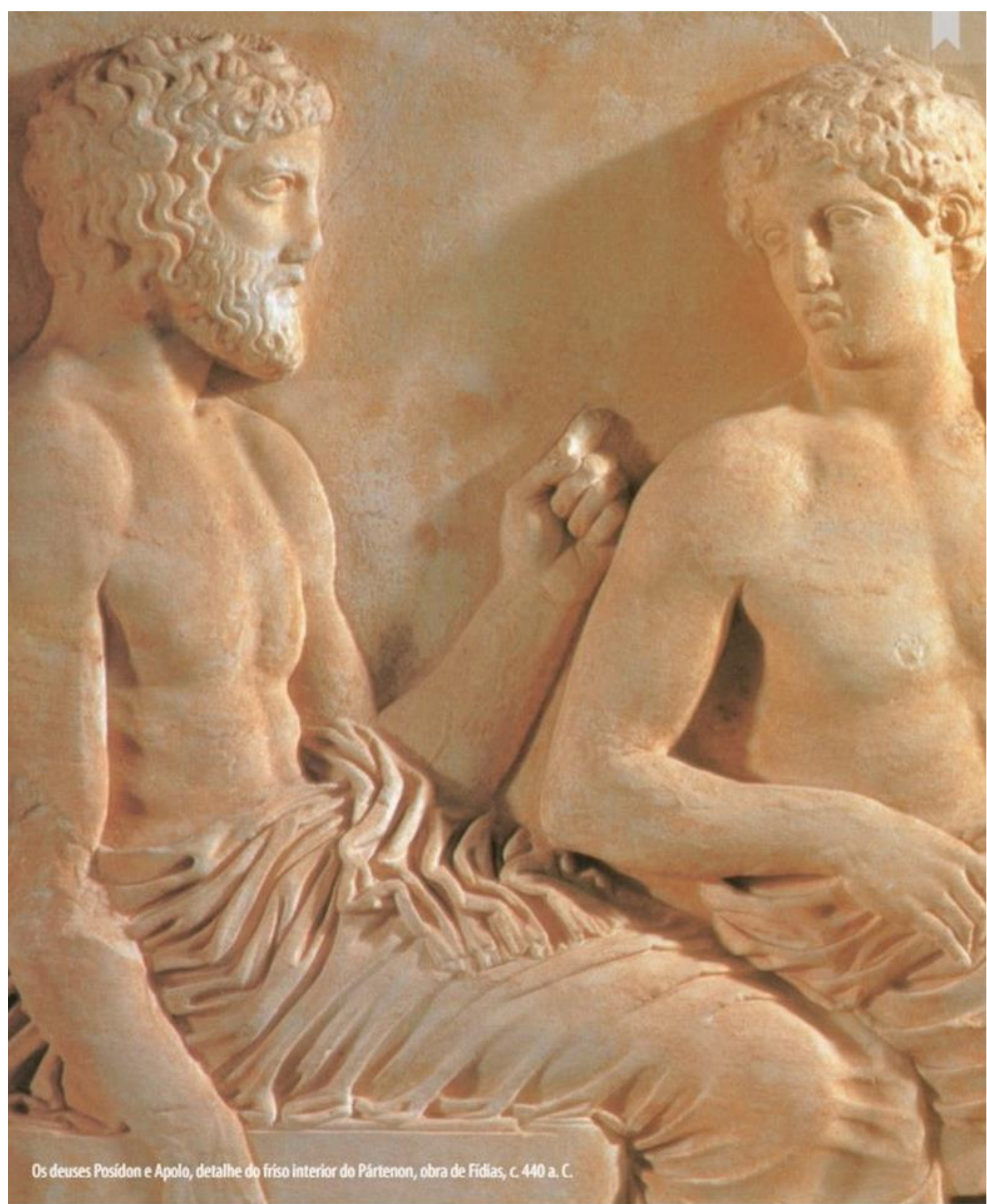
Sumário

1. O modelo ateniense
2. O modelo romano
3. O espaço civilizacional greco-latino à beira da mudança



Raízes mediterrânicas da civilização europeia – cidade, cidadania e império na Antiguidade Clássica





Os deuses Posídon e Apolo, detalhe do friso interior do Pártenon, obra de Fidias, c. 440 a. C.



O modelo ateniense

Conteúdos

- 1.1 A democracia antiga
- 1.2 Uma cultura aberta à cidade

Aprendizagens

- Reconhecer a fragmentação política do mundo grego
- Caracterizar a pólis
- Descrever os espaços da cidade grega
- Salientar a ágora como espaço privilegiado da vida cívica
- Referenciar os principais órgãos do governo ateniense
- Mostrar o carácter direto da democracia antiga
- Avaliar os limites da participação democrática
- Comparar a democracia ateniense com a democracia atual
- Relacionar a educação dos jovens com o exercício da cidadania
- Explicar o significado das grandes manifestações cívico-religiosas
- Identificar os elementos básicos da arquitetura grega
- Reconhecer o pendor idealista das obras escultóricas
- Evidenciar os objetivos estéticos e religiosos da arte clássica
- Valorizar o contributo político e cultural da Grécia para o mundo ocidental*

* Aprendizagem estruturante

Guerra do Peloponeso (431-404)

Construção
do Partenon
(447-432)

Eurípides,
Medeia
(431)

Processo
e morte
de Sócrates
(399)

Vida de
Aristóteles
(384-322)

Filipe da
Macedónia
conquista a
Grécia
(338)

Fim da
Democracia
(323)

Democracia

Declínio da Democracia

Oligarquia Censitária



A Grécia Antiga compreende não só a Península Balcânica propriamente dita (Grécia Continental) mas igualmente as costas da Ásia Menor (Grécia Asiática) e, entre estas duas margens, as numerosas ilhas que pontuam o mar Egeu (Grécia Insular). É um território montanhoso e recortado que o mar Mediterrâneo penetra profundamente.

Nas planícies estreitas, capazes de produzir bom vinho e bom azeite, concentram-se os homens e nascem as cidades, que se desenvolvem de forma autónoma, com instituições e governo próprios. A Grécia Antiga foi, assim, um verdadeiro mosaico de pequenos estados independentes (cerca de 2000) que, apesar de partilharem a mesma língua e a mesma cultura, se confrontaram, por vezes, em guerras fratricidas. No século V a. C., entre todas as cidades, sobressaiu Atenas. Senhora de um pequeno território, a Ática, Atenas impôs, apesar disso, a sua hegemonia militar, política e cultural a todo o mundo helénico.

Questões pág. 35

1.1 A democracia antiga

Foi na Grécia, mais propriamente na cidade-estado de Atenas, que, cerca do século V a. C., nasceu a democracia. Era, então, uma forma de governo totalmente nova, que os seus criadores acreditavam ser a mais justa e a mais conforme com a dignidade do ser humano.

1.1.1 Um mundo de cidades-estado

A pólis

Embora tivessem plena consciência da sua cultura comum, os Gregos nunca formaram uma unidade política. O mundo helénico era constituído por uma **multiplicidade de pólis**, minúsculas comunidades independentes organizadas em torno de um núcleo urbano.

Cada pólis (ou **cidade-estado** como, muitas vezes, a designamos) ocupava, naturalmente, um **território próprio**.

A Atenas, por exemplo, pertencia a Ática. A Ática incluía zonas agrícolas, montanhosas, um porto do mar, o Pireu, tudo girando em volta da cidade propriamente dita (ver. 1). Os cidadãos atenienses viviam indiscriminadamente em qualquer lugar da Ática, dedicando-se às mais variadas ocupações.

Conceitos

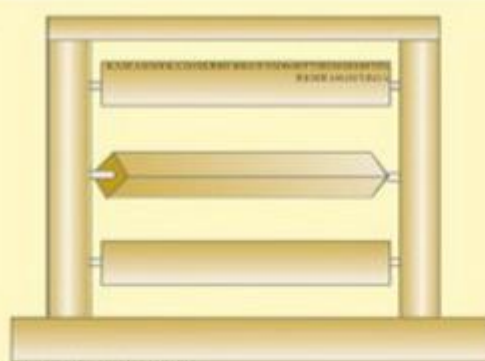
Pólis – Termo pelo qual os Gregos designavam as pequenas comunidades independentes em que viviam. A palavra podia também ser usada, num sentido mais restrito, para designar o conjunto de cidadãos ou a cidade propriamente dita.

Cada coisa [...] não deve ser nem muito grande nem muito pequena, pois nesse caso perderia completamente a sua natureza específica. [...] O mesmo se passa relativamente à cidade: demasiado pequena, não pode satisfazer as suas necessidades, o que constitui uma condição essencial da cidade; demasiado extensa [...] nela quase se torna impossível o governo. No meio de tal multidão, que general se faria compreender? E que arauto se poderia ouvir? [...] Vejamos, então, quantos elementos são indispensáveis à existência da cidade [...].

Em primeiro lugar, as subsistências; depois, as artes [artesanato], indispensáveis à vida, que precisam de muitos instrumentos; a seguir as armas, [...], para ajudar a autoridade pública no interior contra as fações e para destruir os inimigos que, do exterior, possam atacar; em quarto lugar, certa abundância de riquezas, tanto para atender às necessidades interiores como para a guerra; em quinto lugar, que poderíamos ter posto no início, o culto divino, ou, como costuma ser designado, o sacerdócio; finalmente, e este é o objeto mais importante, a decisão dos assuntos de interesse geral e dos processos individuais. [...]

Se um dos elementos enumerados faltar, torna-se impossível que a associação [a cidade] se baste a si mesma.

Aristóteles, filósofo grego (384-322 a. C.) – *A Política*, Liv. IV, c. 350 a. C.



Reconstituição de um axone

As leis mais importantes eram gravadas em axones de madeira e colocadas na praça pública, para poderem ser lidas por todos.

As leis são algo de comum, fixo e o mesmo para todos [...] desejam o que é justo, belo e útil, e procuram-no; logo que o encontram, proclamam-no ordem comum, igual e a mesma para todos. Eis o que é o *nomos*¹. A ele devem todos obedecer por numerosos motivos, e sobretudo porque toda a lei é uma criação e um dom dos deuses, uma decisão dos homens sábios, um corretivo para os erros, voluntários ou involuntários, um contrato comum da pólis, segundo o qual todos devem viver nessa sociedade.

Demóstenes, orador ateniense (383-322 a. C.) – *Contra Aristogiton* 1. 15-16

¹ Norma.

Questões pág. 35

Questões pág. 35

Questões

- 1 Compare o território da Grécia atual com o da Grécia Antiga (DOC. 1).
- 2 Segundo Aristóteles, que dimensão deve ter uma cidade-estado? Porquê (DOC. 2)?
- 3 Que elementos são imprescindíveis para a existência da cidade-estado (DOC. 2)?
- 4 Interprete: "decisão dos assuntos de interesse geral" (DOC. 2).
- 5 Explique o título dado ao DOC. 2.
- 6 Que qualidades atribui Demóstenes às leis (DOC. 3)?

Dada a pequenez do território e a sua natureza montanhosa, o número de habitantes de cada cidade-estado parece-nos, hoje, bastante pequeno. Atenas, a mais populosa pólis da Grécia Antiga, não contaria com mais de 400 000 residentes.

Esta população era, na sua maioria, formada por escravos e estrangeiros (muitas vezes provenientes de outras regiões da Grécia), aos quais não era reconhecido o estatuto de cidadão. Por isso, o **corpo cívico (conjunto de cidadãos)** era muito reduzido mas, mesmo assim, essencial à vida da pólis. Aos cidadãos, e só a eles, cabia o governo, a organização das cerimónias religiosas e a feitura das **leis**, às quais os Gregos devotavam um enorme respeito (Doc. 3). Ficou célebre o caso do filósofo ateniense Sócrates que, condenado injustamente à morte, preferiu cumprir esta dura sentença a fugir, transgredindo as leis da cidade.

O território, o corpo cívico e um conjunto de leis próprias eram, pois, imprescindíveis à existência da pólis.

Considerava-se ainda que a cidade deveria bastar-se a si própria também no aspeto económico, pois, só assim, seria verdadeiramente independente (Doc. 2).

Pequena mas capaz de funcionar em **autarquia**, isto é, de ser autossuficiente, a pólis era olhada pelos Gregos como a forma de organização ideal, aquela que melhor proporcionava o desenvolvimento das qualidades políticas, morais e intelectuais dos cidadãos.

4 Atenas, a cidade propriamente dita

A – Plano geral



O carácter monumental de Atenas reforçou-se após as Guerras Persas, no decurso das quais a cidade foi invadida, saqueada e consumida pelas chamas (480 a. C.). Terminado o conflito, ergueram-se as extensas muralhas que ligaram Atenas ao porto de mar, o Pireu, distante 6 km, e reconstruíram-se os espaços públicos recorrendo aos melhores artistas da Grécia.



Stoa de Atalos, na ágora (reconstruída).



Colina da acrópole (estado atual).

Questões pág. 36

A organização do espaço cívico

A insegurança dos primeiros séculos da História grega privilegiou a criação de praças-fortes, em locais altos, de fácil defesa. Em caso de perigo, os camponeses poder-se-iam acolher nas suas muralhas. Foi em torno deste local alto, a **acrópole** (Docs. 4A e B), que nasceram as primeiras cidades.

Com o passar do tempo, a acrópole tornou-se sobretudo um **local de culto**. Nela se erguiam os principais templos da cidade e para ela se encaminhavam tanto as grandes procissões como aqueles que, individualmente, pretendiam honrar os deuses com as suas oferendas.

A vida quotidiana das cidades helénicas desenrolava-se, sobretudo, na parte mais baixa da cidade, onde se situava a **ágora** ou **praça pública** (Docs. 4A e C).

É na **ágora** (Docs. 4A e C) que, durante a manhã, se realiza o mercado e, durante a tarde, os cidadãos se encontram para conviver e discutir os assuntos da pólis. A ágora enche-se de pórticos (*stoas*), que abrigam do sol escaldante, e de construções destinadas ao funcionamento dos órgãos de governo da cidade. Constroem-se também templos e altares, porque a religiosidade dos Gregos obriga a que os deuses estejam por toda a parte.

Valorizando a vida cívica e religiosa, os Gregos erigiam templos e edifícios públicos requintados, obra dos seus melhores artistas. **Na ágora e na acrópole situavam-se, por isso, os mais belos edifícios da cidade.** Em contrapartida, os bairros residenciais, que se espalhavam em redor da ágora, eram geralmente acanhados, com ruas estreitas e pequenas casas cúbicas.

O Homem grego desconhecia aquilo a que chamamos “comodidades”, pois levava uma vida simples e austera. O céu da Grécia era a sua primeira casa. Era ao ar livre que passava grande parte do seu tempo, que tratava dos negócios públicos e privados, que convivia, que filosofava, que exercitava o corpo, que assistia às peças de teatro...

Conceitos

Ágora – Praça pública das cidades gregas, localizada na sua parte mais baixa. Era o centro político, económico e social da cidade, partilhando ainda com a acrópole funções religiosas.

Questões

- 1 Discrimine os principais espaços da cidade (DOC. 4A).
- 2 Tendo em conta os edifícios que se erguiam na acrópole, qual a função desta zona da cidade (DOC. 4B)?
- 3 Que atividades se concentravam na ágora (DOC. 4C)?
- 4 O que era uma *stoa* (DOCS. 4A e C)?

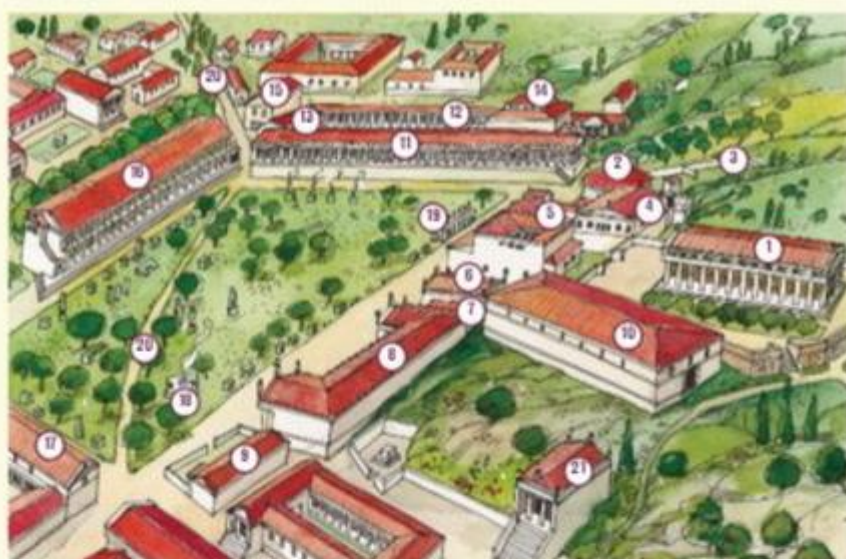
B – A Acrópole



Reconstituição.

- 1 Propileus (porta monumental)
- 2 Templo de Atena Niké (Atena Vitoriosa)
- 3 Templo de Artémis Brauronia (de Brauron, localidade próxima de Atenas que tomara Artémis como divindade protetora)
- 4 Calcolteca, pórtico destinado à exposição de máquinas e troféus de guerra
- 5 Estátua de Atena Promacos ("A Primeira na Batalha")
- 6 Casa das Anéforas, donzelas que teciam o manto sagrado de Atena
- 7 Pártenon
- 8 Grande altar de Atena
- 9 Erectíon
- 10 Altar de Zeus Polieus (Zeus, o Protetor da Cidade)
- 11 Santuário de Pandion, rei mítico de Atenas

C – A Ágora



Reconstituição.

- 1 Templo de Hefasto
- 2 Tholos dos Pritanes
- 3 Strategion? (instalações militares)
- 4 Buleuterion (local de reunião da Bulé)
- 5 Metroon (templo da mãe dos deuses, onde se guardavam os arquivos do Estado)
- 6 Templo de Apolo
- 7 Templo de Zeus
- 8 Stoa de Zeus
- 9 Stoa Real
- 10 Arsenal
- 11 Stoa Central
- 12 Stoa Sul
- 13 Stoa Oriental
- 14 Tribunal dos Heliastas
- 15 Casa do Tesouro
- 16 Stoa de Atalos
- 17 Stoa Poikilé
- 18 Altar dos Doze Deuses
- 19 Monumento aos Heróis Epónimos (pedestal com as estátuas dos heróis que tinham dado o nome às 10 tribos em que se dividia a Ática. Era neste local que se afixavam as informações públicas)
- 20 Via Sagrada (ou Via das Panateneias)
- 21 Templo de Afrodite

Se a acrópole ateniense era o centro da vida religiosa, cerimonial e patriótica, a ágora era o centro da vida quotidiana. Ambas as partes estavam unidas entre si pela via das Panateneias que conduzia aos esplêndidos monumentos da acrópole [...]. [A ágora], tal como a acrópole e o resto das ágoras da Grécia, era um recinto sagrado ao qual não podiam aceder os que haviam cometido certos delitos, as mulheres grávidas e os doentes graves.

A ágora acolhia todos os aspetos da vida quotidiana dos Atenienses. Junto dos edifícios de carácter político havia outros com fins religiosos e comerciais [...]. Para além das lojas e dos vendedores do mercado, encontravam-se na ágora as tábuas com os anúncios públicos, o *Buleuterion*, onde se reunia o Conselho da cidade (Bulé), o *Metroon*, onde se encontrava o arquivo, o *Strategion*, onde se encontravam as dependências militares, as instalações dos restantes magistrados e a casa onde se cunhava a moeda.

É neste recinto público que atinge o seu auge uma das formas arquitetónicas mais populares da Grécia: a *stoa*, um pórtico com colunas que oferecia sombra e refúgio aos cidadãos. [...]

Nigel Spivey e Michael Squire – *Panorama del Mundo Clásico*, Barcelona, Blume, 2005

Oligarquia	A. C. 620 – Leis de Drácon: embora muito severas para os camponeses, são as primeiras leis escritas. 595-594 – Leis de Sólon: proibição da escravização por dívidas; divisão dos cidadãos da Ática em quatro categorias tendo como base, apenas, a sua riqueza (e não o nascimento); acesso aos cargos públicos em função da riqueza mas abertura da Assembleia (Eclésia) a todos os cidadãos, sem distinção.
	Tirania 546-510 – Tirania de Pisístrato e seus filhos. A aristocracia perde importância. A Eclésia, a Bulé e o Helieio continuam em funcionamento, embora sob a tutela do tirano. 510 – Tentativa (falhada) de reação aristocrática.
	Democracia 508-507 – Reformas de Clístenes: reorganização do corpo cívico em 10 tribos, correspondendo a cada uma um décimo (aprox.) do território urbano (<i>asty</i>), um décimo do território interior (<i>mesogeia</i>) e um décimo do litoral (<i>paralia</i>); escolha de 500 cidadãos para a Bulé, por sistema de sorteio, sem restrições de fortuna; (possível) instituição da lei do ostracismo; ampliação dos poderes da Eclésia. 488-487 – Sistema de tiragem à sorte para o arcontado (um arconte por tribo), mantendo-se, porém, a exigência de um certo grau de fortuna. 459 (?) – Abertura do arcontado aos cidadãos mais pobres. 455 – Primeiras mistoforias (atribuição de uma espécie de salário pelo exercício de cargos públicos).

Os **tiranícidias**, cópia romana do original que se supõe ter sido esculpido para a ágora de Atenas, em 477 a. C.

Os tiranícidias Harmódio (à direita) e Aristogiton assassinaram, em 514 a. C., Hiparco, um dos filhos do tirano Pisístrato, que se recusava a abandonar o poder. Embora Atenas tenha retirado bons frutos do sábio governo de Pisístrato, a tirania, porque baseada na força, foi considerada a grande inimiga do sistema democrático. Por esta razão, os tiranícidias (que, na altura, pagaram com a vida o seu crime) tornaram-se heróis da cidade, que lhes ergueu estátuas e lhes dedicou poemas.



Questões pág. 39

1.1.2. A democracia ateniense

No conjunto das cidades-estado gregas, Atenas ocupava um lugar destacado. Para além do seu poderio económico e militar, a pólis ateniense tornou-se num brilhante centro cultural e político, cujo exemplo irradiou por toda a Grécia.

Um dos aspetos que mais contribuíram para o prestígio da cidade foi a sua original forma de governo. Os Atenienses chamaram-lhe **democracia** e orgulhavam-se de ter lutado por ela durante mais de um século.

Com efeito, este primeiro sistema democrático não se implantou facilmente. De início, como era vulgar, o governo da cidade estava reservado, em exclusivo, a um conjunto de ricos proprietários que só muito dificilmente aceitaram abrir mão do seu poder. Foi um longo caminho de revoltas populares, de instabilidade e de reformas ousadas aquele que conduziu, no século V a. C., à igualdade política entre todos os cidadãos de Atenas (Doc. 5).

Os direitos dos cidadãos: isonomia, isocracia e isegoria

Fundamento dos regimes democráticos, a igualdade entre todos os cidadãos foi solidamente estabelecida pelos legisladores atenienses (Doc. 6).

Em primeiro lugar, a **igualdade perante a lei** ou **isonomia**. A nenhum cidadão eram concedidos privilégios baseados na riqueza ou no prestígio da sua família. As leis valiam para todos e todos, sem exceção, lhes deviam obediência.

Conceitos

Democracia antiga – Identifica-se com a democracia das cidades gregas, que tiveram Atenas como paradigma.

A democracia antiga distingue-se da atual sobretudo pelo seu carácter direto e por limitar a participação política a um conjunto muito restrito de cidadãos.

Por ocasião das cerimónias fúnebres em honra dos primeiros mortos na Guerra do Peloponeso (431 a. C.), Péricles terá proferido o seguinte discurso:

O regime político que nós seguimos não inveja as leis dos nossos vizinhos, pois temos mais de paradigmas para os outros do que de seus imitadores. O seu nome é democracia, pelo facto de a direção do Estado não se limitar a poucos, mas se estender à maioria; em relação às questões particulares, há igualdade perante a lei; quanto à consideração social, na medida em que cada um é conceituado, não se lhe dá preferência nas honras públicas pela sua classe, mas pelo seu mérito; nem tão-pouco o afastam pela sua pobreza, devido à obscuridade da sua categoria, se for capaz de fazer algum bem à cidade. [...]

Além disso, pusemos à disposição do espírito muitas possibilidades de nos repousarmos das fadigas. Temos competições e sacrifícios tradicionais pelo ano fora, belas casas particulares, cujo encanto próprio expulsa dia a dia os aborrecimentos. Devido à grandeza da cidade, afluem aqui todos os produtos da Terra inteira, e acontece que disfrutamos dos bens locais com não menos familiaridade que dos outros países. [...]

Em resumo, direi que esta cidade, no seu conjunto, é a escola da Grécia.

Tucidides, historiador ateniense (c. 470 - c. 395 a. C.) - *História da Guerra do Peloponeso*, Livro II, depois de 423 a. C.

Péricles (495-429 a. C.)

Cópia romana da estátua executada por Crésilas.

Único retrato que nos ficou de Péricles, foi mandado executar por um grupo de cidadãos que quiseram homenagear o estadista através de uma estátua a colocar na acrópole. Esculpido pouco depois da sua morte (a lei ateniense proibia tais honrarias aos políticos ainda vivos), o retrato lembra a sua condição de chefe militar através do elmo levemente levantado, cuja função, no entanto, é a de disfarçar o seu crânio disforme, "uma cabeça que nunca mais acaba", no dizer dos contemporâneos.

Líder carismático da pólis ateniense, o seu prestígio advinha-lhe, segundo Tucídides, de ser de uma integridade transparente em questões de dinheiro; conter o povo, sem lhe ameaçar a liberdade, e dirigi-lo em lugar de se deixar arrastar por ele". Péricles e o seu tempo identificam-se com o apogeu da civilização grega. Por isso, o século V a. C. é, muitas vezes, designado como "o século de Péricles".



Questões pág. 39

Questões

- 1 Explique por que motivo é importante que as leis estejam escritas (DOC. 5).
- 2 Escolha, entre os factos apresentados na cronologia, três que lhe pareçam importantes para o estabelecimento do sistema democrático. Fundamente a sua escolha (DOC. 5).
- 3 Utilizando palavras suas, diga por que razão se chamou *democracia* ao regime político ateniense (DOC. 6).
- 4 Segundo Péricles, que direitos têm os cidadãos atenienses (DOC. 6)?
- 5 Para além da forma de governo, que outros aspetos engrandecem a cidade de Atenas (DOC. 6)?
- 6 Interprete a última frase do texto (DOC. 6).

Em segundo lugar, **igualdade de acesso aos cargos políticos** ou **isocracia**. Todo o cidadão ateniense tinha o direito (e o dever) de participar no governo da pólis. As decisões, normalmente tomadas em conjunto, respeitavam a vontade da maioria, pois todos tinham igual direito ao voto.

Por último, o **igual direito ao uso da palavra** ou **isegoria**. Nas assembleias, nos tribunais ou no exercício das magistraturas, todos podiam defender, livremente, as suas opiniões. A liberdade de palavra só era limitada pelo interesse do Estado, o que deixava uma larga margem de expressão.

O estabelecimento destes princípios igualitários ficou para sempre ligado à figura de Clístenes e às reformas que empreendeu, em 508 a. C.

Clístenes, justamente considerado o **fundador da democracia ateniense**, estabeleceu uma nova divisão administrativa do território, que fracionou em 10 tribos, subdivididas, por sua vez, em 10 demos (100 demos ao todo). Destas circunscrições eram sorteados, todos os anos, os cidadãos que deveriam prestar serviço nos diferentes órgãos políticos da cidade. Daí a designação de **democracia**, palavra grega que significa, literalmente, **poder do demos** ou **poder do povo**.

Mais tarde, **Péricles** (DOC. 6), o mais destacado de todos os políticos atenienses, completou estas reformas com a criação das **mistoforias**, espécie de pagamento feito pelo Estado aos que exerciam funções públicas. Foram as mistoforias que tornaram viável o sistema de democracia direta, pois permitiram aos cidadãos mais pobres dedicar uma parte do seu tempo à participação na vida política, deliberando na Eclésia ou julgando nos tribunais, por exemplo.



Questões pág. 43

O exercício dos poderes

Um pequeno conjunto de instituições bastava à pólis ateniense para assegurar o exercício dos poderes do Estado. Vejamos que instituições eram essas e de que forma funcionavam (Docs. 7 e 9).

- A **Eclésia** ou **Assembleia Popular** servia de base a toda a estrutura governativa. Reunia três a quatro vezes por mês, ao ar livre, na colina da Pnyx, e nela deviam participar **todos os cidadãos**. Competia à Assembleia discutir e votar as leis, decidir da paz e da guerra, apreciar a atuação dos magistrados ou deliberar sobre qualquer outro assunto que, diretamente, respeitasse ao governo da cidade. O voto exercia-se de braço no ar, mas os cidadãos podiam também exigir que ele fosse secreto.
- A **Bulé** ou **Conselho dos 500** partilhava com a Eclésia o **poder legislativo**, cuja organização lhe competia, uma vez que elaborava as propostas de lei, os *prouboulema*¹, sobre as quais a Assembleia do Povo devia deliberar. No intervalo das sessões da Eclésia, a Bulé era chamada a **resolver os assuntos correntes**, cabendo-lhe o poder de decisão. Como o nome indica, formavam este Conselho **500 membros, sorteados** anualmente, à razão de **50 por tribo**. Ninguém podia ser membro da Bulé mais do que duas vezes na vida.



Tribuna dos oradores, na colina de Pnyx.

Todos aqueles que, gozando do direito de liberdade da palavra, se queriam dirigir aos seus concidadãos, durante a Eclésia, subiam a esta pequena tribuna, de onde proferiam os seus discursos.

¹ É esta a origem do vocábulo problema.

O Conselho

O Conselho é designado pela sorte e conta 500 membros, 50 por tribo. Cada tribo exerce a pritania à vez, segundo uma ordem fixada pela sorte [...]. Os prítanes tomam as suas refeições à custa do Estado, no *Tholos*, e estão encarregados de convocar o Conselho e a Assembleia do Povo. [...]

Numa ordem do dia, que afixam, organizam as deliberações do Conselho, definindo para cada sessão os assuntos a tratar. Estabelecem também a ordem do dia das sessões da Assembleia do Povo. A primeira é a sessão ordinária: nela se confirmam os funcionários, se a sua administração for aprovada; trata-se do abastecimento e da defesa do território; qualquer cidadão pode, nesta sessão, fazer acusações de alta traição [...]. Na mesma sessão, mas na sexta pritania, os prítanes põem a questão de saber se se votará, ou não, o ostracismo [...].

Os estrategos

Todas as funções militares são conferidas por eleição.

Em primeiro lugar, os 10 estrategos que se elegiam, antigamente, um por tribo e que se escolhem hoje sem distinção, entre todos os Atenienses. [...]

Aristóteles - *A Constituição dos Atenienses*, c. 350 a. C.



1. A contagem dos votos, vaso ático, c. 480 a. C.

Orgulhosos da sua Constituição, os Atenienses recriaram mitos antigos, dando-lhes um cunho democrático. É o que acontece nesta pintura: sob a égide da deusa Atena (a protetora de cidade), Ulisses e Ajax resolvem democraticamente a disputa que travaram pelo escudo do falecido Aquiles. O escudo, maravilhosamente forjado pelo deus Hefesto, teria sido, segundo a tradição, disputado num combate. Aqui, os dois heróis acatam uma decisão democrática dos seus pares, contando os votos por eles depositados. Ulisses (à esquerda) é o vencedor da contenda.

Questões pág. 43

NUTRILAB PT © Peter Dabrowski



2. Fichas de sorteio, provavelmente utilizadas para a designação das magistraturas (Museu da Ágora, Atenas).

Os *buleutas* trabalhavam numa espécie do sistema rotativo – as *Pritanias* –, em que alternavam no poder os 50 *buleutas* de cada tribo.

- Os **arcontes**, tirados à sorte, um por tribo, eram magistrados prestigiados, embora os seus poderes se limitassem quase só ao desempenho de funções religiosas e judiciais. Competia-lhes a organização das grandes cerimónias funerárias e religiosas e a presidência dos tribunais. Era entre os antigos arcontes que se recrutavam, vitaliciamente, os membros do Areópago, o que conferia ao arcontado muito do seu prestígio.
- Os **estrategos** comandavam a marinha e o exército e eram eleitos com base na sua competência. A conjuntura de guerra vivida no século V a. C. contribuiu para que os estrategos se tornassem os **verdadeiros chefes de Atenas**, controlando a sua política externa e financeira. Alguns estrategos, dotados de grande espírito de liderança e de hábeis poderes oratórios, alcançaram um enorme prestígio. Ficaram famosos, entre outros, Temístocles, Címon, Alcibiades e, sobretudo, Péricles (106. 8). Péricles dominou a política ateniense durante quase três décadas e ficou para a História como um dos homens mais notáveis do seu século.

Tal como as restantes funções governativas, a justiça era assegurada pelos cidadãos comuns, reunidos em **dois tribunais**:

O juramento dos heliastas

Eu votarei em conformidade com as leis e com os decretos do povo ateniense e da Bulé dos Quinhentos, e não darei o meu voto nem a um tirano, nem à oligarquia. Se alguém derrubar a democracia ateniense, ou fizer uma proposta, ou submeter um decreto nesse sentido, eu não o seguirei. [...]

Não darei o direito de exercer a magistratura para que tenha sido designado a alguém que não tenha prestado contas de uma outra magistratura¹. [...]

Não aceitarei presentes enquanto heliasta, nem por mim próprio, nem por intermédio de outro ou de outra, através de qualquer artifício ou maquinação. Não tenho menos de 30 anos e ouvirei com igual atenção o acusador e o acusado, e apenas me decidirei sobre o caso por si próprio.

Em Demóstenes (383-322 a. C.) -
Contra Timócrates

¹ Findo o mandato, o magistrado deveria prestar contas do dinheiro despendido. A correta utilização dos fundos públicos era considerada de maior importância.



1. A votação no Heliou, vaso ático, c. 470 a. C.

Depois de ouvidas as alegações do acusador e do acusado, um elemento do júri, tirado à sorte, distribuía duas fichas a cada juiz: uma, como a que reproduzimos em baixo, tinha a haste central aberta e era usada caso o juiz decidisse a favor da acusação; a outra, muito semelhante, tinha a haste central fechada e significava absolvição. Os juízes depositavam o seu voto numa ânfora, segurando-o pela haste, a fim de manterem secreto o escrutínio. As decisões tomavam-se por maioria e delas não havia apelação.

Questões pág. 43

- O **Areópago**, tribunal formado por antigos arcontes, que exerciam o cargo vitaliciamente. Outrora o mais importante tribunal de Atenas, no século V a. C., as suas funções encontravam-se bastantes limitadas, competindo-lhe o julgamento dos crimes de homicídio e de desrespeito aos deuses da cidade.
- O **Heliou**, ou **Tribunal Popular**, constituído por 6000 juízes com mais de 30 anos, sorteados anualmente à razão de 600 por tribo, a quem incumbia o julgamento da maior parte dos delitos. Funcionava por secções e a instrução dos processos competia aos arcontes e a outros magistrados. Finalizados os discursos da acusação e do réu, os juízes pronunciavam-se pela absolvição ou pela condenação.

Uma democracia direta

A pequena dimensão da pólis grega permitiu uma democracia amplamente participada. Não havia partidos políticos, um corpo profissional de juízes ou de altos funcionários do Estado. Cada cidadão atuava por si próprio, desempenhando, à vez, os cargos necessários ao bom andamento dos assuntos da cidade. Por outras palavras, ocupava-se da política, palavra que significa, à letra, governo da pólis. A democracia grega era, por isso, uma **democracia direta** e todo aquele que se desinteressava dos assuntos



2. Ficha de voto utilizada pelos heliastas. É feita em bronze e tem a inscrição *psephos demasia* (voto do povo).



Foi a nossa cidade que revelou a cultura [...].

Foi ela que honrou a eloquência, que todos desejam, e cujos possuidores são invejados. Ela tem consciência de que somos, de todos os animais, os únicos que a Natureza dotou deste privilégio e que, por termos esta superioridade, diferimos em tudo o mais. [...] Os discursos belos e artísticos não são apanágio das pessoas inferiores, mas obra de uma alma que pensa bem; os sábios e os que parecem ignorantes diferem uns dos outros sobretudo nisto. [...] Os que foram criados desde início como homens livres não se conhecem pela coragem, riqueza ou qualidades dessa espécie, mas distinguem-se sobretudo pela maneira de falar, e é este o sinal mais seguro da educação de cada um de nós, e aqueles que sabem usar bem da palavra não só são poderosos no seu país, como honrados nos outros.

Isócrates, polemista e professor ateniense (436-338 a. C.)
- *Panegírico*, c. 380 a. C.

Quem não há de detestar os que passam o tempo em debates, os que fingem procurar a verdade, mas logo no começo dos seus discursos tentam dizer mentiras?

Isócrates - *Contra os Sofistas*, c. 390 a. C.

Demóstenes, cópia romana do original em bronze do escultor Polieuctos. Demóstenes (383-322 a. C.) passou à História como o mais notável de todos os oradores gregos, não só pela excelência dos seus discursos como pela perseverança com que cultivou a arte da palavra. Nascido em Atenas, a cidade da eloquência, Demóstenes sentia-se inferiorizado por sofrer de gaguez e ter uma voz fraca. Conta-nos Plutarco que, decidido a corrigir estes defeitos, passou longas temporadas junto ao mar treinando os seus discursos: metia pequenas pedras na boca para controlar a gaguez e elevava a voz o suficiente para abafar o ruído das ondas. Democrata convicto, Demóstenes lutou incansavelmente para unir os seus compatriotas contra as ambições de Filipe da Macedónia que, em 338 a. C., conquistou a Grécia. Quando, após a sua morte, o seu sobrinho Demócates encomendou a estátua que se reproduz, gravou na base a seguinte inscrição: "Se a tua força, ó Demóstenes, tivesse igualado o teu génio, a Macedónia jamais teria submetido os Gregos". (Reveja o Doc. 3, retirado da obra deste célebre orador.)



Questões pág. 43

Questões

- 1 Que assembleias asseguravam a elaboração das leis (DOC. 7)?
- 2 Por que razão, na escolha dos estrategos, se preferia o sistema de eleição (DOCs. 7 e 8)?
- 3 Apresente vantagens e desvantagens dos sistemas de sorteio e de votação, para a escolha dos magistrados.
- 4 Indique a idade mínima para se exercer a função de juiz, no Helieú (DOC. 9).
- 5 Faça uma lista das regras que um heliasta jurava cumprir (DOC. 9).
- 6 Segundo Isócrates, por que motivo são invejados os que possuem o dom da eloquência (DOC. 10)?
- 7 Nos regimes democráticos, que importância assume a oratória? E que perigos apresenta (DOC. 10)?
- 8 Compare a forma de funcionamento da democracia ateniense e da democracia atual.

públicos era malvisto pela pólis¹. A verdadeira dimensão humana cumpria-se, na Grécia, através do **exercício da cidadania**.

Tornava-se, pois, necessário assegurar a todos a participação nos cargos públicos. Não apenas aos mais cultos ou aos que, por uma razão ou por outra, se faziam notar na cidade. É esta a razão que explica a **preferência pelo sistema de sorteio** em relação ao sistema de eleição, quando se tratava de escolher aqueles que, durante um ano, prestariam serviço à cidade.

A importância da oratória

Nesta democracia direta, tão amplamente participada, não admira que a oratória fosse uma das capacidades mais úteis e apreciadas (Doc. 10). **Era o dom da palavra que permitia convencer e brilhar em política**. Todo o cidadão devia estar preparado para apresentar propostas e discuti-las na Eclésia, para justificar as medidas adotadas, para acusar ou defender nos tribunais. Tal como ainda hoje acontece, os oradores brilhantes desfrutavam de elevado prestígio que, por vezes, ultrapassava as fronteiras da sua cidade e, mesmo, de toda a Grécia. Alguns, como Isócrates, fundaram concorridas **escolas de retórica** (arte de bem falar), onde se instruíam os filhos das melhores famílias, desejosos de dominar as regras do discurso político, as suas subtilezas e os seus artifícios.

¹ Ao contrário da democracia grega, as democracias atuais são representativas, uma vez que os cidadãos delegam (através do voto) o exercício dos poderes num grupo profissional de políticos, que os representam.

Proteger a democracia

Conscientes do valor e da originalidade do seu regime político, os Atenienses procuraram dignificá-lo, assegurando o respeito pelas leis, a transparência das instituições e a correta aplicação da justiça. Esforçaram-se também por proteger a democracia dos cidadãos demasiado ambiciosos, capazes de utilizarem a sua influência e os seus dotes oratórios para subverter as leis ou tomar o poder.

ARISTÓTELES - A CONSTITUIÇÃO DOS ATENIENSES

DOC. A A atuação dos estrategos

Em cada pritania¹, o povo responde, de mão levantada, à questão seguinte: os estrategos cumprem dignamente as suas funções? Se algum dentre eles for excluído pelo povo, é julgado em tribunal, que, em caso de condenação, fixa a pena e o montante da multa. Se for absolvido, o estratego retoma as suas funções.

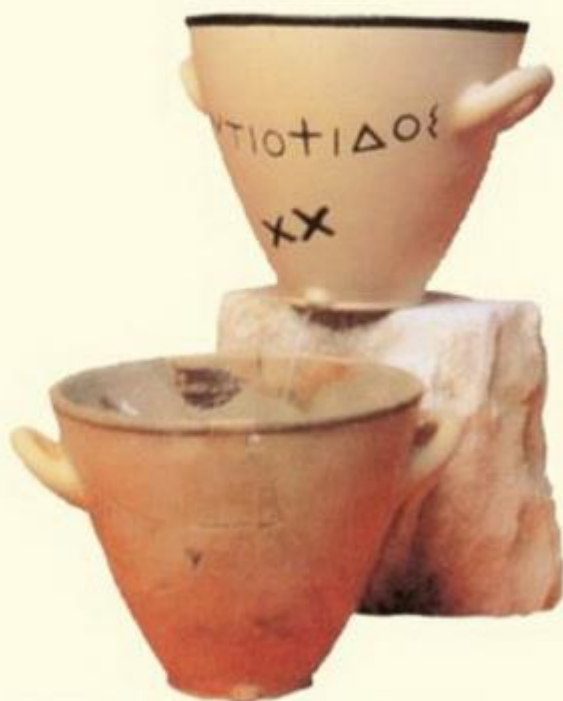
Aristóteles - *A Constituição dos Atenienses*, c. 350 a. C.

¹ Refere-se aos 36 dias em que os 50 buleutas de cada tribo conduziam os assuntos da cidade. (Reveja as págs. 40 e 41.)

DOC. B A igualdade nos tribunais

Há no tribunal clepsidras com um pequeno orifício por onde a água se escoava. Verte-se nelas a água cuja quantidade determina a duração das alegações. [...] Atribui-se a mesma quantidade de água ao acusador e ao acusado.

Aristóteles - *A Constituição dos Atenienses*, c. 350 a. C.



Relógio de água (clepsidra) utilizado nas sessões do Helieion.

DOC. C A idoneidade dos juizes

[...] E há ainda outros casos a julgar, por exemplo, os dos trierarcos¹ que não equipam a sua trirreme ou os que constroem em terreno público [...]. Os tribunais não chegam para tal quantidade de processos. Pois bem, dirá qualquer um, se são necessários mais julgamentos, basta diminuir o número de juizes. Mas, se multiplicarmos os tribunais colocando menos juizes em cada um, seguir-se-á fatalmente que os juizes, sendo menos numerosos, serão mais fáceis de corromper e os julgamentos serão muito menos justos.

Pseudo-Xenofonte (século IV a. C.) - *A Constituição dos Atenienses*

¹ Cidadão rico sobre o qual recaía a obrigação de, a expensas suas, equipar uma trirreme.

DOC. D O sorteio do júri, no Helieion



1. Chapa de bronze com a identificação de um juiz, neste caso Demophanes, do demo de Kephisia.



2. Placa utilizada no sorteio do júri.

Os juizes que deveriam presidir a cada julgamento eram sorteados segundo um sistema complexo: retiravam-se ao acaso, de uma caixa, chapas de bronze, cada uma com o nome de um juiz, que se iam introduzindo nas ranhuras da placa. Formavam-se, assim, séries horizontais de nomes. Colocavam-se depois, num funil, dados pretos e brancos. Se o primeiro dado a sair pelo tubo do funil fosse branco, os juizes da primeira série horizontal iriam a tribunal; se fosse preto, não participariam no julgamento. O segundo dado determinava a sorte da segunda fila de nomes e assim sucessivamente.

DOC. E O ostracismo

Reunidos na ágora, os membros da Eclésia escreviam, numa pequena placa de barro (ostrakon), o nome de um cidadão que, pela sua excessiva proeminência, achassem perturbador do bom funcionamento democrático. Caso se reunissem 6000 votos com o mesmo nome, o ostracizado deixava a cidade por 10 anos, sem, no entanto, perder os seus bens ou os seus direitos políticos, que retomaria quando voltasse.

Esta lei foi usada por desconfiança contra os chefes demasiado poderosos. Todos se lembravam que Pisístrato tinha sido chefe do povo e estratega antes de se tornar tirano. O primeiro a ser ostracizado foi um dos seus amigos, Hiparco, filho de Chamos, de Kolitos¹. [...]

No ano seguinte [...] Mégacles, filho de Hipócrates, de Alopeke¹, foi ostracizado. Durante três anos ostracizaram apenas os amigos dos tiranos, contra os quais a lei era dirigida. Porém, no quarto ano, começaram a exilar todos aqueles que pareciam demasiado poderosos. [...]

Aristóteles – *A Constituição dos Atenienses*, c. 350 a. C.

¹ Nome do demo de que era proveniente. Hiparco e Mégacles foram ostracizados em 487 e 486 a. C., respetivamente.

DOC. F A graphê paranomon

Preocupados com o efeito dos discursos bonitos mas insensatos, que podiam levar o povo a aprovar medidas contrárias às leis e à democracia, os Atenienses introduziram a graphê paranomon, medida segundo a qual uma proposta, mesmo se já aprovada pela Eclésia, podia ser revogada por ser contrária às leis fundamentais da cidade. O seu autor arriscava-se a ser julgado e condenado a pagar uma pesada multa por ter feito uma proposta “ilegal”.

Vós sabeis, Atenienses, que há, entre os povos da Terra, três formas de governo: a monarquia, a oligarquia e a democracia: as duas primeiras submetem os homens à vontade dos que comandam. A terceira submete-os às leis. [...] Partindo destas reflexões, deveis detestar todo o cidadão que propõe decretos contrários à lei, não perdoar nenhuma falta desse tipo, antes puni-las e todas com rigor, como faltas muito graves. [...] Se eu vos provar que Ctesifonte propôs um decreto contrário às leis, contrário à verdade, prejudicial ao Estado, anulai-o, reforçai na nossa cidade a autoridade do povo, puni aqueles que não temem agir contra as leis, contra o bem comum [...]

Esquines, orador e político ateniense (c. 390-314) – *Contra Ctesifonte*

**Dois votos de ostracismo**

Em cima, um ostrakon com o nome de Temístocles, prestigiado general ateniense, banido em 470 a. C. Em baixo, um outro com o nome de Pérides que, graças à sua habilidade política, conseguiu evitar a condenação.

ANÁLISE DOS DOCUMENTOS

1. Quem controlava a atuação dos estrategos [Doc. A]?
2. Que preocupação está subjacente ao procedimento descrito no Doc. B?
3. Por que razão o número de juizes em cada julgamento era tão elevado [Doc. C]?
4. Reflita: de que modo práticas como as que estão descritas nos docs. A a D defendem os valores fundamentais da democracia?
5. Que objetivos tinha a lei do ostracismo [Doc. E]?
6. Parece-lhe justa esta lei? Fundamente.
7. Segundo Esquines, o que distingue a democracia dos restantes regimes políticos? Explique [Doc. F].
8. De que forma a graphê paranomon controlava os excessos da liberdade de palavra [Doc. F]?

SÍNTESE

9. Num texto de 15 a 20 linhas, enumere os mecanismos utilizados pelos Atenienses para defenderem o regime democrático.

A – Como definir um cidadão?

A cidade é um conjunto de cidadãos e disso resulta que nos é necessário examinar quem tem direito à denominação de cidadão e o que é o cidadão, e o que isso quer dizer, questão muito controversa [...] pois aquele que é cidadão numa democracia deixa muitas vezes de o ser num regime oligárquico. O cidadão não é cidadão por residir num determinado lugar, pois metecos e escravos têm residência em comum com os cidadãos [...]. Um cidadão, no sentido absoluto do termo, não se pode definir melhor do que pelo facto de participar no exercício de justiça e nas magistraturas.

Aristóteles – *A Política*, c. 350 a. C.

B – Requisitos da cidadania

O estado atual do governo de Atenas é o seguinte: fazem parte da cidade os que nasceram de pai e mãe atenienses. Quando atingem os 18 anos (os jovens), são inscritos e admitidos no demos. No momento em que se apresentam, devem jurar, primeiramente, que têm a idade requerida por lei: se os demotas decidem que não, o jovem é obrigado a regressar para o grupo das crianças; em seguida, que são de condição livre e de nascimento legítimo.



Cidadãos atenienses, num pormenor do friso das Panateneias, executado por Fídias, c. 440 a. C.

Aristóteles – *A Constituição dos Atenienses*, c. 350 a. C.

C – Um grupo restrito

POPULAÇÃO DA ÁTICA 400 000 habitantes (aprox.)			
Cidadãos 40 000	Família dos cidadãos 80 000	Metecos e suas famílias 80 000	Escravos 200 000
Com direitos políticos	Sem direitos políticos		

1.1.3 Os limites da democracia antiga

Profundas diferenças separam a democracia antiga da atual. Apesar dos seus elevados ideais, a democracia antiga funcionava apenas para um grupo restrito de cidadãos. A maior parte da população via-se excluída não só da participação política como de muitos outros direitos civis, que hoje consideramos fundamentais.

A reduzida proporção do corpo cívico

A Ática teria, na segunda metade do século V a. C., uma população de cerca de 400 000 habitantes. Destes, apenas 40 000 eram cidadãos atenienses! Juntamente com suas mulheres e filhos, os cidadãos deveriam formar um conjunto de 120 000 pessoas. Mas as mulheres não contavam politicamente; eram apenas mulheres, não eram cidadãs.

A privação de direitos políticos abrangia igualmente 70 000 a 90 000 metecos, gregos oriundos de outras cidades-estado que viviam, de forma permanente, na Ática. Finalmente, servindo de suporte à estrutura social, viviam 200 000 escravos, despojados de todos os direitos e, até, da sua condição de seres humanos.

A participação democrática estava, portanto, reservada a uma escassa minoria, o que é, em si, um contrassenso. Impensável no nosso mundo, mas

Conceitos

Cidadão* – Em Atenas tinham este estatuto os indivíduos livres de sexo masculino, filhos de pais atenienses, aos quais estavam reservados, em exclusivo, a governação da cidade e outros privilégios.

Entre os deveres do cidadão contava-se, para além da participação política, a obrigação de defender a cidade, prestando serviço militar.

* Conceito estruturante

D – Um dever de cidadania

O serviço militar

Os efebos (jovens recém-inscritos no *demos*) são passados em revista, recebem armas e partem com o seu destacamento. Durante os dois anos que dura o serviço militar, não estão sujeitos a qualquer outra obrigação. Findos esses dois anos, tornam-se cidadãos.

Aristóteles – *A Constituição dos Atenienses*, c. 350 a. C.

O juramento dos efebos

No início da sua formação militar, os jovens atenienses prestavam o seguinte juramento:

Não desonrarei as armas sagradas e não abandonarei o meu companheiro de luta, onde quer que esteja. Defenderei as coisas sagradas e não desprestigiarei nunca a minha pátria mas, ao contrário, engrandecê-la-ei, na medida das minhas forças e com a ajuda de todos. Obedecerei àqueles que comandam com sabedoria, às leis em vigor e às que, futuramente, forem sabiamente estabelecidas. E se alguém quiser desrespeitar as leis ou destruí-las, não o permitirei, e defendê-las-ei na medida das minhas forças e com a ajuda de todos. Respeitarei os cultos ancestrais. Tomo, como testemunhas deste juramento os deuses... (segue-se uma lista de divindades).

Inscrição ática, século IV a. C.



Cavaleiro e hoplita atenienses, pormenor de vasos áticos do século V a. C.

Sempre que a cidade se encontrava em perigo, os cidadãos eram chamados ao exército. Os mais ricos combatiam como cavaleiros; aqueles cujas posses eram menores serviam como hoplitas, soldados de infantaria, com mais ou menos armamento, consoante o que pudessem adquirir; os mais pobres integravam a tripulação dos navios, como remadores.

Questões pág. 47

Questões

- 1 Segundo Aristóteles, o que distingue um cidadão (DOC. 11A)?
- 2 Que requisitos eram necessários para um jovem ser inscrito na lista dos cidadãos (DOC. 11B)?
- 3 Relativamente à população de Ática (DOC. 11C), avalie:
 - a percentagem de cidadãos;
 - a percentagem de população sem direito a participar no governo da cidade.
- 4 Selecione, do juramento dos efebos, uma expressão que comprove a importância dada ao serviço militar. Justifique (DOC. 11D).
- 5 Indique dois aspetos que o efebo se compromete a fazer respeitar (DOC. 11D).
- 6 Que sentido tinha a palavra “pátria” para o jovem ateniense (DOC. 11D)?

vulgar nesse tempo recuado. À ideia de pólis como comunidade esteve sempre subjacente uma dimensão reduzida, quase familiar. Por toda a Grécia, a condição de estrangeiro ou de escravo era semelhante e a ninguém (ou a muito poucos) parecia injusta ou estranha.

Na época de Péricles, os cidadãos (Doc. 11) tinham de ser filhos de pai e mãe atenienses e a eles estavam reservadas, em exclusivo, a vida política e a posse de bens de raiz (casas e terras).

Aos 18 anos, os jovens pediam a sua inscrição nos registos do *demos*, fazendo prova da sua ascendência e da sua idade. Se aceites, entravam para o grupo dos efebos, jovens recrutas que, durante dois anos, recebiam preparação militar, já que a defesa da cidade era uma das obrigações mais sagradas do ateniense. Findo este período, entravam na posse plena dos seus direitos políticos, obrigando-se a tomar parte no governo da cidade.

Mas, se estes procedimentos eram iguais para todos os cidadãos, o mesmo não pode dizer-se das suas fortunas. Podiam ser grandes proprietários, pequenos camponeses, comerciantes, artesãos ou mesmo operários assalariados. Enquanto os mais pobres eram compensados pelos dias de trabalho perdidos em favor da cidade, aos mais ricos eram exigidos impostos suplementares, as *liturgias*, destinadas, por exemplo, a equipar navios de guerra ou à organização das festas religiosas da cidade.

Reconheçamos, pois, que [...] o saber do homem não é o da mulher, que o valor e a equidade não são em ambos os mesmos, [...], e que a força de um assenta no mando e a do outro na submissão. [...]

Em resumo, o que diz o poeta (Sófocles) de uma das qualidades da mulher: "Um modesto silêncio faz a honra à mulher" é igualmente exato. [...] reserva essa que não assentaria bem ao homem.

Aristóteles - *A Política*, c. 350 a. C.

Depois de ter ponderado, eu por mim e os teus parentes por ti, a melhor forma de proceder para fundar uma casa e uma família, escolhi-te, a ti, e os teus parentes escolheram-me, a mim [...].

A partir de hoje, esta é a nossa casa comum. Tenta fazer, o melhor que souberes, as coisas que os deuses te tornaram capaz de fazer e que a lei consagrou. [...]

Como tanto as ocupações domésticas como as do exterior exigem empenho e cuidado, os deuses, parece-me, adaptaram a natureza da mulher aos trabalhos e aos cuidados do interior e a dos homens aos do exterior. Frios, calores, marchas, é o corpo do homem que as suporta [...]; quanto à mulher, a divindade deu-lhe um corpo menos resistente, encarregando-a dos trabalhos da casa [...].

Xenofonte, escritor ateniense, discípulo de Sócrates (430-355 a. C.) - *O Económico*, c. 370 a. C.



Caixa de cerâmica, século V a. C.

Uma jovem deixa a casa paterna pela mão do futuro marido.

Questões pág. 50

Os excluídos: mulheres, metecos e escravos

Embora lhes coubesse um papel essencial na transmissão da cidadania, **as mulheres atenienses poucos direitos tinham** (Dec. 12). A tradição e a lei remeti-nas para uma vida bastante recolhida, dedicando-se aos trabalhos domésticos e à educação das crianças. Não lhes era reconhecido o direito de disporem da sua pessoa ou de administrarem os seus bens. **O casamento fazia-as passar da tutela do pai para a do marido**, que podia repudiá-las quando quisesse, sem outra obrigação além da de restituir o dote. Se enviavam, ficavam sob a autoridade do filho mais velho ou, no caso de não o terem, do parente masculino mais próximo.

Nas casas abastadas, as mulheres habitavam uma zona específica, o **gineceu**, onde, acompanhadas pelas escravas cujo trabalho orientavam, decorria a maior parte da sua vida sem que lhes fosse permitido, sequer, assistir às reuniões oferecidas pelo marido. Com exceção das grandes festas religiosas, em que participavam, só muito raramente saíam à rua, sempre sob o recato de um véu e a vigilância de uma escrava. Não iam sequer ao mercado. As compras eram tarefa e privilégio masculino. Considerava-se que uma das maiores virtudes das mulheres era passarem despercebidas, "fazer com que os homens falassem delas o menos possível, para bem ou para mal", como terá afirmado Péricles.

Esta completa **discriminação de sexos**, que hoje nos parece estranha, foi, na altura, justificada por grandes pensadores como Aristóteles, para quem a inferioridade da mulher era ditada pela Natureza, que atribuía ao homem capacidades de mando e à mulher de submissão e obediência.

Conceitos

Metecos – Em grego, "aquele que vive com". Designação dada ao estrangeiro, geralmente oriundo do mundo grego, que residia na pólis. Em Atenas estava-lhe vedada a aquisição de terras e a participação na vida política. Tal como nos restantes grupos sociais, a sua condição perpetuava-se de pais para filhos.

Escravo – Indivíduo considerado propriedade de outrem, que pode dispor dele livremente. À semelhança da maioria das civilizações antigas, os Gregos consideravam legítima a escravatura, sendo o número de escravos muito elevado.

Com efeito, parece-me que os metecos são uma fonte de rendimento das melhores, visto que subsistem pelos seus próprios meios e prestam, sem contrapartidas, serviços às cidades, pagando ainda um imposto de residência. Por isso, penso que a primeira coisa a fazer seria eliminar tudo o que, não sendo proveitoso para a cidade, pesa sobre eles como uma marca de inferioridade, e penso igualmente que deveríamos também isentá-los da obrigação de participarem nas campanhas militares como hoplitas, ao lado dos cidadãos. [...] Deste modo, conseguiríamos captar a sua boa vontade e, muito provavelmente, todos os apátridas ambicionariam o estatuto de meteco em Atenas, aumentando assim os nossos rendimentos.

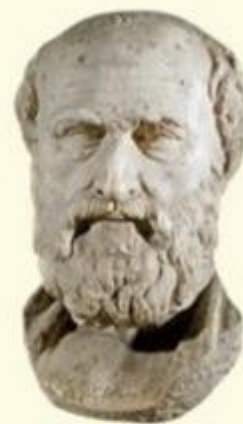
Xenofonte - *Sobre os Rendimentos*, c. 370 a. C.

Lísias era filho de Kéfalo [...] de origem siracusana, que tinha imigrado para Atenas [...]. Nascido em Atenas [...] Lísias foi educado com os Atenienses das melhores famílias. [...] Depois da batalha de Egospótamos¹ [...] revelou-se um aliado muito útil, fornecendo dois mil dracmas e duzentos escudos. Saiu da cidade, com Hermon, para recrutar mercenários. Recrutou trezentos e convenceu Trasidaos de Eleia, seu hospedeiro, a fazer uma doação em dinheiro. Por isto, Trasíbulo [...] propôs um decreto que lhe outorgava a cidadania; o povo aprovou o decreto, mas Arquinos levantou contra ele um processo de ilegalidade (*graphê paranomon*) por o decreto não ter sido, previamente, submetido à apreciação do Conselho e o decreto foi anulado. Assim afastado da cidadania, Lísias passou o resto da vida na qualidade de isótele² e faleceu em Atenas.

Pseudo-Plutarco, século I d. C., - *Vida dos Dez Oradores*, Lísias, 1

¹ Batalha da Guerra do Peloponeso, travada em 405 a. C., em que Atenas foi derrotada.

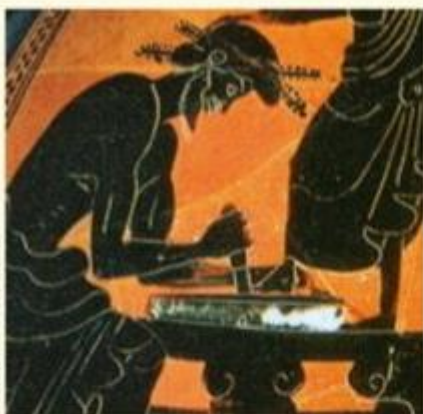
² Em grego "o que paga iguais contribuições". Em Atenas, os isóteles eram os metecos que, em vez do metéco, pagavam os mesmos impostos dos cidadãos.



Retrato de Lísias (cópia romana).

Para além do destaque que obteve ao serviço de Atenas, Lísias (c. 445 – c. 380 a. C.) foi um dos mais notáveis oradores do seu tempo.

Questões pág. 50



Sapateiro tira as medidas ao cliente, pormenor de um vaso do início do século V a. C.

Dedicando-se sobretudo aos ofícios e ao comércio, os metecos eram essenciais à vida económica da cidade.

Autorizados a viver na cidade, os **metecos** (002_13) passavam a sua condição de "estrangeiros" de pais para filhos. A lei impedia-os de participar no governo, desposar uma ateniense e até de possuir terras ou casas. Estavam, apesar disso, obrigados ao pagamento de um imposto, o *metécio*, e à prestação de serviço militar. Entre os poucos direitos cívicos que lhes eram concedidos conta-se o de recorrer aos tribunais (desde que representados por um cidadão) e o de participar nas festas religiosas.

Muito numerosos em Atenas, os metecos desempenhavam um **papel económico relevante**, assegurando a maior parte da produção artesanal e das trocas comerciais. No entanto, e a despeito do seu contributo para a vida da pólis, no século V a. C. foram poucos os que conseguiram elevar-se à condição de cidadãos (002_13).

Os **escravos** (002_14) constituíam praticamente metade da população da Ática. Eram, na sua maioria, de origem estrangeira – prisioneiros de guerra ou adquiridos nos mercados da Ásia Menor. Propriedade pessoal de particulares e do Estado, a lei não lhes reconhecia personalidade civil, nem família e, muito menos, o direito a possuir bens.

Considerados uma vulgar mercadoria e até equiparados a animais, a vida dos escravos dependia da situação concreta em que se encontrassem. Os escravos domésticos, encarregados dos cuidados da casa, podiam considerar-se privilegiados. Tal era o caso das amas de leite, especialmente estimadas. Com frequência, os escravos eram contratados como artesãos, sendo pagos como trabalhadores livres; neste caso, o amo recebia parte do salário. Em condições mais difíceis viviam os escravos mineiros, pertença do

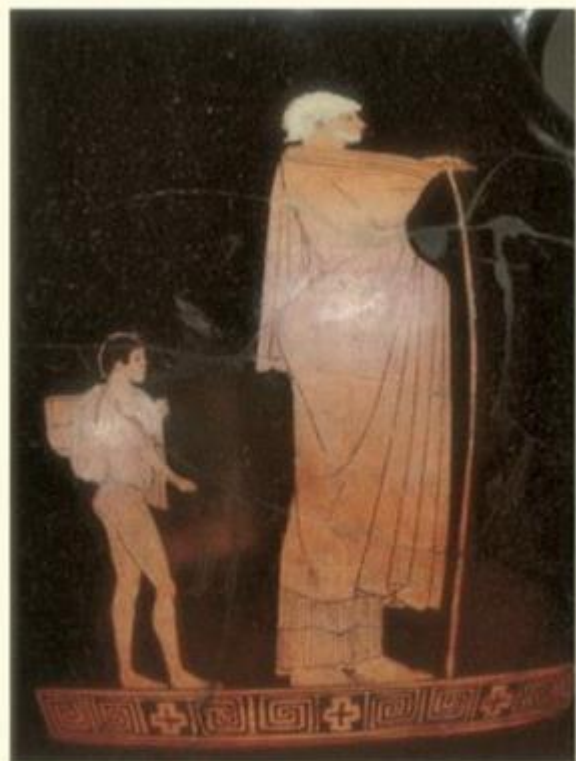
Quando se é inferior aos seus semelhantes, tal como o corpo o é à alma ou a besta ao homem [...] é-se escravo por natureza. Para esses homens, tal como para os animais de que falámos, o melhor é submeterem-se à autoridade de um senhor. [...] A utilidade dos animais domésticos e a dos escravos é pouco mais ou menos do mesmo género. Uns e outros ajudam-nos com o auxílio das suas forças físicas a satisfazer as necessidades da nossa existência. A própria Natureza assim o quer, pois fez os corpos dos homens livres diferentes dos dos escravos, dando a estes o vigor necessário aos trabalhos pesados e tornando aqueles incapazes de curvarem a sua estatura direita à rudeza desses trabalhos, destinando-os somente às funções da vida civil que se divide entre as ocupações da guerra e as da paz.

Aristóteles – *A Política*, c. 350 a. C.

Não há ninguém que possa aprovar o trabalho que Nícias¹ obrigava (os escravos) a fazer nas suas minas, onde ordinariamente não se empregavam senão celerados e bárbaros, de que a maioria são acorrentados e morrem cedo ou tarde nessas cavernas subterrâneas onde o ar é sempre malsão.

Plutarco, filósofo do período greco-romano (46-126 d. C.) – *Comparação de Nícias e de Crasso*

¹ Nícias – estadista ateniense (470-413 a. C.)



Ancião seguido de um escravo, detalhe de uma ânfora ática do início do século V a. C.

Seguindo uma tradição herdada do Antigo Egito, os escravos eram, muitas vezes, representados em tamanho reduzido, como símbolo da sua condição inferior.

Questões pág. 50

Estado ou de particulares, que trabalhavam nas minas de prata do Láurio e na extração de argila (DOC. 14).

Embora o **trabalho dos escravos** fosse relevante para a economia ateniense, está hoje posta de lado a ideia de que todo o trabalho era realizado por eles, deixando aos cidadãos, como única tarefa, o governo da cidade. Conforme vimos, boa parte dos cidadãos tinha um ofício e poucos eram os que se dedicavam exclusivamente à política.

Apesar de plenamente aceite em todo o mundo antigo, a injustiça da condição escrava não passou, porém, despercebida a ilustres atenienses, como Eurípides, que, nas suas peças, repetidamente proclamou o escravo um homem como todos os outros. Esboçava-se, ainda que de forma ténue, a crença na igualdade do género humano, sem dúvida uma das maiores conquistas do nosso tempo.

Questões

- 1 Compare a posição conferida por Aristóteles ao homem e à mulher (DOC. 12).
- 2 Recorrendo ao que aprendeu sobre a política ateniense, explique por que razão “não assentaria bem ao homem” o “modesto silêncio” que honra a mulher (DOC. 12).
- 3 Que poder de decisão tinham as mulheres sobre a sua própria vida? Justifique com o texto de Xenofonte (DOC. 12).
- 4 Indique três aspetos que comprovem a importância económica dos metecos (DOC. 13).
- 5 Tendo nascido em Atenas, porque não era Lisias um cidadão ateniense (DOC. 13)?
- 6 Segundo Aristóteles, como se justifica a escravatura (DOC. 14)?
- 7 Como eram tratados os escravos de Nícias (DOC. 14)? Parece-lhe que seria o tipo de tratamento mais comum? Justifique.

Dou graças à minha boa sorte por ter nascido homem e não animal, grego e não bárbaro, homem e não mulher.

Tales, filósofo natural de Mileto, c. 585 a. C.

[...] Aquilo que une todos os Gregos, o mesmo sangue e a mesma língua, santuários e altares comuns, tradições e costumes semelhantes, não deve ser traído pelos Atenienses.

Heródoto (484-426), historiador natural de Halicarnasso e considerado "o pai da História" - *Histórias*, livro VIII

De tal modo se distanciou a nossa cidade dos outros homens, no que toca ao pensamento e à palavra, que os seus alunos se tornaram mestres dos outros e o nome de Gregos já não parece ser usado para designar uma raça, mas uma mentalidade, e chamam-se Helenos mais os que participam na nossa cultura do que os que ascendem a uma origem comum.

Isócrates, polemista e professor ateniense - *Panegírico*, c. 380 a. C.



Um rapsodo, pormenor de uma ânfora ática de cerca de 490 a. C. Os rapsodos eram declamadores profissionais que percorriam a Grécia recitando poemas sobre as lendas e os heróis antigos. Na ânfora estão registadas as primeiras palavras da sua intervenção: "Aconteceu uma vez em Tírene...". Tírene, a sul de Micenas, foi, na Idade do Bronze, um centro ligado a numerosas lendas míticas, deste modo divulgadas por toda a Grécia. Os mais famosos de todos os poemas recitados por estes declamadores foram *A Ilíada* e *A Odisseia*, duas longas narrativas épicas atribuídas a Homero. *A Ilíada* conta a história da Guerra de Troia e os feitos heroicos dos que nela se bateram; *A Odisseia* narra o regresso do herói Ulisses à Ítaca, a sua ilha natal, igualmente recheado de peripécias e atos extraordinários. Estes poemas constituíam um património comum de todos os gregos, que aprendiam os seus trechos de cor, ainda crianças.

Questões pág. 51

Questões

- 1 Deduza, da afirmação de Tales, a condição humana considerada superior a todas as outras (DOC. 15).
- 2 Enumere os elos que, segundo Heródoto, unem o povo grego (DOC. 15).
- 3 Na opinião de Isócrates, em que aspeto se evidencia a superioridade grega (DOC. 15)?
- 4 De que forma pode a atividade do rapsodo reforçar o sentimento de união entre os Gregos (DOC. 15)?
- 5 Em termos políticos, o que contraria esta unidade cultural?

1.2 Uma cultura aberta à cidade

Embora divididos num sem-número de cidades-estado, os Gregos têm uma forte unidade cultural: a mesma língua, os mesmos deuses, as mesmas tradições dão-lhes a consciência de serem um só povo. Chamam-se, a si próprios, **Helenos**, e todos aqueles que não partilham a sua língua e a sua cultura são apelidados, algo depreciativamente, de **bárbaros** (DOC. 15).

Esta identidade cultural, que nem mesmo os conflitos conseguiam quebrar, reforçava-se com os contactos que as pólis mantinham entre si: o mundo grego era constantemente percorrido por comerciantes; por poetas que, de cidade em cidade, declamavam histórias antigas (DOC. 15); por artistas e professores famosos, contratados para trabalhar fora da sua cidade; por peregrinos, a caminho de um santuário helénico.

A mais poderosa de todas as cidades gregas, Atenas, foi também um brilhante centro cultural. O desafogo económico em que viveu permitiu-lhe atrair os melhores artistas, organizar os espetáculos mais sumptuosos, cultivar a filosofia e o teatro.

1.2.1 As grandes manifestações cívico-religiosas

A religião desempenhou um papel fundamental na vida dos Gregos e contribuiu fortemente para a sua identidade cultural. Tal como hoje, o culto podia revestir um carácter privado, envolvendo apenas um indivíduo ou

A – A organização das Panateneias

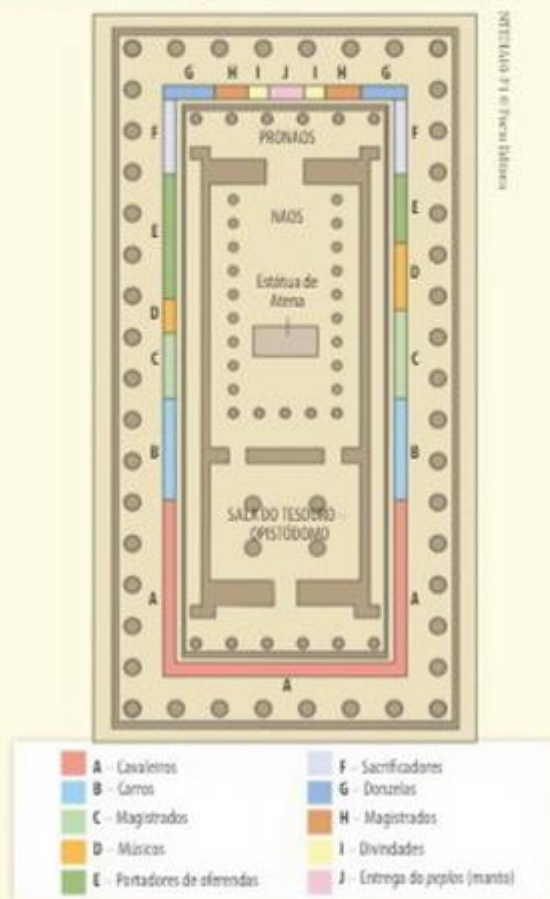
Tiram-se à sorte, um por tribo, dez atlétetas. Depois de terem sido confirmados no cargo, exercem a função durante quatro anos. São encarregados de organizar a procissão das Panateneias, o concurso de música, os concursos desportivos e a corrida de cavalos. Velam também, juntamente com o Conselho, pela confeção do peplo e das ânforas e entregam o azeite aos atletas vencedores.

Este azeite é produzido pelas oliveiras sagradas e é o arconte que fica encarregado de o recolher: os proprietários dos terrenos onde se encontram essas árvores são obrigados a fornecer uma medida e meia por cada oliveira. [...] Quando o arconte acaba de recolher o azeite feito com a colheita do ano, entrega-o aos tesoureiros da acrópole [...]. Os tesoureiros guardam-no na acrópole até à festa das Panateneias, entregando-o então aos atlétetas que o distribuem pelos vencedores das provas desportivas.

Os prémios são: para o concurso de música, objetos de prata e ouro; para o concurso com trajes militares, um escudo; enfim, para os jogos desportivos e a corrida de cavalos, azeite.

Aristóteles – *A Constituição dos Atenienses*, cap. LX, c. 350 a. C.

B – Uma cidade em procissão



Esquema do friso interior do Pártenon que representa a procissão das Panateneias.

uma família, ou assumir um carácter público. Neste último caso, toda a pólis era chamada a participar e, por vezes, as manifestações religiosas atraíam peregrinos de todo o mundo grego, o que lhes conferia um carácter pan-helénico¹.

O culto cívico

Embora em toda a Grécia se adorassem as mesmas divindades, cada pólis tinha os seus cultos próprios, venerando, em especial, os **deuses protetores da cidade**.

Uma vez que não existia, nas cidades gregas, uma classe sacerdotal propriamente dita, a **organização do culto ficava também a cargo dos cidadãos**. Realizar oferendas, velar pela manutenção dos templos e custear as festas religiosas eram considerados **deveres cívicos** tão relevantes como participar na política ou servir no exército. Um bom cidadão não descurava nunca as suas obrigações religiosas.

Em Atenas, as funções religiosas ficavam a cargo dos arcontes e outros magistrados escolhidos para o efeito. As despesas com o culto eram suportadas pelo tesouro público e pelos cidadãos mais ricos que asseguravam, do seu próprio bolso, os fundos necessários às celebrações mais dispendiosas. Tal era o caso das festas em honra de Atena, a protetora da cidade, e de Dionísio, o deus do vinho.

¹ O prefixo pan confere um sentido universalizante ao vocábulo que o segue. Assim, pan-helénico designa algo que diz respeito a toda a Grécia e não apenas a uma cidade ou região.



Ânfora panatenaica do século IV a. C. Uma *niké* (deusa da vitória) coroa o vencedor do combate de boxe. Para a distribuição do azeite dos prémios fabricavam-se ânforas com a imagem de Atena num dos lados e da modalidade em que o atleta triunfara no outro. O primeiro prémio chegava a ser constituído por 140 destas ânforas, o que representava um valor muito significativo.



Reconstituição



Portadores de oferendas



Sacrificadores



Reconstituição



Donzelas (Ergastinas) guiadas por um arconte



Cavaleiros

Questões pág. 55

Atualmente dispersos por vários museus, os fragmentos do friso interior do Pártenon, de que reproduzimos quatro fragmentos, permitem-nos conhecer com pormenor os participantes na grande procissão (*pompe*) que, pela Via Sagrada, se dirigia à Acrópole, levando consigo as oferendas destinadas a Atena, a deusa protetora da cidade. Nela participavam os magistrados, os cidadãos (os mais ricos a cavalo), as mulheres, as donzelas que haviam tecido o novo manto da deusa, os representantes das cidades estrangeiras e até os metecos.

Na Acrópole, degolavam-se os animais sobre o altar de Atena. Ovelhas e bois em grande número (alguns oferecidos pelas cidades aliadas) eram imolados em dois sacrifícios distintos: a carne que resultava do primeiro era distribuída pelos magistrados; a do segundo dividida em partes iguais pelos cidadãos. Os metecos ficavam excluídos desta partilha.

As Panateneias

As festividades em honra de Atena – as **Panateneias** – realizavam-se no mês de julho e assumiam um **carácter marcadamente cívico** pois, ao glorificar a deusa, valorizavam também a cidade que ela protegia, alimentando o sentimento de orgulho e de união dos Atenienses.

De quatro em quatro anos realizavam-se as Grandes Panateneias, celebradas com um luxo extraordinário, que atraía participantes de toda a Grécia. Durante duas semanas, a deusa era honrada com concursos musicais, danças e provas desportivas que culminavam numa enorme procissão, em que a cidade presenteava a deusa Atena com um novo manto, tecido e bordado pelas donzelas das melhores famílias (Doc. 16).

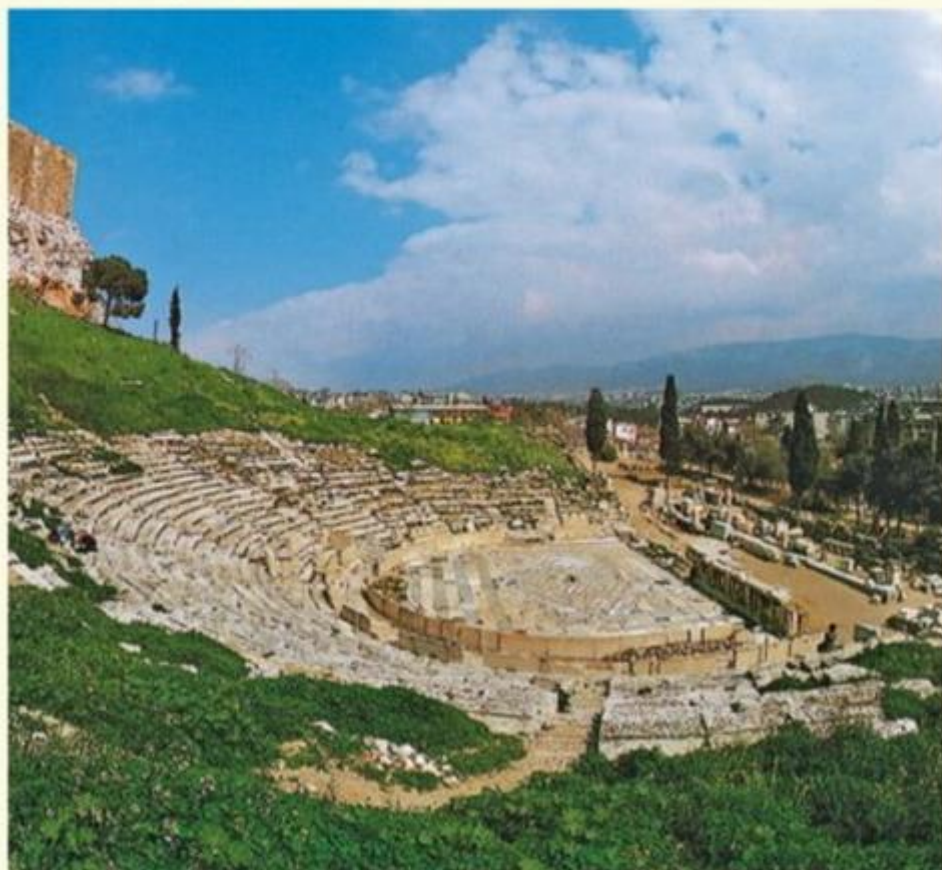
As Grandes Dionisiacas

As principais festas em honra de Dionísio – as **Grandes Dionisiacas** – celebravam-se em março, quando a vinha despontava. Duravam seis dias e foram os seus rituais que **deram origem ao teatro** (Doc. 17).

Com efeito, no decurso do século VI a. C., os coros e danças com que se homenageava o deus evoluíram para verdadeiras representações dramáticas que ocupavam, por inteiro, os três últimos dias das celebrações.

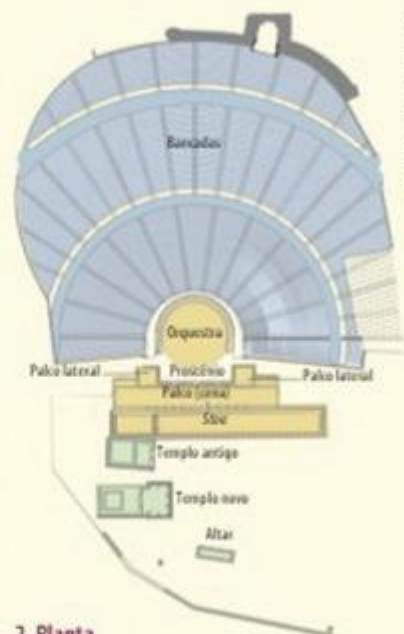
Como era vulgar na Grécia, as festividades em honra de Dionísio aliavam ao culto sagrado um carácter competitivo. Os autores concorriam com um

A – O teatro de Dionísio



1. O teatro de Dionísio, no sopé da Acrópole (estado atual).

Tal como as Panateneias, as grandes festas em honra de Dionísio eram organizadas pelos magistrados da cidade e envolviam toda a pólis, metecos e mulheres incluídos. Depois de um cortejo solene, em que a estátua do deus era transportada para o recinto do teatro, seguiam-se as representações, custeadas pelos cidadãos mais ricos, os *coregos*. À entrada, os espectadores recebiam, gratuitamente, o *symbolon*, espécie de “bilhete” de metal, com o número do assento gravado. Nos lugares de honra, mais perto da orquestra, sentavam-se os autores das peças, os *coregos*, os magistrados, os convidados de honra – alguns de cidades vizinhas – e o sacerdote de Dionísio. As bancadas de pedra podiam acomodar mais de 17 000 espectadores.



2. Planta.



3. Pormenor dos lugares de honra.

conjunto de três peças (trilogia) que, depois de representadas, eram objeto da avaliação de um júri, que nomeava o vencedor. Para além de uma pequena soma em dinheiro e de uma coroa de hera, o autor premiado recebia a distinção de ver o seu nome inscrito nos registos de honra da cidade.

Dado o carácter alargado das Grandes Dionisiacas, eram admitidos a estes concursos dramáticos poetas de todo o mundo grego. São, porém, naturais de Atenas os três maiores vultos da tragédia antiga, Ésquilo (525–456 a. C.), Sófocles (495–406 a. C.) e Eurípides (484–407 a. C.), cujas peças trágicas ainda hoje são representadas, mantendo-se no repertório das mais conceituadas companhias de teatro.

Visto servirem um fim religioso, as peças apresentam um pendor moralizante, pondo em evidência a sujeição do Homem aos deuses e aos seus desígnios (DOL 178). Mas, se se mostra incapaz de contrariar o destino que os deuses lhe traçaram, o herói das peças trágicas luta e sofre dignamente, revelando toda a grandeza da alma humana.

Embora mais tardiamente que a tragédia, a comédia integrou também o programa das Grandes Dionisiacas.



4. Máscara votiva em bronze (Museu do Pireu, Atenas).

Para aumentar o impacto visual, os atores usavam máscaras feitas de cortiça, linho endurecido ou madeira. Tal como acontece hoje com a maquilhagem, as máscaras ajudavam a parecer velho um ator mais jovem e a dar verosimilhança aos papéis femininos, que eram representados por homens.

B – Uma tragédia de Eurípides: *Electra*

Acreditando que seu marido, Agamemnon, sacrificara aos deuses a própria filha, Ifigênia, a fim de garantir o sucesso da Guerra de Troia, Clitemnestra assassina-o friamente.

Orestes, o filho do casal, vê-se assim compelido a um terrível dever: consultado o oráculo de Apolo, em Delfos, o deus ordena-lhe que vingue o pai, o que só pode fazer matando a própria mãe. Electra, sua irmã, força-o a cumprir a macabra tarefa.

CORO – Que destino, que destino o teu, oh mãe, que apenas engendraste filhos para deles receber um castigo horrível, lamentável, para o qual não há palavras. Mas mataste o pai dos teus filhos e manda a justiça que pagues esse crime.

ORESTES – Ah, Febo¹! O teu oráculo proferiu uma justiça obscura, mas são visíveis os males com que nos acabrunhas e sangrento o tributo que ofereces a Hades. Em que cidade refugiar-me? Que homem piedoso, que anfitrião, pousará os seus olhos na face de um matricida?

ELECTRA – Ai, ai! E eu? Para onde ir? Que coro, que núpcias me acolherão? Que esposo me aceitará no seu leito? [...]

ORESTES – Viste como, tirando os véus, a desgraçada descobriu o seio no momento da morte? Ai, sorte adversa a minha! Ela arrastou pelo chão o corpo que me deu vida e eu puxando-a pelos cabelos...

CORO – Imagino o que sentiste ao ouvir o apelo desesperado daquela que te concebeu.

ORESTES – Levando a mão ao meu queixo, ela gritou: “Filho, suplico-te!”. E agarrou-se às minhas faces com tanta violência que a espada me caiu das mãos.

CORO – Desventurada! Como tiveste coragem de ver correr o sangue da tua mãe moribunda?

ORESTES – Tapei os olhos com o manto e, mergulhando a lâmina no seu pescoço, consumei o sacrifício.

ELECTRA – E eu, encorajando-te, empunhei a espada contigo.

CORO – Cometeste o mais infame dos crimes.

ORESTES – Cobre-a com um véu e fecha-lhe as feridas. (Para Clitemnestra.) Deste vida aos teus próprios algozes.

ELECTRA – Oh mãe, que foste nossa inimiga! Nós te envolvemos nas pregas deste manto.

CORO – São medonhos os infortúnios desta família!

¹ Apolo.

Eurípides - *Electra*, c. 419-416 a. C., em «Teatro de Eurípides», tradução de Natália Correia, Porto, Liv. Civilização, 1969

Questões pág. 55

Questões

- 1 Que atividades integravam as grandes festas em honra de Atena (Panateneias) (DOC. 16A)?
- 2 Quem organizava as festividades (DOC. 16A)?
- 3 Partindo da planta do teatro de Dionísio, mostre o carácter sagrado deste recinto (DOC. 17A).
- 4 Na tragédia de Eurípides, que intervenção tem o deus Apolo (DOC. 17B)?
- 5 Apresente dois elementos que comprovem o envolvimento da comunidade cívica nas festas em honra de Atena e de Dionísio (DOCS. 16 e 17).

De tom jocoso, a comédia encontrava os seus temas na sátira social, incitando ao riso e à boa disposição, sem, no entanto, negligenciar objetivos moralizadores. Nas peças de **Aristófanes** (445-385 a. C.), o maior dos autores cómicos, destaca-se a crítica à vida pública de Atenas, seja ao funcionamento das instituições democráticas, à educação dos jovens ou até à emancipação da mulher!

Considerado uma das mais originais criações do génio grego, **o teatro espalhou-se por todo o mundo helénico**, mantendo, até ao início da nossa era, o seu carácter de grande manifestação cívica e religiosa.

Os jogos

A crença nos mesmos deuses originou pontos de referência religiosa, lugares sagrados onde convergiam peregrinos de toda a Hélade. Embora existissem **numerosos santuários**, os mais famosos eram o de **Delfos**, o de **Olimpia**, o de **Nemeia** e o de **Corinto**. Em todos se realizavam, periodicamente, competições artístico-desportivas de carácter religioso que atraíam multidões: os jogos.

A – O santuário



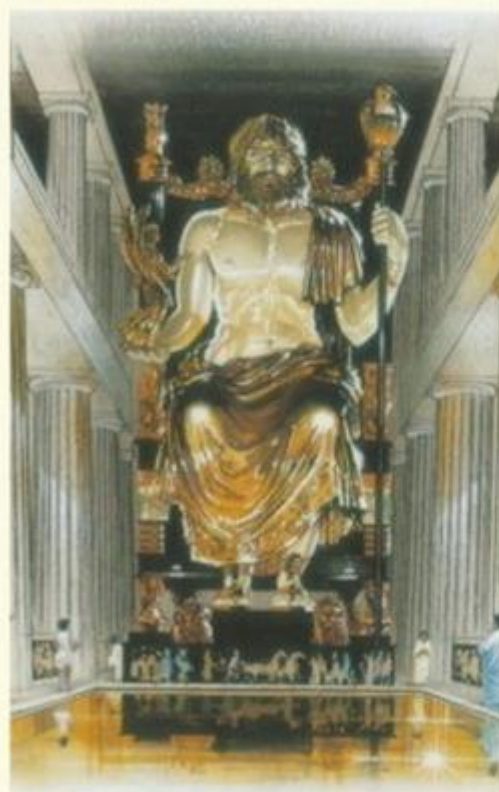
Reconstituição do recinto do santuário

① Pórtico de Eco; ② Templo de Zeus; ③ Heraion, templo dedicado a Hera; ④ Metroon, templo da deusa-mãe; ⑤ Tesouros (pequenos edifícios erguidos pelas diferentes cidades para depositarem as suas oferendas); ⑥ Estádio; ⑦ Bouleuterion, onde os atletas prestavam juramento; ⑧ Leonidaion, espécie de albergue para o público; ⑨ Oficina dita de Fídias; ⑩ Palestra.

Olimpia cresceu num bosque sagrado, o Altis, onde em tempos muito remotos se tinha erigido um altar a Zeus. O local era, essencialmente, um santuário, isto é, um recinto dedicado aos deuses, onde ninguém podia penetrar com armas e que todos se deviam abster de manchar com atos reprováveis. Os jogos eram organizados pela cidade-estado de Elis, em cujo território, a Élide, se encontrava Olimpia. A cidade acolhia os atletas 30 dias antes dos jogos, fornecendo-lhes alojamento e condições de treino. O início das festividades era assinalado com uma grande procissão que, partindo de Elis, percorria os 57 km da Via Sagrada que ligava a cidade ao santuário.

Enquanto duravam as variadas provas e cerimónias, Olimpia era palco de uma grande movimentação que não só envolvia os atletas e peregrinos, como também comerciantes, filósofos, retóricos, poetas e escritores, que aí davam provas do seu talento e procuravam recrutar novos discípulos. Como Lisias afirma no seu discurso, os Jogos Olímpicos assemelhavam-se a uma “parada da inteligência no lugar mais belo da Grécia”.

B – Zeus Olímpico



C – O carácter pan-helénico dos jogos

Hércules, meus senhores, é digno de memória por muitas e belas ações, e, em especial, por ter sido o primeiro a instituir este concurso, por benevolência para com a Hélade. Pois, até essa época, as cidades gregas viviam isoladas umas das outras. Mas, depois que ele acabou com as tiranias e dominou os insolentes, criou uma competição física, a rivalidade na opulência, e uma parada da inteligência no lugar mais belo da Grécia, a fim de que, por amor de todas essas manifestações, nos reuníssemos no mesmo sítio, para ver umas e ouvir outras. Entendia ele que esta reunião aqui seria o começo da amizade recíproca entre os Helenos.

Lísias - *Discurso em Olímpia*, 1, c. 380 a. C.

Reconstituição da famosa estátua criselafantina de Zeus Olímpico, executada por Fídias, cerca de 435 a. C. (em *Panorama del Mundo Clássico*, Blume).

A estátua causava admiração tanto pelo seu tamanho colossal como pela sua riqueza. O geógrafo grego Pausânias (c. 115–180 d. C.) deixou-nos dela a seguinte descrição: “O deus senta-se num trono e é feito de ouro e marfim. Tem na cabeça uma coroa de ramos de oliveira. Na mão direita, segura uma Vitória que, tal como a estátua, é feita de marfim e ouro [...] na mão esquerda empunha um cetro incrustado de toda a espécie de metais, no cimo do qual está uma águia. As sandálias são feitas de ouro, tal como as vestes. [...] O trono está decorado com ouro e pedras preciosas, já para não falar do ébano e marfim [...]”. Atribuíam-se à estátua dotes extraordinários, dizendo-nos os relatos escritos que podia mexer a cabeça, acenar com a mão e mesmo levantar-se. Famosa em todo o Mundo Antigo, a estátua de Zeus Olímpico integrou a lista das Sete Maravilhas que os viajantes não podiam deixar de visitar.



D – Os treinos e as provas



1. Lançamento do dardo e do disco, pormenor de um vaso ático de cerca de 515 a. C.

Queres concorrer aos Jogos Olímpicos. Eu também gostaria, por Zeus. Mas pensa primeiro [...]. É preciso sujeitar-se a uma disciplina rígida, seguir uma dieta, não comer doçarias, submeter-se, a horas certas, a um treino duro, quer faça calor, quer faça frio, não beber refrescos e abster-se do vinho. Além disso, é preciso confiar-se ao seu treinador como a um médico. Depois, durante a prova, o corpo cobre-se de poeira; arrisca-se a esfolar o pé ou a torcê-lo, a engolir muito pó ou, ainda, a ser derrubado. E depois de todos estes esforços, é bem possível que sejas vencido! Depois de teres ponderado tudo isso, se ainda o quiseses, atira-te aos treinos.

Epicteto, filósofo estoico do século I d. C. – *Manual*, XXIX

Provas

Equestres: carro de quatro cavalos (quadrigas), de dois cavalos (bigas) e cavalo de sela (*as corridas de carros eram a prova "aristocrática" dos jogos. Chegavam a juntar mais de 100 carros e exigiam grande perícia*)

Corrida:

- estádio (192,27 m), para homens (*corre-se na direção do templo de Zeus. O vencedor tem a honra de acender a chama do altar de Zeus e dá o seu nome à Olimpíada*)
- estádio, para rapazes
- "diaulos" (2 estádios)
- "dolichos" (*corrida de fundo, primeiro de 8, depois de 10, de 12 e de 24 estádios*)
- corrida revestida de armas (2 estádios)

Luta: para homens/para rapazes

Pugilato: para homens/para rapazes

Pancrácio: luta e pugilato combinados (*de "pankration", "poder total". É a competição mais violenta*)

Pentatlo: salto em comprimento, corrida, disco, dardo, luta

Questões pág. 57



2. Disco de bronze, século VI a. C.

O disco foi dedicado por Exoidas, atleta vencedor desta modalidade, a Castor e Polux, dois gémeos da mitologia grega, filhos de Zeus.

Os jogos eram uma forma de devoção tipicamente grega. O esforço dos atletas era considerado uma homenagem prestada aos deuses, que mostravam as suas preferências "escolhendo" o vencedor.

Os mais famosos de todos os festivais pan-helénicos eram os que se realizavam, de quatro em quatro anos, em honra de Zeus, no santuário de Olímpia (Doc. 11A). Eram, segundo a tradição, os mais antigos de todos, datando de 776 a. C., ano utilizado, mais tarde, para estabelecer o calendário grego. Na altura da sua realização proclamavam-se **tréguas sagradas** que interrompiam os conflitos locais em toda a Grécia.

Para além das **cerimónias religiosas** celebradas no templo de Zeus, eram as **provas desportivas** (Doc. 11B) que atraíam atletas e peregrinos. Apenas os homens e os adolescentes livres, de pura ascendência grega, podiam participar nas competições, o que se explica pelo carácter sagrado das festividades que exigiam aos atletas a comunhão dos mesmos valores cívicos e religiosos. Quanto aos espectadores, podiam ser bárbaros, escravos ou raparigas solteiras; mas as mulheres casadas nem sequer podiam entrar no recinto dos jogos. Para estas existiam festas, igualmente quadrienais, no templo de Hera.

O **prémio** atribuído aos vencedores resumia-se a uma coroa de ramos de oliveira brava. Era, porém, uma **coroa de glória**, já que as respetivas vitórias eram perpetuadas na poesia, na pintura e na escultura, o que os fazia ascender à categoria de heróis e usufruir de honras múltiplas aquando do regresso à sua cidade.

As celebrações pan-helénicas contribuíram muito para a união entre os gregos. Elas permitiam esquecer, por algum tempo, as desavenças entre as cidades e uniam os homens num mesmo sentimento de identidade nacional, de pertença a uma pátria comum.

Questões

- 1 Na mitologia grega, que lugar ocupa Zeus, a divindade à qual eram dedicados os Jogos Olímpicos?
- 2 Segundo Lísias, que papel desempenhavam estes jogos, no mundo grego (DOC. 18C)?
- 3 Apoiando-se na descrição de Epicteto, indique duas qualidades requeridas aos atletas participantes (DOC. 18D).
- 4 Refira três semelhanças e três diferenças entre os Jogos Olímpicos antigos e os Jogos Olímpicos atuais.

Logo que a criança começa a compreender o que lhe dizem, a ama, a mãe, o pedagogo e até o próprio pai se esforçam por que ela se torne o mais perfeita possível. A cada ação ou palavra lhe ensinam ou apontam o que é justo e o que não é, que isto é belo e aquilo vergonhoso, que uma coisa é piedosa e outra ímpia, e “faz isto”, “não faças aquilo”.

[...] Depois, mandam-na à escola. [...] Os mestres, [...] depois de elas aprenderem as letras e serem capazes de compreender o que se escreve, põem-nas a ler nas bancadas as obras dos grandes poetas e obrigam-nas a decorar esses poemas, nos quais se encontram muitas exortações, e também muitas digressões, elogios e encômios da valentia dos antigos, a fim de que a criança se encha de emulação, os imite e se esforce por ser igual a eles.

Os mestres de cítara, por sua vez, fazem outro tanto,

cuidando do bom senso e de evitar que os jovens procedam mal. Além disso, depois de saberem tocar, aprendem as obras dos grandes poetas líricos, que executam na cítara. Assim, obrigam os ritmos e harmonias a penetrar na alma das crianças, de molde a civilizá-las e, tornando-as mais sensíveis ao ritmo e à harmonia, adestram-nas na palavra e na ação. [...]

Além disso, ainda se mandam as crianças ao pedotriba, a fim de possuírem melhores condições físicas, para poderem servir a um espírito são, e não serem forçadas à covardia, por fraqueza corpórea, quer na guerra, quer noutras atividades. Assim fazem os que têm mais posses. [...]

Depois de estarem livres da escola, o Estado, por sua vez, obriga-as a aprender as leis e a viver de acordo com elas.

Platão, filósofo ateniense (427-347 a. C.) - *Protágoras*, c. 380 a. C.

Questões pág. 59

1.2.2 A educação para o exercício público do poder

Numa sociedade aberta, onde cada um vale por si próprio, todo o cuidado é pouco quando se trata de ensinar os jovens. É necessário que se convertam em homens cultos, corajosos, sensíveis ao belo e, sobretudo, empenhados na vida política da cidade.

Até aos 7 anos, as crianças eram educadas pela mãe, no gineceu. A partir daí eram orientadas para os papéis que, mais tarde, deveriam assumir na sociedade: as raparigas ficavam em casa, onde aprendiam todos os labores que competiam à mulher; os rapazes iam à escola e preparavam-se para serem cidadãos.

Em Atenas, o Estado pouco ou nada interferia na educação dos jovens, deixando-a ao critério dos pais. Recomendava, no entanto, que aprendessem a nadar (conhecimento precioso para um povo de marinheiros), a ler e a escrever e que praticassem exercícios físicos. Os mais pobres contentar-se-iam, certamente, com estes conhecimentos, ou até menos, mas todos os que o podiam fazer seguiam um programa de estudos bastante mais alargado.

Embora tenha sofrido algumas alterações ao longo do tempo, o currículo compreendia basicamente a aprendizagem da **leitura**, da **escrita** e da **aritmética**. Logo que dominavam estes conhecimentos, o *gramático*, mestre de ler e escrever, iniciava os seus alunos nos **poemas de Homero**¹ e de **Hesíodo**, que deviam recitar de cor. A recitação tinha duas finalidades: a primeira era que as façanhas dos heróis servissem de exemplo aos jovens, ensinando-lhes a coragem e a honra; a segunda era que a harmonia e o ritmo dos poemas penetrassem na alma do aluno, tornando-o num apreciador das coisas belas. A poesia era sempre acompanhada de **música**, ensinada pelo mestre de cítara (Doc. 19).



Cena escolar, pormenor de um vaso ático de cerca de 480 a. C.

Um jovem recebe lições de aulos (flauta) e de escrita, sob o olhar atento de um adulto, talvez o pedagogo. A flauta, a lira (que aqui se representa pendurada na parede) e a cítara eram os instrumentos mais apreciados pelos Antigos Gregos.

¹ Relembra a legenda da imagem do doc. 15.



Dois jovens exercitam-se na luta, pormenor da base de uma estátua funerária ateniense de 510 a. C.

Para além das que integravam os ginásios, existiam palestras independentes, construídas a expensas do Estado ou por iniciativa de particulares. Em qualquer dos casos, os alunos deviam pagar ao pedotribe que, para além da preparação física geral, os exercitava nas diversas modalidades. Estas, dado o prestígio dos jogos, revestiam-se quase sempre de um carácter competitivo.

Os que praticam exclusivamente a ginástica acabam por ficar mais grosseiros do que convém e os que se dedicam apenas à música¹ tornam-se mais moles do que lhes ficaria bem.

Platão, *A República* ~ c. 360 a. C.

¹ Inclui a literatura.

Questões pág. 59

Questões

1 Discrimine:

- as “disciplinas” contempladas no currículo ateniense;
- os valores que se pretende inculcar nos jovens (DOC. 19).

2 Explique o último parágrafo do texto (DOC. 19).

3 Comente as palavras de Platão: qual será, para este filósofo, a educação ideal (DOC. 20)?

Os jovens mais abastados eram seguidos, nos seus estudos, por um **pedagogo**, normalmente um escravo culto que os acompanhava às lições e vigiava os trabalhos escolares.

A educação intelectual era complementada com a preparação física, a cargo do pedotribe. Exercitar o corpo era considerado tão necessário como desenvolver a mente. É que o cidadão tinha um serviço militar a cumprir, como sabemos, e deveria estar pronto para defender a sua pólis sempre que necessário. Para além disso, era claro para os Gregos que um espírito sã só se consegue com um corpo igualmente saudável e que o desenvolvimento integral do indivíduo não pode desprezar nenhum destes dois aspectos (Doc. 20).

A preparação física continuava, a partir dos 15 anos, em escolas próprias, os **ginásios** (de *gymnos* – nu), onde era praticada em recintos apropriados – as **palestras** (de *palé* – luta).

Embora o seu nome aponte para o exercício físico, nos **ginásios ensinava-se também Matemática e Filosofia**, isto é, a “procura da sabedoria” em domínios muito amplos como a ciência, a moral, a religião e a governação política. Um dos ginásios mais famosos foi o que Platão instalou num pequeno bosque de Atenas, dedicado ao lendário herói Academo. Chamou-se, por isso, Academia. Mais tarde, o seu discípulo Aristóteles escolhe o Lykeion, zona de passeio dos atenienses, para aí instalar a sua própria escola – o Liceu.

A **educação do cidadão completava-se**, depois, no **exercício da vida cívica**, através da participação nas assembleias, do exercício das magistraturas ou de animadas discussões na ágora. No entanto, caso pretendessem aperfeiçoar a arte do discurso e da argumentação, os atenienses podiam sempre fazê-lo junto de um mestre conceituado pelos seus dotes de eloquência. Tal como acontece hoje, o dom da palavra era essencial para brilhar na política.

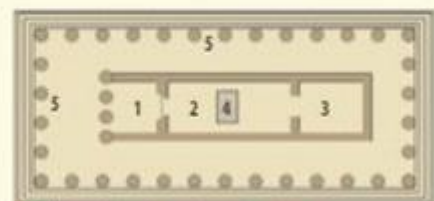


1. Templo da Concórdia em Agrigento, Sicília, século V a. C.

Erigido pela cidade grega de Akragas (atual Agrigento), o Templo da Concórdia chegou aos nossos dias notavelmente preservado, em grande parte devido ao facto de ter sido convertido, no século XV, numa basílica cristã. É considerado um dos mais belos e proporcionados templos do mundo grego.



2. Reconstituição ideal de um templo dórico. De uma grande simplicidade de linhas, os templos eram pintados com cores fortes, que o tempo desvaneceu.



3. Planta-tipo de um templo grego

- ① Pronaos; ② Naos; ③ Opistódomo (Sala do Tesouro); ④ Estátua da divindade; ⑤ Colunada.

1.2.3 A arquitetura e a escultura, expressão do culto público e da procura da harmonia



A arquitetura

A arquitetura grega é essencialmente uma **arquitetura religiosa**. Embora construíssem casas, edifícios públicos ou muralhas, os Gregos reservavam para os templos os projetos mais minuciosos e os materiais mais ricos, geralmente o mármore. Apesar de se encontrarem em ruínas, os templos gregos continuam a transmitir, a quem os vê, a **proporção** e a **harmonia** que, segundo o espírito clássico, **distinguiam as coisas belas**.

O que primeiro nos chama a atenção nos templos é a singeleza das suas linhas. Os Gregos não desconheciam o arco mas, nos seus edifícios, raramente utilizaram linhas curvas. Construíram a partir do sistema trilito(1), isto é, dois suportes verticais (as colunas) unidos por uma laje horizontal (a arquitrave). Esta **base construtiva, extremamente racional**, dá aos templos uma grande **simplicidade**, embora saibamos que eles eram pensados até ao mais ínfimo pormenor (Doc. 21).

A vontade de construir obras perfeitas levou à criação de **ordens arquitetónicas**, que definiam com rigor matemático as medidas de cada um dos elementos do edifício. Distinguem-se três ordens: a **dórica**, mais antiga e mais sóbria, a **jónica**, mais leve e graciosa, e a **coríntia**, pouco utilizada, que não é mais do que uma variante da ordem jónica (Doc. 22).

1 De três (tri) elementos de pedra (litos).



4. O sistema trilito.

Os blocos de pedra eram içados com a ajuda de um guindaste, presos por cordas encaixadas nos sulcos que se abriam na própria pedra.

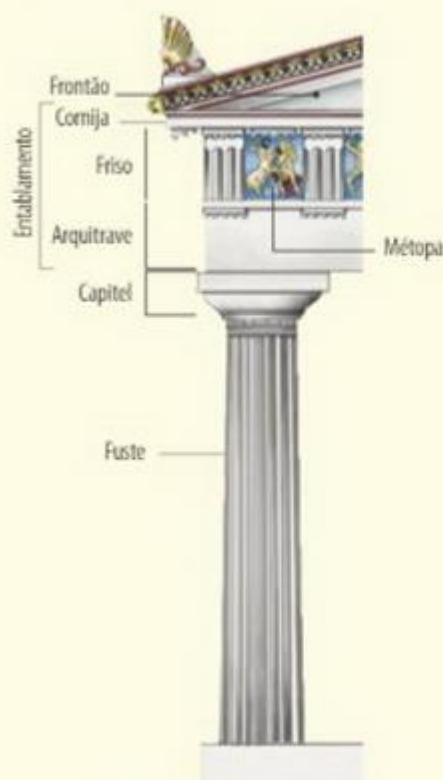
Questões págs. 62 e 63

Conceitos

Ordem arquitetónica — Conjunto de regras que definiam as medidas ideais do templo e de cada um dos elementos da construção. A ordem utilizada determinava também os elementos decorativos do edifício, como o tipo de estrias do fuste, a forma do capitel ou a decoração do friso.



A – A ordem dórica



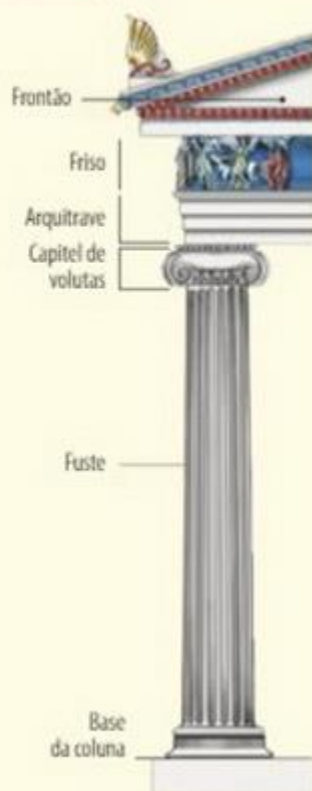
1. Esquema da ordem dórica



2. Pormenor de uma coluna do Templo de Egina, séculos VI-V a. C.

A ordem dórica é mais robusta e sóbria. A coluna não tem base, o fuste tem caneluras de aresta viva e termina num capitel com moldura simples. A arquitrave é lisa e no friso alternam triglifos e metopas.

B – A ordem jônica



1. Esquema da ordem jónica



2. Fragmento de uma coluna da *stoa* dos Atenien-
ses, no Santuário de Apolo, em Delfos, século V a. C.
— reconstituição e estado atual.

A ordem jônica é mais elegante e leve. A coluna tem base, as estrias do fuste são arredondadas e o capitel desenvolve-se em graciosas volutas. A arquitrave divide-se em três faixas ligeiramente salientes e o friso recebe uma decoração contínua.

C – A ordem corintia

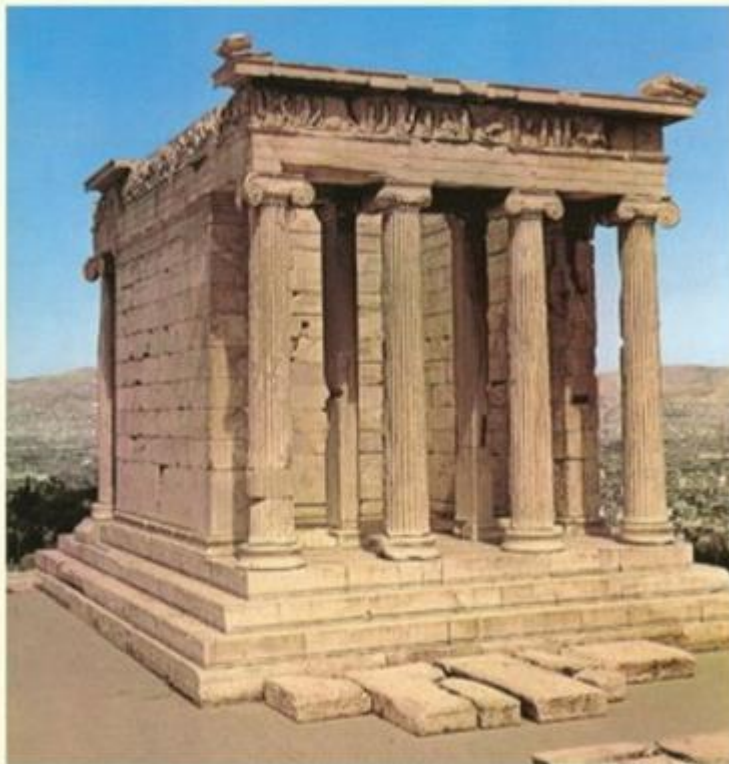


1. Esquema da ordem coríntia



2. Coluna (truncada) do Santuário de Asclépio, em Epidauro, século IV a. C.

Muito semelhante à ordem jônica, a ordem coríntia distingue-se pelo capitel profusamente decorado com folhas de acanto. Foi utilizada sobretudo no período helenístico (entre 323 a. C. e 30 a. C.) e durante o período romano.



1. **Templo de Atena Nikē** (Atena, deusa da Vitória), construído entre 427 e 420 a. C.

Arasada durante as Guerras Persas, a Acrópole de Atenas foi reconstruída pelos mais destacados artistas de toda a Grécia. Daí resultou um conjunto monumental único pela sua beleza, de que se destacam o Pártenon, o Erectéion e o pequeno santuário de Atena Nikè.

O templo de Atena Niké, obra de Calícrates, impressiona pela sua delicadeza e pelo belo friso escultórico, cujo tema, ao contrário do que era vulgar, não alude a episódios mitológicos mas sim à vitória dos Gregos sobre os Persas, na Batalha de Plateias, em 479 a. C.

Último edifício construído na Acrópole antes do fim do século V, o Erectéon marca o local onde, de acordo com a tradição, Atena e Posídon teriam disputado a proteção do local. A contenda foi resolvida com a oferta, à cidade, de valiosos presentes: Posídon fez brotar de uma rocha a água do mar (símbolo do poderio marítimo da cidade), mas Atena fez nascer uma oliveira, que representa a paz e a prosperidade. Considerada mais valiosa, a dádiva da deusa foi honrada pelos Atenienses no recinto contíguo ao edifício, onde ainda hoje se mantém uma oliveira (à esquerda). Da planta irregular do templo (que se justifica por albergar espaços dedicados a vários cultos) destaca-se a célebre varanda das Cariátides em que as colunas foram substituídas por seis esculturas femininas.



2. **Erectéion** (vista de sudoeste), construído entre 421 e 406 a. C.

Questões pág. 62 e 63

As três ordens distinguem-se rapidamente pelas colunas de capitéis diferenciados, bem como pelo tratamento dado à **arquitrave** e ao **friso** (fig. 22).

A cobertura dos templos fazia-se com um telhado de duas águas, o que criava, nos lados mais pequenos, um triângulo de suporte, o **frontão**. Os artistas valorizavam este espaço, adornando-o com **magníficas esculturas**. Outros espaços livres, como o friso, eram também decorados (Docs. 21 a 24).

A função dos templos era, sobretudo, abrigar a estátua da divindade. visto que as cerimônias religiosas se processavam num altar exterior, situado ao lado do edifício. Por isso, a sua **planta era muito simples**, normalmente retangular, compreendendo uma antecâmara (*pronaos*), uma sala grande onde era colocada a estátua, a *naos* ou *cella*, e uma outra mais

Questões

- 1 Indique os elementos arquitetônicos que, no templo grego, correspondem a linhas horizontais (DOCS. 21 a 23).
- 2 A que figura geométrica corresponde o frontão (DOCS. 21 e 22)?
- 3 Que elementos compõem uma coluna (DOCS. 21 a 23)?
- 4 Onde se insere a decoração escultórica do friso dórico (DOC. 22)?
- 5 O que diferencia a arquitrave jônica (DOC. 22)?
- 6 Que aspecto distingue melhor as ordens jônica e coríntia (DOC. 22)?



1. Frontão ocidental do templo de Zeus, em Olímpia.

O grupo escultórico do frontão ocidental do templo de Zeus em Olímpia (cerca de 450 a. C.), de autor desconhecido, representa a luta dos Centauros com os Lápitais: os Centauros, convidados para o casamento do rei dos Lápitais (povo lendário que teria vivido no Norte da Grécia), não honraram a hospitalidade que lhes fora oferecida e, ébrios, atacaram as mulheres dos seus anfitriões. Depois de uma luta violenta, foram vencidos e expulsos pelos Lápitais. No frontão, ao centro, Apolo ergue o braço designando os vencedores da contenda. Batalhas míticas como esta repetiam-se em numerosos templos, pois os Gregos consideravam-nas um exemplo de como a força bruta não consegue vencer a razão e os seres civilizados.



2. As lápitais do ângulo esquerdo do mesmo frontão do templo de Olímpia.

A decoração dos frontões era composta por esculturas independentes umas das outras e totalmente acabadas, embora a parte de trás nunca mais se visse. Os frisos recebiam relevos e, no caso das métopas, representavam cada uma cenas distintas, embora interligadas. No friso do templo de Olímpia, glorifica-se Hércules, o fundador dos Jogos, lembrando os "doze trabalhos" que o herói teve que executar. A métopa apresentada (Fig. 3) alude ao roubo das maçãs de ouro do jardim das Hespérides, ninfas que habitavam no extremo ocidental do Mundo. Nesta versão, Hércules pede ao titã Atlas, que segurava o céu sobre os seus ombros, que roube as maçãs em seu lugar, substituindo-o até à sua volta. À esquerda, Atena, protetora de Hércules, ajuda-o a segurar o céu.



3. Métopa 47, do templo de Zeus em Olímpia, decorada com o 11.º trabalho de Hércules.



4. Cena do friso jónico do Tesouro dos Sifnos, em Delfos (século VI a. C.), onde se recria a vitória dos deuses sobre os gigantes, outra das batalhas míticas mais frequentemente representadas.

Questões págs. 62 e 63

- 7** Em que local da acrópole se situam o templo de Atena Niké e o Erecteion (DOC. 23)? Nota: Recorra também ao DOC. 48.
- 8** Como avalia o efeito estético das cariátides? Fundamente (DOC. 23).
- 9** De que forma se adaptam as esculturas à superfície do frontão (DOC. 24)?
- 10** Quais os temas mais frequentemente representados na decoração dos templos (DOC. 24)?

pequena, onde se guardavam as oferendas (*opistódomo*) (DOC. 21). Havia também construções circulares, os *tholos*, mas eram raras e constituíam uma exceção.

Nestes edifícios, concebidos para serem vistos do exterior, sobressaíam as majestosas colunas que, nas construções mais importantes, rodeavam os quatro lados. Os templos mais pequenos podiam ter colunas apenas no lado em que se fazia a entrada.

O facto de partirem de regras e proporções predeterminadas deu aos arquitetos a possibilidade de se concentrarem nos pormenores. São hoje conhecidas e admiradas as correções óticas – *entasis* – introduzidas nas linhas direitas dos templos, de forma a conferirem-lhes uma perfeita simetria. Este artifício foi brilhantemente utilizado no Pártenon, a obra-prima da arquitetura grega (Dossiê).



Cópia romana do original em bronze

1. Policleto, *O Dorifero* (c. 450 a. C.).

Os Gregos procuraram incessantemente a perfeição e as suas obras de arte moldaram, em grande parte, o sentido de beleza da civilização ocidental. Pensa-se que o jovem portador da lança (dorifero), esculpido por Policleto, corresponde às proporções ideais que o seu autor descreveu em *O Cónone*. A medida-base seria o dedo e a cabeça representaria um sétimo da altura total do corpo.



2. Cabeça de Hera, atribuída à escola de Policleto (c. 420 a. C.).

Pertencia a uma estátua da deusa existente no santuário de Argos, que lhe era dedicado. Para os Gregos, o rosto belo era sereno, quase inexpressivo. Uma das características mais comuns do rosto é o "nariz grego", isto é, o nariz que prolonga a linha da testa.



Trabalho de Ana Filipa

Museu de Arte

Quando copiases tipos de beleza ser-te-á tão difícil encontrares um modelo perfeito que terás de combinar os detalhes mais perfeitos de vários modelos e só assim alcançarás a beleza do conjunto.

Xenofonte (430-355 a. C.) - *Memórias*

A beleza está, não na proporção dos elementos, mas sim na das partes, isto é, do dedo para o dedo, e de todos os dedos para a palma da mão, e destes em relação ao antebraço, e do antebraço em relação ao braço, e de todas as partes em relação a cada uma delas.

Policleto (c. 480-420 a. C.) - *O Cónone*

Questões pág. 67

A escultura



Pensavam os Gregos que os deuses eram semelhantes ao Homem. Embora imortais e dotados de poderes extraordinários, partilhavam com os humanos o raciocínio, os sentimentos e a aparência física.

Honrados com as mais belas construções da Grécia, os deuses eram-no também com as mais belas estátuas. Para os representar, o escultor esforçava-se por encontrar o **corpo perfeito** que, naturalmente, só podia ser obtido pela conjugação de elementos retirados de diversos modelos: o nariz bem delineado de um, a boca carnuda de outro, o ventre liso de um terceiro (Doc. 25).

Esta procura da beleza física ideal estava bem de acordo com o **espírito grego**, que sempre valorizou o corpo humano e **sempre buscou a perfeição**. Por isso, encontramos-la praticamente em todas as obras escultóricas, quer representem deuses, jovens atletas ou personalidades insígnies da política ou da cultura.

Embora, no último caso, se respeitassem os traços fisionómicos do retratado, procurava-se sempre retocar-lhe as imperfeições e dar ao rosto uma



1. Kuros de Anavyssos (século VI a. C.).
O corpo masculino na plenitude da sua força e juventude é o motivo escultórico mais marcante da arte grega. Neste caso trata-se de um jovem guerreiro, morto em combate, como nos revela a inscrição da base da estátua: "Fica triste e em pé, junto à estela do falecido Kroisos, lutador da vanguarda a quem o violento Ares arrebatou".

Cópia em mármore



2. Miron, O Discóbolo (c. 450 a. C.).
O Discóbolo representa a escultura grega do período clássico em toda a sua pujança. Miron foi o grande mestre do movimento, que conseguiu expressar sem romper a maravilhosa proporção e o equilíbrio da estátua. Segundo o historiador de Arte Germain Bazin, "Miron, no seu famoso Discóbolo, realiza o cânone do movimento do mesmo modo que Policleto, no seu Dorífero, tinha expressado o cânone do repouso".

Cópia em mármore original em bronze

Questões pág. 67

expressão serena e contemplativa. Por tudo isto, dizemos que a **escultura grega é idealista**.

Este **idealismo escultórico** conduziu os artistas à procura da fórmula exata da beleza. Encontraram-na, à semelhança do que aconteceu na arquitetura, no rigor das proporções. Foi **Policleto** quem as definiu, estabelecendo o **cânone**, que aplicou na execução das suas obras, nomeadamente no **Dorífero** (Doc. 25), escultura muito apreciada pelos contemporâneos, que tinham Policleto em grande conta.

O jovem dorífero (portador da lança) de Policleto apresenta-se tal como os atletas concorriam aos jogos: **nu**. Esta forma de representar o corpo masculino iniciou-se na **época arcaica** (séculos VII-VI a. C.), com os famosos **kuroi** (rapazes). Dos **kuroi**, ainda muito influenciados pela rigidez da arte egípcia, os escultores clássicos evoluíram para **obras-primas de naturalidade e movimento**, como é o caso do **Discóbolo** de **Miron** (490-430 a. C.) (Doc. 26).

De todos os escultores, **Fídias** (490-431 a. C.) é aquele que mais se identifica com o apogeu da arte grega. Chamado por Péricles para dirigir os trabalhos da Acrópole, **concebeu toda a decoração escultórica do Pártenon** (Doc. 28) e é,

Cópia romana do original em bronze



1. Cefisódoto, *Irene e Pluto*, c. 375 a. C.

Mestre de um conceituado ateliê ateniense, Cefisódoto foi, segundo a maioria dos historiadores, o pai de Praxíteles e o seu orientador artístico. *Irene e Pluto* (a personificação da Paz e da Riqueza) é o seu trabalho mais famoso. O original, em bronze, destinou-se à ágora de Atenas, onde foi colocado para comemorar a vitória da cidade sobre a sua rival, Esparta, em 376 a. C.. Herdeiros do conceito de beleza criado por Fídias, os escultores das gerações seguintes trabalharam com delicadeza e mestria os panejamentos do vestuário feminino.

Cópia romana



2. Praxíteles, *Afrodite de Cnido* (antes de 350 a. C.)

Praxíteles tornou-se famoso no mundo antigo por, contrariando costumes e convenções, ter esculpido uma estátua feminina inteiramente nua. Justificada pelo jarro de água que se encontra a seu lado (Afródite prepara-se para o banho), a nudez da deusa ecoou por toda a Grécia inspirando uma série de poemas, num dos quais a própria Afródite perguntava: Quando me viu Praxíteles nua? A estátua foi encomendada pela cidade de Cnido para o santuário da deusa e, segundo Plínio, o Velho, atraía numerosos viajantes, que ocorriam a contemplá-la. Talvez por isso Cnido tenha recusado as mais tentadoras ofertas para a sua venda, uma das quais lhe propunha o pagamento das muitas dívidas que contrairia.

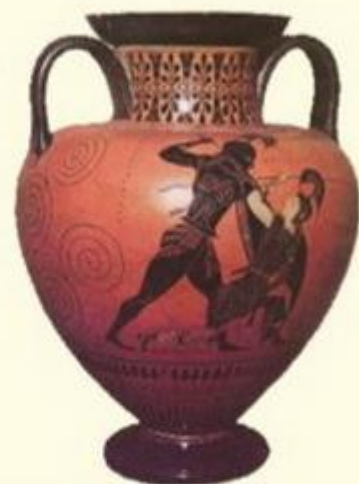


Reconstituição do Santuário de Afrodite, em Cnido, onde se venerava a estátua da deusa, patrona do amor e da beleza.

em grande parte, responsável pela glória deste templo. Fídias realizou também a estátua criselefantina¹ de Atena, cuja fama ultrapassou as fronteiras da Grécia (Dossier). Mais tarde, o escultor fixou-se em Olímpia, onde dedicou vários anos a realizar, nos mesmos materiais, a estátua colossal de Zeus, destinada ao santuário. A estátua de Zeus foi considerada, por aqueles que a viram, uma das sete maravilhas do Mundo.²

O estilo de Fídias fez escola por mais de uma geração de artistas, que o imitaram, sobretudo na forma como reproduzia a leveza do vestuário feminino. Só no século seguinte, Praxíteles (c. 395-330 a. C.) teve a ousadia de representar, completamente nu, um corpo de mulher, numa famosa estátua de Afródite (Doc. 27).

A maior parte das estátuas gregas não chegou até nós, ou porque os seus materiais preciosos incitavam ao roubo, ou porque os séculos não respeitaram a sua fragilidade. Felizmente, os Romanos fizeram abundantes cópias, embora, na sua maior parte, de inferior qualidade. As cópias são



Hydria (c. de 530 a. C.) — Aquiles combate Penthesileia, rainha das Amazonas.

Questões pág. 67

¹ Criselefantina — de ouro e marfim.

² Reveja o documento 18.



1. Guerreiro de Riace, autor desconhecido, c. 450 a. C.

Em Riace, na Calábria, foram descobertos dois magníficos bronzes de reis ou guerreiros, que se encontram hoje no Museu Nacional de Reggio Calabria. Sem que saibamos o nome do artista que os executou, as duas esculturas impressionam pelo rigor anatômico e pela altíssima qualidade da fundição. Para acentuar a expressividade do rosto, os olhos foram realçados com marfim e pasta vítrea, os dentes executados em prata e os lábios em cobre, tal como os mamilos. Originalmente, empunhavam armas, também de prata.



2. Hermes e Dioniso, de Praxíteles (c. 350 a. C.).

Praxíteles introduziu uma nova delicadeza e sensualidade na escultura grega. Uma das suas mais belas esculturas é o grupo de Hermes e Dioniso, descoberto em 1877, no templo de Hera, em Olímpia. Hermes mostraria a este Dioniso ainda criança um cacho de uvas, a fim de atrair a sua atenção.

Questões pág. 67

Questões

- De acordo com os textos do DOC. 25, que caminhos deve seguir o artista para encontrar a beleza?
- Por que razão se fala em *idealismo* quando nos referimos à escultura grega (DOC. 25)?
- Compare o *kuros* de Ananyssos com o *Discóbolo*: que características são comuns às duas estátuas? Que elementos contribuem para a rigidez do *kuros*? Como é conseguida a sensação de movimento do *Discóbolo* (DOC. 26)?
- Sendo a Afrodite e o Hermes obras do mesmo autor, que elementos comuns apresentam (DOCS. 27 e 28)?
- Descreva o rosto das esculturas reproduzidas (DOCS. 25 a 28).
- Das esculturas que acabou de analisar, qual lhe agrada mais? Porquê?

todas de mármore, sem, no entanto, terem sido revestidas da **policromia** que os Gregos sobrepunham a este material.

Na verdade, toda a obra escultórica sobre mármore, quer se tratasse de uma estátua, de um relevo ou simplesmente da decoração geométrica de uma coluna, era, na Grécia, avivada com **pintura de cores variadas**, destinada a realçar o desenho ou a dar maior realismo às figuras. Vestuário, olhos, lábios e até a carnção eram completados com uma camada de tinta que escondia completamente a brancura do mármore.

As estátuas de bronze eram simplesmente polidas e incrustadas, nos olhos, pedras coloridas. Os lábios e os mamilos eram realçados com cobre vermelho e chegavam a ter pestanas, feitas de arame.

Estes acabamentos contribuíram para unir a arte da escultura e da pintura, normalmente separadas. Embora não tenham chegado até nós as grandes obras da **pintura grega**, podemos avaliá-la pelos **vasos de cerâmica**, destinados à vida de todos os dias. Em Atenas, todo um bairro se chamava "o cerâmico" e aí se produziam **autênticas obras de arte**, que eram exportadas para o mundo mediterrânico. Ao olharmos a cerâmica grega, seja uma simples taça de vinho ou um vaso funerário, torna-se clara a velha máxima que diz que, para os Gregos, *até as coisas úteis tinham de ser belas!*

O Pártenon

Terminadas as Guerras Persas (449 a. C.), Péricles propôs à Eclésia a remodelação da acrópole, destruída no saque da cidade. O edifício central foi o templo a Atena Partenos (Atena Donzela), que deveria ser suficientemente grande para albergar uma estátua magnífica da deusa, esculpida em ouro e marfim.

FOTOGRAFIA: J. P. O. T. / ALBUM

DOC. A Péricles reconstrói a acrópole

Mas o que mais favoreceu Atenas, o que mais contribuiu para o seu embelezamento, o que sobretudo provocou a admiração de todos os outros povos [...] foi a magnificência dos edifícios públicos com os quais Péricles dotou a cidade. [...] Esses edifícios eram de uma enorme grandiosidade e de uma beleza e elegância inimitáveis. Todos os que neles colaboraram fizeram questão de ultrapassar a excelência do desenho com a perfeição do seu trabalho. [...]

Todos estes edifícios foram dirigidos por Fídias, que assumiu sozinho a supervisão das obras. Porém, os Atenienses tinham, então, grandes arquitetos e hábeis artistas. Calícrates e Íctinos construíram o Pártenon também chamado *Hecatompèdon*¹.

Plutarco, historiador grego-romano (50-125 d. C.) - *Vida de Péricles*

¹ *Hecatompèdon* - com 100 pés. Pensa-se que a medida de 100 pés gregos se referia à largura da fachada do templo (31 m).

DOC. B Um símbolo de perfeição



1. O Pártenon tal como se encontra na atualidade. Considerado o monumento mais importante da arquitetura grega, foi construído entre 448 e 437 a. C.



2. Réplica do Pártenon construída em Nashville, nos Estados Unidos (séculos XIX-XX). Crê-se que reproduz as dimensões do edifício original com uma margem de erro de apenas 3 mm.



3. As proporções do edifício.



Esquema do templo tal como foi construído.



O templo tal como o veríamos, se a distorção ótica não tivesse sido corrigida.

4. A entasis (correção ótica).



Esquema de uma coluna.

No Pártenon, tudo está calculado para dar uma imagem de perfeição. O comprimento do templo é um pouco mais do dobro da largura, numa proporção de 9:4, relação que se mantém entre diversos elementos dos alçados (Figura 3). Este refinamento arquitetónico culmina na entasis, ligeiras curvaturas das linhas verticais e horizontais do templo (representadas, nas gravuras, de forma exagerada), que corrigem as distorções óticas. O mesmo tratamento foi aplicado às colunas que são ligeiramente abauladas, para que pareçam direitas.

DOC. C As esculturas do frontão

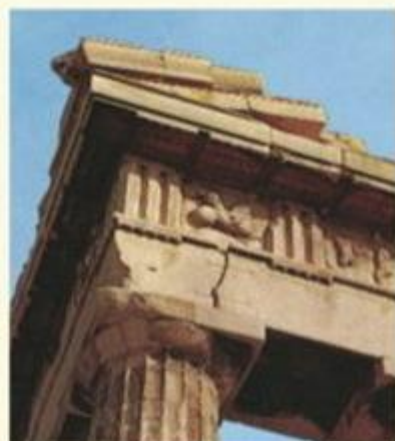


Três figuras do frontão oriental, obra de Fídias, atualmente no Museu Britânico, Londres.

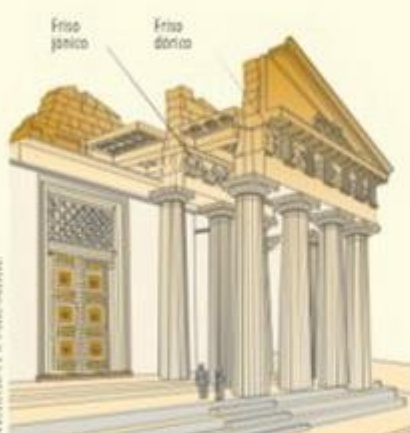
DOC. E Os frisos



1. Reconstituição do canto noroeste do entablamento. O Pártenon possuía 92 métopas esculpidas com cenas de batalhas miticas.



2. Estado atual do mesmo canto do entablamento.



3. Diagrama que mostra a posição dos dois frisos do templo: o exterior dórico, e o friso interior, jônico, que representa a procissão das Panatenéias (veja o Doc. 16). O Pártenon é o único templo dórico que integra elementos decorativos da ordem jônica.

DOC. D A estátua de Atena

Atena Partenos (c. 437 a. C.).

Tal como a estátua de Zeus Olímpico, perdeu-se também a suntuosa escultura de Atena que Fídias realizou para o Pártenon. Revestida de ouro e marfim (cri-selefantina), dela restam apenas as descrições dos autores antigos e esta reduzida cópia romana, realizada em mármore.



ANÁLISE DOS DOCUMENTOS

1. Relativamente ao Doc. A e tendo em conta os conhecimentos que já adquiriu, esclareça: quem foi Péricles; a que edifícios, para além do Pártenon, se refere Plutarco (indique pelo menos dois).
2. Selecione, do mesmo texto, duas frases que expressem a admiração do autor pelas obras realizadas.
3. Reportando-se ao Doc. B, apresente: uma prova da admiração de que o Pártenon é alvo; uma razão que justifique essa admiração.
4. Refira o papel desempenhado por Fídias na construção do templo [Docs. A, C, D e E].
5. Do grupo escultórico do frontão [Doc. C], que pormenor acha mais bem conseguido? Justifique.
6. Qual a diferença entre um friso dórico e um friso jônico [Doc. E]?
7. Esclareça a seguinte afirmação: *Tendo em conta a divindade à qual era dedicado e a procissão representada no friso interior, o Pártenon ilustra bem a importância dada pelos Gregos ao culto cívico.*

SÍNTESE

8. Com os conhecimentos que acabou de adquirir, elabore 8 a 10 tópicos sobre este magnífico templo.

1

Unidade

0 modelo ateniense

Um mundo politicamente dividido

- Embora unida pela mesma língua, uma só cultura e devoção aos mesmos deuses, a **Grécia Antiga nunca conheceu unidade política**. Bem pelo contrário. Muitas vezes rivais entre si, as cidades gregas constituíram-se em pequenos estados independentes, a que os Helenos chamavam **pólis**.
- Cada **pólis (ou cidade-estado)** tinha o seu território, as suas leis, o seu governo e o seu corpo cívico (conjunto de cidadãos).
- O coração da vida de pólis era a grande **praça pública** da cidade – a **ágora**. Na ágora ficavam os principais edifícios administrativos, organizava-se o mercado, encontravam-se e conviviam os cidadãos.
- De entre todas as cidades-estado da Grécia destacou-se **Atenas**, tanto pelo seu brilhantismo cultural como por ter sido o **berço da democracia**.

A democracia ateniense

- No século V a. C., depois de uma longa luta pela igualdade de direitos, os **Atenienses implantaram uma democracia**, isto é, um regime político em que o poder pertence ao povo.
- Esta forma de governo baseava-se na **igualdade entre os cidadãos**; todos eram iguais perante a lei (isonomia); todos tinham igual direito de participar na administração da cidade (isocracia); todos podiam usar a palavra para exprimir as suas opiniões (isegoria).
- A democracia antiga era uma **democracia direta**, isto é, os cidadãos ocupavam-se eles próprios, sem intermediários políticos, do governo da pólis: votavam as leis, encarregavam-se dos assuntos correntes, julgavam os delitos. Organizar o culto aos deuses e defender a cidade-estado eram também deveres dos cidadãos.
- Porém, só a um pequeno grupo de habitantes da pólis era reconhecido o estatuto de **cidadão**. Muitos (mulheres e metecos) viam-se privados de direitos políticos ou até, como era o caso dos escravos, de quaisquer direitos.

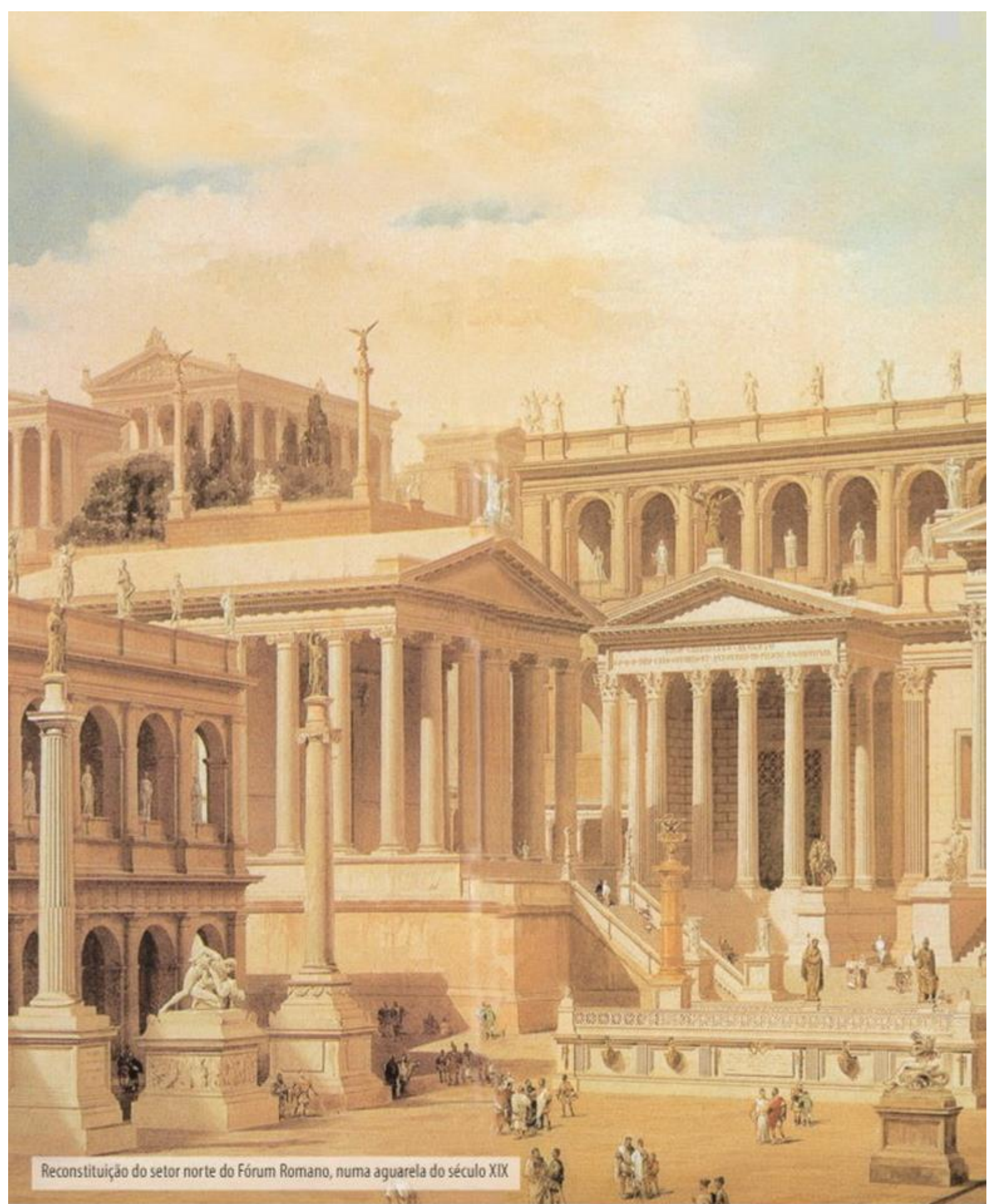
Uma cultura ligada à cidade

- Para que pudessem, mais tarde, **cumprir as muitas funções que cabiam aos cidadãos**, os Atenienses esforçavam-se por dar aos seus filhos uma **educação esmerada**. A educação do jovem ateniense aliava os conhecimentos intelectuais e a prática desportiva.
- Profundamente religiosos, os Gregos empenharam-se em venerar devidamente os deuses protetores da pólis, organizando, em sua honra, grandes **festas cívico-religiosas**. Estas festas podiam ter um carácter local ou um carácter pan-helénico, isto é, atrair participantes de toda a Grécia. Os jogos em Olímpia ou as Grandes Panateneias, em Atenas, são exemplos de manifestações pan-helénicas.

- A obrigação de venerar os deuses contribuiu para dotar as cidades de templos majestosos.
- Procurando a perfeição em tudo o que realizavam, os Gregos construíram segundo **esquemas fixos – as ordens** – que garantiam a harmonia do edifício.
- Distinguem-se **três ordens arquitetônicas**: a dórica, a jônica e a coríntia, com proporções e elementos decorativos diferenciados.
- A busca da perfeição fez-se também notar na **escultura**: deuses, heróis ou atletas foram representados segundo cânones (regras) de **beleza ideal** e com uma mestria ainda hoje inultrapassada.

Síntese esquemática





Reconstituição do setor norte do Fórum Romano, numa aguarela do século XIX

Fundação
lendaria de
Roma
(753)

Domínio etrusco
(600 a. C. - 500 a. C.)

Lei das XII Tábuas
(450)

Monarquia

República

750 a. C.

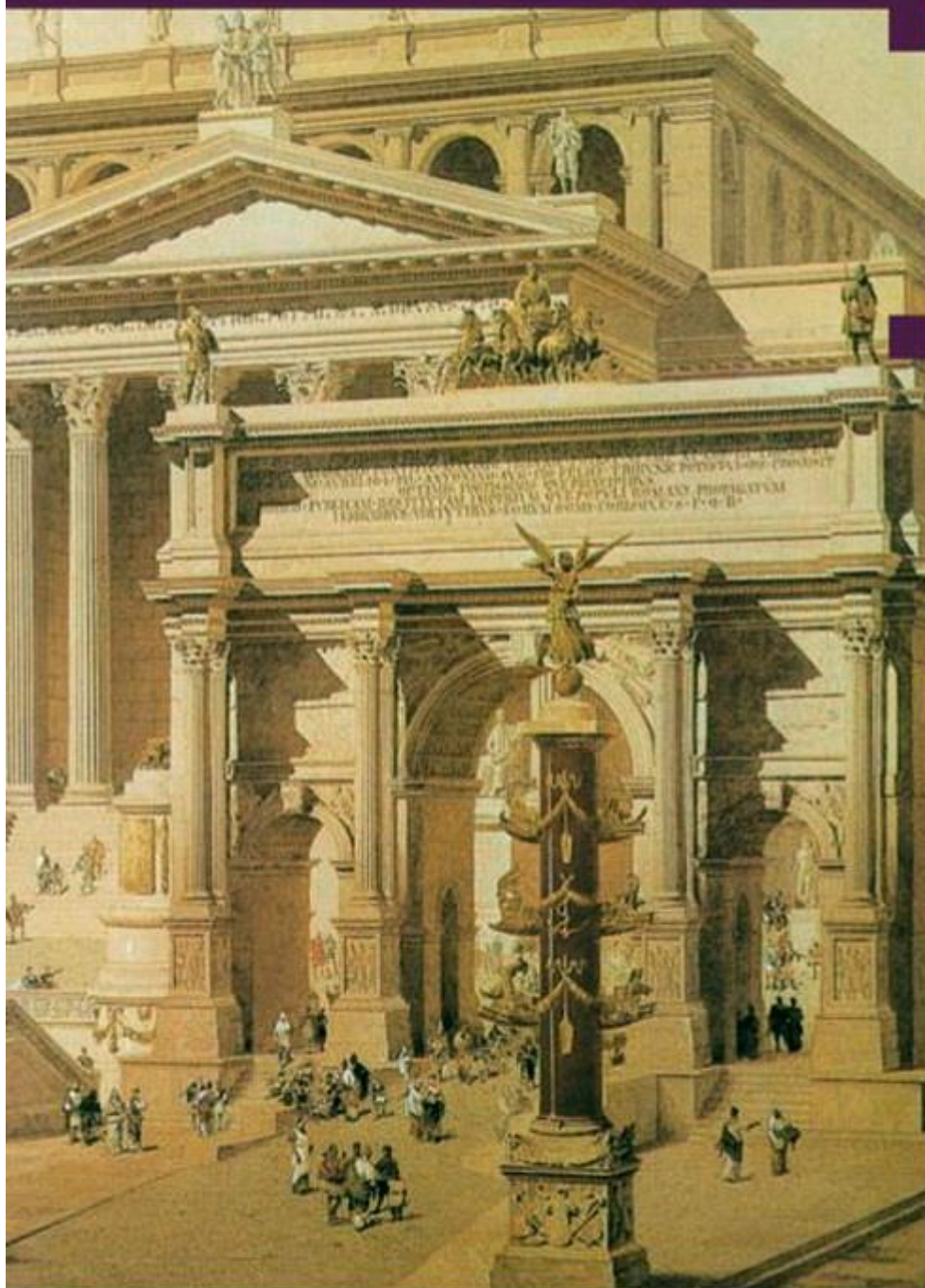
500 a. C.

250 a. C.

Unidade

O Modelo Romano

2



Conteúdos

- 2.1 Roma, cidade ordenadora de um império urbano*
- 2.2 A afirmação imperial de uma cultura urbana pragmática*
- 2.3 A integração de uma região periférica no universo imperial: a romanização da Península Ibérica*

* Conteúdos de aprofundamento

Aprendizagens

- Localizar o espaço imperial romano.
- Reconhecer o carácter urbano da civilização romana.
- Referir, de forma abreviada, as instituições governativas da Roma Antiga.
- Explicar a importância assumida pelo imperador como elemento de coesão política.
- Salientar a riqueza e a utilidade do Direito Romano.
- Distinguir as etapas da extensão da cidadania aos diversos povos do Império.
- Reconhecer na extensão do direito de cidadania romana um processo de integração das regiões dominadas.*
- Caracterizar genericamente a cultura romana.
- Distinguir formas de organização do espaço nas cidades romanas relacionando-as com as suas funções cívicas, políticas e culturais.*
- Identificar os modelos arquitetónicos e escultóricos da civilização romana.
- Evidenciar a intenção apologética da épica e da historiografia.
- Descrever o sistema de ensino romano.
- Identificar na romanização da Península Ibérica os instrumentos de aculturação das populações submetidas ao domínio romano.*

* Aprendizagens estruturantes



A – A fundação mitica de Roma



A Loba Capitolina, escultura em bronze, atualmente no Museu Capitolino, Roma.

A Loba Capitolina é o símbolo de Roma, fazendo uma alusão clara à lenda da fundação da cidade: os gémeos Rómulo e Remo, filhos do deus Marte e da vestal Reia Sílvia, abandonados nas margens do Tibre, são miraculosamente salvos por uma loba, que os amamenta. Mais tarde, depois de uma luta em que mata o irmão, Rómulo funda, no dia 21 de abril de 753, a cidade de Roma. Os dois meninos foram acrescentados à escultura na Renascença de forma a tornar mais clara a referência à lenda da fundação de Roma.

B – Um mundo de cidades

Durante o Império, as cidades, tanto no Ocidente como no Oriente, conheceram uma prosperidade sem precedentes. De tal modo que, no pensamento dos Romanos, a realidade fundamental da vida política é a cidade e o Império (*Imperium*), do ponto de vista jurídico, não é mais do que uma federação de cidades.

Pierre Grimal - *A Civilização Romana*, Lisboa, Edições 70, 1981

2.1 Roma, cidade ordenadora de um império urbano

2.1.1 A cidade que se fez império

Diz a lenda que Roma foi fundada no ano 753 a. C., por Rómulo, um dos gémeos que a sacerdotisa Reia Sílvia concebera de Marte, deus da guerra (Doc. 1). Na realidade, Roma nasceu, como qualquer outra cidade, de um pequeno povoado que, aos poucos, se foi engrandecendo.

Situada na fértil planície do Lácio, junto ao rio Tibre, Roma cedo atraiu a cobiça dos Etruscos, povo civilizado que habitava a atual Toscana. **Os Etruscos dominaram Roma e engrandeceram-na:** a cidade foi dotada de novas muralhas, de uma rede de esgotos, de casas alinhadas. Sabemos pouco destes primeiros tempos, mas é certo que a cidade era governada por reis e que aos Etruscos se deve também a organização política e social de Roma.

Foi a partir de 509 a. C., quando os aristocratas romanos expulsaram o último rei etrusco e instituíram uma **república**, que Roma cumpriu o seu destino de **grande nação conquistadora**. Primeiro por necessidades de defesa, depois por sede de glória e riquezas, os Romanos apoderaram-se de um imenso **império**. Numa expansão lenta mas sistemática, o seu domínio estendeu-se pelas duas margens do Mediterrâneo que, unido pela primeira e única vez na História, se tornou um verdadeiro lago interior, ao qual os Romanos chamavam, orgulhosamente, *mare nostrum*, o nosso mar (Doc. 1).

Conceitos

Império* — Estado constituído por vários territórios, um dos quais exerce o domínio político e a exploração económica sobre os outros. Na civilização romana também se chama império ao período em que o magistrado supremo, todo-poderoso, é o imperador.

* Conceito estruturante



0 Império Romano.

Questões pág. 75

Conceitos

Urbe* – Termo usado na Antiga Roma para designar uma cidade ou recinto urbano, geralmente rodeado de muralhas, que se diferenciava do seu território ou distrito rural. Posteriormente, designava apenas Roma, a cidade por excelência.

* Conceito estruturante

Questões

- 1 Com a ajuda de uma pequena pesquisa, complete a narrativa da fundação lendária de Roma.
- 2 Identifique, de forma genérica, as áreas que integraram o mundo romano.
- 3 Justifique a designação de *mare nostrum* (o nosso mar) dada pelos Romanos ao Mediterrâneo.
- 4 Segundo Pierre Grimal, que importância tinham as cidades no mundo romano?

Com mais de três milhões de quilómetros quadrados de extensão, dez mil quilómetros de fronteiras e uma enorme diversidade de povos, o Império Romano resistiu aos séculos, marcando profundamente a história da civilização ocidental. Involuntariamente extenso, foi, também, involuntariamente duradouro.

Um mundo de cidades

O modo de viver romano estava intimamente ligado à cidade. Assim se entende que uma das primeiras tarefas, após a conquista, fosse a **reorganização ou a criação de centros urbanos**: em regiões como a Grécia, onde o sistema de cidade já era antigo, os Romanos souberam respeitar a sua forma de funcionamento limitando-se a introduzir pequenas alterações; noutros locais, como a Gália ou a Península Ibérica, onde as cidades eram raras ou mesmo inexistentes, os Romanos apressaram-se a criá-las proporcionando-lhes as condições necessárias ao seu desenvolvimento.

Deste modo, o Império Romano era um **mundo de cidades** com instituições governativas próprias, capazes de resolver localmente muitos dos seus problemas. E era sobre este espaço urbanizado que Roma estendia o seu domínio, impondo-se como modelo a seguir. Roma era a **urbe** por excelência, o centro de poder, o coração do Império.

SENADO*	CONTROLA	MAGISTRATURAS	ELEGEM	COMÍCIOS*
Assembleia permanente composta pelos CIDADÃOS MAIS PRESTIGIADOS		Altos cargos de Estado, atribuídos por eleição. Duração do mandato: 1 ano	PROPÕEM AS LEIS	Assembleias periódicas de carácter popular representativas do POVO ROMANO
(300 membros até ao século I a. C., 900 durante o governo de Júlio César, 600 no tempo de Augusto)				
FUNÇÕES		MAGISTRADOS		FUNÇÕES
• Valida as leis aprovadas pelos Comícios				• Eleição dos magistrados
• Controla o Tesouro		2 cônsules		• Aprovação das leis
• Administra as províncias		2 pretores		
• Decide da política externa (entre outras)		4 edis		
	Ordinários	8 questores		
		10 tribunos da plebe ¹ (eleitos entre os plebeus)		
		2 censores (eleitos de 5 em 5 anos entre os ex-cônsules, por um período máximo de 18 meses)		
	Extraordinário	Ditador (designado pelos cônsules, por um período máximo de 6 meses)		

1 O *cursum honorum* (carreira das honras) era a carreira de um magistrado. Esta começava sempre por uma magistratura pouco elevada, como a questura, por exemplo, progredindo depois, de degrau em degrau, até chegar à dignidade mais elevada, a de cônsul. Geralmente, após o desempenho destes cargos, o ex-magistrado continuava a sua carreira política no Senado.

2 Magistrados muito respeitados que defendiam os direitos dos cidadãos mais humildes de Roma, os plebeus. Eram considerados invioláveis e sagrados, tendo o direito de veto sobre as decisões que pudessem prejudicar os plebeus, fossem elas emanadas dos restantes magistrados ou do Senado.

* O Senado e os Comícios representavam o conjunto dos cidadãos romanos, constituindo, por isso, a base da autoridade do Estado. As leis e outras decisões importantes iniciavam-se com a fórmula "O Senado e o Povo Romano...", frase cujas iniciais estavam gravadas no estandarte das legiões romanas.

- 1 O *cursum honorum* (carreira das honras) era a carreira de um magistrado. Esta começava sempre por uma magistratura pouco elevada, como a questura, por exemplo, progredindo depois, de degrau em degrau, até chegar à dignidade mais elevada, a de cônsul. Geralmente, após o desempenho destes cargos, o ex-magistrado continuava a sua carreira política no Senado.
- 2 Magistrados muito respeitados que defendiam os direitos dos cidadãos mais humildes de Roma, os plebeus. Eram considerados invioláveis e sagrados, tendo o direito de veto sobre as decisões que pudessem prejudicar os plebeus, fossem elas emanadas dos restantes magistrados ou do Senado.

Das magistraturas republicanas ao poder do imperador

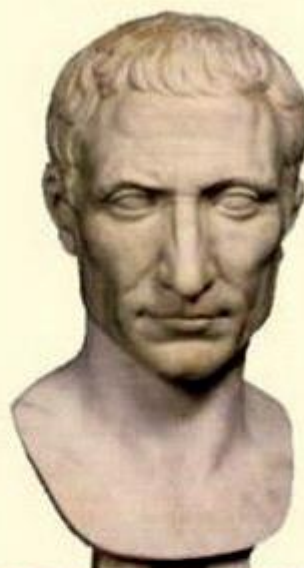
Embora as cidades constituíssem centros administrativos capazes de gerir os assuntos correntes, o Império funcionava como um Estado centralizado, sujeito à autoridade máxima de Roma. A sua grande extensão exigia um poder forte e eficiente, capaz de salvaguardar a ordem e a segurança das províncias.

No entanto, durante os primeiros séculos de conquistas, Roma continuou a governar-se pelas antigas instituições – **Senado, Comícios e magistraturas** (Doc. 2) –, que, concebidas para um pequeno território, não se adequavam às exigências do grande império que se ia formando.

Foi assim que, no século I a. C., os Romanos mergulharam num período de profunda crise política, marcada por perseguições ferozes e sangrentas guerras civis, que fizeram nascer o desejo de encontrar um chefe que restaurasse a ordem e a estabilidade. Esse chefe surgiu na figura de **Octávio, o primeiro imperador romano** (Dossier).

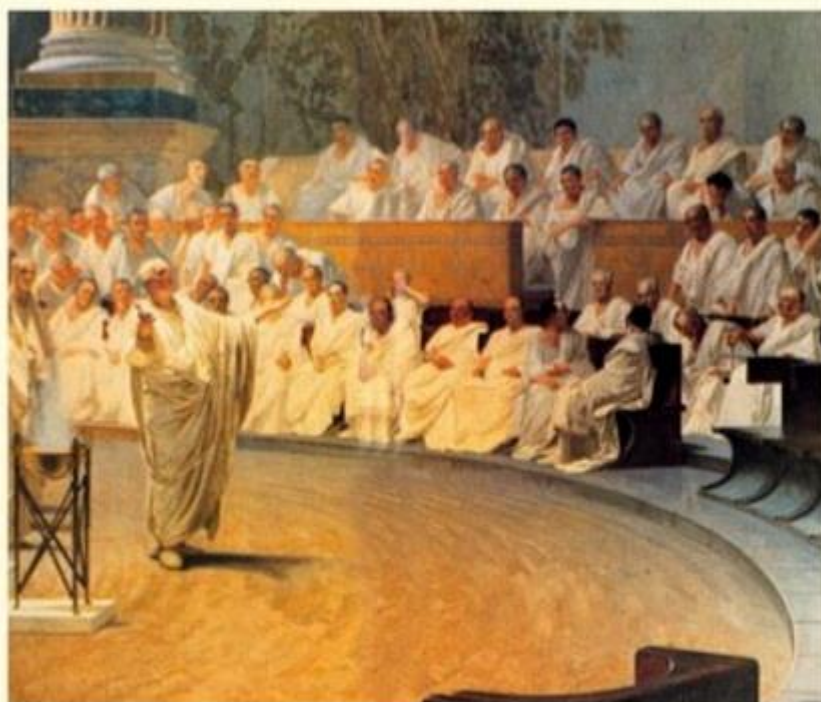
Bom general e bom político, Octávio conseguiu, em poucos anos, eliminar os seus rivais mais próximos, fazer regressar a paz e ganhar a admiração do povo e do Senado.

Embora aspirasse ao poder pessoal, Octávio conhecia bem o apego que os Romanos tinham pelas suas velhas instituições políticas. Por isso, não as eliminou. Pelo contrário, manteve-as e alicerçou nelas o seu próprio poder.



1. Retrato de Júlio César (Museu do Vaticano).

Júlio César foi um dos mais prestigiados generais e políticos do século I a. C. O seu êxito na difícil conquista da Gália trouxe-lhe fama e poder. Em 45 foi nomeado ditador perpétuo. Acusado, por esse facto, de pretender eliminar as instituições e liberdades romanas, César foi assassinado, no ano seguinte, quando se dirigia ao Senado. Apesar deste fim trágico, Júlio César tomou-se, depois da sua morte, num herói que o Senado, a pedido do povo, divinizou. Esta aura de glória ajudou Octávio, seu sobrinho e filho adotivo, a tornar-se no primeiro imperador romano.



2. Cícero discursa perante o Senado, segundo reconstituição do pintor italiano Cesare Maccari, 1880. Nos tempos republicanos, o Senado tornou-se o verdadeiro centro do Governo. Os seus membros ocupavam o cargo vitaliciamente e isso aumentava a sua importância face aos magistrados, cujos mandatos duravam apenas um ano. Mais tarde, quando o poder do imperador se sobrepôs a todos os outros, esta assembleia perdeu competências e protagonismo político, mas os senadores representaram sempre o grupo social mais importante e respeitado de Roma.



1 Augusto dividiu as províncias do Império em Províncias Senatoriais, cuja administração deixou a cargo do Senado (embora sob vigilância do imperador) e Províncias Imperiais, que ficaram sob administração direta do imperador.

Questões pág. 77

Conceitos

Magistratura – Alto cargo exercido no aparelho de Estado, resultando de eleição pelos Comícios. As magistraturas romanas eram anuais, colegiais e o seu exercício constituía uma carreira pública (*cursus honorum*). Aos magistrados estava atribuído o poder executivo, judicial e militar, que foram perdendo à medida que o poder do imperador se reforçou.

Questões

- 1 Para além das funções, o que distinguia o Senado dos Comícios (DOC. 2)?
- 2 A que magistrados cabia a função de juizes (DOC. 2)?
- 3 Em tempos republicanos, que circunstâncias justificavam a designação de um magistrado com poderes superiores a todos os outros? Como se chamava (DOC. 2)?
- 4 A existência de um imperador implicou a extinção das magistraturas e das assembleias tradicionais? Justifique com os dados do Doc. 3.

Honrado, em 27 a. C., com o título de *princeps civitatis* (o primeiro dos cidadãos), **Octávio acumulou nas suas mãos as várias magistraturas**. Ano após ano, fez-se eleger cônsul, censor, pretor, tribuno, concentrando em si toda a autoridade destes cargos. Saudado como *imperator*¹, **Octávio inaugurou uma nova época da história de Roma, marcada pelo poder pessoal de um imperador** (Dossiê).

Embora continuassem formalmente a funcionar, os **órgãos de governo republicanos viram-se, a partir de então, esvaziados dos seus poderes reais**, já que o imperador controlava as magistraturas e detinha também o poder de modificar a composição do Senado, excluindo dele os elementos que lhe desagradassem.

Paralelamente, foram-se criando **novos cargos e instituições** diretamente ligados ao imperador. A este, que governava com o auxílio do seu Conselho privado, competia a nomeação dos altos funcionários do Estado, dos governadores das províncias e dos generais do poderoso exército romano (Doc. 3).

Para além de todos estes poderes, o imperador recebeu também as maiores honrarias, e, em breve, passou a ser olhado como um ser divino, o que fortaleceu a sua autoridade em toda a extensão do mundo romano.

¹ O título de *imperator* era concedido aos generais que tinham obtido grandes vitórias militares.

Os poderes de Augusto

Octávio César Augusto foi o primeiro imperador romano. Consciente das profundas alterações que provocara na história de Roma, Augusto mandou gravar o relato dos seus feitos numa placa de bronze, destinada ao imponente túmulo que mandou construir. Que imagem de si próprio deixou o imperador para a posteridade? Que poderes acumulou? Que visão tiveram dele os historiadores romanos?

NOTÍCIAS 31 e 32

DOC. A A carreira política de Augusto

a. C.	Acontecimentos
46	É adotado por Júlio César.
45	Acompanha César na Guerra da Hispânia.
44	Morte de Júlio César. Octávio assume-se como seu herdeiro. Marcha sobre Roma e força o Senado a conferir-lhe a dignidade de cônsul.
43	Partilha o governo de Roma com Marco Antônio e Lépido (2.º triunvirato).
31	Derrota Marco Antônio na batalha de Accio.
29	Recebe o título de <i>princeps senatus</i> (o primeiro dos senadores).
27	Obtém o <i>imperium proconsulare</i> ¹ nas províncias imperiais e recebe os títulos de <i>Augustus</i> e <i>princeps civitatis</i> (o primeiro dos cidadãos).
23	Vê o seu <i>imperium proconsulare</i> estendido a todo o mundo romano e consegue a <i>tribunicia potestas</i> (poder dos tribunos da plebe) vitalícia.
19	Tem poderes de legislador e de censor.
12	Torna-se Pontífice Máximo.
2	Recebe o título de Pai da Pátria.

1 O *imperium proconsulare* era atribuído aos procônsules, isto é, dos governadores das províncias.

DOC. B Augusto, chefe militar

Frequentemente combati, em terra e no mar, guerras civis e guerras externas em todos os lugares e, vitorioso, perdoei aos cidadãos que me pediram perdão. [...]

Alcansei duas vezes a ovação e o triunfo curru¹ e vinte e uma vezes fui proclamado *imperator*². Depois disso, o Senado concedeu-me ainda muitos triunfos, que recusei. [...]

Nos meus triunfos foram transportados diante do meu carro nove reis ou filhos de reis. [...]

Os Feitos do Divino Augusto

(Inscrição encontrada em Ancara, na atual Turquia, única cópia que sobreviveu do texto que Octávio mandou colocar no seu túmulo e em que relatava as ações por si realizadas).

1 Honras prestadas aos generais vitoriosos. O "triunfo" era a maior de todas.

2 Título concedido aos generais que tinham obtido grandes vitórias. É a origem da palavra *imperador*.



Octávio César Augusto (63 a. C. - 14 d. C.) representado como *imperator* (c. 15 a. C.).

Augusto apresenta-se como os heróis gregos, descalço e de cabeça descoberta. A couraça do uniforme está decorada com o episódio da restituição, pelo rei dos Partos, das insignias militares perdidas pelos Romanos na batalha de Carres, em 53 a. C. Na descrição dos seus feitos, Augusto orgulha-se de ter recuperado as insignias perdidas por Roma em batalhas mal-sucedidas e de ter forçado os chefes rebeldes a inclinarem-se perante o poder romano.

DOC. C A força dos exércitos, segundo Dion Cassio

Quando o *imperium*¹ lhe foi confirmado pelo Senado e pelo Povo [...] (Augusto) declarou que não ficaria com o poder em todas as províncias. As [...] que estavam em paz, [...] entregou-as ao Senado. As [...] que estavam pouco seguras, porque tinham vizinhos belicosos ou eram suscetíveis de se revoltar, conservou-as. Fê-lo, aparentemente, para que o Senado governasse sem temor as cidades mais tranquilas, enquanto ele reservava para si as dificuldades e os perigos. Sob este pretexto, deixou o Senado sem armas e sem soldados e só ele tinha armas e dispunha de exércitos.

Dion Cassio, historiador romano (c. 155 - c. 229 d. C.) - *História de Roma*

1 *Imperium* pode traduzir-se por autoridade.

DOC. D Augusto, magistrado e senador

Fui cônsul treze vezes e quando escrevo estas memórias detenho pela trigésima sétima vez o poder tribunício¹. Não aceitei a ditadura que me ofereceu o Povo e o Senado [...]. O Povo Romano e o Senado quiseram designar-me único e todo-poderoso superintendente das leis e dos costumes, mas eu não quis aceitar nenhuma magistratura contrária aos costumes dos nossos antepassados. [...]

Fui príncipe do Senado² durante quarenta anos [...].

Os Feitos do Divino Augusto

¹ O poder dos tribunos da plebe.

² O príncipe do Senado (*princeps Senatus*) era o primeiro da lista dos senadores, por tradição o senador mais antigo, que presidia aos trabalhos da Assembleia e falava em primeiro lugar. A partir de Augusto esta honra passou a ser atribuída ao imperador.

DOC. F A opinião de Tácito

Quando Augusto seduziu os soldados com as suas dádivas, o povo com as distribuições de trigo, toda a gente com as doçuras da paz, começou a elevar-se pouco a pouco, atraindo a si as prerrogativas do Senado, dos magistrados e das leis.

Tácito, historiador romano (55-120 d. C.) - *Anais*

DOC. G Honrarias

No meu sexto e sétimo consulados [28 e 27 a. C.], depois de ter extinguido a guerra civil, recebi o título de Augustus¹ por decisão do Senado, [...] e colocado na Cúria Júlia um escudo de ouro, que testemunhava [...] que o Senado e o Povo Romano mo concediam devido à minha valentia, clemência, justiça e piedade. Depois dessa época, fiquei acima de todos em autoridade [...]

Estava eu no meu décimo terceiro consulado [2 a. C.] quando o Senado, a ordem equestre² e o Povo Romano inteiro me designaram Pai da Pátria³ [...].

Os Feitos do Divino Augusto

¹ Título de conotação divina que poderá traduzir-se por "venerável".

² Classe social elevada, imediatamente abaixo dos senadores.

³ Título honorífico que exprime o respeito e o reconhecimento que os Romanos consagravam àqueles que, em circunstâncias graves, serviam bem o Estado.

DOC. E Octávio, sacerdote

Retrato de Augusto como Pontífice Máximo (séc. I d. C.)

Os pontífices eram os principais sacerdotes de Roma. Octávio ocupou este cargo a partir de 12 a. C.



Grande camafeu de Viena, início do século I d. C.. Este belo camafeu é um hino à glória do imperador Augusto, coroado de louros pela Ecúmena (a Terra Habitada), senta-se ao lado da deusa Roma, com quem partilha o triunfo que Tibério (no carro, à esquerda) obteve sobre os Germanos, em 7 d. C.. Na parte inferior do camafeu, os soldados levantam, perante os vencidos, o troféu da vitória.

ANÁLISE DOS DOCUMENTOS

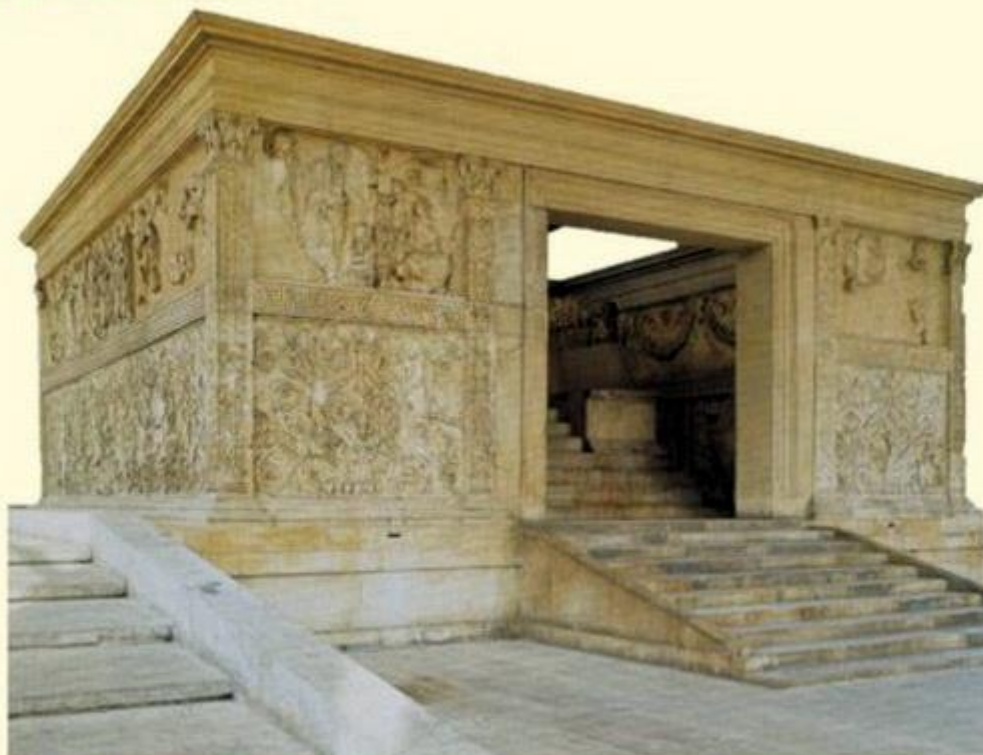
1. Como classificaria a carreira militar de Augusto? Justifique [Doc. B].
2. Segundo Dion Cássio, como procedeu Augusto para controlar o poderoso exército romano [Doc. C]?
3. A que magistraturas faz referência o Doc. D? Qual a sua importância? (se necessário, consulte o quadro da pág. 76).
4. De que forma mostra o imperador o seu respeito pelas instituições romanas tradicionais [Doc. D]?
5. Na opinião de Tácito, como obteve Augusto o seu imenso poder [Doc. F]?

6. Recorrendo aos dados do Doc. A, justifique a afirmação de Tácito: "Começou a elevar-se pouco a pouco..." [Doc. F].

7. Que importância podem ter, na carreira política, funções e títulos como os que são referidos nos Docs. E e G?
8. Na imagem que dá de si próprio, que qualidades salienta Augusto [Docs. B, D e G]?
9. Que forma de atuação política é posta em destaque pelos dois historiadores [Docs. C e F]?

SÍNTESE

10. Sintetize, num pequeno texto, os poderes e honras que fizeram de Octávio o primeiro imperador romano.



A Ara Pacis Augustae, o Altar da Paz Augusta.

Octávio apresentou-se sempre como o portador da Paz, o homem que extinguiu as lutas partidárias que dilaceraram o último século do regime republicano e cujas vitórias estenderam, pelo Império, a *pax romana*. A Paz é, por isso, a maior das virtudes imperiais, aquela que proporciona a Liberdade, a Concorrência e a Justiça.

A *Ara Pacis* foi consagrada em 9 a. C., quatro anos depois de ter sido “encomendada” pelo Senado, numa cerimónia cheia de significado político. Como todos os altares da Antiguidade, elevava-se a céu aberto, mas o altar propriamente dito foi cercado de muros majestosos, decorados com relevos alusivos ao imperador e aos benefícios do seu governo. Infelizmente, desconhecemos os escultores que trabalharam no monumento mas, a avaliar pelo seu estilo, devem ter sido gregos, provenientes da Ática.

Quando regressiei de Espanha e da Gália, sob o Consulado de Tibério Néron e Públio Quintílio [13 a. C.], depois de ter alcançado felizes sucessos nessas províncias, o Senado, em honra do meu regresso, fez edificar no Campo de Marte¹ um altar da Paz Augusta e encarregou os magistrados, os sacerdotes e as vestais de nele celebrarem um sacrifício anual.

Os Feitos do Divino Augusto
(inscrição de Ancara)

¹ Recinto onde tradicionalmente se reuniam os exércitos.

2.1.2 A unidade do mundo imperial

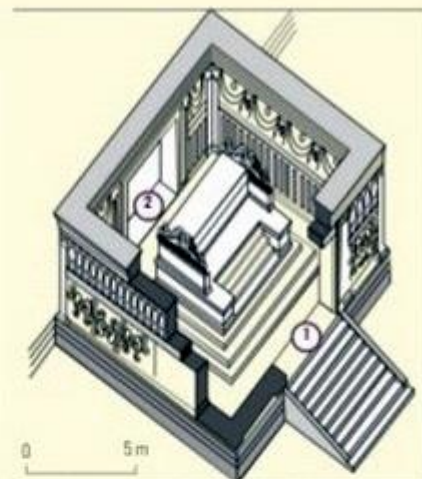
O culto a Roma e ao imperador

Na mesma altura em que foi proclamado *princeps*, Octávio aceitou também, das mãos dos senadores, o título de **Augusto**, que acrescentou ao seu nome. Era um **título divino**, até aí reservado a certos deuses, como Júpiter, para designar que eram “engrandecedores”, criadores de algo novo e melhor. Este título, que passou para os sucessores, foi um prenúncio da **divinização do imperador**.

Tinha sido sempre crença romana que os seus dirigentes eram, sobretudo em épocas difíceis, protegidos pelos deuses e cumpriam uma missão divina. As honras prestadas aos generais vitoriosos assumiam um carácter religioso e, sob influência das regiões orientais do Império¹, é natural que os Romanos estivessem dispostos a aceitar a divinização dos seus chefes.

Cauteloso por natureza, temendo qualquer excesso que pudesse prejudicar o seu governo, Octávio autorizou o culto à sua pessoa nas províncias mas, em Roma, ordenou que se adorasse apenas o seu génio, espécie de espírito protetor a que os Romanos atribuíam a força vital e a perpetuidade da descendência.

Em contrapartida, numa hábil manobra de propaganda, Octávio promoveu a divinização das **virtudes imperiais**, isto é, dos benefícios que o seu



Desenho axonométrico (segundo Ward-Perkins, *Architecture Romaine*, Berger-Levrault)

- ① Porta principal por onde entravam os sacerdotes
- ② Porta traseira destinada aos auxiliares

Questões pág. 81

¹ Como o Egito, por exemplo, onde o faraó era considerado um deus.

A – O culto a Augusto

Bons, benditos e felizes sejam o imperador César Augusto, filho de César divinizado¹, Pai da Pátria, pontífice supremo [...] a sua esposa, os seus filhos e a sua linhagem [...]. A plebe de Narbona ergueu no fórum um altar, junto do qual, todos os anos, no nono dia antes das calendas² de outubro [...], três cavaleiros romanos designados pela plebe e três libertos imolarão individualmente as vítimas do sacrifício e, a suas expensas, distribuirão incenso e vinho³ aos colonos e demais residentes, para que estes possam dirigir preces à sua [do imperador] essência divina.

Inscrição de um altar dedicado pela plebe de Narbona ao imperador Augusto, c. 4 d. C., em R. Étienne - *Le Siècle d'Auguste*, Paris, A. Colin, 1970

1 Referência a Júlio César (relembre a página 76).

2 Corresponde ao dia 23 de Setembro, dia do aniversário do imperador.

3 O vinho destinava-se às libações, ofertas aos deuses sob a forma de alimentos, leite, vinho, frutos... que se faziam geralmente nos altares domésticos, acompanhando as preces.

B – Uma apoteose



Plinto da coluna dedicada ao imperador Antonino Pio (138-161).

Da coluna, desaparecida, já nada resta, mas o plinto que lhe serviu de base ilustra claramente o ritual de divinização dos imperadores romanos: um dos lados foi preenchido com a dedicatória ao imperador, dois outros mostram a *decursio*, procissão ritual da cavalaria romana que selava a cerimónia de deificação, e o quarto, aqui reproduzido, ilustra a apoteose, isto é, a subida aos céus de Antonino Pio e de sua esposa, também divinizada, Faustina.

O casal imperial é transportado por um génio alado (por vezes identificado com Aion, a Eternidade), ladeado por duas águias, o símbolo do Império que coroa o estandarte das legiões. O imperador leva na mão um cetro com a mesma simbologia. Uma figura semideitada, à esquerda, segura um obelisco. É a personificação do Campo de Marte, local onde se desenrolava a cerimónia de divinização, e onde Augusto tinha instalado, como relógio de Sol, um obelisco trazido do Egito. À direita, a deusa Roma faz um gesto de saudação e apoia-se num escudo em que está representada a loba amamentando os gémeos Rómulo e Remo, fundadores lendários da cidade.

Questões pág. 81

Questões

- 1 Por que razão se apelida de *Augusta* a Paz à qual é dedicado o altar reproduzido no DOC. 4?
- 2 Mostre, com base na inscrição do altar de Narbona, que o imperador foi equiparado a um deus (DOC. 5A).
- 3 Como era representada a deusa Roma (DOC. 5B)?
- 4 Na apoteose reproduzida, que elementos reforçam o facto de se tratar da divinização do máximo dirigente do Império Romano (DOC. 5B)?

governo trouxera ao mundo romano: a Vitória Augusta, a Paz Augusta, a Justiça Augusta, a Liberdade Augusta, entre outras (DOC. 4).

Quando Octávio morreu, em 14 d. C., o Senado atribuiu-lhe, oficialmente, o estatuto divino que o imperador rejeitara em vida: declarou-o *divus* (deus) e criou um novo corpo de sacerdotes, os augustais, para assegurar o seu culto. Os imperadores que se seguiram foram também agraciados com o título de Augusto e muitos partilharam a sua condição divina (DOC. 5B). No fim do século I, o culto do imperador e da sua família tinha-se institucionalizado em todo o Império.

O culto imperial associou-se, desde logo, ao da deusa Roma, representação da cidade e do povo romanos vistos como uma força superior, predestinada para dominar o mundo sob o signo da paz, da prosperidade e da justiça.

A cidade de Roma foi, muito cedo, personificada, aparecendo, desde o século III a. C., em diversas moedas sob a forma de uma figura feminina armada. Mais tarde, quando o poder romano se engrandeceu, esta personificação deu origem a uma nova deusa cujo culto rapidamente se difundiu. Em louvor da *deusa Roma* foram erigidos templos, designados sacerdotes e até, em várias cidades gregas, organizados jogos anuais, os *Romania*.

O culto a Roma e ao imperador (DOC. 5) tornou-se um importante elemento de união política. Símbolo do respeito à autoridade comum e de apreço pelos benefícios da dominação romana, constituiu uma verdadeira devoção cívica, capaz de unir, em torno dos mesmos altares, os diferentes povos do Império.

A superioridade do Direito Romano

[...] As bibliotecas de todos os filósofos ultrapassa-as [...] um só livrinho, o das Doze Tábuas, fonte e cabeça das nossas leis, pelo peso da sua autoridade e pela riqueza da sua utilidade.

[...] Ela [a pátria] empregou tanta sabedoria no estabelecimento do Direito, quanta pôs na aquisição da enorme potência do seu império.

[...] É inacreditável como todo o Direito civil, para além do nosso, é rude e quase ridículo. É assunto em que tenho por hábito espalhar-me nas minhas conversas diárias, quando coloco a clarividência dos nossos homens à frente da de todos os restantes, e especialmente dos Gregos.

Cícero – *Do Orador*, 55 a. C.

O culto à Justiça

Há quem nos chame (a nós, juristas) sacerdotes; e com razão. Na verdade, prestamos culto à Justiça; professamos a ciência do bom e do equitativo – separando o équo do iníquo, dizendo o que é justo e o que é injusto, discernindo o lícito do ilícito, esforçando-nos para que os homens sejam bons, não só através da ameaça das penas mas sobretudo pelo estímulo dos prémios (inerentes ao cumprimento do devido).

Ulpianus, jurista romano (150-223)

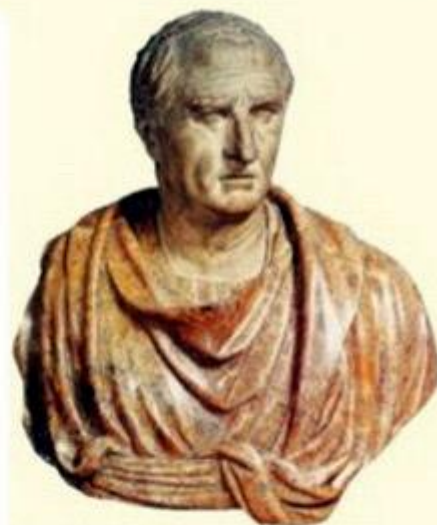
Questões pág. 83

A codificação do Direito

Foi a **necessidade** que conduziu os Romanos ao desenvolvimento do Direito. A **administração do seu vasto Império** e a convivência pacífica das suas gentes não seria possível sem um conjunto de leis abrangente e organizado, que definisse as normas a seguir nos grandes e pequenos problemas da vida quotidiana.

Tal como os outros povos, inicialmente os Romanos não tinham leis escritas. Todo o procedimento jurídico se baseava no costume – *Direito Consuetudinário* – e era transmitido oralmente de geração em geração, o que dava origem a frequentes deturpações e arbitrariedades. Foi contra esta situação que, em meados do século V a. C., os plebeus, classe mais desfavorecida, se revoltaram. Perante as exigências plebeias, os nobres romanos encarregaram uma comissão de 10 membros, os decênviros, de **dar forma escrita às leis correntes**. Redigidas de forma clara e concisa, as leis foram gravadas em 12 tábuas, dando origem ao primeiro **código**¹ do Direito Romano que, segundo a tradição, começou a vigorar em 452 a. C..

Os Romanos nutriram por este primeiro conjunto de leis escritas uma enorme admiração (Doc. 6). Antes dele, as normas eram vagas e imprecisas. Depois, tornaram-se claras e fáceis de consultar. A **Lei das XII Tábuas** foi considerada, durante os 10 séculos que se seguiram, «a fonte de todo o Direito público e privado». No tempo de Cícero (Doc. 6), os meninos decoravam-na na escola, tal como acontecia com os poemas homéricos, na Grécia, por se entender que aí se concentrava a sabedoria e se multiplicavam os exemplos a seguir.



Retrato de Cícero.

Marcus Tullius Cícero (106-43 a. C.) foi político e jurista, para além de um dos mais notáveis oradores romanos. Morreu assassinado em finais de 43 a. C., vítima das lutas partidárias que ensanguentaram os últimos anos da República romana.

¹ Em latim primitivo, *códex* significa tábua, prancha de madeira. O termo aludia, portanto, ao material em que se escreveram as leis mas passou depois a designar um conjunto de leis, independentemente do material em que fossem registadas.

O parecer de um jurisconsulto: responsabilidade de um acidente de viação

Dois carros carregados, puxados por mulas, subiam a colina do Capitólio. Os condutores do que seguia à frente soergueram-lhe a parte traseira a fim de que as mulas o pudessem puxar com mais facilidade. O carro começou a deslizar encosta abaixo e tendo os condutores, que se encontravam entre as duas viaturas, saltado para o lado, chocou com o carro que ia atrás. Este, empurrado pelo choque, rolou para trás e esmagou um escravo. O dono deste escravo perguntou-me contra quem deveria intentar a ação (de indemnização). Respondi que a solução jurídica dependia da causa do dano; porque, se os condutores que seguravam a primeira viatura a largaram por sua própria vontade, fazendo assim com que as mulas, não podendo sustentar o carro, fossem puxadas para trás por causa do peso, a ação não é possível contra o dono das mulas mas pode intentar-se a ação da Lei Aquília¹ contra os condutores. Na realidade, é causar dano o largar voluntariamente uma coisa em que se segurava, fazendo-a cair sobre outrem; [...]. Mas, se as mulas se assustaram com alguma coisa e os condutores, com medo de serem esmagados, largaram o carro, a ação não deve ser intentada contra eles, mas contra o dono das mulas. [...]. O que é certo é que, de qualquer forma que se olhe o problema, não se poderá nunca agir contra o dono das mulas do segundo carro; porque os animais não recuaram por sua culpa, mas sob a ação do choque.

Publius Aferius Varus, jurisconsulto romano da 2.ª metade do século I a. C. – *Corpus Juris Civilis* – Digesto

¹ Referência à *Lex Aquilia de Damno* (250 a. C.) que estabelece a responsabilidade civil e o direito do lesado a pedir uma indemnização, desde que faça prova da culpa do causador do dano. Esta lei tornou-se a base da responsabilidade civil tal como hoje a entendemos (nos códigos das civilizações mais antigas – como o de Hamurábi – era vulgar que o dano fosse “vingado” infligindo ao seu causador prejuízo semelhante).

Questões pág. 83

Conceitos

Direito (Romano)* – Conjunto de normas jurídicas que regeram o povo romano nas várias épocas da sua História. Começando praticamente do nada, os juristas romanos não só definiram os princípios básicos a quem devem obedecer todas as leis, como sistematizaram as suas diferentes áreas de aplicação (Direito Público, Direito Privado, Direito Civil, Direito Penal...).

* Conceito estruturante

Questões

- 1 Que qualidades reconhece Cícero na Lei das Doze Tábuas (DOC. 6)?
- 2 Em que valores se fundamenta o Direito (DOC. 6)?
- 3 Que problema concreto procura Alfenus Varus resolver (DOC. 7)?
- 4 Que aspetos do “parecer” se aproximam da forma de agir atual (DOC. 7)?

Embora nunca tivessem sido revogadas, as leis contidas nas XII Tábuas rapidamente se mostraram insuficientes. Novas situações exigiram **novas leis**. A maior parte resultou da atividade dos **magistrados** encarregados da justiça – os pretores; do trabalho dos **jurisconsultos**, espécie de advogados que, pelo seu saber, eram chamados a dar parecer sobre os casos de resolução mais complexa (DOC. 7); de decisões do **Senado** (*Senatus Consultus*) ou do próprio **imperador** (decretos imperiais).

Século após século, os Romanos foram redigindo um gigantesco corpo de leis, orientados por princípios claros de justiça¹, capazes de dar resposta às questões mais complexas.

Conscientes do valor e da grandeza do legado romano em matéria de Direito, os últimos imperadores procuraram preservá-lo, ordenando a sua **compilação**. A mais completa foi a ordenada pelo **imperador Justiniano** (482-565), homem de grande cultura e prestígio que reinou na metade oriental do Império. A comissão encarregada pelo imperador de reunir 10 séculos de leis escritas, harmonizando-as de forma a eliminar repetições e contradições, fez um trabalho exaustivo, que Justiniano considerou perfeito e completo. Conhecido, no seu todo, por *Corpus Juris Civilis*, o **Código de Justiniano** sobreviveu aos séculos servindo de alicerce ao Direito ocidental.

A imensa obra legislativa dos Romanos atuou como um importante **fator de pacificação e união dos povos do Império**. Estes não se sentiam sujeitos a um poder discricionário mas protegidos por leis claras, justas e adequadas à vida em comunidade.

¹ Os juristas latinos definiram claramente três princípios básicos aos quais devia obedecer a feitura das leis: “viver honradamente”; “atribuir a cada um o que é seu”; “não prejudicar ninguém”.

Principais direitos conferidos pela plena cidadania romana

- Direito de possuir propriedades, comprar, vender, fazer contratos, redigir um testamento.
- Direito de contrair casamento legítimo, exercer os direitos de um *pater familias* (pai de família), transmitir aos filhos a cidadania romana.
- Direito de participar na vida política da cidade através do voto, nas assembleias.
- Direito de ser eleito para o desempenho de cargos públicos (magistraturas).
- Direito de manter a cidadania em caso de migração para outra cidade.
- Direito de instaurar um processo em tribunal.
- Direito de recurso das decisões dos magistrados e dos tribunais.
- Direito de não ser torturado nem condenado à morte, a não ser em caso de traição.

Principais deveres do cidadão

As obrigações do cidadão romano não eram apenas jurídicas mas também sociais, decorrendo do que se esperava fosse a conduta de um cidadão.

- Viver honradamente e exercer as suas funções como *pater familias*.
- Participar na vida política da cidade.
- Servir no exército como legionário.
- Pagar imposto sobre as sucessões.



1. Grupo de cidadãos romanos, num fragmento do chamado Sarcófago de Acília, séc. III d. C. Os cidadãos eram reconhecidos por envolverem a toga, manto grande e pesado que enrolavam por cima da túnica. Proibida a todos os que não tivessem a dignidade de cidadão, a toga tinha algumas variantes de cor que indicavam a posição de quem a envolvera: o imperador, por exemplo, usava-a de cor púrpura, a dos magistrados e senadores tinha uma barra também dessa cor, enquanto os que pretendiam ser eleitos para um cargo público se faziam reconhecer pela toga de um branco imaculado, a toga *candida* (*candida* = branca). Daí a origem do termo *candidato*.

A progressiva extensão da cidadania

A sociedade romana organizava-se segundo uma estrutura complexa, que estabelecia, entre os homens livres, estatutos muito diversificados. Ser ou não ser cidadão era o ponto de partida de todo o escalonamento social.

A plena cidadania romana (*civitas*) implicava um conjunto de direitos civis e políticos que incluíam, entre outros, o direito de contrair matrimónio, o direito de proceder a atos jurídicos, o direito de possuir terra e de a transacionar, o direito de votar e o de ser eleito para as magistraturas¹. Implicava também deveres, como o de servir no exército e o pagamento de determinados impostos ao Estado (Doc. 8).

De início, a categoria de cidadão romano estava reservada unicamente aos naturais de Roma e seus descendentes. Aos habitantes das terras conquistadas foi concedido um estatuto inferior, muito variável de região para região. Como facilmente se compreende, Roma não podia conceder, de imediato, a plena cidadania, com os seus direitos políticos, aos seus inimigos da véspera.

A condição jurídica dos povos submetidos foi melhorando com o tempo, à medida que estes aceitavam o domínio romano e iam adquirindo a cultura dos conquistadores (Doc. 8). Assim se compreende que a Itália, a primeira



2. O imperador Caracala.

Marcus Aurelius Antoninus era filho do imperador Septímio Severo e reinou de 211 a 217 d. C. Ficou conhecido na História pela alcunha de Caracala, que lhe foi dada pelos seus soldados (a *caracalla* era uma espécie de capote com capuz, de origem gaulesa, usada no exército). Distinguiu-se pela feroz repressão com que perseguiu todos os seus opositores, mesmo parentes e amigos, e que causou milhares de vítimas. No entanto, a sua memória ficou para sempre ligada ao *Edictum de Civitate*, que alargou a cidadania romana a todos os habitantes livres do Império.

¹ Estas prerrogativas eram dissociáveis, isto é, uma pessoa podia ter umas e não ter outras. Nesse caso não teria a cidadania plena que correspondia ao cidadão romano.

DOC. 9 Um estatuto elevado

Descendente de uma importante família hebraica à qual tinha sido outorgada a cidadania romana, São Paulo (c. 10-c. 67) prega enfaticamente o cristianismo. A efervescência que os seus discursos provocam em Jerusalém leva o tribuno a ordenar a sua prisão.

O tribuno ordenou que ele fosse conduzido para a fortaleza e o obrigassem a falar à custa de vergastadas, a fim de saber por que motivo assim gritavam contra ele. Mas quando iam amarrá-lo para ser açoitado, Paulo disse ao centurião de serviço: «Tendes autoridade para açoitar um cidadão romano que nem sequer foi julgado? Ouvindo isto, o centurião correu a avisar o tribuno:

«Que vais fazer – disse ele –, esse homem é cidadão romano!» O tribuno foi ter com Paulo e perguntou-lhe: «Diz-me, tu és cidadão romano?» «Sou», respondeu ele. O tribuno continuou: «Eu adquiri, por muito dinheiro, esse direito de cidadania.» Paulo retorquiu: «Pois eu já nasci com esse direito.» Os que o iam interrogar retiraram-se imediatamente e o tribuno ficou cheio de medo ao saber que tinha mandado prender e agrilhoar um cidadão romano.

Novo Testamento, Atos dos Apóstolos, 22

DOC. 10 A progressiva extensão da cidadania



Questões pág. 85

Questões

- 1 Compare os direitos e deveres dos cidadãos romanos com os que nos são conferidos pela cidadania, na atualidade (DOC. 8).
- 2 A que direito apela São Paulo, aquando da sua prisão (DOCS. 8 e 9)?
- 3 Que aspetos do episódio narrado no Doc. 9 demonstram o alto estatuto de que gozavam os cidadãos romanos no Império?
- 4 Relativamente à cidadania, qual a atitude dos Romanos face aos povos conquistados (DOCS. 9 e 10)?

região que Roma dominou, usufruísse de uma condição superior às restantes. Às suas cidades foi concedido o *Direito Latino*¹, até que, em 49 a. C., todos os homens livres foram equiparados a cidadãos romanos (Doc. 10).

Normalmente, a condição jurídica de uma cidade estendia-se aos seus habitantes. No entanto, era vulgar a **atribuição do título de cidadão romano àqueles que se distinguiam pelo seu mérito ou pelos bons serviços prestados a Roma** (Dossiê). Alguns destes novos cidadãos escolhiam viver na capital do Império, onde integravam, livremente, a vida política.

Este processo de progressiva elevação das províncias e dos seus habitantes ao mesmo estatuto dos seus dominadores concluiu-se, em 212 d. C., quando o imperador **Caracala concedeu a plena cidadania romana a todos os habitantes livres do Império** (Dossiê – Doc. 10).

O Estado romano conseguiu, pois, desligar o conceito de cidadão de uma pequena comunidade. Num processo lento, mas irreversível, soube estabelecer a **igualdade entre os povos conquistados e o povo conquistador**.

Este facto, sem paralelo na História dos impérios antigos, contribuiu como nenhum outro para a unidade do mundo romano (Dossiê).

¹ O *Direito Latino* definia um estatuto muito semelhante ao estabelecido pelo *Direito Romano*, que correspondia à cidadania plena. Distinguiam-se, sobretudo, o facto de os cidadãos de *Direito Latino* estarem impedidos de exercer as altas magistraturas do Império.

Uma cidadania aberta

Senhores de um imenso território, os Romanos souberam integrar os povos conquistados, partilhando com eles leis, costumes, prosperidade econômica. Mas, acima de tudo, a unidade do Império construiu-se com espírito de abertura e tolerância, bem como com a capacidade de estender, por todo o mundo romano, a condição superior da cidadania.

DOC. A A argumentação de Cláudio

Em 48 d. C., o imperador Cláudio concede a um grupo de notáveis gauleses a cidadania completa, o que lhes permite assumir as magistraturas romanas e integrar o Senado. Ciosos dos seus privilégios, os senadores contestam esta medida, que Cláudio justifica num discurso famoso, reproduzido pelo historiador romano Tácito.

O que causou a derrota dos Espartanos e dos Atenienses, apesar do seu poderio militar, senão o hábito de afastar os vencidos como estrangeiros? [...] Nenhuma outra guerra foi tão prontamente terminada como a da Gália e, depois disso, a paz foi contínua e sólida. Os costumes, as profissões, as alianças confundem-nos (aos gauleses) já conosco [...]. Senadores, todos os costumes que hoje consideramos herdados do passado foram novos um dia. [...]

Tácito - *Anais*, Livro XI

DOC. B A Lei de Salpensa

Que todos aqueles que, em virtude da presente lei, exerçam o cargo de duúviro¹, edil, questor, logo que, passado o ano, deixem a sua magistratura, sejam cidadãos romanos conjuntamente com os seus ascendentes, a sua esposa, os seus filhos nascidos de casamento legítimo, [...] os seus netos e netas nascidos dos seus filhos, [...] desde que não haja mais cidadãos romanos do que aqueles que convém criar.

Lei Municipal de Salpensa, cidade romana da Bética, promulgada pelo imperador Domiciano entre 81 e 84 d. C.

¹ Alto magistrado provincial, equivalente ao cônsul.

DOC. C Um pedido ao imperador

Plínio, o Moço (c. 61-114), governador da Bitúnia, escreve ao imperador Trajano

Senhor, tendo corrido risco de vida no ano passado, devido a uma doença muito grave, recorri a um médico, ao qual, apenas com a tua condescendência, poderei recompensar a solicitude e o zelo que teve para comigo. Peço-te que lhe concedas a cidadania romana.

Plínio - *Cartas*, início do século II d. C.

DOC. D Recompensa aos veteranos

Aos veteranos que prestaram serviço na armada do Egito, que cumpriram vinte e seis anos ou mais de serviço e foram desmobilizados com um certificado de bom soldado e cujos nomes se encontram escritos em baixo, bem como aos seus filhos e à sua descendência, o imperador Tito¹ concedeu o direito de cidade [...].

(Seguem-se os nomes dos marinheiros contemplados.)

De uma cópia da tábuia de bronze afixada no Capitólio, em Roma

¹ Imperador entre 79 e 81 d. C.



Fragmento de um certificado militar datado de dezembro de 160 d. C. que confere a cidadania romana a um antigo soldado da *Coorte V Bracara Augustanorum* (Museu Quintana Küzing, Alemanha). Era vulgar o recrutamento de cidadãos livres do Império (mas não cidadãos romanos) para prestarem serviço em regimentos auxiliares do exército. Estes regimentos eram muitas vezes formados em regiões conhecidas pela valentia dos seus guerreiros, neste caso os *Gallioeci* da região de Bracara Augusta, a nossa cidade de Braga. Posteriormente, esta coorte foi destacada para o território da atual Alemanha.

DOC. E Um cidadão dos confins do Império

Estátua de um cidadão romano proveniente de Tomis, nas margens do mar Negro, datado do fim do século II d. C. (Museu Nacional de Bucareste). Tomis ficava nos confins do Império, numa região conhecida como *Limes Scythicus*.

DOC. F Elogio de Roma

Tornado cidadão pelo imperador Adriano, Públio Elio Aristides exalta a atuação dos Romanos.

De todas as coisas que possam dizer-se em louvor dos Romanos uma há que é, de todas, a mais digna de admiração: é a magnanimidade de que dão provas em matéria de direito de cidade e mesmo na própria concessão que têm desse direito; o mundo nunca viu, na verdade, nada de semelhante. [...]

Vós distribuístes, com abundância e generosidade, a cidadania romana [...] Fizestes esforços para que o conjunto dos habitantes do Império pudessem ser dignos dela. De tal forma que “romano” não designa mais os habitantes de uma cidade mas refere-se a um único povo. [...] Em cada cidade, os vossos concidadãos são em grande número, se bem que muitos dentre eles nunca tenham visitado Roma. Já não são necessários exércitos para manter as cidades, pois, por todo o lado, os homens mais influentes guardam, para vós, a sua própria pátria.

Públio Elio Aristides, retórico greco-romano (129-189) - *Sobre Roma*

DOC. G O Editto de Caracala (212 d. C.)

O imperador Marco Aurélio Antonino Severo proclama: [...]

Dou a todos os que habitam o Império o direito de cidade romana com exceção dos deditícios¹. Determino que a multidão partilhe não somente das obrigações que pesam sobre todos nós² mas também das nossas vitórias. E o presente editto aumentará a majestade do povo romano: é benéfico que outros possam ser admitidos à mesma dignidade de que os romanos beneficiam desde sempre [...].

Excerto do *Editto de Caracala*, segundo o texto do Papiro de Gilsen

¹ Pessoas em estatuto jurídico inferior, equiparados aos vencidos privados de direitos.

² Refere-se aos tributos que pesavam exclusivamente sobre os cidadãos, por exemplo o imposto de 5% sobre as heranças.

ANÁLISE DOS DOCUMENTOS

1. Refira três argumentos utilizados por Cláudio para justificar a extensão da cidadania aos notáveis gauleses [Doc. A].
2. Que critério se utiliza para conceder a cidadania romana no município de Salpensa [Doc. B]?
3. Com base nos Docs. C e D, indique duas razões que podiam levar à obtenção da cidadania romana.
4. Mostre, reportando-se aos Docs. A a D, que a cidadania romana era considerada uma honra.
5. Como sabemos que a estátua [Doc. E] representa um cidadão romano? (Se necessário, consulte o Doc. 8.)
6. O que indicam os Docs. A e E sobre a extensão da cidadania no território do Império?
7. Tendo em conta a origem grega de Públio Elio Aristides, explique a admiração deste autor face à “magnanimidade” romana em matéria de cidadania.
8. Esclareça: “... por todo o lado, os homens mais influentes guardam, para vós, a sua própria pátria” [Doc. F].
9. O que determina o Editto de Caracala [Doc. G]? De que modo esta decisão do imperador contribui para reforçar a unidade do Império Romano?

SÍNTESE

10. Num texto de cerca de 15 linhas, trate o seguinte tema: “uma honra partilhada: formas de obtenção da cidadania romana nos três primeiros séculos da nossa era”.

A sabedoria romana empregou-se principalmente em coisas que pouca atenção receberam dos Gregos – pavimentação das estradas, construção de aquedutos e esgotos. De facto, os Romanos calçavam as estradas abertas através de montes e vales, a fim de as mercadorias poderem ser transportadas em carros desde os portos. Os esgotos, feitos de pesadas pedras, são tão largos, em alguns lugares, que podem passar sobre eles os carros carregados. O fornecimento de água por meio de aquedutos é tão abundante, que pode dizer-se que os rios correm para as cidades, e quase todas as cidades, providas de canalizações, possuem fontes.

Estrabão, geógrafo e historiador (c. 64 a. C. – c. 24 d. C.), *Geografia*, II, 4-5



O célebre Pont du Gard, aqueduto romano que abastecia de água a cidade de Nîmes no trecho em que atravessa o rio Gardon. Construído no século I d. C., é uma das obras-primas da engenharia romana.

Como comparar a estas construções tão numerosas e imponentes [os aquedutos], exigidas por esta imensa quantidade de água, as pirâmides, evidentemente inúteis, ou as obras desnecessárias e excessivamente elogiadas dos Gregos?

Frontino, político e engenheiro romano (c. 40 – 103 d. C.) – *Os Aquedutos da Cidade de Roma*, 16,1

Questões pág. 89

2.2 A afirmação imperial de uma cultura urbana pragmática

2.2.1 A cultura romana: pragmatismo e influência helénica

No início da sua História, os Romanos eram um povo de lavradores, repartindo as suas atividades entre o trabalho da terra e a necessidade de a defenderem dos inimigos que, de perto, a cobiçavam. Desta vida ficou-lhes sempre um **sentido prático, realista, virado para o concreto**. Aplicaram-no a resolver os problemas mais próximos, de uma utilidade mais imediata (Buc. 11). As conquistas não fizeram mais do que reforçar este **pragmatismo** que **marca todas as realizações romanas**.

Assim, ao contrário dos Gregos, para quem todas as coisas tinham de ser belas, os Romanos sentiam que todas as coisas tinham de ser úteis. E este sentimento estendia-se também às suas realizações culturais. Encontramo-lo na arte, na poesia, na História e, naturalmente, na excecional obra jurídica que nos legaram.

O Direito é justamente considerado o expoente máximo do pragmatismo romano. Nenhuma outra disciplina revela melhor o sentido de

Conceitos

Pragmatismo – Sentido prático; atitude que privilegia a utilidade e a eficiência como critérios de atuação. É uma das características mais salientes da cultura romana e uma das que mais a distinguem do espírito grego. Foi o sentido prático dos Romanos que viabilizou o seu êxito militar e a manutenção do seu imenso Império.



Cícero, o grande orador romano, dirige-se ao seu filho Marco que estudava então em Atenas, sob a orientação do filósofo grego Crátipo.

Depois de teres seguido, durante um ano, os ensinamentos dados por Crátipo, tendo um mestre de tão grande autoridade e numa cidade tão rica de exemplos, deves, meu querido filho Marco, ter absorvido grande número de preceitos e doutrinas. Eu, que cultivo a filosofia e a arte oratória tanto em latim como em grego, penso que deves, também, esforçar-te por dominar fluentemente as duas línguas. [...]

Continuarás a estudar sob a égide do filósofo mais notável do nosso século o tempo que quiseses [...] mas [aproveitarás] também com a leitura dos meus escritos, que se afastam pouco da doutrina dos Peripatéticos¹, visto que buscamos, eles e eu, inspiração em Sócrates e Platão [...].

Cícero - *Sobre os Deveres*, Livro I, 44 a. C.

¹ Refere-se aos filósofos seguidores de Aristóteles, grupo a que pertencia Crátipo. Ficaram assim conhecidos por caminharem (*peripatetein* – passear) enquanto dialogavam uns com os outros.



Mosaico de Pompeia que recria a Academia de Platão, século I a. C.

Os membros da Academia são representados em número de sete, numa alusão aos Sete Sábios da Grécia, cujos ensinamentos foram venerados em todo o Mundo Antigo.

Não esqueças que te enviaram à província da Acaia, à verdadeira e autêntica Hélade, onde em humanidade, ciência e até em colher o trigo, foram os primeiros; que foste enviado a homens qua são mais que homens, a homens livres que são mais mais livres que ninguém, e que conservaram os direitos do homem elevados por sua virtude e suas nobres ações... Demonstra respeito para com a antiguidade de sua cultura e seus grandes feitos.

Plínio, o Moço, político e escritor (c. 61 - 114 d. C.) - *Carta ao amigo Máximo*

Questões pág. 89

Questões

- 1 Em que aspeto se sentem os Romanos superiores aos Gregos e aos Egípcios (DOC. 11)?
- 2 Mostre, recorrendo a dois elementos do texto, a admiração de Cícero pela cultura grega (DOC. 12).
- 3 Escolha a frase de Plínio que melhor exalta a civilização grega. Justifique (DOC. 12).
- 4 Relativamente aos Gregos, como se poderão harmonizar as opiniões expressas nos Docs. 11 e 12?

organização deste povo, a sua capacidade para adequar aos casos concretos da vida quotidiana.

Foi este espírito pragmático que fez dos Romanos um povo aberto, capaz de apreciar a riqueza cultural das nações que submeteram e incorporá-la na sua própria forma de vida.

Assim, a cultura romana é o resultado de influências várias, que os Romanos souberam absorver e transformar de acordo com a sua maneira de ser. De todas as influências recebidas, a mais marcante foi, sem dúvida, a influência grega.

Diz-nos o poeta Horácio (65-8 a. C.) que "a Grécia conquistada conquistou o seu feroz vencedor". E em termos culturais assim foi. Grandes admiradores da civilização helénica, reconhecendo a sua originalidade e o seu brilhantismo, os Romanos imitaram-lhe a arte, a literatura, a filosofia e até a religião¹. Falar grego tornou-se, em Roma, sinónimo de cultura (Doc. 12) e a cidade encheu-se de artistas, pensadores e pedagogos helénicos.

Foi desta forma que a cultura grega chegou até nós: absorvida e adaptada pelos Romanos, estendeu-se pelas vastas regiões do Império. E é nesta síntese cultural greco-latina que, em boa parte, residem os fundamentos da civilização europeia.

¹ Os deuses romanos oficiais eram os mesmos que os gregos, embora com nome diferente.



Cícero, o grande orador romano, dirige-se ao seu filho Marco que estudava então em Atenas, sob a orientação do filósofo grego Crátipo.

Depois de teres seguido, durante um ano, os ensinamentos dados por Crátipo, tendo um mestre de tão grande autoridade e numa cidade tão rica de exemplos, deves, meu querido filho Marco, ter absorvido grande número de preceitos e doutrinas. Eu, que cultivo a filosofia e a arte oratória tanto em latim como em grego, penso que deves, também, esforçar-te por dominar fluentemente as duas línguas. [...]

Continuarás a estudar sob a égide do filósofo mais notável do nosso século o tempo que quiseres [...] mas [aproveitarás] também com a leitura dos meus escritos, que se afastam pouco da doutrina dos Peripatéticos¹, visto que buscamos, eles e eu, inspiração em Sócrates e Platão [...].

Cícero - *Sobre os Deveres*, Livro I, 44 a. C.

¹ Refere-se aos filósofos seguidores de Aristóteles, grupo a que pertencia Crátipo. Ficaram assim conhecidos por caminharem (peripatein – passear) enquanto dialogavam uns com os outros.



Mosaico de Pompeia que recria a Academia de Platão, século I a. C.

Os membros da Academia são representados em número de sete, numa alusão aos Sete Sábios da Grécia, cujos ensinamentos foram venerados em todo o Mundo Antigo.

Não esqueças que te enviaram à província da Acaia, à verdadeira e autêntica Hélade, onde em humanidade, ciência e até em colher o trigo, foram os primeiros; que foste enviado a homens qua são mais que homens, a homens livres que são mais mais livres que ninguém, e que conservaram os direitos do homem elevados por sua virtude e suas nobres ações... Demonstra respeito para com a antiguidade de sua cultura e seus grandes feitos.

Plínio, o Moço, político e escritor (c. 61 - 114 d. C.) - *Carta ao amigo Máximo*

Questões pág. 89

Questões

- 1 Em que aspeto se sentem os Romanos superiores aos Gregos e aos Egípcios (DOC. 11)?
- 2 Mostre, recorrendo a dois elementos do texto, a admiração de Cícero pela cultura grega (DOC. 12).
- 3 Escolha a frase de Plínio que melhor exalta a civilização grega. Justifique (DOC. 12).
- 4 Relativamente aos Gregos, como se poderão harmonizar as opiniões expressas nos Docs. 11 e 12?

organização deste povo, a sua capacidade para adequar aos casos concretos da vida quotidiana.

Foi este espírito pragmático que fez dos Romanos um povo aberto, capaz de apreciar a riqueza cultural das nações que submeteram e incorporá-la na sua própria forma de vida.

Assim, a cultura romana é o resultado de influências várias, que os Romanos souberam absorver e transformar de acordo com a sua maneira de ser. De todas as influências recebidas, a mais marcante foi, sem dúvida, a influência grega.

Diz-nos o poeta Horácio (65-8 a. C.) que “a Grécia conquistada conquistou o seu feroz vencedor”. E em termos culturais assim foi. Grandes admiradores da civilização helénica, reconhecendo a sua originalidade e o seu brilhantismo, os Romanos imitaram-lhe a arte, a literatura, a filosofia e até a religião¹. Falar grego tornou-se, em Roma, sinónimo de cultura (DOC. 12) e a cidade encheu-se de artistas, pensadores e pedagogos helénicos.

Foi desta forma que a cultura grega chegou até nós: absorvida e adaptada pelos Romanos, estendeu-se pelas vastas regiões do Império. E é nesta síntese cultural greco-latina que, em boa parte, residem os fundamentos da civilização europeia.

¹ Os deuses romanos oficiais eram os mesmos que os gregos, embora com nome diferente.



1. Relevos da coluna de Trajano, Roma, 112-113 d. C. (pormenor).

Os Romanos foram excelentes construtores e não concebiam a vida civilizada sem as comodidades urbanas. O exército participava ativamente na edificação das novas infraestruturas, ajudando a erguer cidades como a de Timgad, por exemplo.



2. Planta da cidade de Timgad, na atual Argélia. Fundada no ano 100 d. C. pelo imperador Trajano a fim de instalar os veteranos da Terceira Legião, Timgad é um modelo de planificação urbana, com um traçado rigorosamente geométrico, articulado em torno de um *cardo* (eixo norte-sul) e de um *decumanus* (eixo este-oeste) que se interseccionam na perpendicular. No caso particular de Timgad, o *cardo* não atravessa toda a cidade, interrompendo-se na zona do fórum, onde se encontra com o *decumanus*. Construída a partir do nada, a cidade foi dotada das infraestruturas que os Romanos consideravam essenciais à vida urbana: edifícios religiosos e administrativos, espaços comerciais, zonas de cultura e lazer, abastecimento de água, entre outras.

2.2.2 A padronização do urbanismo

Como vimos já, foi na cidade que Roma alicerçou o seu domínio sobre as terras conquistadas. Assim, à medida que o Império crescia, fundaram-se cidades novas e renovaram-se as antigas de acordo com as necessidades da administração e os padrões de vida romanos.

A fundação de uma nova cidade implicava um cuidadoso planeamento. Seguindo as práticas comuns nos acampamentos militares e, sobretudo, os ensinamentos do arquiteto grego Hipódamo (séc. V a. C.), a cidade articulava-se a partir de duas ruas principais, o *cardo*, com a direção norte-sul, e o *decumanus*, no sentido este-oeste (Doc. 13). Era geralmente perto do cruzamento destes dois eixos, que serviam de referência ao alinhamento das ruas, que se situava a grande praça pública – o *fórum* –, verdadeiro coração da cidade (Doc. 14).

No fórum encontravam-se os principais edifícios administrativos: a cúria e a basílica. Na cúria reunia-se o Senado, conselho de notáveis que se ocupava do governo da cidade; a basílica servia de sala de reuniões para políticos e homens de negócios e também de tribunal público. Plínio, o Moço, deixou-nos descrições coloridas da multidão que aí acorria quando algum advogado, famoso pela sua eloquência, tomava a palavra em defesa do seu cliente.

Era também no fórum ou nas suas imediações que se erguiam



3. Vista do decumanus de Timgad.

Casas de habitação e lojas de comércio erguiam-se de cada um dos lados desta via, guarnecida de pórticos. Ao fundo, o Arco de Trajano marcava a entrada principal da cidade.

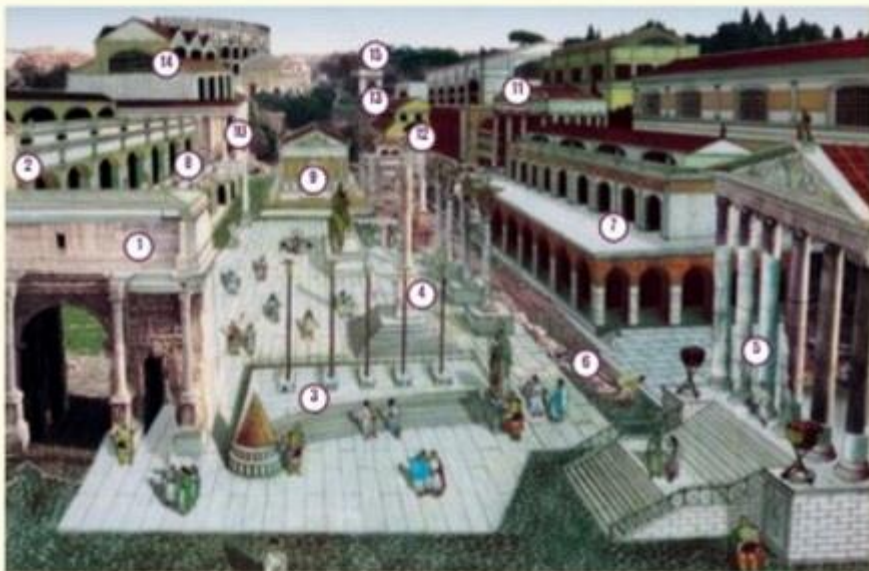
Questões pág. 91

Conceitos

Fórum – Centro administrativo e religioso de uma cidade romana, constituído por uma área destinada a reuniões ao ar livre, rodeada de edifícios e colunatas.



1. Perspetiva do Fórum romano no seu estado atual. As três colunas em primeiro plano pertenceram ao templo de Vespasiano, erigido em 81 d. C.



2. Reconstituição parcial da mesma zona do Fórum (desenho de Andrea Tosolini, Ed. Lozzi Roma, sas.). Situado no sopé das colinas do Capitólio e do Palatino, o Fórum romano foi o centro político e religioso da cidade durante um milénio. O seu recinto renovou-se permanentemente, o que não impediu os imperadores de, paralelamente, construir novas praças, magníficas pela sua dimensão e pela beleza dos seus pórticos, sob os quais os cidadãos se abrigavam em dias de mau tempo ou de sol escaldante.

Numa das suas comédias, Plauto descreve assim o fórum de Roma:

Vou indicar-te um sítio onde poderás facilmente encontrar todo o tipo de pessoas, perversas ou virtuosas, trabalhadoras ou vadias. Queres falar com um perjuro? Aproxima-te da tribuna dos oradores. Um mentiroso ou um fanfarrão? Chega perto do templo de Vénus Cloacina (perto da basílica Emilia). Maridos ricos, pródigos com o seu dinheiro? Encontrá-los-ás perto da basílica. Ali encontrarás também as prostitutas [...]. Os que procuram comida estarão no mercado do peixe. Na parte baixa do fórum passeia-se a gente honesta. No centro, perto da Cloaca Máxima, os vigaristas. Os insolentes, os charlatães e os invejosos, perto do lago Cúrcio, falando todos mal do próximo, quando podiam falar bem. Perto das lojas antigas, ficam os cambistas e os usurários. Por trás do Templo dos Dióscuros, param os que não são de fiar. [...]

Plauto, dramaturgo romano (230-180 a. C.) – *O Gorgulho*, V. 467-485



3. O fórum romano (a amarelo) e os fóruns imperiais (a verde), num pormenor da reconstituição da Roma Antiga, obra do arquiteto Italo Gismondi. Ao contrário da maioria das cidades do Império, Roma cresceu de forma quase anárquica, espalhando-se, imensa, pelas margens do rio Tibre.

Fóruns imperiais

- A Fórum de Júlio César
- B Fórum de Augusto
- C Fórum de Vespasiano
- D Fórum de Nerva
- E Fórum de Trajano

Fórum Romano

- 1 Arco de Septímio Severo
- 2 Cúria
- 3 Rostra (tribuna dos oradores)
- 4 Coluna de Focas
- 5 Templo de Saturno
- 6 Via Sagrada
- 7 Basílica Júlia
- 8 Basílica Emilia
- 9 Templo de Júlio César
- 10 Templo de Antonino e Faustina
- 11 Templo de Castor e Polux
- 12 Templo de Vesta
- 13 Casa das Vestais
- 14 Basílica de Maxêncio (o último grande edifício edificado no fórum, iniciado em 305 d. C.)
- 15 Arco de Tito

Questões

- 1 Faça uma descrição sumária da cidade de Timgad (DOC. 13)
- 2 Mostre, com base nas imagens 1 e 2, que o fórum era, simultaneamente, o centro administrativo e religioso da cidade romana (DOC. 14).
- 3 Que imagem do Fórum Romano nos transmite Plauto?
- 4 Justifique o título dado a este documento.



1. Panorâmica do complexo das Termas de Caracala, tal como hoje se encontra. Para os Romanos, a higiene diária era essencial e merecedora de toda a atenção por parte do Estado. Assim, não havia cidade sem termas e as de Roma eram, naturalmente, as mais imponentes. Erigidas entre 211 e 217, as Termas de Caracala podiam acomodar 2000 pessoas e primavam pelo luxo das instalações. As suas gigantescas cisternas tinham capacidade para 80 000 metros cúbicos de água e eram alimentadas por uma derivação do aqueduto de Márcia, construída expressamente para esse fim.



Reconstituição do frigidarium das Termas de Caracala. Nos últimos séculos do Império, a zona do frigidarium (banhos frios) tomou, nos grandes complexos termais, a configuração de uma basílica, a típica sala de reuniões públicas dos Romanos. Ali, para além do convívio, decorriam debates, recitas e concertos, unindo claramente os prazeres do corpo e do espírito.

os templos mais significativos. Os Romanos veneravam especialmente a tríade nacional Júpiter-Juno-Minerva, cujo templo, o Capitólio, simbolizava a presença e o poder dos Romanos. Dentro do mesmo espírito ergueram-se, nas províncias, os templos dedicados ao culto do imperador.

Centro administrativo e religioso da cidade, local de encontro das suas gentes, o fórum mereceu sempre a atenção dos governantes, que amiúde o renovaram e engrandeceram. Em Roma, os imperadores não só acrescentaram novas e grandiosas construções ao primitivo fórum da cidade – o Fórum Romano –, como construíram, nos espaços circundantes, novas praças – os fóruns imperiais (Doe. 14).

Embora estas construções tenham, em parte, correspondido às necessidades geradas pelo aumento da população urbana, elas refletem a vontade de dotar Roma de um conjunto monumental que espelhasse a glória da cidade e dos seus imperadores. Aliás, este **gosto pela monumentalidade** é uma das características mais salientes das cidades romanas, patente tanto em edifícios utilitários (aquedutos, circos, anfiteatros), como em obras meramente decorativas ou comemorativas (estátuas, arcos de triunfo, colunas).

Junto do fórum foram frequentemente construídas **bibliotecas**, assim como **mercados públicos** destinados ao abastecimento das cidades. Ficaram célebres os de Trajano, em Roma, em Óstia e em Timgad.

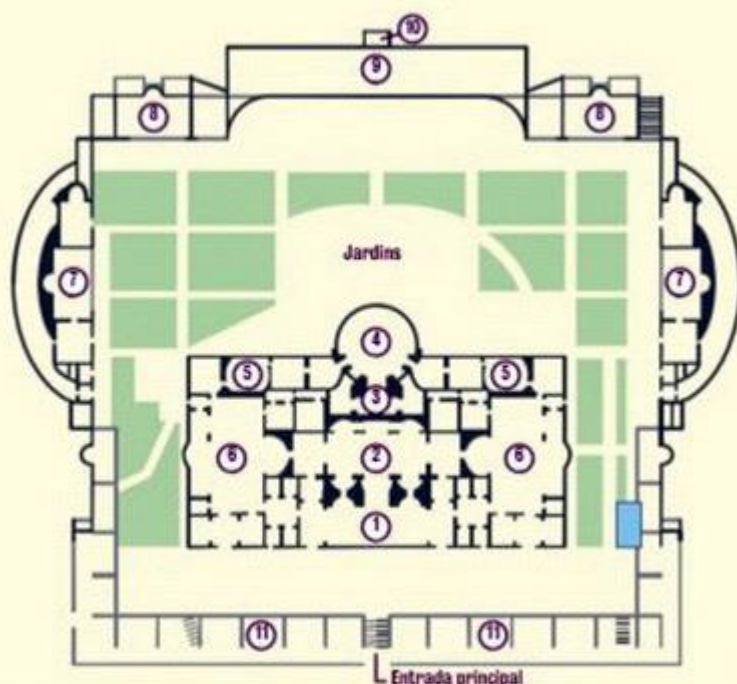
Conceitos

Urbanismo* – Ciência que trata do estudo e planificação do meio urbano. Os Romanos foram verdadeiros mestres de urbanismo e, nas cidades que criavam, nada era deixado ao acaso. Distribuíam áreas adequadas para as casas de habitação, as lojas de comércio, as praças públicas, os templos. Determinavam também a água que iria ser necessária, o número e o tamanho das ruas, os passeios e os esgotos, prevendo até áreas para o futuro desenvolvimento da cidade.

* Conceito estruturante

Imagina todas as espécies de vozes. [...] Enquanto os desportistas treinam e se exercitam nos halteres, [...] ouço gemidos; de cada vez que retomam o fôlego, segue-se um silvo e uma respiração aguda. Quando se trata de um preguiçoso ou de alguém que se contenta com uma fricção barata, ouço uma mão a bater nos ombros [...]. Se, além disso, surgir um jogador que comece a contar as boladas, está tudo acabado! Acrescente-se ainda o quezi-lento, e o ladrão apanhado em flagrante, e o homem que se diverte a ouvir a sua própria voz enquanto toma banho. Juntem-se a tudo isto as pessoas que saltam para a piscina salpicando os outros de água. Mas todas estas pessoas têm, pelo menos, uma voz normal. Agora imagina a voz aguda e estridente dos depiladores [...] que de repente dão gritos, sem nunca se calarem, a não ser quando depilam as axilas aos outros, obrigando-os, então, a gritar por sua vez. Há ainda os gritos variados dos pasteleiros, vendedores de salsichas e de patés e de todos os moços de taberna que anunciam as suas mercadorias numa melopeia característica.

Sêneca, filósofo (c. 4 a. C. - 65 d. C.) - *Cartas a Lucílio*, VI



2. Planta das Termas de Caracala. Os complexos termais tinham, muitas vezes, uma disposição simétrica para que os frequentadores se pudessem dividir, de modo a não sobrelotarem os espaços. Geralmente começava-se o circuito com o exercício físico e, depois dos banhos, convivia-se nos jardins ou lia-se na biblioteca.

- ① Natatio (piscina ao ar livre)
- ② Frigidarium (banhos frios)
- ③ Tepidarium (banhos mornos)
- ④ Caldarium (banhos quentes)
- ⑤ Laconicum (espécie de sauna)
- ⑥ Palestra (recinto descoberto para o exercício físico)
- ⑦ Ginásio
- ⑧ Biblioteca
- ⑨ Cisternas
- ⑩ Aqueduto
- ⑪ Pórticos e lojas

Questões pág. 95



Detalhe de um mosaico de Piazza Armerina (Sicília), séc. IV d. C. As mulheres eram também apreciadoras do exercício físico e frequentavam as termas regularmente. Algumas tinham duas alas, destinadas a cada um dos sexos, mas o mais frequente era a partilha das mesmas instalações, a horas desencontradas: as mulheres reservava-se a manhã; os homens, que começavam e terminavam cedo a sua jornada de trabalho, frequentavam-nas de tarde.

O sentido utilitário do **urbanismo** romano revelou-se ainda na construção das **termas**, estabelecimentos de banhos públicos, dotados de salas de temperaturas diferentes, vestiários, piscinas de água quente e fria, palestras, salas de descanso, de massagem e de reuniões (Doc. 15).

Prática da mais elementar higiene, o banho era, para os Romanos, um momento cultural, permanecendo como uma das facetas mais civilizadas e agradáveis da vida quotidiana. Para a tornar possível, as cidades estavam equipadas com **aquedutos**, normalmente obras grandiosas, que conduziam as águas dos reservatórios naturais, muitas vezes longe da cidade, até aos fontanários públicos e às casas particulares.

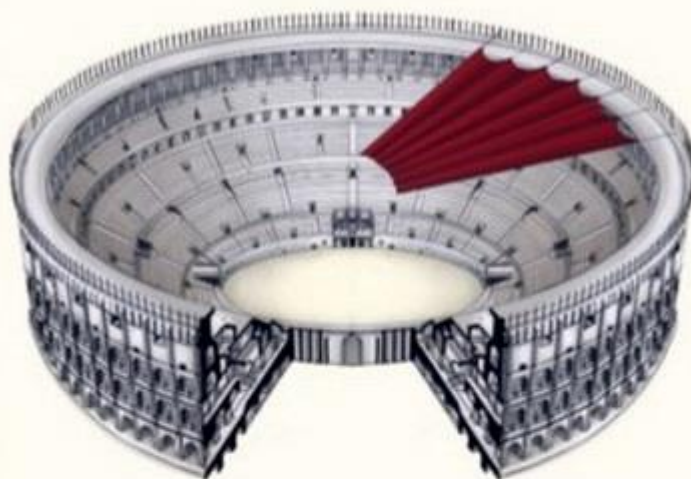
O lazer e a distração não foram esquecidos nas cidades romanas. Quase todas possuíam o seu **anfiteatro**, palco de lutas com animais selvagens e de combates entre gladiadores. O mais conhecido é, sem dúvida, o Coliseu de Roma, que serviu de modelo a muitos dos seus congêneres provinciais (Doc. 16).

Outros espetáculos apreciados pelos Romanos eram as corridas de cavalos e de carros, realizadas no **circo** (Doc. 16), assim como as tragédias, as comédias e as farsas, representadas nos **teatros**.

Quanto às **casas de habitação**, encontram-se sempre dois tipos: a **domus**, casa particular, onde moravam os cidadãos mais ricos e que, em Roma, se espalhava pelas colinas; e a **insula**, prédio de aluguer, com várias habitações,



1. O Circo Máximo (1) e o Anfiteatro Flávio (Coliseu) (2) tal como aparecem na reconstituição existente no Museu da Civilização Romana. Note-se a enorme dimensão destes edifícios, destinados aos dois tipos de espetáculos que os Romanos mais apreciavam: as corridas de cavalos e os combates de gladiadores. No Circo, assim chamado pela sua forma oval, realizavam-se as corridas de carros de cavalos, muito violentas. A pista, delimitada por uma spina central (3) comportava, no Circo Máximo, 12 carros que, partindo dos arcos que se veem na reconstituição (4), deviam dar voltas ao recinto, invertendo a marcha na meta (5), a plataforma alçada, semicircular, que ficava em cada um dos topos da spina. Estas voltas, efetuadas a grande velocidade, lançavam os carros uns contra os outros ou contra as paredes. Muitos partiam-se e, para que a corrida pudesse continuar, havia uma equipa especial cuja única função era retirar os restos dos carros, os cavalos e os aurigas, feridos ou mortos. Para ver este espetáculo podiam acomodar-se, nas bancadas, 250 000 espectadores.

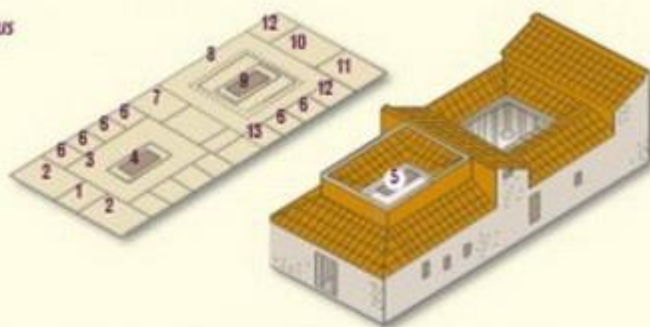


2. O Anfiteatro Flávio (estado atual e reconstituição). Mais conhecido por Colosseum (Coliseu), este gigantesco anfiteatro (do grego *anphi* – em redor) foi inaugurado em 80 d. C., durante o reinado do imperador Tito, com grandiosas festas que duraram cem dias. As suas bancadas podiam acolher 70 000 espectadores, que aí assistiam a duelos de gladiadores, a combates entre feras e homens e a simulações de batalhas navais (a arena podia, inicialmente, ser inundada, formando um tanque de 80 x 54 m). O imperador e o seu séquito sentavam-se, com grande pompa, no camarote imperial, coberto por um baldaquino, enquanto a multidão era protegida do sol e da chuva por um toldo gigantesco, o *velum*, manobrado por um destacamento especial da marinha imperial, acantonado em Roma. Um total de 80 portas numeradas – as *vomitória* – permitiam esvaziar o recinto em apenas 20 minutos.

[O povo] desinteressou-se de tudo; ele, que outrora conferia os poderes [aos magistrados] [...], só aspira a duas coisas: pão e jogos de circo.

Juvenal - *Sátiras*, X (início do século II d. C.)

Domus



① Vestibulo; ② Armazéns; ③ Atrio; ④ Implúvio; ⑤ Complúvio; ⑥ Quartos (cubicula); ⑦ Quarto do dono da casa; ⑧ Peristilo; ⑨ Piscina; ⑩ Sala de reuniões e de refeições; ⑪ Sala de jantar (triclinio); ⑫ Cozinha; ⑬ Entrada de serviço.

Insula



Tal como hoje, as diferenças sociais refletiam-se na qualidade do alojamento. Os mais ricos habitavam uma casa própria, unifamiliar, de modelo tradicional: a *domus*. Normalmente de um só piso, a *domus* isola os seus habitantes do movimento da rua, já que, praticamente, não tem janelas para o exterior. Os aposentos organizam-se em redor de um átrio central ao qual, nas moradias mais ricas, se acrescenta um outro espaço aberto, o peristilo, dotado de belas colunas, estátuas e recantos ajardinados.

A maioria da população não tinha, porém, possibilidade de usufruir de uma *domus*. Como em todas as grandes urbes, em Roma o espaço faltava e a cidade cresceu em altura, enchendo-se de extensos e atamancados bairros de *insulae*. Com janelas para a rua estreita, suja e barulhenta, a *insula* subdividia-se em pequenos apartamentos de aluguer onde se amontoava, geralmente numa só dependência, toda a família.

Questões pág. 95

Vivemos numa cidade suportada por frágeis vigotas. Porque é deste modo que o administrador repara a casa prestes a cair: tapa a fissura de uma velha fenda e diz-nos que durmamos tranquilos enquanto a catástrofe paira sobre a nossa cabeça! Não, não, tenho de viver onde não haja tantos fogos, tantos alarmes noturnos. [...] O terceiro andar já está em chamas e tu ainda não deste por nada. Desde o rés do chão que todos estão em pânico mas o último a assar é o locatário [das águas-furtadas] que só tem a protegê-lo as telhas onde ternas pombas vêm pôr os ovos. [...]

Se te conseguires afastar dos jogos de circo, podes comprar uma excelente *domus* em Sora, Fabrateria ou Frusino¹ pelo mesmo que pagas, num ano, por um tugúrio em Roma. [...]

A maioria dos doentes, em Roma, morre de insónia [...], pois que sono é possível num apartamento? Quem, senão os ricos, consegue dormir em Roma?

Juvenal, poeta satírico (sécs. I-II d. C.) - *Sátiras III*

¹ Pequenas cidades próximas de Roma.

Questões

- 1 Enumere as atividades que a frequência das termas proporcionava (DOC. 15).
- 2 Como se distingue o circo do anfiteatro (DOC. 16)?
- 3 Partindo das imagens dos Docs. 15 e 16, apresente dois indícios da importância que os Romanos atribuíam às atividades aí consideradas.
- 4 Na opinião de Juvenal, que inconvenientes graves apresentavam as *insulae* (DOC. 17)?
- 5 O texto de Juvenal deixa transparecer a importância assumida pelos espetáculos no quotidiano de Roma. Fundamente esta afirmação (DOC. 17).
- 6 Pesquise sobre o mais conhecido incêndio de Roma, ocorrido no ano 64 d. C., durante o governo do imperador Nero.

a fazer lembrar os imóveis atuais. Possuidora de um jardim interior e de outras comodidades e luxos, a *domus* contrastava em tudo com a alta e frágil *insula*, em tijolo e madeira, que facilmente se degradava e ruía com frequência, quando não era vítima de incêndios (DOC. 17). No século IV, Roma tinha 46 600 *insulae* e 1800 casas particulares.

Roma foi sempre um caso à parte em termos de planificação urbanística, quer pelo seu gigantismo, quer pela forma, um pouco anárquica, como foi crescendo. A cidade era ruidosa e, com exceção dos bairros residenciais mais ricos, os transeuntes acotovelavam-se em ruas estreitas e insalubres. Aliás, ruas como estas existiam um pouco por todo o Império. A planificação urbanística, em que os Romanos foram mestres, não as evitou, sobretudo nas cidades de fundação anterior ou de terreno acidentado.

Dispersas por três continentes, com particularidades próprias segundo a sua região e a sua antiguidade, as cidades romanas partilharam, no entanto, um padrão urbanístico comum. Todas são reconhecíveis pelo seu fórum, pelas suas calçadas de pedra, pelo mesmo tipo de casas, as mesmas termas. Todas mostram o mesmo desejo de monumentalidade, erguendo templos sumptuosos ou aquedutos colossais. Enfim, todas, apesar das suas diferenças, seguem o mesmo modelo: Roma, berço do Império, a cidade por excelência.

Pompeia, a cidade esquecida

A urbe portuária de Pompeia, no golfo de Nápoles, contava cerca de 25 000 habitantes e fervilhava de atividade quando, em 24 de agosto do ano 79 d. C., o Vesúvio entrou em erupção. Dois dias depois, sete metros de cinzas vulcânicas cobriam a cidade, fazendo desaparecer praças, templos, ruas e casas. Nesse momento, o tempo parou em Pompeia, que permaneceu silenciosa e imutável até à sua redescoberta, no século XVIII.

DOC. A A cidade



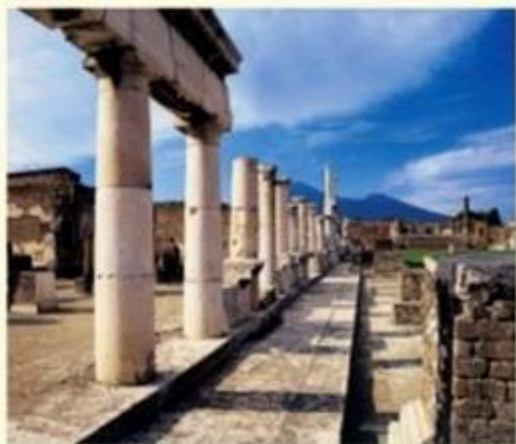
- A** Fórum principal
- B** Fórum triangular

- C** Teatro
- D** Palestra pequena (dos gladiadores)

- E** Palestra grande
- F** Anfiteatro

- G** Termas centrais
- H** Termas do fórum

DOC. B O fórum



Vista do fórum e da sua imponente colunata. Ao longe, o perfil do Vesúvio.



- 1 Templo de Júpiter
- 2 Arco de Tibério
- 3 Mercado (do peixe e da carne)
- 4 Santuário dos deuses Lares
- 5 Templo de Vespasiano
- 6 Edifício de Eumáquia (centro de negócios)
- 7 Rua da Abundância (Decumanos)
- 8 Comitium (recinto onde se realizava a eleição dos magistrados)
- 9 Curia
- 10 Basilica
- 11 Templo de Apolo
- 12 Praça
- 13 Latrinas públicas

REC. C As ruas

Troço final do *Cardo Novo*, conhecido como *Via de Mercurio*. Em primeiro plano, uma espécie de passadeira para peões que, não bloqueando o caminho às carroças, permitia atravessar a rua sem molhar os pés, quando a via se alagava com as chuvas.

REC. D As termas

Sala do Tepidarium das Termas do Fórum. Os nichos na parede funcionavam como uma espécie de cacifos, onde os frequentadores deixavam as suas roupas.

REC. E As domus

1. O *atrium* da Casa de Menandro.



2. Detalhe de um fresco da Casa do Pastor.



3. "Cave Canem" (Cuidado com o cão), alerta colocado na Casa do Poeta Trágico.

REC. F Ofícios e comércio

O dia a dia de Pompeia era uma algazarra de gente voltada para o comércio, sobretudo nos dias de mercado, que se realizava aos sábados. [...] Nas ruas e bairros estavam representados praticamente todos os ofícios. As inscrições nas paredes atestam a existência de comerciantes de frangos, de fruta, de peixe, [...] barbeiros, perfumistas, copistas, sapateiros, [...] taberneiros, fiandeiras, prestamistas. [...] Entre eles tem lugar especial o ofício de padeiro, já que, desaparecido o forno caseiro, simboliza, de certo modo, o desenvolvimento do pequeno comércio. Até ao momento referenciaram-se em Pompeia 35 padarias, como a do Forno do Modesto, onde se encontraram carbonizados os 81 pães que o seu proprietário pôs a cozer minutos antes da erupção.

Belém Romero – «Pompeya, la Vida a los Pies del Vesubio», em *História y Vida*, n.º 450



Uma padaria num fresco da chamada Casa do Padeiro.

DOC. G Os graffiti



Pormenor de uma das 3000 inscrições eleitorais da cidade.

"Os ferreiros recomendam unanimemente Gaius Campus Pansa para edil"

"Anfidius esteve aqui"

"Marcus ama Spendusa"

"Samius para Cornelius: vai-te enforcar!"

"Ampliatius Pedania é um ladrão"

"Oh paredes, suportais tantas inscrições estúpidas que me admira não vos terdes ainda desmoronado!"

Inscrições nas paredes de Pompeia

DOC. H Uma rixa no anfiteatro

No ano de 59, o anfiteatro de Pompeia foi palco de uma rixa entre os habitantes da cidade e um grupo de espectadores da vizinha Nocera, que assumiu proporções deveras violentas, como nos relata o historiador romano Tácito.

Depois das piadas de mau gosto, vieram as injúrias, depois pedras, por fim, armas. [...] Muitos indivíduos de Nocera regressaram a casa com o corpo mutilado; outros choravam a morte de um filho ou de um pai. As autoridades [locais] remeteram o assunto ao Senado [de Roma] [...] que proibiu os espetáculos no anfiteatro durante dez anos [...]. Os autores do tumulto foram condenados ao exílio.

Tácito (55-120 d. C.) - *Anais*, XIV

Capacete de gladiador, com viseira, encontrado em Pompeia, séc. I a. C.

DOC. I Os pompeianos



1. Terentius Nero, padeiro, e sua mulher, retratados como "burgueses".



2. Molde em gesso de uma das vítimas da erupção do Vesúvio.

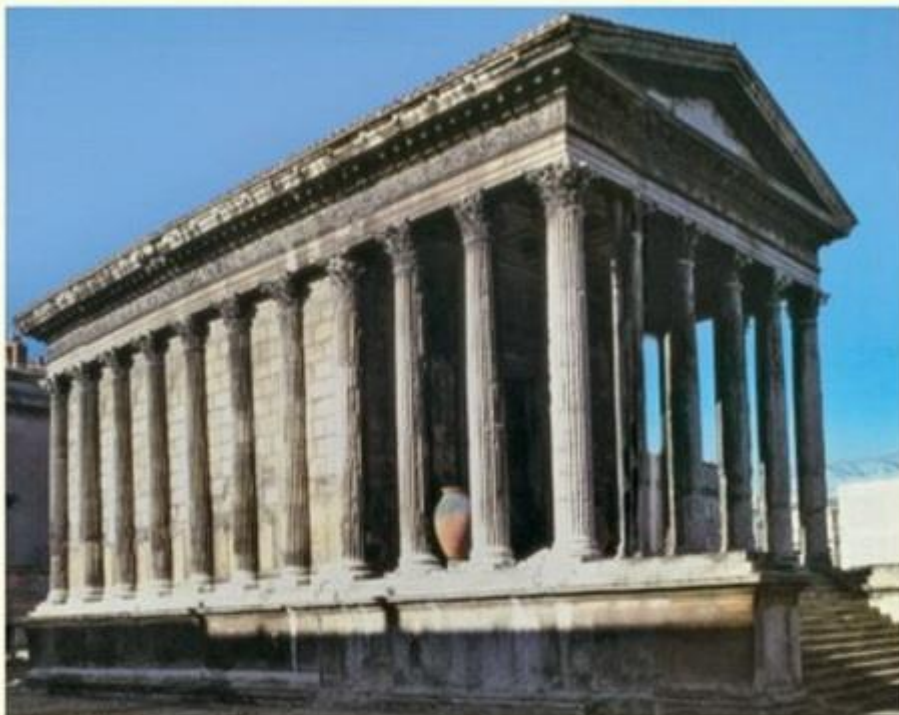
ANÁLISE DOS DOCUMENTOS

1. Explícite: cardo; decumanos [Doc. A].
2. Agrupe os edifícios públicos de Pompeia de acordo com as suas funções (económicas, político-administrativas, religiosas, lazer) [Docs. A e B].
3. Numas termas, o que era o *tepidarium* [Doc. D]?
4. Indique duas características das *domus* representadas no Doc. E.
5. Por que razão as padarias atestam o desenvolvimento do pequeno comércio [Doc. F]?
6. Que tipos de mensagem veiculam os *graffiti* [Doc. G]?

7. Compare o episódio ocorrido no anfiteatro [Doc. H] com os que se registam, por vezes, na atualidade. Tenha em consideração: motivos, pessoas envolvidas, consequências.
8. Como interpreta a legenda "retratados como burgueses" [Doc. I]?

SÍNTESE

9. Redija um texto de cerca de 30 linhas sob o tema "Pompeia, cidade romana".



1. Templo conhecido como "Maison Carrée", em Nîmes (França). Erguido no tempo de Augusto (c. 5 d. C.), foi dedicado ao culto do imperador e da família imperial.



2. Pormenor de um capitel do templo de Nîmes.



3. Capitel da ordem compósita (Museu de Beja).



4. Coliseu de Roma, pormenor da fachada.

O Coliseu é o exemplo mais espetacular da sobreposição das ordens: a toscana (dórica), de aspeto mais robusto, foi utilizada no andar inferior, seguindo-se a jónica e a coríntia. No último andar, as colunas foram substituídas por pilastras de ordem compósita (100 a. C.).

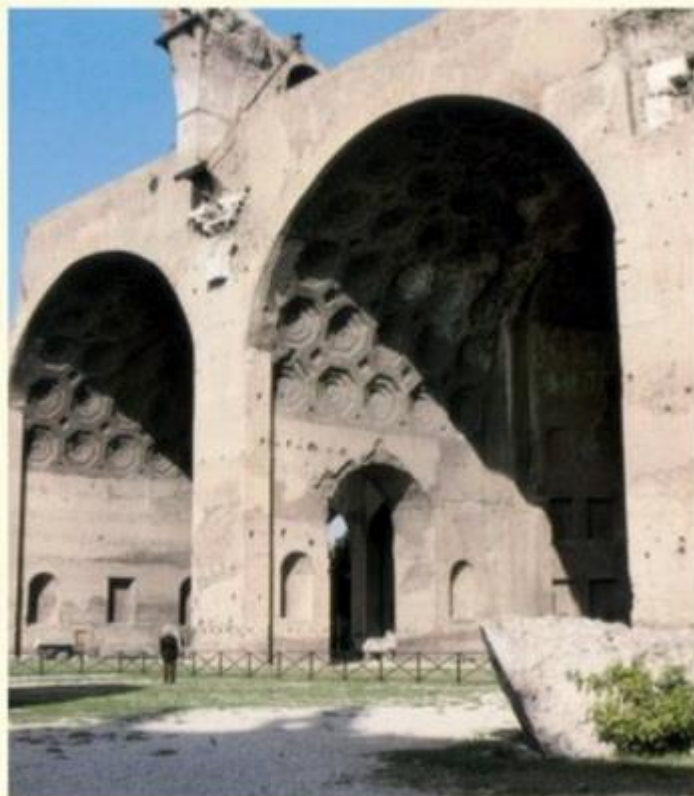
Questões pág. 101

2.2.3 A fixação de modelos artísticos

A arquitetura

Foi no campo da **arquitetura** que o espírito romano encontrou a sua **expressão artística mais forte**. A paz prolongada e a prosperidade económica permitiram uma **grande atividade construtiva**, sobretudo no domínio das obras públicas. Roma e as cidades provinciais enriqueceram-se com novos fóruns, templos, aquedutos, teatros, construções comemorativas.

Na arquitetura como em tantos outros aspetos, os Romanos deixaram-se influenciar pelos modelos gregos. Adotaram as **três ordens**, embora revelassem uma nítida preferência pela ordem coríntia, de maior riqueza decorativa. Usaram-nas, no entanto, com maior liberdade do que os Gregos, sobrepondo-as num mesmo edifício ou aglutinando os seus elementos de forma a criar uma ordem compósita (Doc. 18).



1. Arcos e abóbadas (em betão) da nave lateral norte da Basílica de Maxêncio. Iniciado em 308 pelo imperador Maxêncio, este edifício, o maior do Fórum Romano, era composto por três naves: a central, hoje completamente desaparecida, coberta por abóbadas de aresta, sustentadas por 8 colunas; as laterais, divididas em três partes comunicantes, abobadadas. Estes arcos gigantes e as suas abóbadas de caixões constituíram uma fonte de inspiração para os arquitetos do Renascimento.



2. Galeria do que terá sido o *macellum* (mercado) da Nápoles romana.



Reconstituição da Basílica de Maxêncio.

Questões pág. 101

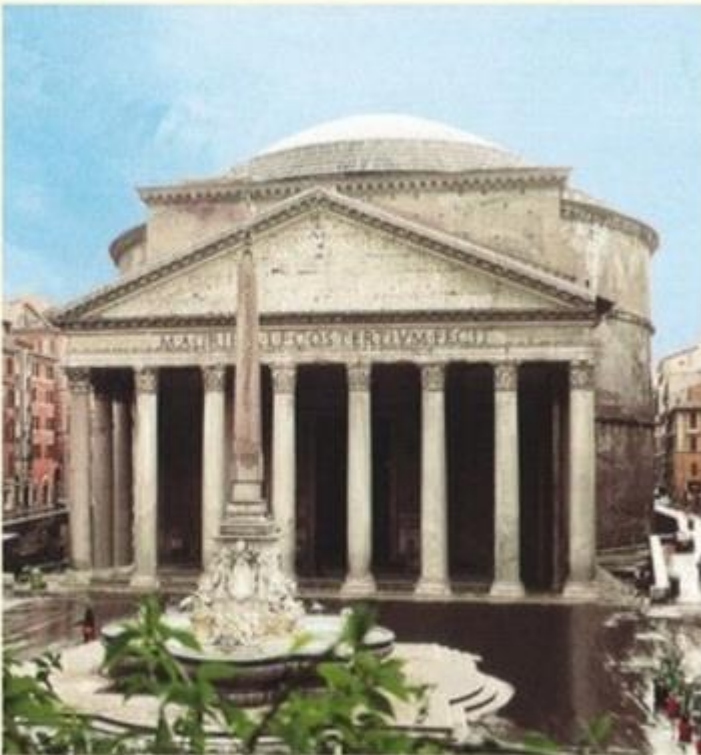
É nos templos que mais se evidencia a influência helénica, quer no alçado, quer na simplicidade da planta. Porém, os Romanos realçaram a imponência do edifício erguendo-o sobre uma plataforma elevada, o *podium* (Doc. 18). Na maior parte dos casos, as esculturas ornamentais do frontão e do friso foram substituídas por uma simples inscrição dedicatória, que elucida sobre os objetivos e as circunstâncias da edificação.

Muito mais livres e criativos que os seus colegas helénicos, os arquitetos latinos souberam tirar partido de diferentes técnicas e materiais, não se limitando ao uso da pedra cortada, sobreposta. O seu espírito prático fê-los adotar materiais mais versáteis e baratos, como o tijolo e o betão (Doc. 19).

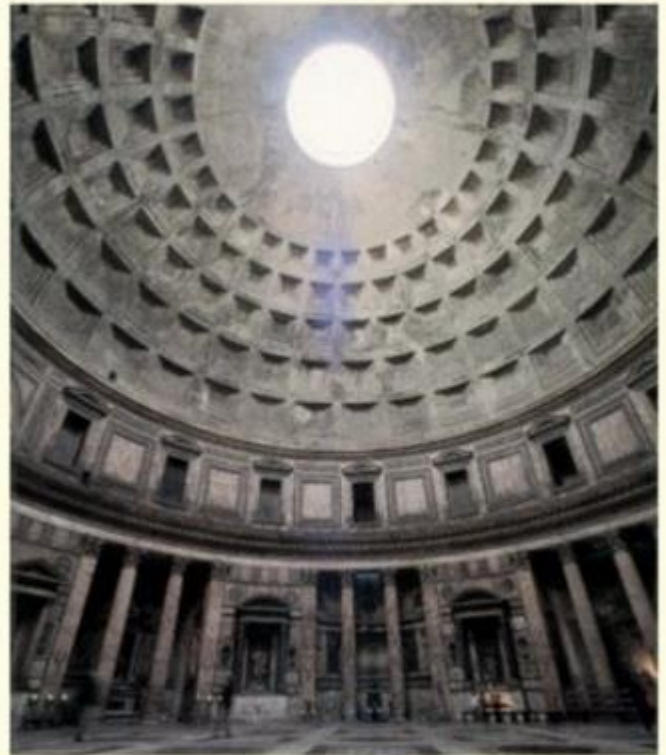
A construção em betão tornou-se uma imensa mais-valia arquitetónica. Além de barato, o betão possuía extraordinária solidez e adaptava-se a qualquer espaço, pois, tal como o atual, vazava-se dentro de moldes de madeira que se retiravam após a secagem.

Estes materiais mais pobres eram, nas grandes construções, “escondidos” por belos revestimentos de mármore e outras pedras, que enriqueciam os edifícios e realçavam as suas formas audaciosas.

Ajudados pela versatilidade dos materiais, os Romanos foram mestres na utilização do arco de volta perfeita (semicircular), substituindo, com frequência, os tetos planos por abóbadas de berço (Doc. 19). Muito pouco usado pelos



1. Fachada.



2. Interior da rotunda.

O Panteão (em grego *Todos os Deuses*) foi mandado restaurar pelo imperador Adriano em 121 d. C. O imperador conservou a fachada exterior do tempo de Augusto, mas o interior foi completamente renovado. Em vez de uma *cello* retangular, para as estátuas divinas, construiu-se uma vasta área de planta circular, coberta por uma cúpula de dimensões impressionantes (43,3 m de diâmetro). A cúpula simboliza, segundo o próprio imperador Adriano, a abóbada celeste, com os seus astros divinizados, sendo o Sol representado pela claraboia central. A grande sala tem uma geometria irrepreensível, nela se podendo inscrever uma esfera perfeita, considerada a "forma fundamental" que pode conter todas as outras. Talvez por isso, Miguel Ângelo, sempre tão crítico face a tudo o que via, tenha ficado fascinado a ponto de considerar que o desenho do monumento fora feito por anjos e não por humanos. Segundo o historiador romano Dion Cássio (c. 155-229), foi esta a sala régia que Adriano escolheu para ditar as leis e para presidir ao Supremo Tribunal. Protegido pelos deuses celestes, o imperador reclamava, sobre a Terra, um poder igualmente divino.

Questões pág. 101

Questões

- 1 Identifique a ordem a que pertence o templo de Nîmes (DOC. 18).
- 2 Que ordens se fundem na ordem compósita (DOC. 18)?
- 3 Compare o edifício apresentado no mesmo documento com os templos gregos que conhece. Tenha em conta:
 - a base do templo;
 - a fachada;
 - a colunata lateral;
 - a ornamentação.
- 4 Refira os materiais utilizados na construção do mercado de Nápoles e da basílica de Maxêncio (DOC. 19).
- 5 Indique os elementos do Panteão que se aproximam do modelo arquitetónico grego. Realce igualmente aqueles que dele se afastam (DOC. 20).
- 6 Distinga abóbada e cúpula.

Gregos, o arco permite diminuir o peso exercido sobre as colunas, que podem espaçar-se, criando grandes vãos.

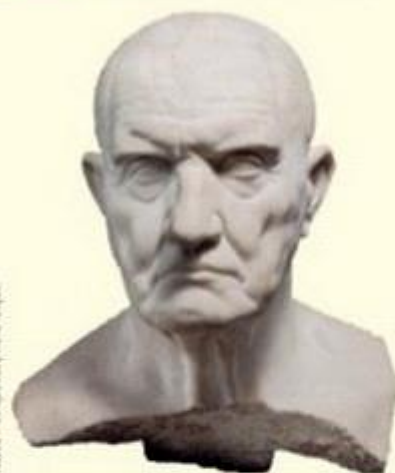
Este refinamento técnico, que culminou na construção de enormes cúpulas, como a do Panteão (DOC. 20), permitiu a criação de **espaços interiores impressionantes**, cenário perfeito para as solenes cerimónias oficiais que exaltavam a glória e o poder romanos.

Mas nem só ao serviço dos deuses e do imperador puseram os arquitetos o seu génio construtivo. Bem pelo contrário, o que mais se evidencia na arquitetura romana é o seu **carácter essencialmente urbano e utilitário**. Os Romanos constroem para a cidade e para os cidadãos: fóruns, teatros, anfiteatros, bibliotecas, termas, aquedutos. Apesar do estado de ruína em que muitas se encontram, estas obras públicas continuam a impressionar-nos pela sua grandiosidade. Lembremos, como exemplo, os 250 000 espectadores que podiam acomodar-se no Circo Máximo!

A este gosto pela grandiosidade não é alheia uma **intenção propagandística**. A imponência das construções espelha a grandeza de Roma, impressiona quem a vê, enche de admiração os povos submetidos.

Esta faceta foi, aliás, completada com grande número de **construções comemorativas**, como os arcos de triunfo, as colunas e os pórticos monumentais (DOC. 22). Só aparentemente desprovidas de qualquer utilidade prática, elas produzem o efeito decorativo e cénico necessário à **exaltação do poder imperial**.

Museo Metropolitano, Roma (esquerda)



1. Retrato de um homem desconhecido, século I a. C.

Museo Britânico, Londres



2. Retrato do imperador Trajano, século II d. C.

Museo Capitolino, Roma



3. Busto do imperador Nero, século I d. C.

A escultura

As obras de escultura são, em Roma, muito numerosas. O Estado e os magistrados multiplicam-nas nos fóruns, nas ruas, nos monumentos antigos e novos da cidade. Os ricos adornam com elas as suas casas, quer em Roma, quer nas províncias, que, em escala mais modesta, imitam a capital.

Mas os escultores romanos não mostram a mesma capacidade inovadora dos arquitetos. Deixam que a criatividade dos **artistas helênicos** domine a produção de estatuária. É a eles que os cidadãos abastados fazem as suas encomendas, contentando-se, muitas vezes, com **réplicas das grandes obras gregas**.

Porém, a atitude dos Romanos muda quando se trata de deixar a sua imagem para a posteridade: feições do rosto, expressão no olhar, movimento dos cabelos, tudo é tratado com tal minúcia e fidelidade que os retratos frequentemente ultrapassam a representação física da personagem para nos darem a ideia do seu carácter (001. 21)¹. A originalidade da escultura romana faz-se sentir nestes **retratos**, dotados de um intenso **realismo**.

Os Romanos souberam também tirar partido de outra vertente da arte de esculpir: o **relevo**. Usaram-no profusamente como elemento decorativo, mas souberam dar-lhe outra função: a de **narrar os grandes feitos do povo romano e exaltar as virtudes dos seus chefes**.

Enquanto os artistas gregos se inspiravam sobretudo nos episódios mitológicos, os Romanos preferiram imortalizar em pedra episódios significativos da sua História: campanhas e vitórias militares, procissões e sacrifícios religiosos, alocuções imperiais ou menções à paz e prosperidade de que gozavam os povos do Império.

Este tipo de relevo, vulgarmente denominado **relevo histórico-narrativo**, foi utilizado, sobretudo, nas construções comemorativas, como as colunas e os arcos de triunfo (001. 22). Mas encontramos-lo, também, noutros edifícios públicos e até em obras de carácter privado, como os sarcófagos, em cujas paredes os escultores imortalizaram os feitos da Pátria romana nos quais o defunto participara ou que, simplesmente, admirava².

¹ Veja também os retratos de Cícero e do imperador Caracala (pp. 82 e 84). ² Veja o sarcófago Ludovisi, nas p. 124-125.

Seguindo uma tradição herdada dos Etruscos, os nobres romanos faziam esculpir, em cera, o busto dos seus progenitores falecidos. Estes bustos, que reproduziam fielmente os traços do retratado, eram transportados no funeral e, depois, colocados num tabernáculo de madeira, em casa, num local bem visível. Foi esta prática que introduziu, em Roma, o gosto pelo retrato pessoal, de cunho realista. Ao contrário dos Gregos, que concediam as honras do retrato aos atletas e heróis, em Roma essa honra coube sempre aos homens públicos, senadores, magistrados e generais.

INTRODUÇÃO

Museo Capitolino, Roma



4. Retrato de um patrício romano com os bustos dos seus antepassados, século I a. C.

Eu canto as armas e aquele herói¹
que, banido pelo destino,
foi o primeiro que veio de Troia
à Itália e às margens do Lácio.²
[...]
e que introduziu seus deuses no Lácio,
donde saíram a raça latina
e os reis albanos³
e as muralhas da altiva Roma.
[...] Aqui está César e toda a descendência
de Iulo⁴ que há de vir sob o magno polo celeste:
É este o homem, é este, o que muitas vezes
ouviste prometer.
Augusto César, filho de um deus, que a idade do ouro
há de inaugurar de novo no Lácio, nos campos
onde outrora Saturno reinou, e, para além dos
Garamantes e Índios
dilatará o império; [...].

Virgílio – *Eneida*, I e VI, em Maria Helena da Rocha Pereira,
"Romana, Antologia da Cultura Latina"

1 Eneias, herói da Guerra de Troia, em quem entronca a linhagem de Rômulo e de Augusto; 2 Cidade fundada por Eneias, no Lácio; 3 Da cidade de Alba Longa, de onde era natural a mãe de Rômulo; 4 Filho de Eneias.



1. Virgílio recebe inspiração da musa da poesia épica, Calíope (à esquerda, na imagem) e de Melpómene, a musa da tragédia (à direita). Mosaico romano do século III d. C., Tunes. Inspirada nos poemas homéricos, a *Eneida* atribui as origens de Roma ao herói troiano Eneias, filho de um mortal, Anquises, e da deusa Vénus. Nesta epopeia é Eneias quem, depois de uma atormentada viagem pelo Mediterrâneo, aporta ao Lácio, dando origem à raça dos Romanos. Rômulo descenderia de Eneias, tal como a família de Augusto, a *gens Julia*, que teria sido fundada por Iulo, filho do herói troiano.

2.2.4 A apologia do império na épica e na historiografia

A poesia

O principado de Augusto e, de uma forma geral, todo o século I d. C. corresponderam a uma época de grande brilho cultural.

O imperador chamou para a sua corte poetas e escritores a quem cumulo de provas de amizade e de bens materiais. Um dos grandes amigos do imperador, **Mecenas**, reuniu também, junto de si, os maiores talentos literários da época e de tal forma os incentivou que o seu nome ficou para sempre ligado à proteção das artes, falando-se, ainda hoje, de um **mecenas** e de **mecenato**.

Acarinhada pelas altas esferas do poder, a **literatura atinge, então, o seu apogeu**. Poetas como Virgílio, Horácio e Ovídio souberam dar ao latim uma ressonância e uma expressão sublimes, criando obras que se tornaram modelos literários nos séculos seguintes.

Esta proteção das letras não era, todavia, completamente desinteressada. Octávio, que ouvia atentamente a leitura das obras, aplaudia e recompensava as de maior mérito, incentivava os autores a exaltarem as virtudes da sua pessoa e os benefícios do seu reinado. Deste modo, **a poesia fez-se também eco da glória de Roma e da grandeza do príncipe**, atuando como um poderoso meio de propaganda imperial (Boc. 23).

De entre todos os poetas contemporâneos de Augusto destaca-se Públio Virgílio Maro (70-19 a. C.), considerado «o poeta do príncipe e o



2. Modelo de um **volumen**, o livro da Antiguidade, semelhante ao que segura Virgílio e Calíope, no mosaico reproduzido. Fabricado em papiro ou pergamínio, o **volumen** podia ser enrolado horizontal ou verticalmente. Se o tamanho da obra assim o exigisse, era sustentado por duas hastas, como as que se veem na imagem. O livro dos nossos dias resulta do **codex** (códice), adotado pelos cristãos para os seus escritos religiosos. Mais fácil de manejar, o **codex** é constituído por um conjunto de folhas dobradas em cadernos e cosidas umas às outras.

Questões pág. 105

A – Políbio

Na verdade, quem haverá de tão mesquinho e tão frívolo que não queira saber de que modo e com que espécie de governo é que quase todo o mundo habitado [...] caiu sob o poder único dos Romanos? [...]

Que é grandioso o meu tema, tornar-se-á bem evidente, se puermos lado a lado as mais célebres potências do passado [...] e as compararmos com o Império Romano. [...]

Mas os Romanos subjugaram, não algumas partes, mas quase toda a terra habitada, e deixaram um poderio tão vasto que é impossível aos nossos contemporâneos resistir-lhe.

Políbio (c. 203 a. C. – 120 a. C.) - *Histórias*

B – Tito Lívio

Farei uma obra útil ao escrever a história do povo romano desde a fundação da nossa cidade? [...] Tal assunto é sobejamente conhecido do público, desde há muito: permanentemente novos autores procuram acrescentar um ou outro pormenor ou suscitar, pela qualidade da sua escrita, mais interesse que o dos relatos inábeis do passado. Como quer que seja, sempre me será grato ter tomado parte em me ocupar da memória das façanhas do povo senhor do mundo [...]. Que trabalho gigantesco implica este tema desmesurado que nos faz retroceder mais de sete séculos! Roma, insignificante na sua origem, cresceu ao ponto de atingir a grandeza que hoje detém [...]. E, se é lícito a um povo atribuir a sua origem aos deuses, tal direito pertence, pela glória das armas, ao povo romano [...]. O meu objetivo é que cada leitor sinta o desejo de se concentrar nos seguintes pontos: como era a vida e quais os costumes de então; por que varões, com que artes, na paz e na guerra, se fundou e aumentou o império. [...]

O conhecimento da História é particularmente salutar e fecundo pois faz-nos descobrir, nos seus relatos, comportamentos exemplares. Permite-nos colher inspiração para a nossa conduta particular e pública, evitando comportamentos ignominiosos, de funestas consequências. Deixo-me talvez levar pelo amor que nutro pelo meu projeto mas a verdade é que jamais se conheceu um Estado tão grande, tão rico e tão cheio de bons exemplos. A nenhuma outra cidade demorou tanto a chegar a fascinação pelo dinheiro e pelo luxo.

Tito Lívio (c. 59 a. C. – 17 d. C.) - *História Romana, Prólogo*

Questões pág. 105

Questões

- 1 Distinga, no excerto da *Eneida* (DOC. 23):
• os versos dedicados a Roma;
• os versos dedicados ao imperador.
- 2 Mostre a intenção glorificadora do poema (DOC. 23).
- 3 Que sentimento exprimem Políbio e Tito Lívio face às conquistas romanas (DOC. 24)?
- 4 Transcreva uma frase que evidencie claramente as intenções apologéticas de cada um dos textos transcritos (DOC. 24).
- 5 Exponha as razões que, segundo Tito Lívio, justificam o apreço pela História (DOC. 24).

príncipe dos poetas". A instâncias do imperador, dedicou os últimos sete anos da sua vida a uma grande obra épica, a *Eneida*, que se tornou o **poema nacional** por excelência. Nele, os Romanos são vistos como descendentes dos deuses e Augusto como o homem predestinado para governar o Império, trazendo-lhe ainda mais poder, fama e prosperidade (DOC. 23).

A História

As inúmeras vitórias dos Romanos e a grande tenacidade que demonstraram na construção do seu império impressionaram, desde cedo, os historiadores. Assim, a *História* revestiu uma **feição pragmática**, procurando **justificar o domínio de Roma e pôr em evidência a sua ação civilizadora**. Este objetivo está presente nas obras de Políbio, Júlio César, Tito Lívio e Tácito, entre outros. Foi, no entanto, o historiador Tito Lívio aquele que mais glorificou a História da sua pátria. Tito Lívio deixou-nos uma imensa obra, que abrange toda a História de Roma, desde a fundação da cidade até ao ano 9 a. C. Escreveu, sobre este assunto, 142 livros, aos quais dedicou 40 anos da sua vida (DOC. 24)!

Desta *História Romana*, chegou até nós apenas uma pequena parte. É, no entanto, o suficiente para podermos avaliar o patriotismo ardente e a profunda crença no destino grandioso de Roma que animou o seu autor. Engrandecendo, como nenhuma outra, o nome romano, a *História* de Tito Lívio rapidamente se popularizou. Dela se fizeram numerosos resumos, destinados, alguns, a servir como manuais na extensa rede de escolas que os Romanos tiveram o mérito de espalhar por todo o Império.

Há pouco tempo, quando estive na minha terra natal, veio cumprimentar-me o filho de um conterrâneo [...]. Disse-lhe eu: “Andas a estudar?” [...] “Ando.” “Onde?” “Em Milão.” “E porque não aqui?” Diz o pai [...]: “Porque aqui não temos professores nenhuns.”

[...] Quanto dinheiro seria preciso para contratar professores [...] ? Até eu, que ainda não tenho filhos, estou pronto, em favor do meu país, a dar a terça parte [...]. Prometeria até a totalidade, se não receasse que esta minha dádiva algum dia viesse a ser alterada pela corrupção eleitoral, como vejo suceder em muitos sítios, nos quais os mestres são contratados pelo governo. [...]

Nada podeis fazer de mais honroso do que ser útil aos vossos filhos, nada de mais grato à vossa terra. [...]

[...] Peço-te, pois, e rogo-te [...] descubras quais os mestres a quem poderíamos atrair [...].

Plínio, o Moço, político e escritor (c. 61-114 d. C.) - *Cartas*



1. Cena escolar típica de qualquer escola do Império, relevo proveniente de Neumagen, Alemanha, c. 200 d. C.

O mestre senta-se ao meio, entre dois alunos que desenrolam o seu *volumen*. Um terceiro (à direita) transporta a *capsa*, caixa de madeira em que se guardava o material necessário à escrita. Parece ter chegado tarde e apresenta, por isso, desculpas ao professor.

O dia escolar começava cedo, mesmo antes do romper do sol, e prolongava-se pela tarde. Tal como hoje, o ano letivo durava cerca de nove meses (de outubro a junho), mas decorria praticamente sem interrupções.

As pancadas com a vara e a correia de couro faziam parte do quotidiano escolar, tal como os puxões de orelhas, considerados muito apropriados já que, no dizer de Dionísio de Halicarnasso, “sendo elas sede da memória, havia vantagem em desenvolvê-las”.



2. Material escolar da época romana, séculos I-II d. C. Os alunos escreviam em tabuinhas de cera como a da imagem 1, que riscavam com um estilete afiado, apagando depois com a outra ponta, de configuração achatada 2. Para um registo permanente usava-se papiro ou pergaminho e escrevia-se com um cálamo (feito geralmente com um caule de lótus) que se molhava num tinteiro 3.

Questões pág. 107

2.2.5 A formação de uma rede escolar urbana uniformizada

O ensino

Ir à escola era, em Roma, uma coisa comum. Ao completar 7 anos, rapazes e raparigas eram enviados ao *litterator*, espécie de professor primário, que lhes ensinava as primeiras letras. Só os mais abastados, que podiam dispor de mestres particulares, estudavam em casa.

O currículo deste ensino primário, que se estendia dos 7 aos 11 anos, não era muito diferente do das escolas helénicas. Para além da escrita, da leitura e do cálculo, os alunos decoravam os trechos poéticos mais edificantes e máximas morais. É que, tal como hoje e sempre, para além da aprendizagem propriamente dita, o ensino obedecia a determinados fins educativos. Cícero enumerou-os: o domínio de si, a obediência a toda a autoridade e a benevolência para com o próximo.

Para o nível secundário, ministrado pelo *gramático*, transitavam apenas aqueles (rapazes e raparigas) que tinham mais posses, já que era muito mais dispendioso. Aí se aperfeiçoavam os conhecimentos da língua e se estudavam as principais obras literárias: a poesia de Virgílio, a retórica de Cícero e a História de Salústio e Tito Lívio encabeçavam o currículo. A matemática, a geometria, a música e a astronomia, embora ensinadas, ocupavam um lugar secundário. Finalmente, aos 17 anos, uma minoria de rapazes ingressava no ensino superior, ministrado pelo *rethor* (mestre de retórica).

Embora tenha havido, em Roma, mulheres muito cultas, este terceiro

Visto considerar que os estudos próprios dos homens livres são úteis às cidades, tanto no interesse geral como particular, e são consagrados aos deuses pelos gramáticos e retóricos que incutem nos espíritos sentimentos de humanidade e de virtude cívica, aos deuses Mercúrio e às Musas no que toca aos professores, aos deuses Apolo e Esculápio no que concerne aos médicos e seus ajudantes [...] ordeno que não sejam [professores e médicos] compelidos a oferecer alojamento nem a pagar impostos de espécie alguma.

E se houver pessoas sob a minha autoridade que ousem injuriá-los ou constrangê-los a pagar qualquer caução ou que persigam judicialmente um mestre, um médico ou um dos seus ajudantes, que aqueles que cometerem tais atos de perseguição paguem uma multa de... dracmas a Júpiter Capitolino. [...]

Edito de Vespasiano sobre os Privilégios dos Mestres e dos Médicos, datado de 74 d. C. e inscrito numa placa de mármore encontrada em Pérgamo

Se quis ir para Roma, não foi para obter maiores honorários ou maiores honras – promessas que me faziam os amigos que me incentivavam a partir – e, mesmo se tais considerações também influenciassem o meu espírito, a razão principal e por assim dizer única foi que, de acordo com as minhas informações, lá, os jovens estudavam muito mais calmamente e eram contidos por uma disciplina mais severa: ela impede-os de irromper, desordenada e descaradamente, na sala de aulas dos que não são seus professores, não sendo aí admitidos senão com autorização expressa do mestre.

Em Cartago, pelo contrário, o deixa andar dos estudantes é horrível e descontrolado: levantam-se de forma intempestiva e, quais dementes, poderia dizê-lo, perturbam a ordem que cada mestre estabeleceu no interesse dos seus alunos. [...] Pensam agir impunemente enquanto a cegueira do seu comportamento lhes acarreta um prejuízo incomparavelmente maior do que aquele que infligem.

Santo Agostinho, rethor e Doutor da Igreja (354-430 d. C.) – Confissões, V, 8, 398 d. C.

Questões pág. 107

Questões

- 1 Com base no Doc. 25 mostre:
 - o valor dado por Plínio à instrução;
 - o empenhamento dos poderes públicos no sistema do ensino.
- 2 O que motiva o imperador Vespasiano a conceder privilégios aos mestres (DOC. 26)?
- 3 Que atrativos oferecia o ensino em Roma (DOC. 27)?
- 4 Explique o sentido do último período do texto de Santo Agostinho (DOC. 27).

nível de ensino não fazia qualquer sentido para as raparigas, já que se centrava na aprendizagem da Retórica e do Direito, destinados ao desempenho de altos cargos políticos e administrativos, reservados aos homens.

Frequentar o ensino de um *rethor* representava, pois, uma forma de aceder aos postos mais elevados da sociedade romana.

A difusão da rede escolar

Roma encheu de escolas as regiões que conquistou. Embora, na generalidade, a sua criação se devesse à iniciativa particular (Doc. 25), o Estado desde cedo incentivou o ensino, no qual viu um **poderoso meio de unificação cultural do Império**.

Assim:

- Insistiu com as autoridades municipais para que criassem escolas e suportassem os seus custos.
- Concedeu aos professores proteção e privilégios de ordem fiscal, isentando-os de impostos (Doc. 26).
- Custeou a atividade de alguns gramáticos e, sobretudo, de retóricos, a fim de tornar gratuito o seu ensino.

Por todo o mundo romano ficaram numerosas referências quer às escolas, quer aos professores, quer ao sonho de ensinar e aprender na capital, onde exerciam os mestres mais famosos (Doc. 27). A escola foi, em Roma, uma instituição reconhecida, da qual se esperava a formação do *vir bonus*, o “homem bom”, identificado com o cidadão cumpridor, honesto, inteligente e culto. Pragmáticos por natureza, os Romanos sabiam que a educação e a cultura fazem tanto ou mais por um império do que as proezas militares.



Décimo Júnio Bruto junto do rio Lima, tapeçaria de Almada Negreiros.

No século II a. C., o Norte da península era, para os Romanos, uma região praticamente desconhecida, rodeada de mistério e superstição. Quando chegaram junto do Lima, os soldados romanos, impressionados com a beleza das suas margens, pensaram tratar-se do lendário rio Letes, o rio do esquecimento. Por isso, recusaram-se a transpô-lo, acreditando que, se o fizessem, se apagariam todas as suas memórias. Foi então que Décimo Júnio Bruto o atravessou sozinho e, chegado à outra margem, chamou pelo nome os seus centuriões. Assim desfeita a crença dos soldados, a expedição continuou mas, mais a norte, nas margens do Minho, foi o próprio general que cedeu ao temor, ao "ver" um mau presságio, num pôr do Sol, junto ao mar. A campanha não prosseguia.

Questões pág. 109

2.3 A integração de uma região periférica no universo imperial: a romanização da Península Ibérica

O mundo romano atingiu um notável grau de uniformidade cultural. Passadas as violências da conquista, enquanto o tempo sarava as feridas e a vida regressava à rotina do quotidiano, os povos submetidos deixavam-se cativar pela superioridade civilizacional dos Romanos e adotavam, de bom grado, o seu modo de viver e os seus valores.

O mesmo urbanismo, as mesmas instituições, a mesma estrutura social uniam as províncias mais longínquas. Em todas se falava o latim¹, se honravam os deuses romanos e se aplicavam as normas do Direito.

A esta **integração plena das províncias no espaço civilizacional romano** chamamos, vulgarmente, **romanização**.

A romanização foi um **processo lento** mas seguro que, pouco a pouco, transformou em cidadãos romanos os povos conquistados. Embora algumas áreas tenham sido mais plenamente romanizadas do que outras, todo o Império sofreu a sua influência.

Na opinião de alguns historiadores, a Hispânia era a província mais romanizada do Ocidente. Como se processou, aqui, a conquista romana? De que meios se serviu o processo de romanização?

¹ Na zona oriental do Império, o grego era, também, língua universal.

Conceitos

Romanização* — Processo de transmissão da cultura romana aos diversos povos do Império. A romanização foi um processo lento que, embora de forma desigual, atingiu todo o espaço político romano. Na opinião da maioria dos historiadores, o processo de romanização culmina com o Edito de Caracala (212 d. C.), que concede a plena cidadania romana aos homens livres do Império.

* Conceito estruturante

A norte do Tejo estende-se a Lusitânia, habitada pela mais poderosa das nações ibéricas e que entre todas por mais tempo deteve as armas romanas. [...]

Os Lusitanos são excelentes para armar emboscadas e descobrir pistas, são ágeis e destros. O escudo de que se servem é pequeno, só com dois pés de diâmetro, a parte anterior é côncava [...]. Armam-se com um punhal ou grande faca; a maioria tem couraças de linho. [...]

Os Lusitanos sacrificam frequentemente aos deuses, examinam as entranhas sem as arrancar do corpo das vítimas, observam também as veias do peito e tiram certas indicações do simples contacto. Consultam até em certos casos as entranhas humanas, servindo-se para isto dos prisioneiros de guerra, que revestem previamente duma veste para o sacrifício [...].

Todos estes montanheseiros são sóbrios, bebem geralmente só água, deitam-se no chão [...]. Nas três quartas partes do ano, o único alimento na montanha são as glandes de carvalho, que, secas, quebradas e pisadas, servem para fazer pão, que pode guardar-se por muito tempo. [...]

Nas terras interiores só se conhece, pela carência de moedas, o comércio de troca, ou então cortam-se lâminas de prata em bocadinhos, que se dão em pagamento do que se compra.

Estrabão, historiador e geógrafo greco-romano (c. 63 a. C. – c. 24 d. C.) - *Geografia*

Guerreiro lusitano? (Estátua proveniente de Boticas, Vila Real, século I d. C.)

Armados com o escudo redondo e punhal curto, estes guerreiros foram, durante muito tempo, identificados com os heroicos resistentes da Lusitânia descritos por Estrabão. Hoje põe-se a hipótese de representarem um deus da guerra, heróis divinizados ou, simplesmente, chefes político-militares da zona da Colóquio, onde foram encontrados.



Questões pág. 109

Questões

- 1 Quanto tempo foi necessário para a conquista da Península Ibérica (DOC. 28)?
- 2 Compare o nível civilizacional de Romanos e Lusitanos (DOC. 29).
- 3 Depois de uma breve pesquisa, elabore uma nota biográfica sobre Viriato, o intrépido chefe dos Lusitanos.

2.3.1 A conquista

Os Romanos chegaram pela primeira vez à Península em 218 a. C. e começaram por fixar-se nas regiões do Sudeste. Aí não encontraram grandes dificuldades. Os habitantes, acostumados ao contacto com povos diversos, opuseram pouca resistência e o domínio romano estabeleceu-se com relativa rapidez.

O mesmo não se passou na zona central e norte da Hispânia. Tribos aguerridas, como a dos Lusitanos (DOC. 29), lutaram tenazmente contra o domínio estrangeiro. Durante dois séculos, Roma concentrou na Península grande número de efetivos militares e confiou aos mais prestigiados generais o comando das operações contra os resistentes. Foi o caso de Décimo Júnio Bruto, o primeiro a conduzir os seus exércitos para além do rio Lima (DOC. 28), de Júlio César, que aqui chegou em 61 a. C., e, por fim, do próprio Octávio, que concluiu pessoalmente a pacificação do território (DOC. 28).

Nesta última campanha, que se iniciou em 29 a. C. e se prolongou por 10 anos, foi vencida a resistência dos povos do Norte – Calaicos, Ástures e Cântabros – que atacavam repetidamente as regiões já pacificadas.

A conquista da Península foi, pois, difícil e atribulada, prolongando-se por cerca de dois séculos. Mas, muito antes de estar terminada, os Romanos tinham já iniciado, nos territórios sob o seu domínio, o processo de romanização.



Divisão administrativa de Augusto (c. 27 a. C. – 216 d. C.).

Concluída a pacificação do território, Octávio reorganizou a estrutura administrativa da Península, que dividiu em três províncias: a **Lusitânia**, com a capital em Emerita Augusta, recebeu o nome dos ageridos povos que habitavam a norte do Tejo; a **Tarraconensis**, a mais extensa, tinha a capital em Tarraco; e a **Baetica**, que, atravessada pelo rio Baetis (Gualdalquivir) e centrada em Corduba, era de todas a mais próspera.

Anualmente, o governador de cada província reunia em diferentes cidades com os representantes locais, a fim de ouvir queixas, transmitir diretrizes administrativas e, sobretudo, exercer a justiça. Com o tempo, estas reuniões (em latim *conventus*) deram origem aos *conventus iudicis*, subdivisões administrativas de tipo judicial. Ao todo, a Hispânia foi dividida em 14 *conventus*, organizados em torno da cidade onde se efetuavam as referidas reuniões.

Questões pág. 113

2.3.2 Os veículos da romanização

A romanização estendeu-se, embora de forma desigual, a toda a Hispânia.

No Sul, a cultura romana penetrou tão rápida e profundamente que, segundo o relato de Estrabão, no tempo de Augusto, os Turdetanos (povos da Bética) tinham já esquecido o seu próprio idioma.

Em contrapartida, nas zonas central e norte da Península (em Portugal, a norte do Tejo) as populações permaneceram mais ligadas à cultura nativa, pelo que o processo de romanização foi mais lento e superficial.

Apesar destes particularismos regionais, os Romanos deixaram, na sua permanência de sete séculos em terras ibéricas, uma obra notável e duradoura, que nos marcou profundamente. Vejamos como.

O exército e a imigração

O processo de romanização iniciou-se com a chegada dos primeiros exércitos (Box 31). Os legionários contactaram de perto com os habitantes locais e alguns, findo o serviço militar, estabeleceram-se definitivamente na Hispânia.

Para além de serem **portadores da cultura romana**, os legionários iniciaram um processo de miscigenação com as populações nativas, de tal forma que, em 171 a. C., foi fundada uma colónia (Carteia) para acolher as famílias indígenas dos soldados romanos.

A **participação de hispânicos no exército**, contratados como auxiliares,

Conceitos

Aculturação – Processo de adaptação de um grupo ou povo a uma cultura diferente da sua. Os grupos minoritários ou os povos que se encontram sob dominação externa têm tendência para absorver a cultura dominante. Considera-se que este processo é tanto mais fácil e profundo quanto maior for o desnível civilizacional entre os dois grupos. Assim se entende que, no caso romano, as regiões do Ocidente tenham sido mais profundamente romanizadas do que as do Oriente, onde o brilhantismo da cultura helénica bloqueou, em parte, o processo de romanização.



1. O Castelo da Lousa, em Mourão, sobre o rio Guadiana, é um dos mais imponentes vestígios militares romanos em território português. Terá sido construído na segunda metade do século I a. C., para acomodar o destacamento permanente de militares que controlava a região.

2. Capacete de bronze encontrado no povoado indígena de Cabeça de Vaíamonte. Corresponde ao tipo usado pelas tropas romanas durante a conquista da Península, nos séculos II e I a. C. Juntamente com outros vestígios militares encontrados em povoados pré-romanos, atesta os contactos entre as tropas invasoras e os primitivos habitantes.

Questões pág. 113

100. 32 Um "pacto de hospitalidade"



Placa de bronze de Monte Murado (Vila Nova de Gaia), na qual se encontra gravado o "pacto de hospitalidade" transcrito neste documento. Segundo o historiador Carlos Fábão, acordos deste tipo, entre um romano e um chefe de família indígena, «constituíram poderosos fatores de romanização das populações da longínqua finisterra das províncias hispánicas».

"Sendo cônsules Q(uintus) Sulpicius Camerinus e C(aius) Poppaeus Sabinus (9 d. C.), D(ecimus) Iulius Cilo, filho de M(arcus), da tribo Galéria, fez um pacto de hospitalidade com Lugarius, filho de Septanius, dos Turdili Veteres, e recebeu-o a si, aos seus filhos e descendentes na fidelidade e clientela¹ de si próprio, de seus filhos e de seus descendentes. Lugarius, filho de Septanius, fez."

"Pacto de hospitalidade" hispano-romano, 9 d. C., em *História de Portugal*, dir. de José Mattoso.

1 A clientela era, em Roma, uma instituição social que ligava dois homens de condição diferente: o patrono, mais poderoso, protegia o cliente que, em troca, lhe devia respeito e fidelidade.

Questões pág. 113

atuou no mesmo sentido. Depois de licenciados, quando regressavam à sua terra natal, estes elementos desempenhavam um importante papel como divulgadores da cultura romana.

Para além dos elementos do exército, vieram para a península numerosos imigrantes italianos (Doc. 32). Esta imigração aumentou significativamente no tempo das guerras civis que ensombraram o século I a. C., trazendo para a Hispânia elementos da classe alta, fugidos das perseguições políticas, que aqui refizeram as suas vidas.

O aumento do número de verdadeiros romanos e os muitos contactos estabelecidos com as populações locais impulsionaram, de forma significativa, a **aculturação** dos povos peninsulares.

A ação das autoridades provinciais

Sob o domínio romano desenharam-se quadros administrativos eficazes que persistiram durante séculos, resistindo mesmo à queda do Império.

As autoridades romanas, fossem elas governadores de província ou simples magistrados urbanos, tiveram uma ação relevante na aculturação dos povos dominados.

Embora, em alguns casos, tivessem imposto pela força novas formas de viver¹, de um modo geral as autoridades romanas mostraram uma atitude de tolerância e respeito pelos nativos, que puderam preservar os seus costumes.

1 Estas medidas violentas foram tomadas contra os povos mais aguerridos, que, estrinheitados no cimo dos montes, continuavam a atacar as planícies já ocupadas pelos Romanos.

Embora C. Julius Agrícola (40-93 d. C.) tenha exercido funções de governador na Grã-Bretanha, podemos pautar, pelo seu exemplo, a atuação das autoridades romanas junto das populações que pretendiam romanizar.

No último inverno [Agrícola] foi absorvido por uma política das mais salutaras: com efeito, a fim de que estes homens mal fixados e incultos, por isso inclinados a combater, se habituem a uma vida agradável e tranquila [...], exortou-os, a título privado, e ajudou-os, a título oficial, a empreender a construção de templos, fóruns, casas, louvando as pessoas resolutas e vituperando os indolentes. Deste modo, uma rivalidade de prestígio substituiu a violência.

Enquanto preparava os filhos dos notáveis nas artes liberais, apreciava a intuição dos Bretões, considerando-a acima da pesada aplicação dos Gauleses; os mais propensos há pouco a rejeitar a língua de Roma ardiam agora em zelo para a falar eloquentemente. Depois isto foi até ao vestuário que nós temos a honra de trajar, e a toga multiplicou-se; progressivamente, chegaram a gostar dos nossos próprios vícios, do prazer dos pórticos, dos banhos e do requinte dos banquetes; e estes iniciados levavam a sua inexperiência a chamar civilização ao que não era senão um aspeto da sua sujeição.

Tácito, político e historiador (sécs. I-II d. C.) - *Vida de Agrícola*

Questões pág. 113

Esta atitude, que estabeleceu um **clima de paz e confiança**, foi muito positiva para o processo de romanização, já que favoreceu a atração das populações pela civilização romana, à qual foram aderindo de livre vontade e de forma gradual.

Para acelerar este processo, as autoridades provinciais não só se empenharam na construção de obras públicas como souberam atrair os filhos dos chefes indígenas, que fizeram educar à maneira romana (Doc. 33). Assim se criaram **elites locais**, constituídas por indivíduos completamente romanizados, que passaram a ocupar um lugar de destaque na administração do território.

A língua, a religião e o Direito

A língua foi, com certeza, a herança mais duradoura que os Romanos nos legaram. O **latim**, inicialmente limitado aos atos e documentos oficiais, rapidamente se difundiu, facilitando a comunicação entre conquistadores e conquistados. A partilha de uma **língua comum** tornou-se, como é evidente, um poderoso elemento de uniformização cultural.

No mesmo sentido atuaram a religião e o Direito.

A **religião**, porque estendeu os deuses romanos oficiais às regiões mais longínquas. Neste domínio, mais uma vez atuou positivamente a tolerância romana, que soube impor os seus cultos sem proibir os alheios (Doc. 34). As antigas divindades locais coexistiram pacificamente com as divindades romanas, às quais, porém, se destinavam os templos mais sumptuosos. É neste contexto que devemos integrar o **culto do imperador** (Doc. 35), cuja importância como fator de coesão analisámos já.



1. Ara de granito consagrada ao deus indígena Trebaruna (divindade protetora local), onde poder-se: Tongio, filho de Tongetama, igeditano (isto é, natural de Egitânia, a cidade romana que se encontra sob Idanha a Velha), soldado, dedicou esta ara a Trebaruna, cumprindo de bom grado o voto que lhe tinha feito (tradução de J. Leite de Vasconcelos).

As aras constituem uma forma de devoção tipicamente romana, pelo que, como notou o historiador Carlos Fábão, a sua consagração a divindades pré-romanas documenta «uma situação interessante de aculturação, na qual o nativo presta ainda o culto às suas antigas divindades, não já ao seu modo, mas reproduzindo os gestos e hábitos culturais do conquistador», em *História de Portugal*, dir. de José Mattoso). O mesmo se passa com a representação de Endovêlico (em baixo), deus ligado à medicina, cujo culto foi muito popular na Lusitânia. Embora se trate de um deus local, os traços da sua fisionomia enquadram-se na iconografia romana.



2. Cabeça de Endovêlico, proveniente do santuário dedicado ao deus, em S. Miguel da Mota.

Questões pág. 113



Templo romano de Évora, fim do século I d. C.

Imponente sobre um *podium* alto rodeado por um espelho de água, o templo ocupava uma posição destacada no fórum da cidade. Nas épocas medieval e moderna teve utilizações variadas, chegando a servir de açougue e de paço da Inquisição.

Questões pág. 113

O templo de Évora é provavelmente o mais conhecido monumento romano do atual território português. Chegou até nós porque foi sucessivamente reaproveitado, com diferentes funções. [...]

Uma tradição sem fundamento atribuía-o ao culto a Diana, relacionando-o com a figura de Sertório. Trata-se, na realidade, do principal templo do antigo fórum da *Liberalitas Iulia Eboracensis*, consagrado a cultos institucionais, talvez mesmo ao culto do imperador divinizado.

Naturalmente, o que resta deste templo não é mais que uma ruína: o *podium* seria argamassado, estucado e pintado, isto é, não eram visíveis os blocos pétreos, falta a *cella*, o espaço sagrado propriamente dito, uma vez que a colonata exterior era somente a envolvente, e os fustes das colunas de granito estariam igualmente revestidos com estuque pintado. Para além do mais, tinha um tanque de água, que o envolvia por três dos quatro lados, e estava integrado num recinto monumental mais vasto, que incluía uma ampla praça pública, pavimentada com placas de mármore, uma basílica e um pórtico.

Carlos Fábão - *A Herança Romana em Portugal*, CTT, 2006

Questões

- 1 A que zonas do nosso país corresponde a antiga província da Lusitânia? Onde ficava a sua capital (DOC. 30)?
- 2 Indique o nome latino de cinco cidades portuguesas da atualidade (DOC. 30).
- 3 Explique por que razão os militares romanos (DOC. 31) são considerados os primeiros agentes da romanização.
- 4 No "pacto da hospitalidade" transcrito no Doc. 32, quem se apresenta em situação de superioridade? Fundamente.
- 5 Identifique, no relato de Tácito, elementos característicos da civilização romana adotados pelos Bretões (DOC. 33).
- 6 Explique a frase: «estes iniciados... senão um aspeto da sua sujeição» (DOC. 33).
- 7 Nos Docs. 34 e 35 distinga:
 - os elementos que melhor atestam a tolerância religiosa dos Romanos;
 - os elementos que melhor representam a sua dominação.

Quanto ao **Direito**, ele desempenhou, como já vimos, um papel primordial nas relações entre os Romanos e os povos dominados. O respeito pela lei era imposto a todos e todos o aceitavam, vendo nele a garantia da ordem, da segurança e da paz. Para além disso, as regras definidas pelo Direito espelhavam a forma de pensar dos Romanos, os seus valores e a sua ideia de justiça, que, por esta via, se iam disseminando pelo Império.

Uma densa rede de cidades

Como vimos, os Romanos fizeram da cidade o centro da sua vida política, económica, cultural e religiosa. Tinham consciência de que nela residia o cerne da sua cultura e do seu modo de viver. Assim sendo, não admira que a romanização tenha arrastado consigo o **desenvolvimento da vida urbana**.

À exceção da província da Bética, onde a tradição urbana era antiga, a Península Ibérica era uma região de pequenos povoados. Os Romanos sentiram, por isso, a necessidade não só de remodelar profundamente alguns núcleos indígenas como de proceder à fundação de cidades completamente novas.

Estas **cidades**, que desempenhavam importantes funções administrativas, tornaram-se um **polo de atração dos habitantes locais**, que, lentamente, a elas afluíram, deixando ao abandono muitas das antigas povoações.

Tal como os habitantes do Império, as **cidades não tinham todas o mesmo estatuto**. Algumas eram **colónias**, isto é, cidades criadas de novo e povoadas por **verdadeiros romanos**, que escolhiam viver nas novas regiões (Doc. 36A).

36 As colónias

A – A natureza das colónias

As colónias [...] não vêm do exterior para a nossa cidade (= cidade romana) e não têm as suas raízes próprias mas são como produtos da cidade e possuem todos os direitos e instituições do povo romano [...]. Esta condição [...] é considerada como melhor e preferível por causa da grandeza e majestade do povo romano, do qual essas colónias parecem imagens em miniatura, por assim dizer reproduções.

Aulo Gélio, gramático e escritor (séc. II d. C.),
Noites Áticas

B – O esplendor de Mérida

... Recordarei a ilustre Emerita, nome latino,

Banhada por um rio tão grande como o mar,

Perante a qual toda a Hispânia baixa a frente.

Nem Corduba, nem Tarraco, poderosa cidadela, rivalizam contigo

Nem Bracara, que se vangloria da sua riqueza.

Ausonius, poeta do século IV d. C. –
Ordo Urbium Nobilium

Em muitas colónias estabeleciam-se antigos soldados, cuja longa carreira de armas era recompensada com a concessão de boas terras. Assim nasceu, por exemplo, *Emerita Augusta* (Mérida), a capital da Lusitânia, que Augusto fundou para aí instalar os reformados (*emeritus*) das legiões V e X, que tinham combatido no Norte da Península (Dac. 368).

Quer fossem de origem militar, quer povoadas por emigrantes da Península Itálica em busca de uma vida melhor, as colónias tornaram-se um importante núcleo de desenvolvimento e de romanização, tendo contribuído fortemente para a aculturação dos povos locais. No nosso território, eram colónias *Pax Julia* (Beja) e *Scalabis* (Santarém). Já que o seu povoamento resultava de um grupo de verdadeiros romanos, as colónias tinham direitos e privilégios iguais aos de Roma, isto é, eram cidades de **Direito Romano** e os seus cidadãos usufruíam da cidadania plena.

Um degrau abaixo ficavam os **municípios**. Os municípios eram povoações ou cidades preexistentes que os Romanos distinguiam com privilégios e se tornavam, por isso, ativos focos de romanização.

Aos municípios era, geralmente, concedido o **Direito Latino**, mas, a título excecional, podiam obter o **Direito Romano**¹, equiparando-se, neste caso, aos habitantes das colónias.

¹ Relembre as pp. 84-85

37 Os municípios

Cerca de 73 d. C., o imperador Vespasiano elevou a generalidade das cidades hispânicas à categoria de município. Esta medida implicou uma maior autonomia administrativa que teve, naturalmente, de ser regulamentada. O extrato da lei que se segue reporta-se ao pequeno município de Irni, perto de Sevilha, e dá-nos conta da forma como se processava a eleição dos magistrados.

Sobre a votação

O [duúviro] que convoque os comícios em virtude da presente lei chame os munícipes por cúria¹, para que votem, fazendo-o de uma só vez para todas as cúrias, e que as cúrias, cada uma no seu recinto próprio, votem por tabuinha².

Também deve providenciar para que haja, junto à cesta³ de cada cúria, para a vigiar e fazer o escrutínio dos votos, três pessoas nomeadas entre os munícipes que pertençam àquela cúria, devendo cada uma delas jurar que fará de boa-fé a contagem e declaração dos votos. Não se impeça também que os candidatos designem vigilantes para junto de cada cesta. Que esses vigilantes, tanto os nomeados por quem convoca os comícios como os nomeados pelos candidatos, votem cada um na cesta da cúria em que foram colocados e que os seus votos sejam tão conformes ao direito e válidos como se tivessem votado, cada um deles, na sua própria cúria.

Lex Irnitana, promulgada pelo imperador Domício, em 91 d. C., caps. 52 e 55

¹ Cúrias – grupos em que se dividiam as primitivas tribos de Roma. Correspondem, para efeitos de voto, a circunscrições territoriais. Não confundir com Cúria, o nome dado à Assembleia Municipal.

² Refere-se ao “boletim de voto”. O nome do candidato escolhido era gravado pelo eleitor numa pequena tabuinha.

³ Corresponde à urna onde se depositam os votos.



Estátua masculina envergando a toga, século I d. C. Encontrada em Myrtilis (Mérida), um dos primeiros municípios do nosso território, esta estátua apresenta, na base do pescoço, uma cavidade destinada a encaixar uma «cabeça-retrato» amovível, permitindo assim homenagear, sucessivamente, vários magistrados.

A – Conimbriga



1. Peristilo da *domus* conhecida como “Casa dos Repuxos”, em Conimbriga. O nome da casa provém dos jogos de água do jardim do peristilo, cujas canalizações originais ainda funcionam. Conimbriga é a nossa maior estação arqueológica, sendo também a mais visitada do país. As escavações, que começaram em 1873, ainda continuam.



2. Planta de Conimbriga (pormenor).

B – Miróbriga



1. Vista das termas. Em cima, um dado proveniente deste mesmo recinto. Situada perto de Santiago de Cacém, Miróbriga foi construída sobre um povoado mais antigo, provavelmente da Idade do Ferro. A cidade oferece ao visitante o único hipódromo que nos ficou da época romana.



2. Planta de Miróbriga.

Questões pág. 115

Conceitos

Município – Cidade dotada de ampla autonomia administrativa, que se rege por instituições semelhantes às da cidade de Roma. Aos municipes pode ser atribuído o Direito Latino (que equivale à cidadania incompleta) ou o Direito Romano (a plena cidadania), o que, em ambos os casos, corresponde a um estatuto elevado. Por isso se considera que a proliferação deste tipo de cidades favoreceu o processo de romanização.

Questões

- 1 Mostre, recorrendo ao DOC. 36A, que as colónias eram consideradas extensões da cidade de Roma.
- 2 Indique dois aspetos em que as eleições municipais romanas se aproximam das atuais (DOC. 37).
- 3 Explique por que motivo a construção de cidades foi um poderoso fator de romanização.

De qualquer forma, o estatuto de munícipe era sempre um estatuto invejado, tanto mais que estas cidades gozavam também de grande **autonomia administrativa**, isto é, possuíam **instituições de governo próprias**, muito semelhantes às de Roma: um conselho de notáveis, a Cúria, que correspondia ao Senado, e um corpo de magistrados que percorria, igualmente, uma “carreira das honras” em cujo topo se situavam os duúviro, magistratura equivalente à dos cônsules, em Roma (DOC. 37).

Inicialmente, no nosso território, apenas *Ebora* (Évora), *Myrtilis* (Mértola), *Salacia* (Alcácer do Sal) e *Olisipo* (Lisboa) eram municípios. As restantes cidades (36, segundo a informação de Plínio, o Velho) partilhavam uma condição inferior, a de **cidades estipendiárias**, assim chamadas por estarem obrigadas ao pagamento de um pesado imposto, denominado *stipendium*.

O elevado nível de romanização da Península proporcionou, na **segunda metade do século I**, a **elevação das cidades estipendiárias da Lusitânia a municípios**, o que, naturalmente, aproximou ainda mais conquistadores e conquistados, favorecendo o processo de romanização.

Este processo completou-se, como sabemos, em **212**, quando o imperador **Caracala** transformou em cidadãos todos os homens livres do Império.

A – Os recursos da terra



1. Vista aérea das ruínas de *Villa de Milreu* (Estói, Faro).



2. Lagar de vinho da mesma *villa*.

Embora não sendo exclusivas do Sul, a maior parte das *villae* que nos ficaram em território português situa-se no Alentejo e no Algarve. Trata-se de grandes explorações agrícolas dotadas de uma casa senhorial (a de Milreu prima pelo luxo) e de todos os equipamentos rústicos necessários, para além dos alojamentos para os trabalhadores.

O lagar de vinho que vemos na imagem era destinado à pisa das uvas e articulava-se com tanques mais pequenos, para onde escorria o líquido. Tudo indica que este vinho, juntamente com o azeite que também aí se produzia, era encaminhado para o porto de Ossonoba (Faro) e daí exportado para outras regiões do Império.



NITELAS e o Porto Salvo

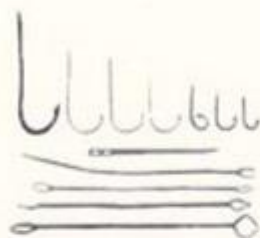
3. Moeda cunhada em *Myrtilis*, com uma espiga de trigo.

É geralmente aceite que os elementos que figuram nas moedas antigas constituem indicadores da riqueza da região.

B – Os recursos do mar



1. Moeda com atuns, proveniente de Alcácer do Sal.



2. Anzóis de bronze e agulhas de coser redes, encontrados em Troia.



3. Tinas para salga de peixe, em Troia.

Aqui se produzia o *garum*, conserva de peixe famosa pela sua qualidade. Fazia-se através da salga e utilizava, talvez, cavala ou atum. Esta indústria concentrava-se no Algarve e nos estuários do Tejo e do Sado, onde o sal era abundante.



4. Ânforas de fabrico lusitano.

Uma indústria particularmente ativa, localizada no vale do Sado, fabricava estas ânforas que serviam para o envasamento e exportação das conservas de peixe da Lusitânia. A Gália, a fronteira germânica e a própria Roma constituíam os principais destinos destas especialidades regionais.

C – Os recursos do subsolo



Galerias romanas das minas de Tresminas, em Vila Pouca de Aguiar.

Deste complexo mineiro extraíam-se o ouro, a prata e o chumbo.

DOC. 40 Vias romanas em Portugal



Principais vias romanas em Portugal, segundo Jorge Alarcão. Os percursos assinalados a cheio encontram-se devidamente identificados; as linhas tracejadas representam traçados prováveis.

Em *História de Portugal*, vol. I, dir. José Mattoso.

Questões

- 1 Com base nos DOCS. 39 e 40 apresentados, faça uma breve exposição sobre a vida económica do atual território português, na época romana. O seu texto deverá ter entre 10 e 15 linhas.

[Todo aquele que tiver ocupado uma mina de cobre] deve [antes da fundição do minério] pagar em dinheiro, segundo a lei do imperador Adriano Augusto. Quem assim não proceder, uma vez provado que fundiu minério sem ter liquidado tal quantia nos moldes acima estabelecidos, verá confiscada a parte que lhe cabia na qualidade de ocupador e o procurador das minas venderá todo o poço. Aquele que provar que um colono fundiu minério sem previamente ter pago o valor de 50% pertencente ao fisco receberá a quarta parte.

Das *Tabulae de Vipasca* (Aljustrel), texto jurídico que regulamenta o funcionamento das minas de Aljustrel bem como o das infraestruturas criadas para a sua exploração, época de Adriano (117-138 d. C.).

Questões pág. 117

O desenvolvimento económico e a rede viária

Em termos económicos, o nosso território e a península em geral sofreram, com a chegada dos Romanos, profundas alterações.

Exceção feita às cidades do Sul, desde há muito conhecidas pela sua prosperidade, predominava uma economia pobre, sustentada pela pastorícia, onde o comércio era raro e a moeda praticamente não circulava.

Os Romanos desenvolveram extraordinariamente as regiões ocupadas. Aproveitaram os solos, praticando uma **agricultura intensiva, virada para a exportação**. Grandes propriedades rústicas, tipicamente romanas, as *villae* (Doc. 39A), espalharam-se um pouco por toda a parte, produzindo, para além dos cereais, vinho e azeite de alta qualidade, muito apreciados na própria Roma.

Em complemento, manteve-se uma criação **pecuária** abundante, havendo muitas referências aos bovinos e suínos da Hispânia, bem como à excelente qualidade das lãs aqui produzidas.

A par desta intensa atividade agropastoril desenvolveram-se as **indústrias**. Em primeiro lugar as de extração mineira, já que, neste âmbito, poucas regiões possuíam recursos tão ricos como a Península Ibérica (Doc. 39C). Mas as forjas, olarias, tecelagens e indústrias conserveiras tiveram também grande implantação. Famoso pelo seu sabor requintado ficou o *garum*, conserva de peixe muito apreciada em todo o Império, de cujo fabrico restam, no nosso país, numerosos testemunhos (Doc. 39B).

Em consequência desta vitalidade produtiva, crescem as feiras, multiplicam-se os mercados e uma azáfama ruidosa anima as cidades. A moeda, muitas vezes de cunhagem peninsular, circula abundantemente (Doc. 39).

Cabe aqui uma referência à excelente rede de estradas com que os Romanos recobriram todas as regiões do Império (Doc. 40 e Doc. 41). Embora construída com propósitos administrativos e militares, a rede viária romana foi essencial ao desenvolvimento do comércio. Graças a estas ligações fáceis, toda a península formou um só espaço económico que, por sua vez, partilhava do dinamismo de todo o Império. É o primeiro mercado comum europeu, um espaço económico vasto, articulado e coeso, que só nos nossos dias, dois milénios passados, volta a ganhar forma.

“Todos os caminhos vão dar a Roma”

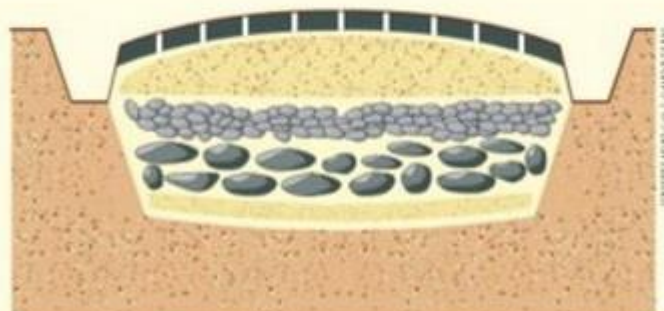
Se em todos os tempos existiram caminhos e viajantes, foram os Romanos os primeiros a investir sistematicamente em comunicações rápidas e eficientes. Unindo a complexa teia de cidades do Império, a rede viária romana só teve paralelo na era industrial e deslumbrou, pela sua grandiosidade, sucessivas gerações de europeus.

BOX A A construção de uma estrada

Eis como o poeta Públio Papínio Estácio descreve o esforço de construção da Via Domícia, cerca de 95 d. C.

O primeiro trabalho consiste em traçar sulcos, em arrasar os atalhos e em cavar uma vala profunda. Depois é preciso enchê-la de outros materiais e preparar uma camada sólida para o revestimento superior [...]. Em seguida, blocos fixados solidamente e cantos em pedra vêm dar consistência à obra. Tantos homens no trabalho! Uns derrubam florestas e despojam montes; outros, com as ferramentas na mão, aparelham a pedra e cortam vigas; outros encaixam as pedras e cimentam-nas com a cal que sai do forno e tufo enegrecido; outros ainda enxugam os charcos e drenam a água através de regos estreitos.

Estácio (c. 45-96 d. C.) - *Silvae*, Liv. IV



Estrutura de uma estrada romana. Por cima da terra original, devidamente aplanada, sobrepunham-se várias camadas de materiais: uma argamassa de areia e cal ficava no fundo; depois, uma camada de pedras grandes, seguida de gravilha e cimento prensado com lascas de cerâmica ou pedra. Finalmente, assentavam-se as lajes da calçada. O pavimento era côncavo, com valetas para escoamento das águas. Toda esta estrutura obrigava a cavar um fosso com cerca de 1,5 m de profundidade.

BOX B A “rainha das estradas largas”

A via que o cônsul Ápio construiu [...] e à qual deu o seu nome [...] demora cinco dias a percorrer e estende-se de Roma até Cápuia. É suficientemente larga para nela se cruzarem duas carroças e tem uma estrutura maravilhosa. É toda construída de grandes pedras, extremamente duras, que Ápio fez trazer de longe, porque na região não as havia. Fê-las polir e talhar de tal maneira que se ajustam todas [...] e a ligação entre elas é tão estreita e firme que, ao vê-las, [...] parecem uma só pedra. Apesar de há tanto tempo passarem nela, incessantemente, carros e cavalos, nada se desmoronou da obra e nem uma pedra se partiu, nem em nada diminuiu a sua beleza. Eis como é a Via Ápia.

Procópio de Cesareia, historiador bizantino, (c. 500-565) - *História das Guerras*



A Via Ápia, nas imediações de Roma. Em cima, um pormenor do pavimento, onde podem ver-se as marcas do rodado dos carros. Construída em 312 a. C., esta via foi uma das primeiras estradas permanentes do Império. Inicialmente com 300 km, foi depois prolongada até ao Sul da Península Itálica. Estácio referiu-se-lhe como a “rainha das estradas largas”.

EX. C Milha zero



Fragmentos que se pensa terem pertencido ao pedestal do Miliário Dourado.

Em 20 a. C., quando assumiu o cargo de *cunctor viarum* (o responsável pelas estradas do Estado), Augusto erigiu no Fórum Romano um marco revestido a bronze dourado, no qual estavam gravados os nomes das principais cidades do Império e a distância que as separava de Roma.

Dois tipos de vias

As vias não têm todas a mesma categoria. Há as vias públicas (*viae publicae*)¹, que são construídas com fundos do Estado, recebendo o nome do seu promotor. O *curator viarum* é responsável pela supervisão destas vias, cuja construção é encomendada a empreiteiros. A manutenção de algumas delas é feita com uma soma cobrada aos proprietários, de montante variável, consoante a via em causa. Há também as vias vicinais (*viae vicinales*) que, partindo das vias públicas, servem os campos ou fazem a ligação a outras vias públicas. São construídas de outra forma pelas autoridades regionais que, em geral, exigem aos proprietários os trabalhos de manutenção.

Siculus Flaccus, geòmetra e escritor romano (sèculos I-II d. C.) – *De Conditionibus Agrorum*, capt. XIX, data incerta

1 Também chamadas estradas consulares.

Doc. F Sinalização



Marco miliário da Geira (Gerês).

Nas estradas romanas não faltavam indicações ao viajante. De milha a milha (1 milha romana = 1481 m) uma coluna cilíndrica de pedra indicava a distância até à cidade mais próxima. O marco que se reproduz pertencia à Via Nova (via XVIII) que ligava *Bracara Augusta* (Braga) a *Asturica Augusta* (Astorga), através do Gerês.

O imperador César Gaio Júlio Vero Máximo, Pio, Félix, Augusto, [...], pontífice máximo, com o poder tribunicio pela quinta vez, imperador pela sétima vez, Pai da Pátria, cônsul, procônsul e Gaio Júlio Vero Máximo, nobilíssimo César, [...], filho do Nosso Senhor Imperador Gaio Júlio Vero Maximino, Pio, Félix, Augusto, restauraram as vias e as pontes já destruídas pela sua vetusta idade, tendo-se encarregado da obra Décio, legado de Augusto, em substituição do pretor.

1 milha até *Bracara Augusta*.

Inscrição de um marco milário da *Via Nova*,
no Gerês, 236-238 d. C.

EXC. D O mapa das estradas



Pormenor da chamada Tábua de Peutinger, mostrando a zona do Sul de Itália.

Trata-se de uma cópia, executada no século XIII, de um pormenorizado mapa da rede de estradas do Império, da Índia às Ilhas Britânicas. Com 7 m de comprimento, terá sido desenhada sobre um original do século V d. C. que, por sua vez, se inspirou num mapa semelhante da época de Augusto, gravado em mármore e colocado perto da Ara Pacis. Atualmente na Biblioteca Nacional de Viena, o mapa foi dado a conhecer pelo humanista alemão Konrad Peutinger.



Para medir a distância entre cada marco, usava-se um carro especial, cujas rodas mediam exatamente 4 pés romanos de diâmetro (1 pé = 30 cm aprox.). Uma milha romana correspondia a 400 revoluções destas rodas e, nessa altura, um engenhoso sistema fazia cair uma pedra num recipiente metálico. O desenho baseia-se na descrição de Vitrúvio, arquiteto romano que viveu no século I a. C.

DOC. G A ponte de *Aquae Flaviae*

1. Ponte de Trajano, sobre o rio Tâmega, em Chaves, a antiga cidade de *Aquae Flaviae*. Foi construída nos séculos I-II da nossa era e integrava a via XVII, que ligava *Bracara Augusta* (Braga) a *Asturica* (Astorga).



"Sendo Imperador Cesar Nerva Trajano Augusto Germanico Dácico, pontífice máximo, com poder tribu-nício, cônsul pela quinta vez, Pai da Pátria, os Aquiflavienses ergueram à sua custa esta ponte de pedra."

Inscrição de um dos marcos de pedra da ponte de Chaves

2. Marco da ponte de Chaves, com inscrição.

DOC. H Um viajante do século XVI

Em 1538, o pintor e humanista português Francisco de Holanda empreende uma viagem a Roma. Eis parte do relato que, posteriormente, faz do seu percurso.

E não pudera eu crer esta coisa se quando parti de Lisboa indo a Roma, logo em Sacavém não achara a via romana e a ponte quebrada no rio, e nas charnecas de Montargil, ali onde chamam as Mestas, a calçada de pedra, e em Castela [...] e depois em Aragão, Lérida e Catalunha; e depois em França, na cidade de Nîmes, onde está o famosíssimo anfiteatro e memórias dos Antigos; e depois em o foro de Júlio em Provença e em Antibio e nos Alpes e porto de Li-gúria e Toscana, sempre achando a mesma calçada que achei saindo de Lisboa até entrar em Roma.

E isto direi: que a maior obra que os homens fizeram nem farão no mundo pública, nem nas pirâmides do Egito, nem em o Mausoléu de Halicarnasso [...] não se fizeram mais grandes e proveitosas obras, que as que fizeram os Romanos em calçadas e pontes de todo o mundo, em Ásia e África e Europa, sempre continuando com calçadas e pontes, por altíssimas serras e montes e lagunas e vales, como se vê em Portugal na serra do Gerês, além de Braga, e em muitas outras serras e promontórios que estão por todo o mundo.

Francisco de Holanda – *Da Fábrica que Falece à Cidade de Lisboa*, 1573

ANÁLISE DOS DOCUMENTOS

1. Que aspetos da construção impressionam o poeta Estácio [Doc. A]?
2. Compare o texto de Estácio com a descrição que, quase cinco séculos mais tarde, Procópio fez da Via Ápia [Doc. B]. Em que aspeto(s) concordam?
3. Compare a informação sobre as vias romanas contida nos Docs. C, D e E com o que se passa na atual rede de estradas.
4. Que tipo de instruções forneciam os marcos miliários?
5. A quem se deve a edificação da ponte de Trajano, em Chaves [Doc. D]?

6. O que enfatiza Francisco de Holanda no relato da sua viagem? Como qualifica a obra dos Romanos em termos viários?
7. Reflita: Como contribuíram as vias romanas para a paz e prosperidade do Império?

SÍNTESE

8. Com os conhecimentos que adquiriu neste dossiê, justifique a persistência, até aos nossos dias, do adágio "Todos os caminhos vão dar a Roma".

0 modelo romano

2

Roma, cidade ordenadora de um império urbano

- Apesar da sua extensão, o **Império Romano constituiu um mundo politicamente unido**, onde os povos conviviam em paz e respeitavam a autoridade estabelecida. Tal facto deveu-se, em grande parte, à forma hábil como os Romanos souberam administrar as regiões submetidas:
 - **Promoveram a vida urbana como centro de poder local e de difusão da sua cultura.** O Império revestiu a forma de uma federação de cidades que, apesar de submetidas ao domínio de Roma, dispunham de estruturas administrativas próprias que lhes conferiam uma considerável autonomia.
 - **Divinizaram a figura do imperador e, com ela, a autoridade do Estado.** Adorado como um deus em todas as regiões do Império, o imperador tornou-se o garante da paz e da prosperidade dos povos, detentor de um poder supremo e incontestado.
 - **Organizaram um conjunto de leis notável** pelo seu rigor e pela sua amplitude. Os Romanos criaram o Direito tal como hoje o concebemos, alicerçado na justiça e na equidade, utilizando-o como elemento regulador da paz e da ordem imperiais.
 - **Estenderam progressivamente a condição superior da cidadania aos povos dominados.** Participantes dos mesmos direitos e da mesma dignidade dos seus conquistadores, os habitantes do Império deixaram de se sentir súbditos e passaram a olhar-se como verdadeiros romanos.
- Unida pelo mesmo modelo urbano, pela obediência às mesmas leis e à autoridade do imperador, a Europa adquiriu uma feição civilizacional própria, uma marca de latinidade que persistiu até aos nossos dias.

Uma cultura urbana e pragmática

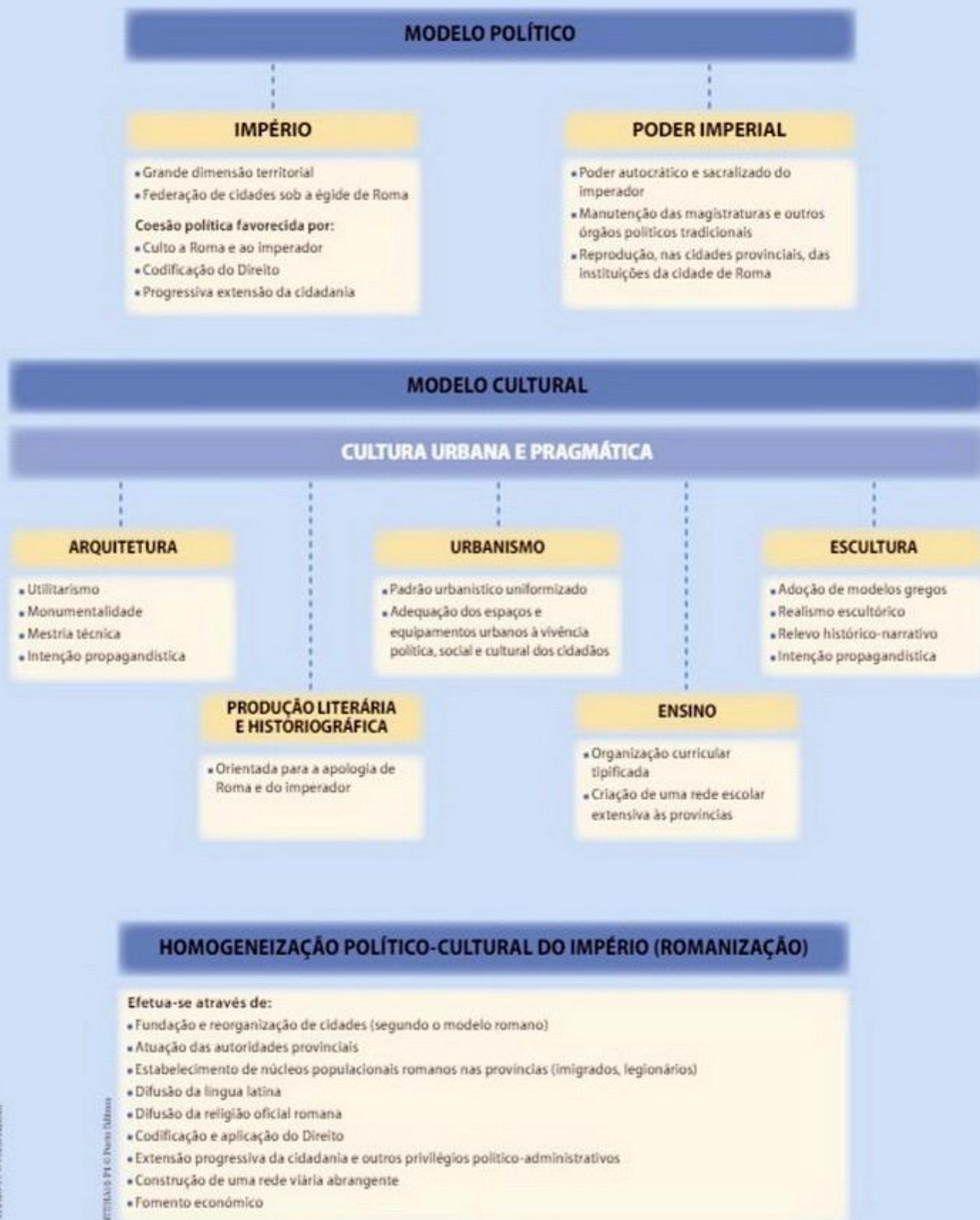
- Embora fortemente influenciados pela cultura grega, os Romanos mantiveram sempre um **espírito pragmático**, isto é, o sentido prático das coisas, privilegiando a sua eficiência. Assim:
 - **Planificaram criteriosamente as suas cidades, cujo modelo estenderam por todo o Império.** De traçado retilíneo e funcional, as cidades foram dotadas de todos os equipamentos necessários à vida civilizada, tal como os Romanos a concebiam: águas correntes, esgotos, mercados, edifícios termas, bibliotecas, recintos de espetáculos... No centro, ficava o fórum, grande praça pública onde se situavam os principais edifícios religiosos e administrativos.
 - **Foram arquitetos exímios, utilizando as técnicas e materiais que melhor se adaptavam à estrutura e finalidade do edifício.** Quer fossem de carácter utilitário (aquedutos, anfiteatros, mercados...), quer se destinassem a exaltar o poder imperial (arcos de triunfo, colunas comemorativas), as construções romanas distinguem-se por uma **solidez e grandiosidade** que as torna, ainda hoje, objeto de admiração.

- **Souberam adaptar os modelos artísticos helênicos ao seu temperamento e às suas necessidades:** na **arquitetura**, usaram as três ordens com grande liberdade, privilegiando a imponência do edifício; na **escultura**, usaram a excelente técnica dos Gregos para criarem retratos de um realismo impressionante, capazes de perpetuar as suas feições e a sua memória. Com idêntica intenção, recorreram ao relevo para narrar os feitos grandiosos dos imperadores e do povo romano em geral.
- Da mesma forma, a **literatura e a narrativa histórica**, que cultivaram com esmero, **estiveram muitas vezes ao serviço do poder**, glorificando as façanhas do povo que se orgulhava de dominar o mundo.
- **Fomentaram o ensino**, dando privilégios aos professores e incentivos à criação de escolas. Por todo o Império, os jovens estudavam segundo o mesmo currículo, que lhes inculcia os mesmos valores e a mesma forma de pensar. Deste modo, o ensino deu também um precioso contributo para estreitar os laços entre os habitantes do extenso Império Romano.

A romanização da Península Ibérica

- Depois de uma conquista demorada e violenta, os Romanos estabeleceram um domínio sólido e duradouro sobre toda a Península Ibérica.
- Tal como aconteceu nas restantes regiões, também aqui os **povos conquistados abandonaram progressivamente a sua forma de viver, adotando a cultura e os hábitos dos conquistadores**. A este processo chamamos, vulgarmente, **romanização**.
- A romanização resultou de um conjunto vasto de fatores, entre os quais destacamos:
 - **A fundação e reorganização de cidades, segundo o modelo romano.** Com grande autonomia administrativa, as cidades foram os centros de onde irradiou a cultura romana.
 - **A fixação permanente, na península, de imigrantes italianos e de elementos do exército.**
 - **A atuação das autoridades romanas**, que souberam cativar os povos indígenas.
 - **A difusão do latim** que, aos poucos, substituiu os dialetos locais, permitindo uma comunicação mais fácil entre conquistadores e conquistados.
 - **A adoção das práticas religiosas e dos deuses romanos**, nomeadamente no que diz respeito à adoração da figura do imperador.
 - **A aplicação de um admirável conjunto de leis – Direito Romano –,** que funcionou como garantia de ordem, justiça e estabilidade.
 - **A progressiva elevação dos povos vencidos à cidadania romana**, que se completou em 212 com o Edito de Caracala.
 - **A vasta rede de estradas**, que uniu as cidades peninsulares entre si e todas elas às restantes regiões do Império.

Síntese esquemática





Batalha entre Romanos e Bárbaros, retratada num painel do sarcófago Ludovisi, meados do século III, Museu das Termas, Roma

Nascimento
de Jesus
(C. 4 a. C.)

Redação do Novo Testamento
(40-100 d. C.)
Primeira perseguição
aos cristãos (Nero)
(64)

n. C.

100 d. C.

200 d. C.

Unidade

O espaço civilizacional greco-latino à beira da mudança



Conteúdos

- 3.1 O império universal romano-cristão
- 3.2 Prenúncios de uma nova geografia política

Aprendizagens

- Localizar, no tempo e no espaço, o nascimento do cristianismo.
- Explicar a difusão do cristianismo no espaço romano.
- Avaliar a importância dos editos de Milão e de Tessalónica para o triunfo da religião cristã.
- Mostrar o papel da Igreja como transmissora do legado político-cultural clássico.
- Descrever, em traços gerais, a crise político-militar do Império Romano.
- Situar cronologicamente as grandes invasões bárbaras.
- Referir o impacto das invasões nas estruturas políticas, económicas e culturais do mundo romano.
- Destacar o legado político-cultural clássico como uma das matrizes da civilização europeia.*
- Reconhecer o espaço mediterrânico como lugar de encontros e de sínteses.
- Enquadrar a "Época Clássica".

* Aprendizagem estruturante



DOC. 1 Os primeiros séculos



Questões pág. 126

DOC. 2 O Novo Testamento

Novo Testamento

EVANGELHOS

S. Mateus, S. Lucas, S. Marcos, S. João. Redigidos entre 70 e 100 d. C. (aprox.), centram-se na mensagem e vida de Jesus.

ATOS DOS APÓSTOLOS

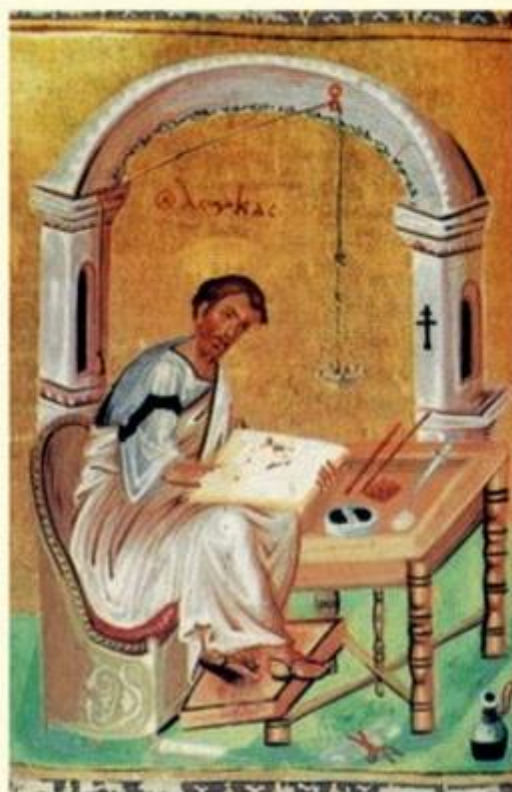
Redigidos por S. Lucas, cerca de 90 d. C., relatam os primórdios das comunidades cristãs após o desaparecimento de Jesus.

EPÍSTOLAS

Cartas de S. Paulo, S. Pedro, S. Tiago, S. João e S. Judas às comunidades que visitaram. Redigidas entre 49 e 90 (aprox.), tratam de questões fundamentais da vivência cristã. As de S. Paulo são as mais importantes e marcam o início da redação do Novo Testamento.

APOCALIPSE

Tradicionalmente atribuído a S. João, terá sido redigido durante a perseguição de Domiciano, em 95 d. C. Evoca o fim dos tempos e a vitória definitiva de Cristo sobre o mal.



S. Lucas, numa iluminura do século X.

Lucas era um médico grego, de espírito sensível e muito aberto. Converteu-se depois de um encontro com S. Paulo, de quem se tornou companheiro fiel. É autor do terceiro Evangelho e dos Atos dos Apóstolos, que tiveram uma importância capital como instrumento de divulgação da fé nos primeiros séculos da Igreja. É na sua condição de escritor do Novo Testamento que o representa esta iluminura. Repare-se no livro que S. Lucas segura: não é já um volumen, à maneira romana e judaica, mas um livro semelhante aos dos nossos dias, que resulta da evolução do códex, adotado pelos cristãos a partir do século I.

Questões pág. 126

3.1 O império universal romano-cristão

3.1.1 O cristianismo

Estendendo-se por três continentes, o Império Romano acolhe as mais diversas religiões, das quais apenas uma é monoteísta: a dos Hebreus, povo da Palestina, nas margens orientais do Mediterrâneo.

É precisamente na Palestina que, cerca do ano 5 antes da nossa era¹, nasce Jesus, filho de um humilde artesão. Aos 30 anos, Jesus inicia a sua vida pública. Diz ser o **messias**, o salvador há muito esperado pelo povo hebreu. Por isso aceita que lhe chamem Cristo (messias, em grego), título que rapidamente se torna no seu segundo nome. Durante cerca de dois anos e meio, Jesus, acompanhado pelos seus discípulos, percorre cidades e aldeias anunciando a «boa-nova»²: aos olhos de Deus não há diferenças entre os homens, todos podem alcançar a vida eterna.

¹ Há uma discrepância, de quatro a sete anos, entre o nascimento histórico de Jesus e a data religiosa, adotada pela Igreja, para assinalar o seu nascimento.

² É este o significado da palavra grega *evangelho*.

Questões

- 1 Recorde: Qual a diferença entre o Antigo Testamento e o Novo Testamento?
- 2 Em que século foi elaborado o Novo Testamento (DOC. 2)?
- 3 Que sentimentos nutrem o historiador Tácito e a população romana pela religião cristã (DOC. 3)?
- 4 Como se exprime a vitalidade da nova religião (DOC. 3)?



O imperador Nero [...] infligiu cruéis torturas aos que eram detestados pelas suas abominações e que a multidão chamava cristãos. O seu nome provém de Cristo, condenado ao suplício pelo procurador Pôncio Pilatos, durante o principado de Tibério. Reprimida a sua religião detestável, esta aparecia de novo, não só na Judeia, onde tinha nascido, mas também em Roma, cidade onde afluía tudo o que existia de mau no mundo. [Nero] começou por prender os que se afirmavam cristãos. Na sequência das suas denúncias, foi acusada uma enorme multidão, não tanto por ter causado o incêndio¹ como por detestar a Humanidade. Não se contentou só em matá-los, divertiu-se a mandá-los embrulhar em peles de animais e a lançá-los aos cães que os despedaçavam. Também eram amarrados em cruces e, quando anoitecia, eram untados com resina e incendiados para que iluminassem a noite. O imperador Nero ofereceu os seus jardins para exhibir o espetáculo.

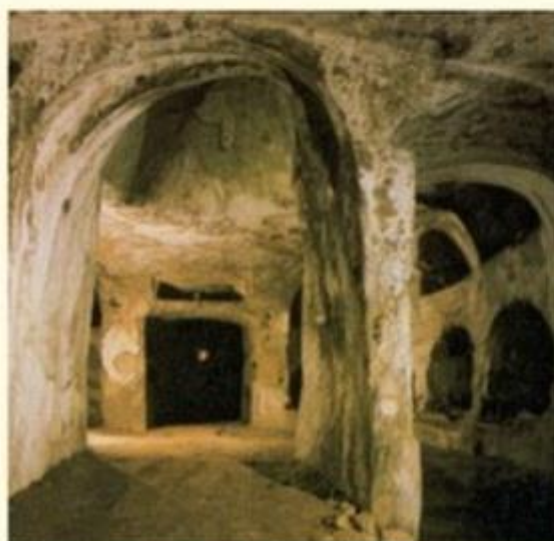
Tácio, historiador romano (55-120) - *Anais*, XV, 44

¹ Em 64, Roma foi parcialmente destruída por um violento incêndio. Tendo-se espalhado o rumor de que havia sido propositadamente mandado atear pelo próprio imperador, diz-nos Tácito que Nero tomou a iniciativa de o atribuir aos cristãos.



1. Mosaico romano do século II d. C., El Djem, Tunísia.

O bárbaro costume de executar os condenados entregando-os às feras foi infligido a muitos cristãos passando a fazer parte da memória coletiva do cristianismo.



2. Galeria das Catacumbas de São Januário, Roma.

A utilização de galerias subterrâneas (catacumbas) para aí inumar os mortos era, em Roma, bem anterior à época cristã. Mas é ao cristianismo e aos seus mártires que estes imensos cemitérios subterrâneos se encontram ligados. Os cristãos utilizaram e ampliaram as catacumbas de Roma fazendo delas o seu cemitério e, em épocas de perseguição, também um local de culto e um refúgio. O prolongado uso destes cemitérios e a sua extraordinária extensão explica-se pelo respeito e severidade com que a lei romana protegia todas as sepulturas.

Questions pág. 126 

Perseguições	
Anos ¹	Imperador
64	Nero
95	Domiciano
108-112	Trajano
177	Marco Aurélio
203	Septímio Severo
249-251	Décio*
258-260	Valeriano*
270-275	Aureliano
303-311	Diocleciano*

* As mais violentas e sistemáticas, estenderam-se a todo o Império.

1 O ano que indica o fim da perseguição pode sofrer variações, de acordo com a região do Império a que se reporta.

Esta mensagem é, ao mesmo tempo, universal e revolucionária. Universal porque, ao contrário do judaísmo, não privilegia qualquer povo; revolucionária porque, contrariando as profundas desigualdades sociais do seu tempo, prega a igualdade entre todos os seres humanos.

Após a morte de Jesus, a **mensagem cristã**, reunida no Novo Testamento, **difunde-se rapidamente**, beneficiando da unidade política do Império e das suas excelentes vias de comunicação.

Com a mesma rapidez com que ganha adeptos, a nova religião cria inimigos. Os cristãos são malvistas pela sociedade romana em geral: não respeitam os deuses tradicionais, condenam hábitos enraizados (como os espetáculos de gladiadores), defendem a igualdade entre o senhor e o escravo.

Alvo de uma segregação crescente, olhados como perturbadores da paz social e da ordem do Império, os cristãos serão objeto de **sucessivas e sangrentas perseguições** (Doc. 3). Entre a primeira, ordenada por Nero, em 64, e a última, a de Diocleciano, entre 303 e 311, a História do cristianismo enche-se de mártires. Mas o número de cristãos não para de aumentar.

DOC. 4 O triunfo do cristianismo**A – O Edito de Milão (313)**

Tanto eu, Constantino Augusto, como eu, Licínio Augusto¹, tendo-nos reunido de forma feliz em Milão para discutir os problemas relativos à segurança e ao bem público, julgamos oportuno [...] conceder tanto aos cristãos como a todos os demais a faculdade de seguirem livremente a religião que desejarem, de maneira que todas as divindades que habitam a morada celeste nos sejam propícias, a nós e aos que estão sob a nossa autoridade [...].

E além disso, no que diz respeito aos cristãos, decidimos que lhes sejam devolvidos os locais onde anteriormente se reuniam, sejam eles propriedade do nosso fisco, ou tenham sido comprados por particulares, e que os cristãos não tenham de pagar por eles nenhuma classe de indenização [...]

Carta imperial enviada aos governadores das províncias em 313 e conhecida como *Edito de Milão*

¹ Como forma de fazer face a uma profunda crise política, a dignidade imperial encontrava-se dividida. Nesta altura, Constantino governava a parte ocidental do Império e Licínio a oriental.

B – O Edito de Tessalónica (380)

É a nossa vontade que todos os povos regidos pela administração de nossa clemência pratiquem a religião que o divino apóstolo Pedro transmitiu aos Romanos, na medida em que a religião por ele introduzida tem prosperado até aos nossos dias. [...]

Ordenamos que todas aquelas pessoas que seguem esta norma [o cristianismo] tomem o nome de cristãos católicos. Porém, o resto, aos quais consideramos dementes e insensatos, assumirão a infâmia dos dogmas heréticos, os lugares de suas reuniões não receberão o nome de igrejas e serão castigados em primeiro lugar pela divina vingança, e, depois, também (por justo castigo), pela nossa própria iniciativa, que providenciaremos de acordo com o juízo divino.

Edito de Teodósio, *Código Teodosiano*, XVI, 1-2

C – Dádivas imperais

Batistério de S. João de Latrão, em Roma.

Mandado edificar por Constantino, é uma das construções mais antigas e mais bem conservadas dos primeiros séculos do cristianismo.

3.1.2 O Império romano-cristão

No decurso do século III, o cristianismo registou um crescimento sem precedentes. Na administração, no exército e, até, na própria corte, cresceu consideravelmente o número de fiéis.

Em 313, a nova fé ganha um aliado de vulto: o imperador. Embora só tenha sido batizado no seu leito de morte, em 337, tudo indica que o imperador Constantino se tenha convertido pouco antes de publicar a célebre carta conhecida como **Edito de Milão**, em que garante inteira **liberdade de culto** aos seguidores de Cristo e ordena que lhes sejam devolvidos os bens confiscados na última perseguição (Doc. 4A).

A partir desta data, **Constantino concede aos cristãos um tratamento preferencial**: coloca-os nos mais altos cargos do Império, cumula-os de generosas ofertas, ergue, ao seu Deus, templos imponentes, quer em Roma, quer em Jerusalém (Doc. 4C). É também o próprio imperador que convoca, em 325, o Concílio de Niceia, onde se reúnem os bispos cristãos para definir verdades doutrinárias¹.

A partir de Constantino, todos os imperadores, com exceção de Julião, o Apóstata (361-363), professaram o cristianismo. Apadrinhada pelo poder, a nova religião reforça-se ainda mais, sobrepondo-se aos antigos cultos. Este processo recebe um novo impulso quando, em 380, o imperador Teodósio promulga o **Edito de Tessalónica**, pelo qual ordena a conversão de todos os habitantes do Império (Doc. 4B). O cristianismo torna-se **religião oficial do Estado romano**.

Nos anos que se seguem, os antigos deuses pagãos são proscritos e derubados dos seus altares. Proíbe-se o seu culto, quer público quer privado.

¹ Foi neste concílio que se redigiu o Credo, súplica das Verdades de Fé que os crentes, ainda hoje, reiteram.

Conceitos

Igreja romano-cristã – Designação dada à Igreja cristã nos últimos dois séculos do Império Romano, altura em que beneficiou da proteção das autoridades civis e se assumiu, legalmente, como única religião do Império.

D – Poder divino e poder terreno



Presumível estátua de Valentiniano I, imperador entre 364 e 375. O imperador ostenta na mão esquerda o globo, símbolo da totalidade e da soberania sobre o mundo.

É de Deus e através de Deus que o imperador se reveste da realeza suprema e assim governa, à imitação do Senhor, todos os negócios deste mundo [...]. Tal como não há senão um único Deus, também não há mais do que um só imperador [...].

Eusébio de Cesareia – *Discurso em Honra de Constantino*, 325 d. C.

Questões

- 1 O que ordena o Edito de Milão (DOC. 4A)?
- 2 Que argumentos usam os imperadores para justificar a decisão tomada (DOC. 4A)?
- 3 Que posição assume o cristianismo no Império Romano após o Edito de Tessalônica (DOC. 4B)?
- 4 Qual a mensagem transmitida pela estátua de Valentiniano relativamente ao cristianismo (DOC. 4D)?
- 5 Como justifica o bispo de Cesareia o poder supremo do imperador (DOC. 4D)?

E – O cristianismo cerca do ano 400



Questões pág. 129

Muitos templos são encerrados, outros são convertidos em igrejas.

Entre o Estado romano, personificado pelo imperador, e o cristianismo estabeleceu-se, pois, uma forte aliança. O império universal¹ romano era, agora, um império cristão. Única religião legal do espaço romano, o cristianismo simboliza também a sua unidade. De facto, o monoteísmo adapta-se perfeitamente à instituição imperial: um só deus e um só imperador concentram em si toda a autoridade (Doc. 4D).

O imperador já não é, naturalmente, olhado como um deus vivo. Mas o cristianismo confere-lhe, também, um enorme poder: ele é o mandatário que Deus escolheu para governar a Terra em Seu nome (Doc. 4D).

É, pois, como aliada do poder terreno que a Igreja romano-cristã se consolida, tornando-se um elemento essencial do mundo romano nos últimos séculos da sua existência.

Decalcada da do Império, a organização eclesiástica toma por base a diocese – que corresponde à cidade –, dirigida por um bispo. As dioceses agrupam-se em províncias, sob a coordenação de um metropolitano, isto é, do bispo da cidade capital de província.

Nesta estrutura, Roma, a cidade-mãe, vai ganhando progressiva importância. O seu bispo receberá o título de *papa* (pai, em grego) e, mais tarde, reivindicará para si a suprema autoridade sobre todos os fiéis. Deste modo, Roma continuará, por muitos séculos, a reinar sobre o Ocidente: a cidade que foi sede do Império tornou-se sede do cristianismo.

¹ Com horizontes geográficos bastante limitados, os Romanos identificavam o espaço do Império com a Ecúmena, o universo habitado e civilizado.

A – A Filosofia

Todos estes filósofos (os platónicos¹) têm a respeito de Deus as mesmas doutrinas que nós, merecem-nos grande preferência sobre os outros e reconhecemos que estão perto de nós.

Santo Agostinho, *Cidade de Deus*

Atende bem que Cícero² nos mostra e prova irrefutavelmente que o supremo bem para o Homem, o princípio das coisas e a certeza do raciocínio não estão na sabedoria humana desamparada, mas que esta se acende na chama da mesma sabedoria divina, isto é, na sabedoria imutável, permanente, sempre igual a si própria.

Santo Agostinho – *Carta a Dióscuro*

1 Seguidores de Platão (428–347 a. C.), um dos maiores filósofos da Antiguidade. Discípulo de Sócrates, nasceu e viveu em Atenas, onde fundou a célebre Academia.

2 Político romano do século I a. C. (106–43 a. C.). É considerado o maior de todos os oradores latinos (veja as pp. 82 e 89).



O Batismo de Santo Agostinho por Santo Ambrósio, num fresco de Benozzo Gozzoli, século XV.

Aurelius Augustinus (354–430) nasceu em Tagasta, pequena cidade da África romana, filho de pai pagão e mãe cristã. Mestre de retórica (relembre o doc. da p. 107), é inspirado por Cícero que abraça a procura da verdadeira sabedoria e, vendo-a em Deus, se converte, no ano de 386. Platão é o filósofo que mais o marca, referindo-se-lhe, muitas vezes, como o “sábio”, o “virtuoso”, o “admirável” Platão. Da sua extensa obra destacam-se *Confissões* e *Cidade de Deus*.

B – A iconografia



1. O Bom Pastor, escultura romana do século IV d. C. Tema especialmente caro aos primeiros cristãos, O Bom Pastor representa Jesus como pastor universal, cuidando do seu rebanho, a Humanidade. Tal como muitas outras imagens e símbolos, o Bom Pastor é a recriação de figurações correntes, neste caso a do Moscófaro (transportador de ovelhas), muito comum na arte clássica.

3.1.3 A Igreja e a transmissão do legado político-cultural clássico

Nascido no seio da civilização romana, o cristianismo assimilou muita da sua cultura que, adaptada e reformulada, transmitiu às gerações vindouras.

Nos primeiros séculos, os cristãos encontravam-se sobretudo entre os habitantes das cidades. Foi nas cidades que os apóstolos mais exerceram a sua ação, começando pela própria capital do Império, Roma, onde S. Pedro morreu, pregando a nova fé. Nas cidades, centros do poder e da cultura romana, os cristãos foram atraindo grupos sociais cada vez mais elevados e, por isso, também mais cultos. Quando o imperador se converteu e ser cristão se tornou mais vantajoso, as elites romanas aderiram, em massa, à nova religião, ao serviço da qual puseram os seus conhecimentos, que não eram outros senão os da cultura greco-latina.

Deste modo, os elementos culturais clássicos constituíram o suporte da cultura cristã:

- a **retórica** serviu aos bispos, ministros da palavra de Deus, nas suas pregações;
- os métodos e conceitos da **Filosofia antiga** foram utilizados pelos teólogos para fundamentar a nova fé (Doc. 5A);
- o **Direito Romano** esteve na base do Direito Canónico que regula, no interior da Igreja, as questões administrativas e disciplinares;



2. O Moscófaro, escultura grega do século VI a. C.



3. Relevos do Altar de Ratchis, obra lombarda do século VIII (Igreja de São Martinho, Cividale de Friuli, Itália).

Esta representação de Cristo, envolvido por uma oval amendoada (mandorla) que os anjos transportam, filia-se diretamente na tradição greco-romana: dignamente sentado, de frente para o espectador, a imagem de Jesus é a réplica da dos imperadores romanos; a mandorla deriva diretamente do "escudo da virtude", escudo redondo utilizado na Antiguidade (veja-se a moeda, ao lado), no qual se tomou corrente inserir um retrato como forma de exaltar o personagem representado (Fig. 5). Estes escudos, com ou sem retrato, eram frequentemente transportados por Vitória aladas. A representação da deusa da vitória, com as suas asas, deu lugar às figuras dos anjos que, tal como as antigas deusas, rodeiam e transportam a figura de Cristo.



4. Moeda de ouro da época de Augusto em que uma Vitória transporta um "escudo virtude".



5. Pormenor de um sarcófago romano do século III, conservado no Museu Soares dos Reis, Porto, em que o retrato do defunto aparece inserido num escudo transportado por duas Vítórias.

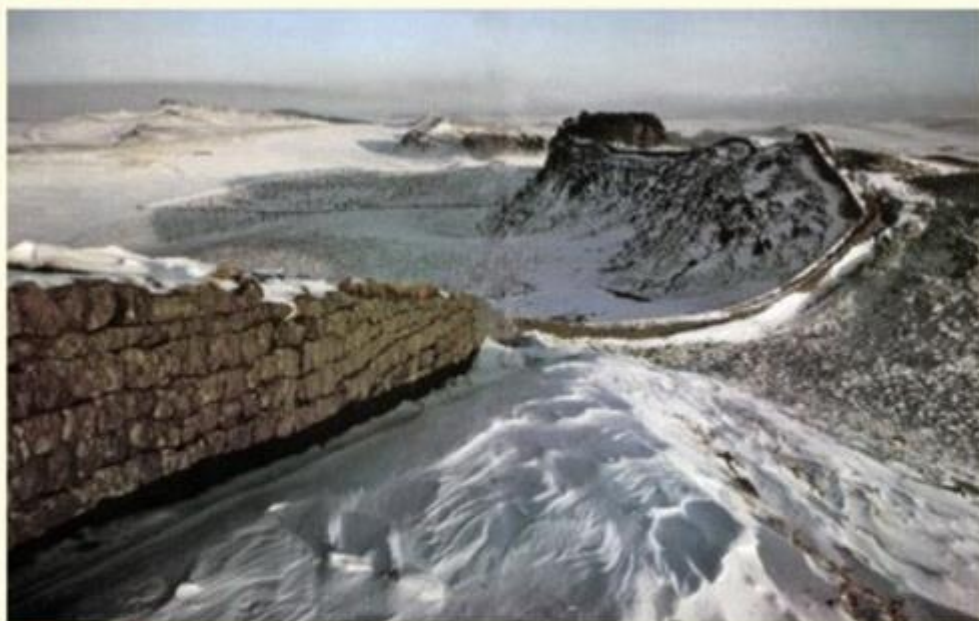
Questões pág. 131

Questões

- 1 Mostre a admiração de Santo Agostinho pelos filósofos e homens de letras pagãos (DOC. 5A).
- 2 Compare as duas imagens do DOC. B. Assinale semelhanças e diferenças.
- 3 Indique três elementos da iconografia clássica recriados pela Igreja cristã (DOCS. 5B e C).

- a liturgia foi enriquecida pela incorporação de aspetos do **cerimonial imperial**;
- a arquitetura religiosa tomou como modelo as **construções romanas**, quer públicas quer privadas: as basílicas cristãs reúnem elementos inspirados nos palácios imperiais, nas termas, nas basílicas romanas e em outros edifícios religiosos anteriores;
- os **frescos, mosaicos, estátuas e relevos cristãos** inspiraram-se nos modelos romanos, atribuindo, frequentemente, um novo significado a imagens antigas (Doc. 5B).

Para além dos aspetos culturais propriamente ditos, a Igreja preservou também o legado político da Antiguidade. A ideia de um poder forte, centrado numa só pessoa (como o do imperador), manteve-se viva mesmo quando, nos tempos medievais, a autoridade dos reis se esbateu face ao poder dos grandes senhores. Mais tarde, cerca do século XIII, quando os reis iniciam o processo de centralização do poder, é nos escritos religiosos (como os de S. Paulo, por exemplo) que fundamentam as suas pretensões. Tal como os últimos imperadores romanos, os monarcas afirmar-se-ão mandatados por Deus para, na Terra, governarem em seu lugar. Na verdade, o próprio Papa servia de modelo a esse ideal político, exercendo sobre os crentes uma autoridade suprema, expressão da vontade divina e símbolo da unidade do mundo cristão ocidental.



Troço da muralha de Adriano.

Os *limes imperii* eram as fronteiras do Império, os limites do mundo romano, para lá dos quais estacionavam os povos bárbaros, sempre cobiçosos das suas riquezas. Na gravura pode ver-se a imponente muralha de Adriano, que protegia a fronteira norte da Grã-Bretanha. Com 1,5 m de largura e 5 m de altura, estendia-se por 110 km, ao longo dos quais se multiplicavam os aquartelamentos militares. Mas nem todos os *limes* estavam tão bem protegidos. Nalguns locais resumiam-se a um rio ou a um fosso escavado. Em caso de ataque, a sua eficácia era, pois, muito reduzida.

Questões pág. 133

3.2 Prenúncios de uma nova geografia política

3.2.1 O Império em crise

No século III, o Império mergulhou numa **profunda crise político-militar**. Ao assassinato do imperador Severo Alexandre, pelo seu próprio exército, em 235, seguiu-se meio século de caos político, durante o qual os imperadores se sucederam a um ritmo impressionante. Aclamados pelo exército em troca de grandes recompensas, eram rapidamente postos de lado e assassinados se outro candidato ao trono prometia mais. Os historiadores designam este período de grande agitação política por “**anarquia militar**”.

Para além do descalabro político, o Império confrontou-se, pela primeira vez, com outra grave questão: o **perigo bárbaro**¹ (Doc. 7). A época da *pax romana*, que Octávio tanto se orgulhava de ter instituído, chegara ao fim. O inimigo vinha de fora: os povos que habitavam para lá dos limites do Império (*limes*) pressionavam as fronteiras e estas cediam sob o seu impacto. O mundo romano viu-se invadido em vários pontos. O seu exército, treinado durante séculos para uma guerra de ataque e amolecido por um longo período de paz, teve dificuldade em se defender e sofreu duros reveses. A própria Roma sentiu-se ameaçada.

¹ Tal como os Gregos, os Romanos designavam genericamente por bárbaros aqueles que não partilhavam da sua cultura.



Questões pág. 133



Os Tetrarcas, numa escultura do fim do século III, existente na Praça de São Marcos, em Veneza.

Com o fim de desdobrar a autoridade imperial, Diocleciano começou por associar ao trono um velho companheiro de armas, Maximiano, que, como ele próprio, recebeu o título de *augusto*. Pouco depois, cada um dos *augustos* adotou um sucessor, que recebeu o título de *césar*. Nesta representação, Diocleciano e Maximiano abraçam paternalmente os respetivos céssares, Galério e Constâncio Cloro.

A tetrarquia imperial e a divisão definitiva do Império.

Embora continuasse a ser olhada como a capital espiritual do Império, no século V Roma deixou de ser considerada segura e os imperadores escolheram Ravena, de mais fácil defesa, para estabelecer a sua corte. Foi aí que Rómulo Augusto foi capturado por Odoacro, facto que, simbolicamente, pôs fim ao Império Romano do Ocidente.

Questões pág. 133

O Império conseguiu, no entanto, sobreviver a esta época turbulenta. Os bárbaros foram vencidos e a autoridade política recuperou, em parte, o seu vigor. Sob a mão forte do imperador Diocleciano (284-305), efetuaram-se reformas profundas na administração e no exército.

Consciente da imensidão do território e das dificuldades que a sua defesa implicava, Diocleciano dividiu o império por quatro coimperadores, que fixaram residência em cidades próximas das fronteiras, para melhor cumprirem a sua missão (Doc. 8).

Este sistema, que ficou conhecido como **Tetrarquia Imperial**, não deu os resultados esperados. Mas, embora imperadores como Constantino ou Teodósio tenham conseguido dominar, novamente, o Império em toda a sua extensão, a ideia de que o mundo romano era excessivamente grande para se manter unido delineou-se claramente.

A divisão definitiva do Império

Beneficiando das reformas de Diocleciano e, logo a seguir, do governo sábio de Constantino, o mundo romano gozou, ainda, de algumas décadas de relativa paz e prosperidade.

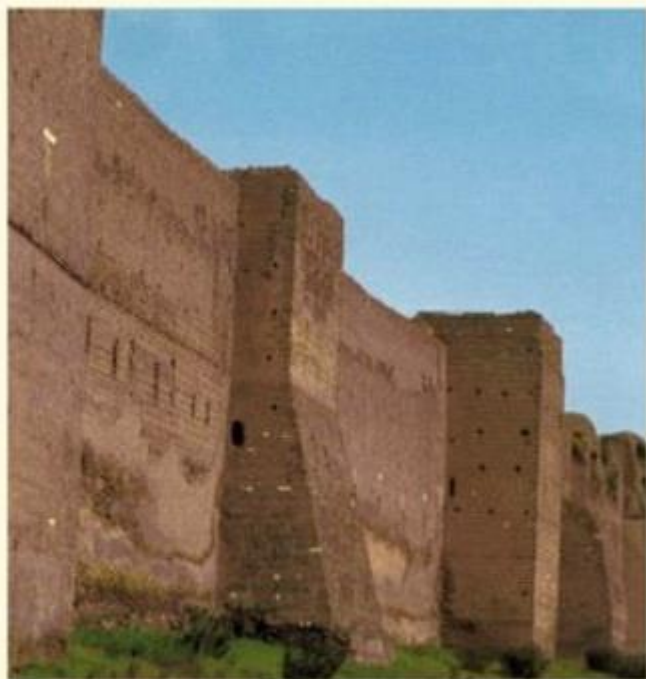
Todavia, no fim do século IV, a ameaça bárbara recrudesciu.

A gravidade da situação militar ditou a **divisão definitiva do Império**. Teodósio, o último imperador a reinar sobre um território unificado, dividiu-o, à sua morte (395), pelos seus dois filhos: a Honório coube o **Ocidente**; a Arcádio, o **Oriente** (Doc. 8).

Questões

- 1 Selecione da cronologia três factos que lhe pareçam relevantes para o fim do mundo romano. Justifique (DOC. 7).
- 2 Grosso modo, a que áreas correspondem as duas partes do Império, após a divisão de 395 (DOC. 8)?

A – O saque de Roma



Troço da muralha aureliana.

As incursões bárbaras do século III fizeram temer pela segurança de Roma. Para a reforçar, o imperador Aureliano (270-275) ordenou a construção de uma nova muralha, de 19 km de extensão. Pouco mais de um século volvido, esta imponente fortaleza mostrou-se insuficiente para conter o invasor.

No ano 1164 depois da fundação da cidade (410), foi realizado um ataque por Alarico (rei dos Visigodos) [...]. Nesta invasão, Placídia, filha do príncipe Teodósio e irmã dos imperadores Arcádio e Honório, foi capturada e tomada como mulher por Ataúlfo, parente de Alarico [...]

Entretanto, dois anos antes do ataque a Roma, os povos dos Alanos, dos Suevos, dos Vândalos e muitos outros com eles, esmagaram os Francos, atravessaram o Reno, invadiram as Gálias e com um rápido ímpeto chegaram até aos Pirenéus: retidos durante um tempo por esta barreira, disseminaram-se pelas províncias vizinhas.

Paulo Orósio, historiador e teólogo cristão (c. 385-c. 420) – *Historiarum adversus Paganos*

Chega-nos, do Ocidente, um rumor terrível: Roma atacada [...] A minha voz estrangula-se e os soluços interrompem-me enquanto dito estas palavras. Foi conquistada a cidade que conquistou o universo!

São Jerónimo, teólogo cristão e doutor da Igreja (c. 342-420) – *Cartas*

O Oriente estabeleceu a capital em **Constantinopla**, cidade fundada por Constantino, em 324, sobre a antiga cidade grega de Bizâncio¹.

Rapidamente elevada à dignidade de Segunda Roma, Constantinopla tornou-se uma cidade populosa e imponente que, durante os séculos vindouros, se verá a si própria como legítima continuadora da grandeza romana.

Entre períodos de dificuldades e períodos de glória, o **Império Romano do Oriente** (também chamado **Império Bizantino**) resistirá mais de um milénio, até 1453, ano em que cai às mãos dos Turcos.

Em contrapartida, o **Império do Ocidente** teve uma vida breve, sucumbindo, logo no século V, às grandes invasões bárbaras.

3.2.2 Os bárbaros no império

A norte do Império, entre o mar Báltico e os rios Danúbio, Vístula e Reno, habitava um conjunto de **povos bárbaros** que os Romanos denominavam, genericamente, de **Germanos**².

Os Germanos não formavam uma unidade nem étnica nem política. Entre os diversos povos que os constituíam e, até, entre as várias tribos de um mesmo povo, eram frequentes as desavenças e as lutas. O historiador Tácito descreve-os como homens altos e louros, de índole guerreira e elevado sentido de honra.

A penetração destes bárbaros nas fronteiras do Império iniciou-se cedo, quer de forma violenta, como aconteceu no século III, quer de forma



Retrato que poderá representar Gala Placídia (à direita) e os dois filhos que veio a ter do seu segundo casamento, desta vez com o general romano Flávio Constâncio.

Filha do imperador Teodósio, Gala Placídia viveu os tempos conturbados do fim do Império, tendo sido levada de Roma pelo rei godo Alarico e forçada a casar com o seu sucessor, Ataúlfo.

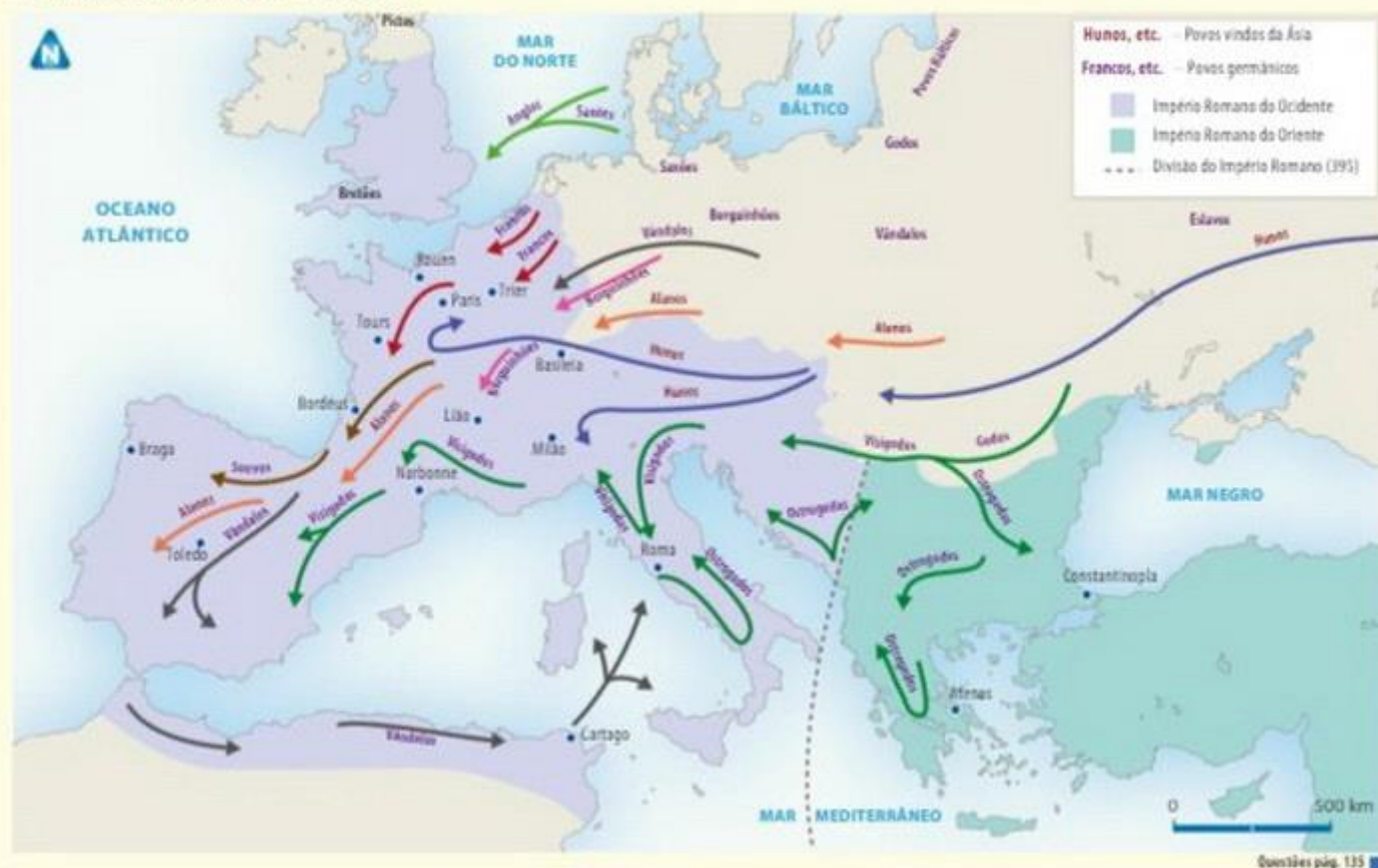
Muito influente na política de Roma, Placídia foi uma das mais notáveis mulheres da sua época, tendo assumido a regência do Império do Ocidente durante a menoridade do seu filho Valentiniano III (à esquerda), que foi imperador entre 525 e 455.

¹ Hoje, a antiga Bizâncio/Constantinopla é a capital cultural da Turquia, com o nome de Istambul.

² São povos germanos os Alamanos, os Francos, os Burgúndios, os Vândalos, os Hérulos, os Godos (divididos em Ostrogodos – godos do Oriente – e Visigodos – godos do Ocidente), os Suevos, os Saxões, os Lombardos, entre outros.



B – As invasões bárbaras dos séculos IV e V



Questões pág. 135

Questões

- 1 Que razões levaram o imperador Aureliano a erguer uma nova muralha, em torno de Roma (DOC. 9A)?
- 2 Que posição social ocupava Gala Placidia? Em termos políticos, o que demonstra o seu casamento com Ataúlfo (DOC. 9A)?
- 3 Explique a emoção de São Jerónimo ao tomar conhecimento do saque de Roma (DOC. 9A).
- 4 Descreva, em traços gerais, a situação político-militar vivida pelo Império do Ocidente, na época considerada (DOCS. 9A e B).

pacífica. Fortemente atraídos pela civilização romana, foram-se instalando, em pequenos grupos: Godos na Macedónia, Francos na Gália, Alamanos na Provença (Sul da Gália). Os Romanos serviam-se deles nas funções domésticas e em várias atividades económicas, para além de os aceitarem no exército, como mercenários. Estes grupos, claramente presentes desde o século III, foram-se romanizando.

As grandes invasões

No fim do século IV, o mundo bárbaro entra em grande turbulência. Um povo especialmente violento vindo do Oriente, os Hunos (Hunos), chega às margens do Império e semeia o terror entre os povos germânicos, que se precipitam, num turbilhão, dentro do mundo romano.

As hordas bárbaras percorrem o Império, saqueiam-no e ocupam-no. **Todo o Ocidente está em guerra, da Itália às Ilhas Britânicas (Doc. 9).**

Em 410, os Visigodos, sob o comando de Alarico, entram em Roma e pilham-na durante três dias. O **saque de Roma**, a cidade que se supunha "eterna", abalou profundamente os contemporâneos e agudizou a consciência do fim próximo do poder romano (Doc. 9).

Alguns anos depois, uma nova incursão dos Hunos, agora chefiados por Átila, rei determinado e violento que se intitula, a si próprio, o *Flagelo de Deus*, põe a Gália a ferro e fogo. Átila acaba vencido por uma coligação de romanos e visigodos, em 451, mas, nessa altura, **praticamente nada resta do poder romano no Ocidente. Em 476, o general hérulo Odoacro põe-lhe oficialmente fim**, ao depor o último imperador que, singular ironia, se chamava Rómulo (Rómulo Augusto) como o fundador da Cidade.

Os Alanos, os Vândalos e os Suevos entraram nas Espanhas no ano 447 da era¹[...].

Os bárbaros que tinham entrado nas Espanhas depredaram-nas com matança hostil. E a peste, por sua parte, não fez menos estragos.

Enquanto os bárbaros cometiam atrocidades na Espanha e o flagelo da peste atacava com não menos intensidade, o tirânico arrecadador de impostos espoliava as riquezas e as provisões armazenadas nas cidades e os soldados as consumiam. Uma fome cruel prolongou-se até ao ponto de que a carne humana chegou a ser devorada pelo género humano pela necessidade da fome.

No ano de 457 da era [...] os bárbaros [...] dividiram entre eles, por sorteio, as regiões das províncias para habitá-las. Os Vândalos ocuparam a Galiza e os Suevos o território situado no extremo que dá ao mar Oceano; [...] os Vândalos chamados Silingos repartiram a Bética. Os Hispanos [...] que tinham conseguido escapar à praga dos bárbaros apoderados das províncias submeteram-se à servidão.

Idácio, bispo de Chaves (c. 395 - c. 468) - *Crónica*

¹ Refere-se à Era de César ou hispânica, na qual o ano 447 corresponde ao ano 409 da Era Cristã. [...]

Questões pág. 137

Extinguia-se a cultura das letras, ou melhor, definhava nas cidades das Gálias [...].

A multidão lamentava-se disto dizendo: "Desgraçado seja o nosso tempo, pois o estudo das letras pereceu entre nós e já não se encontra ninguém que possa traduzir por escrito os acontecimentos presentes." Decidi-me, movido por estas queixas e outras semelhantes, repetidas todos os dias, a transmitir aos tempos vindouros a memória do passado; e, se bem que falando uma linguagem inculta, não pude no entanto calar nem os empreendimentos dos maus nem a vida dos homens de bem. O que sobretudo me entusiasmou foi ter muitas vezes ouvido dizer, entre nós, que poucos homens compreendem um retórico que fale como filósofo; quase todos, pelo contrário, compreendem um narrador falando como vulgar [...].

São Gregório de Tours (538-594) - *Historiae Ecclesiasticae Francorum*, Liv. I

Questões pág. 137

3.2.3 O fim do Mundo Antigo

Depois da queda de Roma, uma multiplicidade de novos reinos substitui a antiga unidade imperial (Doc. 12). São, no geral, estados efémeros, de fronteiras mal definidas, que rapidamente sucumbem à morte de um líder ou à ganância dos seus vizinhos. Praticamente, só o reino dos Visigodos, na Península Ibérica, e, sobretudo, o dos Francos, na Gália, estabelecem um poder sólido e organizado, capaz de desafiar os séculos.

A Europa viveu, pois, um longo tempo de instabilidade e violência. A crise do Império e as invasões bárbaras tiveram, sobre o mundo ocidental, efeitos devastadores (Docs. 10 e 11):

- O caos político favoreceu a anarquia e a injustiça. As leis e o Direito deixaram de ser respeitados, a autoridade legítima esbateu-se, substituída pela prepotência dos mais fortes.
- A insegurança de um longo período de guerras desestruturou a vida económica: os campos foram deixados ao abandono, as indústrias definharam, o comércio paralisou. Fomes e epidemias grassaram repetidamente, acrescentando outras mortes ao flagelo da guerra. A população diminuiu de forma acentuada.
- As cidades, alvo preferencial de pilhagens e violências, tornaram-se numa pálida imagem de si próprias. Muitos habitantes morreram,

Conceitos

Época Clássica – Também designada por Antiguidade Clássica, é uma das épocas em que, tradicionalmente, se divide a História. Compreendida entre o século V a. C. (apogeu grego) e o século V d. C. (queda do Império Romano do Ocidente), a Época Clássica identifica-se com as civilizações grega e latina.

Civilização* – Conjunto de manifestações espirituais e materiais de uma comunidade alargada num determinado tempo histórico, razoavelmente longo. As civilizações são dotadas de características próprias que as distinguem. Sendo o termo muito abrangente, permite-nos, em História, comparar diversas comunidades da mesma época ou de épocas diferentes. É assim que falamos em "civilização egípcia", "civilização chinesa" ou "civilização grega", por exemplo.

* Conceito estruturante



Questões pág. 137

DOC. 13 A conversão dos reis bárbaros



O batismo do rei dos Francos, Clodoveu (466-511), numa ilustração das *Grandes Crônicas de França*, século XIV.

Questões pág. 137

Questões

- 1 Indique os flagelos que assolavam a Hispânia em meados do século V (DOC. 10).
- 2 Explique o sentido da expressão "... submeteram-se à servidão" (DOC. 10).
- 3 Justifique o título dado ao Doc. 11.
- 4 Compare a geografia política da Europa patente no mapa (DOC.12) com a dos tempos de apogeu do Império Romano.

outros procuraram nos campos morada mais segura. O número e a importância das cidades reduziram-se drasticamente, acompanhando a quebra demográfica e a decadência económica.

- A vida cultural esmoreceu. As letras, as artes, os requintes da vida quotidiana, que marcaram a **Época Clássica**, extinguiram-se pouco a pouco. Na verdade, a Europa barbarizou-se e, apesar da admiração que os povos germânicos nutriam pela **civilização** romana, assistiu-se também a um evidente retrocesso cultural (Doc. 11 e Dussil).

Foi nesta Europa em mutação que a Igreja assumiu um papel de relevo, revelando-se uma verdadeira âncora para as populações. Com uma hierarquia rígida e uma organização eficiente, ela foi a única instituição que permaneceu sólida quando, à sua volta, tudo se desagregava. Com grande espírito de iniciativa e apostolado, iniciou a evangelização dos reinos bárbaros que, um após outro, acabou por se cristianizar. Assim, assumiu, de novo, uma posição destacada nas altas esferas do poder (Doc. 13).

Do embate violento entre o mundo romano e o mundo bárbaro resultou um tempo novo: a Idade Média. Foi um tempo profundamente diferente da Idade Clássica, cujo legado, no entanto, soube preservar e transmitir. É esse legado greco-latino, transformado e enriquecido por séculos de História comum, que confere à Europa o seu cunho civilizacional próprio e nos une a nós, Europeus, numa mesma identidade cultural.

OS BÁRBAROS VISTOS PELOS ROMANOS

Muito do que sabemos sobre os bárbaros foi-nos transmitido pelos escritores latinos que, impotentes, assistiram ao desmoronar do seu próprio mundo. Que imagem nos deixaram os Romanos dos povos invasores? Quais os aspetos que mais os impressionaram? O que distinguia o "bárbaro" do "homem civilizado"?

BOX A A ferocidade dos Hunos

O povo dos Hunos [...] excede todos os modos de ferocidade [...]. Todos eles têm membros compactos e firmes, pescoços grossos, e são tão prodigiosamente disformes e feios que os poderíamos tomar por animais bípedes [...].

São rudes no seu modo de vida, de tal maneira que não têm necessidade nem de fogo nem de comida saborosa; comem as raízes das plantas selvagens e a carne semicruda de qualquer espécie de animal que colocam entre as suas coxas e os dorsos dos cavalos para aquecer um pouco.

Vestem-se com tecidos de linho ou com as peles de ratos silvestres cosidas umas às outras, e estas servem tanto para uso doméstico como de fora. Mas uma vez que meteram o pescoço numa túnica desbotada, não a tiram ou mudam até que pelo uso quotidiano se faça em tiras e caia aos pedaços. [...] Os seus sapatos não têm forma nenhuma e por isso impedem-nos de caminhar livremente. Por esta razão não estão adaptados a lutas pedestres, vivendo quase fixados aos cavalos.

É nos seus cavalos que de dia e de noite aqueles que vivem nesta nação compram e vendem, comem e bebem e, inclinados sobre o estreito pescoço do animal, descansam num sono tão profundo que pode ser acompanhado de sonhos variados.

Ninguém entre eles lavra a terra ou toca um arado. Todos vivem sem um lugar fixo, sem lar nem lei ou uma forma de vida estabilizada, parecendo sempre fugitivos nos carros onde habitam; aí as mulheres lhes tecem as horríveis vestimentas, aí elas coabitam com os seus maridos, dão à luz os filhos e criam as crianças até à puberdade. Nenhum deles se for interrogado poderá dizer donde é natural, porque, concebido num lugar, nasceu já noutra parte e foi educado ainda mais longe.

Ammiano Marcelino, militar e historiador romano (c. 330-c. 391), em Fernanda Espinosa - *Antologia de Textos Medievais*, Lisboa, Sá da Costa, 1981

BOX B Valores e costumes dos Alanos

Quase todos os Alanos são altos e formosos, com os cabelos quase louros, um olhar terrível e perturbador, ligeiros e velozes no uso das armas. Em muito são semelhantes aos Hunos, mas na maneira de viver e nos costumes, menos selvagens. Roubando e caçando, andam de um lado para o outro. [...] Assim como para os homens sossegados e plácidos o repouso é agradável, assim eles encontram prazer no perigo e na guerra. É considerado feliz aquele que sacrificou a sua vida na batalha [...] e não existe nada de que mais se orgulhem de que matar um homem, qualquer

que ele seja: como glorioso despojo do assassinato, cortam-lhe a cabeça, arrancam-lhe a pele e colocam-na sobre seus cavalos de guerra como jaez.

Não se vê entre eles nem um templo, nem um lugar sagrado, nem mesmo se pode discernir um tugúrio com tecto de colmo, mas com um ritual bárbaro enterram no chão uma espada desembainhada e adoram-na reverentemente, como ao seu Marte, a divindade principal destas terras por onde vagueiam.

Ammiano Marcelino, *cit.*



Eugène Delacroix (1798-1863), *Átila e as suas hordas bárbaras espezinham a Itália e as Artes*, detalhe da pintura do teto da biblioteca do Palácio da Assembleia Nacional Francesa.

Doc. C Ambições do rei dos Godos

O rei Ataúlfo era então o rei do povo godo. Depois da invasão da cidade (410 d. C.) e da morte de Alarico tomou por esposa, como já disse, a irmã do imperador, Placídia, que estava prisioneira, e sucedeu a Alarico na direção do reino. O rei, como muitas vezes ficou dito [...], desejava servir fielmente o imperador Honório e consagrar as forças dos Godos à defesa da República romana. [...] Tinha inicialmente desejado com ardor apagar o nome romano e fazer de todo o território um império de Godos

[...]. Mas a sua muita experiência provava-lhe que os Godos eram absolutamente incapazes de obedecer às leis por causa da sua barbárie desenfreada. Ora, como não se podem suprimir, numa república, as leis [...], preferiu glorificar-se [...] erguendo o nome romano com as forças dos Godos, para aparecer à posteridade como o restaurador do Império Romano.

Paulo Orósio, historiador e teólogo (c. 385-c. 420)
- *Historiarum adversus Paganus*

Doc. D O convívio com os Borguinhões

Poeta e alto funcionário da Gália Romana, Sidónio Apolinário é obrigado a conviver com os Germanos invasores.

Como queres que eu faça, conforme me pediste, o hino em honra de Vénus? Pois se vivo no meio de hordas cabeludas, não ouço falar senão germânico; aplaudo, com ar sombrio, o que canta o Borguinhão, com os cabelos untados de ranço, no meio da embriaguez. [...] Felizes os teus olhos, os teus ouvidos, o teu nariz, porque todas as manhãs dez grosseirões me invadem com o cheiro do alho e da cebola. Tu não és forçado, como eu, a receber, de madrugada, todos estes gigantes, tão numerosos que não caberiam na cozinha de Alcino¹.

Sidónio Apolinário (c. 430-c. 480), em Robert Fossier - *Histoire Sociale de l'Occident médiéval*, Paris, Armand Colin, 1970

¹ Rei dos Faécios, país fantástico que figura na Odisseia de Homero.

Doc. E Guerreiros em tempos de guerra

1. Um soldado romano subjugando dois bárbaros no decurso de uma batalha, por menor do sarcófago Ludovisi, século III (veja esta imagem na p. 126).



2. Um guerreiro franco, numa lápide tumular germânica do século VII.

ANÁLISE DOS DOCUMENTOS

1. Indique quatro aspetos que, de acordo com o autor, atestam a "rudeza do modo de vida" dos Hunos [Doc. A].
2. Parece-lhe que Delacroix teve em conta a descrição que Amiano Marcelino faz dos Hunos para recriar a imagem de Átila? Fundamente [Doc. A].
3. Relativamente aos efeitos culturais das incursões bárbaras, o que deixa transparecer o título da pintura de Delacroix?
4. Compare o aspeto físico dos Alanos com os Hunos [Docs. A e B].
5. No que se refere ao "modo de vida", o que têm os dois povos em comum [Docs. A e B]?
6. Que comportamentos mostram a barbárie dos Alanos [Doc. B]?
7. Dos dois povos considerados, qual é descrito como sendo o mais feroz [Docs. A e B]?
8. Segundo Paulo Orósio, que característica dos Godos é o reflexo da sua "barbárie desenfreada" [Doc. C]?

9. Que aspetos critica Sidónio Apolinário aos Borguinhões [Doc. D]?

10. Observe as duas imagens [Doc. E].

- O que distingue o romano dos bárbaros [Fig. 1]?
- Que elemento se destaca na representação do guerreiro franco [Fig. 2]?
- Como avaliaria a técnica dos artistas que executaram cada um dos relevos [Figs. 1 e 2]?

SÍNTESE

11. Sabendo que os Romanos contrapunham a *humanitas*¹ do Homem civilizado à *ferocitas*² do Homem bárbaro, enumere os aspetos que, sob o prisma romano, atestam a ferocidade dos bárbaros.

¹ *Humanitas* – conjunto de qualidades que fazem o Homem superior aos animais; o espírito humano; os sentimentos humanos; a cultura; o refinamento.

² *Ferocitas* – arrebatamento; impulso; violência.

3

O espaço civilizacional greco-latino à beira da mudança

O império universal romano-cristão

- É na **Palestina**, em pleno Império Romano, que **nasce o cristianismo**, religião monoteísta que marcará profundamente o mundo ocidental.
- Progressivamente, a **nova religião espalha-se pelo Império e suscita o repúdio das autoridades romanas** que veem nela uma doutrina perigosa, capaz de abalar a estrutura social romana, o culto dos deuses tradicionais e mesmo a autoridade do imperador.
- Mas, apesar das perseguições que lhe são movidas, o **cristianismo triunfa**; em 313, recém-convertido, o imperador Constantino concede-lhe inteira liberdade de culto; em 380, Teodósio declara-o a única religião do Império, proibindo que se honrem os antigos deuses pagãos. O Império Romano tornou-se um império cristão.
- Esta **mudança religiosa** reflete-se em todas as esferas da vida, do poder político às manifestações culturais, e **transforma profundamente o mundo romano**.
- Fator de mudança, a **Igreja** será, também, um **veículo transmissor do legado clássico**: a ideia de uma autoridade política forte, os fundamentos do Direito, o discurso filosófico, imagens e rituais, entre outros aspetos, foram apropriados pela Igreja Cristã, que, bem organizada, se tornou o pilar do Ocidente nos séculos seguintes.

O fim do mundo antigo

- Os **séculos IV e V** que marcam o triunfo do Cristianismo são também aqueles em que se **desmorona o poder romano**.
- Uma **grave crise interna** abala a autoridade do imperador e a organização do exército, que se mostra fraco perante os povos bárbaros que, do exterior, o ameaçam.
- Numa tentativa de melhor defender as suas extensas fronteiras, o **Império divide-se**, definitivamente, em 395: o **Ocidente** terá a capital em Roma ou em Ravena; o **Oriente**, na cidade de Constantinopla.
- Porém, todas as soluções se revelam infrutíferas face ao ímpeto dos invasores, que, numa avalanche, percorrem e devastam o espaço romano.
- Enquanto Constantinopla resiste, **no fim do século V já nada resta do Império do Ocidente**. Pouco a pouco, diversos reinos bárbaros nascem no seu território: à unidade do mundo romano sucede o **fracionamento da Europa**, que se mantém até aos nossos dias.
- A queda do Império do Ocidente representou o **fim da Civilização Greco-Latina**, dando origem a uma outra época da História, a **Idade Média**.

Síntese esquemática



- ALARCÃO, Jorge – *História da Arte em Portugal*, Barcelona, Publicações Alfa, vol. I, 1986.
- Portugal Romano*, Lisboa, Edições Verbo, 1987.
- ALARCÃO, J.; MAYET, F. e NOLEN, J. – *Ruínas de Conímbriga*, IPPAR, 1995.
- ARIÈS, Ph. e DUBY, G. – *História da Vida Privada*, Lisboa, Círculo de Leitores, vols. 1 e 2, 1991.
- BANDINELLI, Ranuccio Bianchi – *Rome, Le Centre du Pouvoir*, Paris, Gallimard, 2010.
- BARATA, Maria Filomena – *Miróbriga, Ruínas Romanas*, Lisboa, IPPAR, 2001.
- CARPENTIER, J. e LEBRUN, F. – *História da Europa*, Lisboa, Ed. Estampa, 1993.
- CHRISTOL, Michel e NONY, Daniel – *Roma e o seu Império, das Origens às Invasões Bárbaras*, Lisboa, Publicações D. Quixote, 2000.
- COMTE, Fernand – *Dicionário Temático Larousse, Civilização Cristã*, Mem Martins, Círculo de Leitores, 2000.
- FABIÃO, Carlos – *A Herança Romana em Portugal*, Lisboa, CTT – Clube do Colecionador dos Correios, 2006.
- FERREIRA, José Ribeiro – *Democracia na Grécia Antiga*, Coimbra, Livraria Minerva, 1990.
- FEVRIER, Paul Albert (dir.) – *História Universal*, Lisboa, Publicações Alfa, vol. I, 1985.
- FREDOUILLE, Jean-Claude – *Dicionário Temático Larousse, Civilização Romana*, Mem Martins, Círculo de Leitores, 1999.
- FREITAS, Gustavo – *900 Textos e Documentos de História*, Lisboa, Plátano Editora, vol. I, 1975.
- FINLEY, Moses I. – *Democracia Antiga e Moderna*, São Paulo, Graal Editores, 1988.
- GIARDINA, André – *O Homem Romano*, Lisboa, Ed. Presença, 1992.
- GIORDANI, Mário Curtis – *História de Roma*, Petropolis, Ed. Vozes, 1990.
- GRIMAL, Pierre – *A Civilização Romana*, Lisboa, Ed. 70, 1998.
- HAUSCHILD, Theodor e TEICHNER, Felix – *Milreu. Ruínas*, IPPAR, 2002.
- JANSON, H. W. – *A Nova História da Arte*, Lisboa, Fundação C. Gulbenkian, 2010.
- KITTO, H. D. F. – *Os Gregos*, Coimbra, Arménio Amado Editor, 1960.
- LIBERATI, Ana Maria e BOURBOV, Fabio – *Rome, Splendors of an Ancient Civilization*, Londres, Thames & Hudson, 2005.
- LÉVQUE, Pierre – *L'Aventure Grecque*, Paris, Ed. Armand Colin, 1990.
- LIVET, G. e MOUSNIER, R. (dir.) – *História Geral da Europa*, Mem Martins, Publicações Europa-América, vol. I, 1996.
- MANCINELLI, Fabrizio – *The Catacombs of Rome and the Origins of Christianity*, Itália, Scala, 2001.
- MATTOSO, José (dir.) – *História de Portugal*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1.º vol., 1992.
- MEDINA, João (dir.) – *História de Portugal*, Amadora, Clube Internacional do Livro, vol. II, 1996.
- MOORE, R. I. (dir.) – *Atlas Histórico*, Lisboa, Publicit Editora, 1984.
- MOSSÉ, Claude – *As Instituições Gregas*, Lisboa, Ed. 70, 1985.
- PEREIRA, Maria Helena da Rocha – *Estudos da Cultura Clássica*, Lisboa, Fundação C. Gulbenkian, vols. I e II, 1998.

- Hélade – *Antologia da Cultura Grega*, Coimbra, Universidade de Coimbra, 1998.
- Romana – *Antologia da Cultura Latina*, Coimbra, Universidade de Coimbra, 2000.
- PERRIN, Yves – *Rome, Ville et Capitale*, Paris, Hachette, 2001.
- PETIT, Paul – *A Paz Romana*, São Paulo, EDUSP, 1989.
- RACHET, Guy – *Dicionário Temático Larousse, Civilização Grega*, Mem Martins, Círculo de Leitores, 1999.
- RODRIGUES, Pedro C.; RODRIGUES, Célia; SAMPAIO, Cristina; CABRITA, Assunção – *Atlas da Europa, a Geografia do Continente Através dos Tempos*, Público, 2001.
- ROLDAN, José Manuel – *El Império Romano (siglos I-III)*, Madrid, Ed. Cátedra, 1995.
- ROSTOVITZ, M. – *História de Roma*, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1977.
- SPIVEY, Nigel e SQUIRE, Michael – *Panorama del Mundo Clásico*, Barcelona, Blume, 2005.
- STIERLIN, Henri – *A Grécia – de Micenas ao Pártenon*, Colónia, Taschen, 1997.
- O Império Romano – dos Etruscos ao Declínio do Império Romano*, Colónia, Taschen, 1997.
- TEIXEIRA, António Estrela – *A Herança de Roma, Conhecer a Europa*, Mem Martins, Publicações Europa-América, 2001.
- TOURALT, Philippe – *História Concisa da Igreja*, Mem Martins, Publicações Europa-América, 1996.
- VIDAL-NAQUET, P. e BERTIN, J. – *Atlas Histórico – da Pré-História aos Nossos Dias*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2007.
- YANGAS, Narciso Santos – *Textos para la Historia Antiga de Roma*, Madrid, Ed. Cátedra, 1986.

Muita da documentação apresentada resulta de traduções feitas pelas autoras a partir de obras estrangeiras e de sites da Internet.